

A LÍNGUA PIRAHÁ E A TEORIA
DA SINTAXE

DESCRIÇÃO, PERSPECTIVAS E TEORIA

por

DANIEL LEONARD EVERETT

Tese Apresentada ao Departamento
de Linguística do Instituto de
Estudos da Linguagem da Universidade
Estadual de Campinas como requisito
parcial para obtenção do grau de
Doutor em Linguística.

Campinas

1983

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

"Adherence to an epistemology is not something which merely 'happens to' a person but instead it reflects a component of his moral development. In some sense he is...morally responsible for adopting an epistemology even though it can neither be proved nor disproved to the satisfaction of those who oppose it." Kenneth Pike

"The whites were always trying to make the Indians give up their life and live like white men - go to farming, work hard and do as they did - and the Indians did not know how to do that, and did not want to anyway... If the Indians had tried to make the whites live like them, the whites would have resisted, and it was the same way with many Indians."

Wamditanka (Gavião Grande) dos Santee-Sioux

A LÍNGUA PIRAHÃ E A TEORIA DA SINTAXE

Resumo

Ela divide-se em duas partes. Na primeira, propõe-se uma análise ateórica do pirahã da frase até o fonema. Esta subdivide-se em três capítulos: (I) A SINTAXE DA SENTENÇA; (II) A SINTAXE LOCUCIONAL; (III) RESUMOS (da morfologia e fonologia). Nesta primeira parte, evita-se o uso de termos técnicos a fim de que qualquer pessoa possa acompanhar a discussão sem precisar de um conhecimento extenso de lingüística.

A segunda parte subdivide-se em dois capítulos. O primeiro é uma discussão das implicações epistemológicas do desenvolvimento da teoria chomskyana e a importância de uma perspectiva epistemológica, não apenas na escolha de uma determinada teoria, mas também na coleta de dados no trabalho de campo. O segundo capítulo apresenta uma visão geral de uma gramática gerativa do pirahã, analisando especialmente o problema da co-referência entre termos dependentes e seus antecedentes.

Inclui-se dois apêndices para ajudar a entender a língua pirahã e a teoria Chomskyana. O primeiro contém uma lista de mais de trezentas e quarenta palavras topicalizadas (com a tradução, seguindo a ordem alfabética do português); o segundo, uma série de definições e discussões de mais de cem termos técnicos da teoria chomskyana.

A versão da teoria sintática usada aqui é a teoria atual de Chomsky - a chamada teoria de "regência e vinculação".

Autor: Daniel Leonard Everett

Orientadora: Charlotte Chamberland Galves

Agradecimentos

Muitas pessoas ajudaram, de uma forma ou de outra, na preparação desta tese.

Primeiramente, gostaria de agradecer aos pirahã:

hiaitíihi hi báaxáí ti xahaigí xigiábikaí. ti soxógió xabópai
baisíhióxiái ti xabíhai hiaitíihi xigíó. baíxi hioóxió hi gáísai ko xoogiái
gíxai soxóá ti kapiiga xaoxaagá pixái hi ahoáti hiaitíihi ti xogibaí
hiaitíihi ti xogiágaó xogibaí.

(O leitor interessado deve ser capaz de entender este parágrafo depois do primeiro capítulo.)

Em segundo lugar, quero agradecer aos meus colegas do Summer Institute of Linguistics e da UNICAMP por todo o apoio que me deram - muitas pessoas, de muitas maneiras, ajudaram-me mais do que posso dizer.

Também quero dizer muito obrigado às seguintes pessoas: Carlos Franchi, Marcelo Dascal, Aryon Rodrigues, Frank Brandon, Des Derbyshire e Carlos Quicoli. Indiretamente, gostaria de agradecer pelo estímulo intelectual que recebi de Ken Pike e John Searle durante seus cursos. Naturalmente, tenho que mencionar o próprio Noam Chomsky que, embora não me conheça, tem me desafiado muito por sua visão crítica do mundo (e da política dos Estados Unidos) e por sua teoria que levantou a possibilidade de dar uma "espiada" dentro da caixa preta que chamamos de mente.

Há um grupo de indivíduos que, pela sua dedicação ao crescimento espiritual do povo pirahã, tem sustentado a minha família financeiramente durante os últimos oito anos. Um nome representativo é o de Gerry Silke. Aos outros, membros de várias igrejas espalhadas pelos Estados Unidos (e inclusive à nossa classe, na Igreja Guanabara aqui em Campinas) - muito obrigado.

Agora chegou a vez de agradecer as quatro pessoas que mais ajudaram no desenvolvimento desta tese:

A Steve Sheldon, o diretor do Summer Institute of Linguistics, amigo e também lingüista e tradutor entre os Pirahã - obrigado pelas horas e horas de editagem, por suas sugestões, por seu exemplo como lingüista e cristão.

À Charlotte Galves, minha orientadora - obrigado por sua paciência, sua atitude tão simpática, suas sugestões tão boas, seu estímulo para as várias discussões, versões e revisões desta tese.

À minha esposa, Keren - ela tem suportado um marido que quase nunca quer sair de casa, não conversa se não sobre lingüística, que insiste em ter suas refeições na hora certa de modo a não interromper seu plano de trabalho, que vai para a cama quando a família já está dormindo há duas horas, porque estava escrevendo - obrigado. Obrigado também por suas inúmeras contribuições ao conteúdo desta tese.

Ao meu senhor Jesus que me tocou há quatorze anos quando eu era viciado em "LSD", "speed", maconha e outros "divertimentos"; que deu à minha vida um propósito, uma direção... Meu Senhor e meu irmão - obrigado.

ÍNDICE

	página
Resumo	(i)
Agradecimentos	(ii)
Índice	(iv)
Introdução	(xvii)

PRIMEIRA PARTE: DESCRIÇÃO

0. Introdução	2
---------------	---

CAPÍTULO I

A SINTAXE DA SENTENÇA

1.	Ordem dos constituintes	5
1.1.	Introdução	5
1.2.	Cláusulas transitivas	5
1.3.	Cláusulas intransitivas	8
1.4.	Cláusulas copulativas	10
1.5.	Cláusulas equativas	12
1.6.	Constituintes periféricos	13
1.7.	Outros constituintes	17
2.	Parataxe	18
2.1.	Introdução	18
2.2.	Locuções	18
2.2.1.	Locuções nominais	19
2.2.2.	Locuções modificadoras	19
2.2.3.	Locuções verbais	21
2.2.4.	Observações sobre a parataxe locucional	22
2.2.4.1.	Deslocamento fonológico	22
2.2.4.2.	Seqüências descontínuas	23
2.2.4.3.	Funções de parataxe	24
2.3.	Cláusulas	25
2.3.1.	Cláusulas matrizes	25
2.3.2.	Cláusulas subordinadas	26

2.4.	Conclusão	27
3.	Elipse	27
3.1.	Omissão de constituintes não verbais	27
3.2.	Condições	28
3.3.	Elipse em estruturas coordenadas	29
3.4.	Conclusão	31
4.	Reflexivos e recíprocos	31
4.1.	Reflexivos	31
4.1.1.	Expressão da reflexividade	31
4.1.2.	Problemas de referência e formas plurais	33
4.1.3.	Escopo da reflexividade	34
4.1.4.	Função sintática do reflexivo	35
4.2.	Recíprocos	35
5.	Passivos	37
6.	Causativos	38
7.	Comparativos e equativos	40
7.1.	Comparativos e equativos locucionais	40
7.2.	Comparativos e equativos clausais	42
7.2.1.	Como são expressos	42
7.2.2.	Elementos que podem ser omitidos	43
7.2.3.	Expressões correlativas	44
8.	Conjunção	45
8.1.	Conjunção clausal	45
8.2.	Conjunção locucional	47
8.3.	<u>hoagá</u>	48
8.4.	Coordenação disjuntiva	49
8.5.	Observações gerais	50
8.5.1.	Omissão de constituintes na conjunção (cf. 3.3. acima)	50
8.5.2.	Expressão da comitativa	50
8.5.3.	Restrições sobre a conjunção	51
9.	Estratégias pragmáticas	52
9.1.	Introdução	52
9.2.	Topicalização	53
9.2.1.	Introdução	53
9.2.2.	Traços fonológicos da topicalização	54

9.3.	Esclarecimento / ênfase	55
9.3.1.	Introdução	55
9.3.2.	Como e quando expressos	56
9.4.	Comentários sobre traços gerais do discurso	58
9.4.1.	A fala direta e a fala indireta	58
9.4.2.	Nomes próprios	59
9.5.	Força ilocucionária	60
9.5.1.	Introdução	60
9.5.2.	Na morfossintaxe	60
9.5.2.1.	A repetição	60
9.5.2.2.	Marcadores morfológicos da força ilocucionária	62
9.5.2.3.	Partículas que marcam a força ilocucionária	64
9.5.3.	Marcação de força ilocucionária pela fonologia	64
9.6.	Conclusão	64
10.	Interrogativos	64
10.1.	Perguntas do tipo sim/não	64
10.1.1.	Introdução	64
10.1.2.	Marcação fonológica	65
10.1.3.	<u>híx</u>	66
10.1.4.	<u>-óxóí</u>	67
10.1.5.	<u>-hoaxái</u>	68
10.1.6.	<u>-xaoaxái</u>	69
10.1.7.	<u>káo</u>	70
10.2.	Perguntas - WH	71
10.2.1.	<u>go</u>	71
10.2.2.	Constituintes da sentença que podem ser questionados	75
10.2.2.1.	Da cláusula matriz	75
10.2.2.2.	Da cláusula subordinada	77
10.2.2.3.	Da locução nominal	79
10.2.2.4.	Da locução pós-posicional	80
10.2.2.5.	Número de constituintes de uma sentença que pode ser questionado	82
10.2.2.6.	Posição do elemento questionado	82
10.3.	Respostas	82
11.	Imperativos	84

11.1.	Introdução	84
11.2.	Marcação dos tipos de imperativos	85
11.2.1.	Formas positivas	85
11.2.1.1.	Pedidos	85
11.2.1.1.1.	Pedidos indiretos	85
11.2.1.1.2.	Pedidos diretos	86
11.2.1.2.	Comandos	87
11.2.2.	Imperativo negativo	89
11.2.3.	Outras distinções e respostas	89
12.	Negação	90
12.1.	Negação sentencial	90
12.1.1.	Negação proibitivo (imperativo)	90
12.1.2.	Negação não proibitiva	91
12.2.	Negação de constituintes	92
12.2.1.	Negação do substantivo	92
12.2.1.1.	Negação de formas nominalizadas	92
12.2.1.2.	Negação de substantivos	94
12.2.2.	Negação de modificadores	95
12.2.3.	Negação de pós-posições	96
12.3.	Restrições sobre o objetivo do elemento negativo	97
12.3.1.	Cláusulas matrizes vs subordinadas	98
12.3.2.	Número de elementos de uma sentença que podem ser negados	99
13.	Anáfora	100
13.1.	Meios de referência anafórica	100
13.1.1.	Apagamento	100
13.1.2.	Anáfora pronominal	102
13.1.3.	Função anafórica de partículas do discurso	105
13.2.	Domínios sintáticos e tipos de anáfora	105
13.2.1.	Anáfora e catáfora	105
13.2.2.	Observações sobre a anáfora dentro da cláusula	106
13.2.3.	Anáfora em estruturas coordenadas	107
13.2.4.	Anáfora intersentencial	109
13.2.5.	Restrições sobre anáfora	111
14.	Cláusulas subordinadas	111

14.1.	Introdução	111
14.2.	Cláusulas subordinadas de função adverbial	112
14.2.1.	Infinitivos, participípios e formas gerúndivas	112
14.2.2.	Cláusulas temporais	114
14.2.3.	Cláusulas subordinadas de condição	115
14.2.4.	Cláusulas que expressam propósito	117
14.2.5.	Cláusulas de causa	118
14.2.6.	Cláusulas de resultado	120
14.2.7.	Cláusulas comparativas e equativas	121
14.2.8.	Cláusulas de modo ou instrumento	121
14.2.9.	Cláusulas desiderativas	122
14.2.10.	Conjunção de cláusulas adverbiais	122
14.3.	Construções citacionais	124
14.3.1.	Traços gerais	124
14.3.2.	Afirmações indiretas	124
14.3.3.	Perguntas indiretas	126
14.3.4.	Comandos indiretos	127
14.4.	Cláusulas de complemento	127
14.5.	Restrições temporais e categorias de cláusulas subordinadas	128
14.6.	Relações gramaticais nas cláusulas subordinadas	128

CAPÍTULO II

A SINTAXE LOCUCIONAL

15.	Estrutura das locuções nominais	130
15.1.	Marcação de caso	130
15.2.	Expressão de posse	130
15.2.1.	Ordenação	130
15.2.2.	Marcação morfológica	131
15.2.3.	Conclusão	132
15.3.	Modificadores	132
15.3.1.	Adjetivos	132
15.3.2.	Cláusulas relativas	136
15.4.	Nominalizações	137

15.4.1.	<u>-sai</u>	137
15.4.2.	Mudanças no verbo devido a nominalizações	139
15.4.2.1.	Tempo e aspecto	139
15.4.2.2.	Relações gramaticais	140
15.4.3.	Conclusão	141
16.	Sistema pronominal	142
16.1.	Introdução	142
16.2.	Pronomes pessoais	143
16.2.1.	Distinções básicas	143
16.2.2.	Distinções de número	144
16.2.2.1.	Expressão do plural	144
16.2.2.2.	Formas coletivas	146
16.2.3.	Aspectos pragmáticos de <u>hi(apióxiu)</u>	147
16.2.4.	Distinções pronominais baseadas em gênero ou classe	148
16.3.	Pronomes indefinidos	149
16.3.1.	Indefinido específico	149
16.3.2.	Indefinido negativo	150
16.3.3.	Indefinido não específico	151
16.4.	Pronomes possessivos	151
16.5.	Pronomes demonstrativos	152
16.6.	Pronomes reflexivos	153
16.7.	Pronomes recíprocos	153
16.8.	Pronomes interrogativos	154
16.9.	Pronomes relativos	154
17.	Estrutura das locuções adposicionais	154
17.1.	Sufixos locativos e direcionais	154
17.2.	Formas livres	155
18.	Estrutura verbal	157
18.1.	Introdução	157
18.1.1.	Comentários gerais	157
18.1.2.	Restrições de co-ocorrência dos sufixos verbais	158
18.2.	Tempo	160
18.3.	Aspecto	160
18.3.1.	Perfectivo, <u>-b</u>	160
18.3.2.	Imperfectivo, <u>-p</u>	161

18.3.3.	Télico, <u>-áo</u>	162
18.3.4.	Atélico, <u>-ái</u>	163
18.3.5.	Continuativo, <u>-xiig</u>	163
18.3.6.	Iterativo, <u>-tá</u>	163
18.3.7.	Ingressivo, <u>-hoag</u> , <u>-hói</u>	164
18.3.8.	Aspecto referencial	165
18.3.8.1.	Próximo, <u>-i</u>	165
18.3.8.2.	Remoto, <u>-a</u>	166
18.3.9.	Durativo, <u>-ab</u>	168
18.3.10.	Puntiliar, <u>-áp</u>	169
18.4.	Modo	169
18.4.1.	Condicional	169
18.4.2.	Graus de certeza	169
18.4.3.	Indicativo e imperativo	171
18.4.4.	Desiderativo, <u>-sog</u>	171
18.4.5.	Interrogativo	172
18.5.	Pessoa	173
18.6.	Voz - Valência	173
18.7.	Outras categorias	173
18.7.1.	Resultado, <u>-taío</u>	173
18.7.2.	Aspectos conclusivos	174
18.7.2.1.	Dedução	174
18.7.2.2.	Comentário / "Hearsay", <u>-híai</u>	175
18.7.2.3.	Observação, <u>xáagahá</u>	176
18.7.3.	Intensivo, <u>-baí</u>	177
18.7.4.	Enfático, <u>-koí</u>	178
18.7.5.	Ação frustrada	179
18.7.5.1.	Iniciação frustrada, <u>-ábagaí</u>	179
18.7.5.2.	Término frustrado, <u>-ábaí</u>	179
18.8.	Incorporação	180
18.9.	Verbos auxiliares	181
19.	Estrutura das locuções adjetivais	182
20.	Estrutura das locuções adverbiais	183
21.	Partículas	185
21.1.	Partículas sentenciais	185

21.1.1.	Contra expectativo, <u>hoagá</u>	185
21.1.2.	Vocativo, <u>ko</u>	187
21.1.3.	Conjuntivo, <u>píaii</u>	188
21.1.4.	Precedência temporal, <u>xapaí</u>	188
21.1.5.	Sucessão temporal, <u>gaaba</u> <u>tiohióxio</u>	189
21.2.	Partículas do discurso	190
21.2.1.	Marcação do participante / personagem principal, <u>xagía</u>	190
21.2.2.	Participantes secundários, <u>xaítiso</u>	191
21.2.3.	Progressão lógica do discurso, <u>xaigiagaó</u>	192
21.3.	Partículas de verificação	194

CAPÍTULO III

RESUMOS

22.	A fonologia	196
22.1.	Traços de palavras, locuções e sentenças	196
22.1.1.	Tipos de sentenças fonológicas	196
22.1.1.1.	Afirmações	196
22.1.1.2.	Interrogativas	197
22.1.1.3.	Exclamativas	198
22.1.2.	Traços locucionais	199
22.1.3.	Traços de palavras	200
22.2.	Traços silábicos	200
22.2.1.	Tipos silábicos	200
22.2.2.	Acentuação	201
22.2.3.	Tom	202
22.3.	Segmentos fonéticos e ortografia	207
22.3.1.	Fonemas	207
22.3.1.1.	Inventário fonêmico	207
22.3.1.2.	Processos fonêmicos básicos	207
22.3.1.2.1.	Consoantes surdas	207
22.3.1.2.1.1.	Oclusivas	207
22.3.1.2.1.2.	Fricativas	208
22.3.1.2.2.	Consoantes sonoras	208

22.3.1.2.3.	Vogais	208
22.3.1.3.	Variação livre	209
22.3.2.	Distinções entre a fala dos homens e a fala das mulheres	210
22.3.2.1.	Inventário segmental	210
22.3.2.2.	Postura da fala	211
22.3.3.	Processos morfofonológicos	211
22.3.3.1.	Prefixação	211
22.3.3.1.1.	Apagamento	211
22.3.3.1.1.1.	Glotal	211
22.3.3.1.1.2.	Vogais	212
22.3.3.1.2.	Metátese	213
22.3.3.2.	Sufixação	214
22.3.3.2.1.	Epêntese	214
22.3.3.2.2.	Apagamento	215
22.3.3.3.	Modificações silábicas em combinações morfêmicas	215
23.	Morfologia	218
23.1.	Palavras compostas	218
23.1.1.	Nomes	219
23.1.1.1.	Nome + nome	219
23.1.1.2.	Nome + verbo	219
23.1.1.3.	Nome + adjetivo	219
23.1.2.	Verbos	220
23.2.	Classes básicas de palavras	220
24.	Ideofones	220
	Notas	221

SEGUNDA PARTE: PERSPECTIVAS E INVESTIGAÇÕES

CAPÍTULO I

A TEORIA CHOMSKYANA E UMA DISCUSSÃO EPISTEMOLÓGICA

0.	Introdução	224
0.1.	O propósito deste capítulo	224
0.2.	A importância da epistemologia em relação à lingüística	224

1.	Teorias da sintaxe	227
1.1.	A gramática transformacional	227
1.1.1.	ST: A teoria padrão (1957-1971)	227
1.1.1.1.	A transformação passiva	227
1.1.1.2.	Limites no poder explicativo	229
1.1.1.3.	Avaliação e resumo da ST	229
1.1.2.	EST/REST Teoria padrão ampliada e revista 1971 ---	230
1.1.2.1.	Restrições	230
1.1.2.1.1.	Por que restringir a teoria?	230
1.1.2.1.1.1.	Poderosa demais	230
1.1.2.1.1.2.	Para chegar a uma estrutura dedutiva	231
1.1.2.1.2.	A natureza das restrições	232
1.1.2.1.2.1.	Introdução	232
1.1.2.1.2.2.	A hipótese de preservação da estrutura	233
1.1.2.1.2.3.	A interpretação semântica	235
1.1.2.1.2.4.	Redução do componente transformacional	235
1.1.2.2.	Subsistemas da gramática nuclear	237
1.1.2.2.1.	Sobre a noção de "gramática nuclear"	237
1.1.2.2.2.	Sobre a noção de "idealização científica"	240
1.1.2.2.3.	A gramática nuclear e uma estrutura dedutiva	242
1.1.2.3.	As categorias vazias	243
1.1.3.	Conclusão	245
1.1.3.1.	A apassivização no quadro geral	245
1.1.3.2.	Resumo	246
1.2.	APG	247
1.2.1.	Introdução	247
1.2.2.	Histórico breve	248
1.2.3.	A apassivização na GR	249
1.2.4.	A apassivização na APG	252
2.	Caracterizações epistemológicas	255
2.1.	Introdução	255
2.2.	Kuhn	257
2.2.1.	O "ciclo paradigmático"	257
2.2.2.	Aplicação da teoria kuhniana à lingüística	258
2.2.3.	Críticas	260

2.3.	Lakatos	260
2.3.1.	Programas de pesquisa	260
2.3.2.	"Shifts"	261
2.4.	Paradigmas vs programas de pesquisa	263
3.	Conclusão	265
3.1.	Revisão da evolução da teoria gerativa	265
3.2.	Revisão das conclusões epistemológicas	268
3.2.1.	O modelo kuhniano	268
3.2.2.	Feyerabend	268
3.2.3.	Implicações para a lingüística e para esta tese	269
	Notas	271

CAPÍTULO II
"PARA UMA GRAMÁTICA FORMAL DO PIRAHÃ"

0.	Introdução	275
1.	O componente de base de uma gramática do pirahã	278
1.1.	Introdução	278
1.2.	Regras categóricas	281
1.2.1.	Introdução à sintaxe X'	281
1.2.2.	Regras categóricas, generalizações X' e implicações tipológicas	283
1.2.2.1.	Regras categóricas do pirahã	283
1.2.2.2.	Generalizações X' e implicações tipológicas	291
1.3.	O léxico	293
1.3.1.	Classes básicas de palavras no pirahã	293
1.3.2.	Subcategorização	293
1.3.2.1.	Nomes	295
1.3.2.2.	Pronomes	295
1.3.2.3.	Pós-posições	296
1.3.2.4.	Partículas	296
1.3.2.5.	Modificadores	297
1.3.2.6.	Verbos	297
1.3.2.7.	Conclusão	298
1.3.3.	Para uma caracterização formal da morfologia do pirahã	299

1.3.3.1.	Introdução	299
1.3.3.2.	Morfologia derivacional vs flexional	300
1.3.3.3.	Sufixação por RFPs	301
1.3.3.4.	Sufixação por regras de estruturas de frase	302
2.	O componente transformacional	303
3.	Subsistemas de princípios	304
3.1.	Visão geral dos subsistemas	304
3.1.1.	A teoria X'	304
3.1.2.	A teoria θ	304
3.1.3.	A teoria de Caso	304
3.1.4.	A teoria de vinculação	305
3.1.5.	A teoria de "fronteiras" 'Bounding'	305
3.1.6.	A teoria de controle	305
3.1.7.	A teoria de regência	305
3.2.	Implicações dos subsistemas para a Gramática Universal	305
3.3.	A teoria de vinculação e a anáfora no pirahã	306
3.3.1.	Introdução	306
3.3.2.	Noções básicas de indexação e vinculação em "08"	308
3.3.2.1.	Indexação	308
3.3.2.2.	Vinculação "Binding" (cf. apêndice 2)	311
3.3.3.	Problemas no pirahã	313
3.3.3.1.	Reflexivos	313
3.3.3.2.	Pseudo-topicalização	315
3.3.4.	A teoria de regência e vinculação (RV)	324
3.3.4.1.	Introdução	324
3.3.4.2.	Os princípios de vinculação RV	325
3.3.4.3.	Eliminação dos índices anafóricos	327
3.3.4.4.	Regras de interpretação	328
3.3.5.	Para uma análise da referência no pirahã	329
3.3.5.1.	A natureza peculiar dos pronomes no pirahã	329
3.3.5.2.	A teoria de vinculação, cadeias funcionais e a referência pronominal em pirahã	331
3.3.5.3.	Para uma explicação do nóculo CON	340
3.3.6.	Conclusão	341
3.3.6.1.	Adeus aos índices anafóricos	341

3.3.6.2.	Sobre a noção de "indexação livre"	343
3.3.6.3.	Os exemplos de Lasnik	345
	Notas	347
Apêndice I	Uma lista pequena de vocábulos do pirahã	353
Apêndice II	Uma lista parcial de termos da sintaxe transformacional	367
Bibliografia		402

Introdução

Tenho dois objetivos básicos neste trabalho. Primeiro, e mais importante, espero proporcionar uma descrição da gramática do pirahã que possa servir como ponto de partida para futuros estudos do presente autor ou de outros lingüistas. Essa descrição também deverá providenciar uma documentação relativamente extensa desta língua, que nunca foi analisada tão detalhadamente. Em segundo lugar, gostaria de fazer uma aplicação da atual teoria chomskyana (seja qual for o rótulo usado - EST, REST, "Government-Binding", etc.) à língua pirahã, numa tentativa de mostrar que ela é extremamente prometedor, empírica e, teoricamente, serve como modelo da competência lingüística humana. Assim, tenho feito um estudo relativamente profundo do fenômeno de referência pronominal em pirahã no segundo capítulo da segunda parte deste trabalho.

Sendo estes os objetivos básicos, consideremos agora a organização da tese como um todo. Durante o preparo desse trabalho pensei que talvez estivesse tentando reunir três trabalhos diferentes num só. É possível que o leitor chegue a essa mesma conclusão.

Acredito, porém, que é possível justificar esta organização e até mesmo provar que ela é preferível às alternativas.

Ao começar um trabalho sobre uma língua quase desconhecida, lingüisticamente, como o pirahã, o lingüista não pode pressupor qualquer conhecimento ou intuição do leitor no que diz respeito a essa língua. Ao contrário, é obrigado a fazer toda afirmação sobre a língua de forma suficientemente explícita e exemplificada. Além disso, a seleção de elementos "relevantes" para a discussão é uma escolha epistemológica (ver a introdução ao segundo capítulo). Por essas razões, o primeiro capítulo procura fornecer uma base relativamente "neutra" para as demais subdivisões do trabalho.

Por exemplo, num trabalho sobre uma língua bem conhecida (como a excelente tese de Kayne (1971), sobre o francês), quaisquer conclusões, exemplos ou afirmações sobre a língua em questão são facilmente prováveis ou falsificáveis por qualquer pessoa que conheça algo dessa língua (no caso do francês, literalmente, milhões de pessoas).

No tocante ao pirahã, por outro lado, o leitor é obrigado a aceitar as minhas intuições e escolhas de exemplos. Portanto, os exemplos e a organização do primeiro capítulo seguem critérios desenvolvidos por especialistas na área de tipologia sintática (influenciados por inter alia, o esboço da Língua Descriptive Series). Espero dessa forma evitar que minhas próprias preocupações teóricas influenciem na descrição e escolha dos dados. Isso representa a maior vantagem na organização do primeiro capítulo. Isso resulta numa certa redundância e em diferenças de terminologia, ênfase, etc. entre o primeiro e o último capítulos. Mas este resultado não é necessariamente negativo - poderá até produzir um tratamento mais equilibrado e/ou mais completo da língua.

Resta, agora, falar um pouco sobre o primeiro capítulo da segunda parte: a discussão epistemológica. Basicamente, esse capítulo tem dois objetivos: (i) explicar o porquê de fatores epistemológicos precisarem ser explicitados para uma melhor apreciação da natureza dos dados, pois nenhum dado é puramente objetivo; e (ii) argumentar que a escolha de uma teoria (lingüística, física, etc.) é relativamente arbitrária em termos empíricos. Essa escolha é mais "metafísica", segundo as conclusões desse capítulo. Escolhi uma teoria "mentalista", porque meus objetivos são mais mentalistas. A teoria gerativa tem, para mim, a "embalagem" mais bonita de todas as teorias mentalistas. Ao falar em "embalagem", não quero dizer que minha escolha seja trivial. Pelo contrário, acho que a maneira em que uma determinada teoria organiza o universo, sua ontologia, suas formalizações e sua "embalagem" - estilo e forma de apresentação, entre outras coisas - são aspectos importantes na escolha desta teoria. Apesar de concluir neste capítulo que a escolha de uma determinada teoria é empiricamente injustificável (em geral), essas considerações teóricas ou metafísicas continuam importantes.

Uma última observação: as pessoas interessadas na língua pirahã, mas não na teoria chomskyana, podem omitir a leitura dos últimos dois capítulos sem grande perda. As interessadas mais na teoria podem omitir a leitura do primeiro capítulo.

PRIMEIRA PARTE

DESCRIÇÃO:

A Gramática do Pirahã

PRIMEIRA PARTE

A Gramática do Pirahã

0. Introdução

A língua pirahã é membro da família mura, a qual incluía os dialetos (agora provavelmente extintos) bohurá, yaháhi, mura e, possivelmente, torá (Loukotka 1968:95,96). Esta língua é freqüentemente chamada de mura-pirahã na literatura lingüística. Evito aqui o uso desse termo maior porque ele obscurece a distinção entre a família lingüística (mura) e a língua específica (pirahã). Esta decisão reflete, também, a preferência de outros lingüistas especializados em línguas ameríndias (Aryon Rodrigues, comunicação pessoal).

Embora trabalhos anteriores tenham colocado a família mura no macro-filo chibcha (Greenburg), esta classificação parece precária e prefiro não especular sobre sua afiliação genética até ter mais dados de natureza comparativa.

O pirahã é falado por aproximadamente cento e dez indivíduos do rio Maici, Amazonas. O povo é quase cem por cento monolíngüe e, embora tenha contato freqüente com comerciantes, seringueiros, etc., é, na sua maior parte, não aculturado na sociedade e cultura brasileira. Tecnicamente, os pirahã mantêm uma existência extremamente primitiva: usam poucas ferramentas além do arco e flecha, e compram cestas simples de alumínio de comerciantes.

Há dois povoados dos pirahã, os quais ficam a mais ou menos cento e cinquenta quilômetros um do outro (divididos pelo rio). A aldeia onde tem sido realizada a pesquisa lingüística é relativamente mais aculturada, sendo localizada perto da boca do rio e, portanto, tem mais contato com pessoas alheias. O grupo do rio acima tende a rejeitar a maioria dos aspectos de cultura alheia e é, geralmente, hostil a estrangeiros. Apesar de serem capazes de fabricar vários tipos de artesanato e ferramentas, ambos os grupos preferem viver da maneira mais simples possível, pedindo artefatos aos comerciantes e aos outros, ao invés de fabricá-los eles mesmos.

A pesquisa em que se baseia o presente estudo foi realizada de janeiro a março de 1979 e de abril a dezembro de 1980. Outros estudos foram feitos em várias ocasiões (por um total de quatro meses) com a ajuda de informantes pirahã fora da aldeia.

A rotina normal durante a pesquisa era de duas horas por dia de elicitación, três horas de análise e arquivamento dos dados, e de três a cinco horas de conversação com os pirahã em várias situações - "elicitación perambulatória". Ao todo, o presente autor tem tido aproximadamente quatorze meses de contato intenso com os pirahã.

Vários outros pesquisadores, porém, têm contribuído de modo importante à descrição apresentada neste capítulo. Gostaria de agradecer ao Arlo e Vi Heinrichs, Steve e Linda Sheldon e à minha esposa Keren por toda a sua ajuda. Keren Everett (KE) contribuiu muito às análises da morfologia verbal e de tom. Steve Sheldon (SS) tem contribuído de uma maneira ou de outra em quase todas as seções desta parte. Toda a responsabilidade por quaisquer erros, porém, é do presente autor.

CAPÍTULO I

A SINTAXE DA SENTENÇA

CAPÍTULO I

A sintaxe da sentença

1. Ordem dos constituintes

1.1. Introdução

As cláusulas básicas do pirahã são de quatro tipos: transitivas, intransitivas, copulativas e equativas. Elas se distinguem uma da outra pela ausência obrigatória de certos constituintes em determinados tipos de cláusulas. Esses constituintes são, por sua vez, marcados morfologicamente ou sintaticamente.

A ordem básica não marcada de constituintes é de SOV (sujeito-objeto direto-verbo). Constituintes periféricos, como objetos oblíquos, são inseridos entre as posições de sujeito e objeto direto (cf. 1.7. abaixo). O principal critério para distinguir entre cláusulas transitivas e intransitivas é o aparecimento ou aparecimento potencial do objeto direto.

1.2. Cláusulas transitivas

Todas as cláusulas transitivas são marcadas pela ocorrência (facultativa) de um objeto direto, sendo este constituinte obrigatoriamente ausente em cláusulas intransitivas. A ordem não marcada dos constituintes é SOV. Evidentemente, a classificação pelo tipo verbal não é suficiente para distinguir entre as cláusulas. Ver por exemplo, as diferenças entre "matar" e "morrer" no exemplo (7) abaixo. (Para uma discussão das convenções ortográficas empregadas neste estudo e seus valores fonéticos, ver o resumo fonológico na seção de número 22).

(1) ti xíbogi ti -boaí
 1 leite beber-intensivo

"Eu bebo muito leite"

(2) hi xápiso xaho -ai -i -haí
 3 casca comer-atélico-próximo-certeza relativa

"Ele comerá casca"

(3) hi káixihí xoab -á -há
 3 paca matar-remoto-certeza completa

"Ele matou uma paca"

(4) xisááhai xaita oho -áo -p -á
 gafanhoto folha comer-télico-imperfectivo-remoto

"O gafanhoto comeu folhas"

(5) toipí hi xaoói
 parintintin 3 estrangeiro

xib -áo -b -i hi
 flechar-télico-perfectivo-próximo-certeza completa

"O parintintin, ele flechou o estrangeiro"

Consideramos esta ordem a básica por várias razões. Dados apenas os constituintes básicos de (1) e (5), quaisquer variações sintagmáticas produziriam mudanças drásticas no significado ou foco semântico das cláusulas. Por exemplo:

(6) xíbogi ti ti -baí
 leite 1 beber-intensivo

- (i) "leite me bebe"
 ou (ii) "de leite, eu bebo muito"

Sem pausa entre xíbogi "leite" e ti "eu" no exemplo anterior, o significado seria "leite me bebe". Com a pausa mencionada, porém, a palavra "leite" seria interpretada como tópico, resultando na seguinte tradução: "de leite, eu bebo muito".

(7) káixihí hi xoab -á -há
 paca 3 matar-remoto-certeza completa

- (i) "a paca matou-o"
 ou (ii) "a paca, ela morreu"

Em (7), derivado do exemplo (3) pela inversão dos argumentos verbais, teremos a tradução "a paca matou-o" ou, com pausa depois do primeiro constituinte, "a paca, ela morreu". Lembramos que o verbo xoab é traduzível por "matar" ou "morrer", dependendo do número de argumentos na sentença (cf. 1.1.2. acima) e do contexto não-lingüístico.

Outro argumento a favor da proposição de que a ordem SOV seja a básica é sua freqüente ocorrência em relação a outras configurações possíveis. Uma conta baseada em textos transcritos revela que cláusulas da ordem SOV compõem aproximadamente 90% do total.

Finalmente, de acordo com as observações acima, qualquer outra ordem de constituintes é entendida melhor como sendo uma forma de topicalização, ênfase, esclarecimento ou outro tipo de artifício para ajudar na compreensão (como "Heavy NP Shift", cf. 8.5.2. abaixo).

(8) hi xí xoh -i -hiab -a -há
 3 3 comer-epentético-negativo-remoto-certeza completa

totohoi
 espécie de pássaro

"totohoi, ele (humano) não o (=totohoi) come"

(9) xí si xoho -áo -p -á -taío
 3 3 comer-télico-imperfectivo-remoto-resultado
 (animal) (não animado)

páxaihi xigagí
 galinha pimenta

"a galinha comia a pimenta, portanto"

Tanto o sujeito quanto o objeto podem aparecer na posição pós-verbal. Porém, quando ambos aparecem juntos na posição pré ou pós-verbal, a ordem SO é mantida, como se vê no exemplo (9). A presença de elementos pronominais que ocupam as posições de sujeito e objeto é evidência contra uma análise de movimento para os elementos em pré ou pós-posição. Em outras palavras essas entidades provavelmente estão numa posição "especial", como "Tópico" ou "Esclarecimento". (Ver a discussão desse assunto nas seções 2 e 9).

1.3. Cláusulas intransitivas

Embora seja comum para as cláusulas transitivas aparecerem sem marcadores claros de sujeito ou objeto, a possibilidade de manifestar um objeto direto é suficiente para distinguir esta classe sintática das intransitivas (mas o verbo xoab - "matar/morrer" é um caso interessante que fica no limite entre as duas classes).

- (10) gahió xabo -óp-ai pixái-xíga
 avião virar-ir-atélico agora-imediato

"o avião está voltando agora mesmo"

- (11) pii boi-hiab -iig -á
 água vir-negativo-continuativo-remoto

"a água não está vindo" (=não está chovendo)

- (12) tiobáhai xait -á -hóí
 criança dormir-remoto-ingressivo

"a criança foi dormir"

- (13) kai -o hóao xab a-áti
 casa-locativo lado ficar-incerteza

"fique ao lado da casa"

- (14) boitó hi aba -hóí-hiab -a
 barco 3 ficar-vir-negativo-remoto

"o barco não parou"

Como se vê nesses exemplos, a ordem básica dos constituintes nas cláusulas intransitivas é de SV. Em todos os exemplos dados, o elemento nominal (mas não pronominal) pode ocorrer tanto na posição pré-verbal (como ocorre nos exemplos 10 e 14) ou na posição pós-verbal. Mais uma vez, como viu-se em ponto 1.2., a discussão desse fenômeno se encontra nas seções de números 2 e 9 abaixo.

1.4. Cláusulas copulativas

Cláusulas copulativas se distinguem das equativas (cf. 1.5. abaixo) da manifestação de elementos verbais do tipo copulativo, tais como xaagá "ter/estar/ser", xiigá "ser/estar/ter temporariamente" e xai "ser/fazer/estar".

(15) hoáoíi baábi hi xaagá
 espingarda ruim 3 estar

"a espingarda está ruim"

(16) hi bihíhí-xígó xaagá-há
 3 baixo -associativo estar-certeza completa

"Ele é baixo" (=está associado com este traço físico)

(17) kaisáo hoí hi xai
 caixa dois/duas 3 ser

"são duas caixas"

(18) ti baáb iigá
 1 ruim estar

"Estou doente"

Nestas cláusulas ocorre uma variação na ordem dos constituintes, embora de modo mais restrito do que nas cláusulas transitivas ou intransitivas. Estas restrições são explicáveis por causa do número reduzido de constituintes manifesto por estas cláusulas - não há elementos suficientes para possibilitar muita variação - e, talvez, por causa da conexão entre a

forma superficial destas cláusulas e sua forma lógica de predicções simples. Por algum motivo, ordens alternativas (ver exemplo 15 acima) como:

(19) baâbi hi xaagá hoáofi
ruim 3 estar espingarda

"a espingarda está ruim"

são ambíguas (isto é, não claras; não possuem necessariamente significados múltiplos, mas são anômalas, sem contexto apropriado) ou agramaticais:

(20) gó xaagá ti
aqui estar 1

"aqui estou eu"

Cláusulas copulativas (e equativas, cf. 1.6. abaixo) podem ser usadas para exprimir posse. O tipo mais comum de construção possessiva, pronome + substantivo, é discutido na seção número 15.

(21) ti poogahai xaíbái xao -xaagá
1 flecha p/ pescar muito posse-ter

"eu tenho muitas flechas (de pescar)"

No momento, acreditamos que xao - "posse" no exemplo 21, é apenas uma das análises possíveis. Não sabemos, porém, se esse é o significado básico

ou se deriva de xaopí "também/com". De qualquer modo, xao é um marcador claro de posse na língua, não manifesto por outros tipos de cláusula.

Uma maneira de exprimir posse, como xaagá "ter/estar", mas sem xao "posse", se vê no exemplo 22:

(22) xipoógi hoaoíi hi xaagá
 nome próprio espingarda 3 estar

"é a espingarda de xipoógi"

Nesse caso, o elemento verbal exprime mais uma idéia de identidade, enfocando a coisa possuída ao invés de o possuidor.

1.5. Cláusulas equativas

As equativas são usadas no sentido geral da descrição (o que inclui posse, identidade, etc.). Os elementos que podem ocorrer como complementos em equativas são modificadores, substantivos e outras cláusulas equativas (cf. nos exemplos 25 e 26).

(23) baitói xoab -ái -p -í
 veado morrer-atélico-imperfectivo-próximo

pixái xisigíhií xisigíhií báaxai
 agora carne carne boa

"Um veado está morrendo. Agora (tem) carne, carne boa."

(24) pii boi-baí -so bigí bíixi
 água vir-intensivo-temporal terra mole

"quando chove muito a terra (fica) mole"

(25) xaoói hi xapisí bigaí
 estrangeiro 3 braço grosso

"o estrangeiro (tem) um braço grosso" (=estrangeiro é forte)

(26) giopaíxi xi sabí -xi
 cachorro 3 (animal) bravo-enfático

"o cachorro está bravo"

(27) kohoibíhai kaífi
 nome próprio casa

"a casa de kohoibíhai" ou "a casa é de kohoibíhai"

1.6. Constituintes periféricos

A sentença simples geralmente apresenta apenas aqueles constituintes que são característicos dela, de acordo com a discussão acima. O número mínimo de constituintes numa sentença afirmativa é um: o predicado (supondo que a sentença em questão não é uma realização de certos fenômenos relacionados ao contexto maior como pergunta-resposta etc. Nesses casos, como no português e outras línguas, irregularidades sintáticas, que em outras situações seriam agramaticais, são permitidas).

Outros constituintes são possíveis, porém, sob o rótulo geral de objeto oblíquo (expressões temporais, condicionais, objetos indiretos etc.). No presente momento, não tenho critérios para justificar nenhuma distinção rígida entre esses elementos e, portanto, classifico todos como oblíquos.

Tampouco tenho proposto categorias distintas para cláusulas bitransitivas ou bi-intransitivas. Verbos, tais como xaha "ir" e xoba "jogar" não marcam objetos indiretos diferentemente de outros oblíquos (como é o caso, por exemplo, de "João" em "Maria deu o livro a João), mas tratam todos os elementos na posição oblíqua da mesma maneira. Portanto, até que haja evidência do contrário, considerarei essa classe geral como periférica, ou seja, oblíqua às cláusulas transitivas e intransitivas.

Objetos oblíquos são inseridos na posição imediatamente à direita do sujeito. Quando estes objetos são maiores do que cinco ou seis sílabas, tendem a sofrer um deslocamento para a posição pós-verbal. Aparentemente isto é um artifício estilístico para evitar o "superloteamento" do espaço entre S e V, reminescente do "Heavy NP Shift" (cf. exemplo 34 abaixo).

(28) xoogiái hi hi-ó xiíi
 nome próprio 3 cima-locativo pilha

xoab -ao -p -í
 jogar-télico-imperfectivo-próximo

"xoogiái jogava a pilha para cima"

(29) ti kaí -o xah-á p -i -tá
 1 casa-locativo ir -puntiliar-próximo-iterativo

"eu volto à casa" (vou de novo)

(30) ti gí kapiigaxotoii hoa-i
 1 2 lápis dar-próximo

"eu dou o lápis para você"

(31) tiioii xohoa-o kapiigaxitoii
borracha lado -locativo lápis

xihi -aí -p -i -hai
botar-atélico-imperfectivo-próximo-certeza relativa

"(Alguém) bota o lápis ao lado da borracha"

(32) big -ó xihi -aí -p -i
baixo-locativo botar-atélico-imperfectivo-próximo

tábo xap -ó
tábua em cima-locativo

"(Alguém) bota (algo) em cima da tábua"

O exemplo anterior (32) é interessante por manifestar dois componentes locativos. Como se vê na seção número 9 abaixo, usa-se freqüentemente a repetição para melhor especificar uma situação. Aqui o falante especifica, por duas expressões locativas, que quer que alguém recoloque o lápis em cima da mesa (tábua), a qual fica para baixo, em relação à posição do lápis na mão do ouvinte.

(33) xopísi xahoígí-o xab -óp-ai
nome próprio tarde -locativo virar -ir-atélico

"xopísi chegará pela tarde"

(34) xaxái xab -óp-ai -sai -xáagahá
nome próprio virar-ir-estar-nominalizador-observação

xahoahíai xahoigí-o
 outro dia tarde -locativo

"xaxái chegou/chegará outro dia à tarde"
 (= a chegada de xaxái será/foi outro dia à tarde)

Neste exemplo, o objeto oblíquo foi movido à posição pós-verbal devido ao mecanismo estilístico, "Heavy Shift", mencionado acima, como é também o caso do próximo exemplo, 35.

(35) poi ba -ão -p
 ponta de flecha afiar-télico-imperfectivo

-i -hai kahaixíoi-hio
 -próximo-certeza relativa faca -instrumento

"(Alguém) estará/está afiando a ponta da flecha com uma faca"

(36) tagaság-oa xií bóí -ta
 terçado-instrumento árvore cortar-iterativo

-á xií xóihi taís -oa
 -remoto árvore pequeno machado-instrumento

xií tá -bói -xába -háí xií xogíí
 árvore derrubar-cortar-terminar-certeza relativa árvore grande

"com terçados (os pirahã) cortam árvores pequenas,
 com machados derrubam árvores grandes"

O 36 é um exemplo mais complicado que apresenta parataxe e

encadeamentos interessantes dos elementos verbais. Estes assuntos serão tratados nas seções de número 2 e 18.

No momento tenho identificado os seguintes marcadores de constituintes oblíquos: (i) instrumento: - hió, oá e xai (cf. exemplo 37, abaixo); e (ii) locativo/oblíquo geral: -ó.

(37) ti xií tó -p -á -há
1 árvore derrubar-imperfectivo-remoto-certeza completa

taísi tagasága-xai píai xií xóihi
machado terçado -instrumento também árvore pequeno

"derrubei a árvore com machado e terçado; era uma árvore pequena"

1.7. Outros constituintes

Na seção número 14 há uma discussão sobre cláusulas subordinadas. Aqui estão incluídos alguns exemplos destas cláusulas para indicar a relação entre estas e os constituintes periféricos em termos de sua posição linear na sentença.

(38) pii boi-sai tí xahá-p
água vir-nominalizador 1 ir -imperfectivo

-i -hiab -i -hai
-epentético -negativo-próximo-certeza relativa

"chovendo (=se chover), não irei"

(39) hi gai -sai hi xog -i -hiab -a
 3 dizer-nominalizador 3 querer-epentético -negativo-remoto

"a fala dele é (=ele falou) que ele não quer"

Notamos que estas cláusulas subordinadas vêm antes do sujeito e não na posição oblíqua. Portanto, a ordem sintagmática é um dos critérios usados para distinguir estas cláusulas dos constituintes periféricos. (Veja-se as seções 14 e 9 para uma discussão mais ampla.)

2. Parataxe

2.1. Introdução

O justaposição de elementos sentenciais ou locucionais é muito comum no pirahã. Cláusulas equativas (cf. 1.5., acima) são exemplos de parataxe, porque a ausência de um elemento verbal nestas cláusulas representa uma relação diferente entre seus constituintes do que entre os constituintes das não equativas. Porém, os constituintes de cláusulas equativas manifestam uma relação mais profunda, a de substantivo-complemento, do que os elementos aqui discutidos. Basicamente, os elementos que aqui nos preocupam são aqueles que compartilham uma relação com o predicado (ou ao núcleo), a qual é manifesta fonologicamente.

2.2. Locuções

As locuções do pirahã, onde ocorre a parataxe, dividem-se em três categorias: nominais, modificadoras e verbais. Cada uma das categorias pode ser aumentada através da parataxe.

2.2.1. Locuções nominais

(40) hi xoo -áo -b -á kapiingá
3 comprar-télico-perfectivo-remoto papel

kapiigá xogí
papel grande

"ele comprou (=ganhou) papel (=dinheiro), papel grande (=muito dinheiro)"

(41) ti xahaigí xao -xaagá xahaigí xaibá-koí
1 irmão posse-ter irmão muito-enfático

"eu tenho irmãos, muitos irmãos"

(42) ti bai xaagá giopaí xahóápátí giopaí
1 medo ter cachorro nome próprio cachorro

"eu tenho medo do cachorro, o cachorro de xahóápátí"

Nos exemplos acima vemos que as locuções ocorrem juntas na posição pós-verbal. A segunda esclarece ou especifica mais a primeira.

2.2.2. Locuções modificadoras

A locução modificadora mais comum (estatisticamente) é a adjetival. Isso se deve ao fato de noções adverbiais serem normalmente expressas através de afixos verbais.

(43) xoogiái hi xapisí biga aí biga -á
 nome próprio 3 braço grosso ser grosso-enfático

"o braço de xoogiái é grosso (=forte), muito grosso (=forte)"

A distinção básica entre as locuções modificadoras, as nominais e verbais é a presença do núcleo da locução nas não modificadoras, e sua ausência nas modificadoras. Isto é, uma locução "sem núcleo" justaposta a outra locução (com ou sem núcleo) é considerada como exemplo de parataxe nas locuções modificadoras.

(44) xogaí xogíí koíhi híaba
 roça grande pequeno negativo

"uma roça grande, não pequena"

(45) hi si -baí -xi koíhi hiaba
 3 chorar-intensivo-enfático pequeno negativo

"ele chora muito, não pouco"

Os exemplos 44 e 45 mostram que há poucas diferenças formais entre locuções adjetivais e adverbiais.

De modo geral, as locuções modificadoras são justapostas para esclarecimento, ênfase ou correção. Quando houver mais de uma qualidade a ser atribuída a um objeto ou ação, a partícula conectiva píaii "também" é usada. Isso será discutido mais detalhadamente na seção 8.

2.2.3. Locuções verbais

A justaposição de locuções verbais é especialmente comum em formas imperativas (cf. seção de número 11), embora ocorra em locuções não imperativas também.

(46) ti soxóá xi xoabá-ai xi kapágó-b -á
 1 já 3 matar-atélico 3 atirar-perfectivo-remoto
 (animal)

"eu já matei (uma anta), (eu) atirei (n)ela"

(47) xaíti xaibogi xaig -ahá-p -i
 cutia rápido mover-ir -imperfectivo-próximo

-so xisib -áo -b -ábagaí
 -temporal flechar-télico-perfectivo-iniciativa frustrada

sagía xab -áo -b -i -hiab -á
 animal parar-télico-perfectivo-epentético-negativo-remoto

"enquanto a cutia fugia, (eu) quase (a) flechei;
 o animal não parou"

(48) koó-xíob xob -ai -p
 dentro-locativo jogar-atélico-imperfectivo

-í -i xapa hoaga
 -próximo-certeza completa (?) cabeça virar

-í -i
 -próximo-certeza completa (?)

"(Você) jogou (o clipe) para dentro (da caixa) e virou-a de cabeça (para baixo)"

2.2.4. Observações sobre a parataxe locucional

2.2.4.1. Deslocamento fonológico

A tendência básica nos tipos de parataxe discutidos acima é de pausar entre as locuções justapostas com entoação ascendente (que é o caso não marcado; cf. seção 22) em cada locução.

(49) kahaibó bogíaga-hoag -á
 ponta de flecha torcer -ingressivo-remoto

-há -taío
 -certeza completa-resultado

"Portanto, a ponta da flecha não torce"

Deslocamento à esquerda é muito comum para os elementos topicais ou de esclarecimento (como "eu", no exemplo anterior). Deslocamento fonológico também é usado para formas vocativas.

(50) ko kohoibiíhai ti gí xahoa-o
 vocativo nome próprio 1 2 falar-epentético

-sog -abagaí
 -desiderativo-iniciativa frustrada

"ei, kohoibiíha, eu quero falar com você"

2.2.4.2. Seqüências descontínuas

A justaposição de locuções antes e depois do verbo matriz é também muito comum.

(51) hi topagahai hi xab -i -baí
 3 gravador 3 tocar-epentético-intensivo

-só -ai hóki
 -? -atélico nome próprio

"seu gravador, ele toca muito, hóki"
 (=hóki toca seu gravador muito)

(52) hi bai ai -hiab -a hi xaópi-koi xaoói
 3 medo estar-negativo-remoto 3 bravo-enfático estrangeiro

"ele não está com medo, (está) muito bravo, o estrangeiro"

(53) xisaitaógií ti xahaigí xigiábií hiaitíhí xigiábi-kói
 nome próprio 1 irmão como pirahã como -enfático

"(é) xisaitaógií, meu amigo, (ele é) como um pirahã"

2.2.4.3. Funções de parataxe

Como os exemplos acima demonstram, a parataxe pode ser empregada para evitar ambigüidade referencial (ex. 51 e 52), para dar ênfase (ex. 44 e 45), em formas vocativas (ex. 50) e em certos tipos de coordenação (ex. 46 a 48).

A parataxe funciona, também, para aumentar a força ilocucionária de certos atos da fala, como comandos ou pedidos (cf. seções 9 e 11).

Outra função possível da parataxe é a modificação (o que é, ao meu ver, diferente do esclarecimento, por ter mais uma função aposicional do que a de esclarecimento. Isto é, enquanto o esclarecimento pode ser visto como um tipo de inserção feita na hora, a modificação parece ser uma especificação aposicional e planejada de um determinado constituinte).

(54) poiooí soxóá xa-xoba-áp -i
 nome próprio já ? -ver -puntiliar-epentético

-ta -á hoaagái xáisi
 -iterativo-remoto espécie de fruta suco

tai -p -i -sai hoaagái
 beber-imperfectivo-epentético-nominalizador espécie de fruta

"poiooí já está procurando a fruta, a fruta que tem suco para beber"

(55) ti xoba-i -sog -abagái
 1 ver -epentético-desiderativo-iniciativa frustrada

hiaitíihi ti xahaigí
 pirahã 1 irmão

"eu quero ver os pirahã, meus irmãos"

Ao concluir esta seção sobre a parataxe locucional, poderíamos notar que, em relação à coordenação, a forma mais comum de encadeamento sintagmático de locuções independentes é a parataxe, apesar da existência de píaii, a partícula conjuntiva (cf. seção 8).

2.3. Cláusulas

2.3.1. Cláusulas matrizes

A justaposição de cláusulas matrizes é vista mais explicitamente em exemplos não elípticos. Seria difícil distinguir entre a parataxe elíptica de cláusulas e a justaposição de locuções verbais numa língua do tipo SOV. Embora futuramente se possa encontrar critérios através dos quais casos poderiam ser distinguidos de modo não ambíguo, no momento, consideramos apenas os exemplos em que o sujeito é repetido junto com o elemento verbal. Isso não é suficiente como critério, já que os imperativos e outras forma de cláusulas necessariamente não conterão um sujeito claro ("overt").

(56) hi xaho -áti kohoibíhai gáta
3 falar-incerteza nome próprio alumínio

bogá-a-á -xai hi gáta gaigá
sair-?-remoto-atélico 3 alumínio amarrar

-a-á -hoí -hai
-?-remoto-ingressivo-certeza relativa

(?)

"fale para kohoibíhai, o alumínio está saindo,
(para) ele amarrar o alumínio"

(57) hi hoagá xa-xapá -bó -í
 3 contra-expectativa ? -atirar-vir-próximo

-hi ti hoagá
 -certeza completa 1 contra-expectativa

xís -apaí ba-xap -áo -b
 3(animal)-cabeça ? -atirar-télico-perfectivo

-á -há xoig -iig -ã
 remoto-certeza relativa morrer-continuativo-remoto

"embora ele tivesse atirado (nele), embora eu tivesse atirado na cabeça (dele), (ele) ainda está morrendo (=não está morto)"

2.3.2. Cláusulas subordinadas

A justaposição de elementos em cláusulas subordinadas ocorre, embora seja raro.

(58) xipóihí xab -óp-ai -so xaxái
 mulher virar-ir-atélico-temporal nome próprio

xipóihí ti xahá-p -i -t -aó
 mulher 1 ir -imperfectivo-próximo-iterativo-temporal

"quando a mulher voltar, a mulher de xaxái, eu irei (embora) de novo"

Outro exemplo possível de parataxe em cláusulas subordinadas se acha nos complementos citacionais. Já que uma discussão sobre isso pressupõe uma

análise das "construções citacionais", para uma exposição clara, reservo essa discussão para a seção número 14.

2.4. Conclusão

Fonologicamente, exemplos de parataxe locucional ou clausal manifestam padrões entonacionais independentes para cada elemento justaposto. Em ambos os tipos há geralmente uma pausa entre os elementos ligados. Essa pausa não aparece de forma tão consistente nas locuções como nas cláusulas. Nos casos em que não há pausa marcada, é comum que a separação seja marcada pela entoação, através de uma queda aguda seguida por uma entoação ascendente ascendente no limite do constituinte. O exemplo 49 representa esse caso.

3. Elipse

3.1. Omissão de constituintes não verbais

Como foi mencionado na discussão anterior, quaisquer dos constituintes não verbais (sujeito, objeto, objeto oblíquo etc.) pode-se omitir. Se fôssemos incluir um número maior de fenômenos pragmáticos na nossa descrição, como a permutação de estruturas sintáticas na conversação, então, obviamente, seria muito mais difícil colocar restrições sobre os constituintes onde ocorre a elipse. Por essa razão, a análise da elipse aqui apresentada trata sobre dados encontrados em monólogos e não da conversação em si. Obviamente, tal restrição é um pouco artificial, mas útil para nossos fins no momento. (Em outras palavras, é uma restrição epistemológica. Cf. o capítulo II.)

(59) hoaoíi baábi hi xaagá hóísai xáa
 espingarda ruim 3 estar podre ?

"a espingarda está muito ruim, está podre"

A elipse no exemplo 59 é clara: hoaoíi "espingarda" é omitida na segunda cláusula hóísai xáa "está podre".

A elipse também ocorre entre sentenças, tais como:

(60) hiaitíi xigía xahoa-op-ai
 pirahã associativo falar-ir-atélico

-sog -abagaí
 -desiderativo-iniciativa frustrada

"(ele) queria falar com os pirahã"

O exemplo anterior é elíptico porque o sujeito aparece na sentença anterior, no discurso do qual o exemplo foi extraído.

3.2. Condições

Para que um elemento possa ser omitido, existe, segundo os dados, uma condição básica relacionada à noção de "reconstituição" (mas não necessariamente no sentido formal da lingüística chomskyana). Essa condição é que o elemento omitido precisa aparecer na sentença anterior.

(61) poogahai xibá -bog-á xib -áo
 flecha bater-vir-remoto bater-télico

-b -í -i
 -perfectivo-próximo-certeza completa (?)

"(eu) acertei (a cobra) com a flecha"

A informação entre parênteses na tradução provem da sentença anterior no discurso e é dada novamente na sentença posterior. Note-se a ênfase paratática dada através da repetição do elemento verbal.

3.3. Elipse em estruturas coordenadas

A omissão de elementos under identity em estruturas coordenadas é também comum (isso tem sido observado em certas configurações paratáticas, como no exemplo 61, acima). A omissão de elementos verbais é também possível, mas apenas em estruturas coordenadas.

(62) xogiágaó xis ohoa -í
 todo 3 (animal) procurar-próximo

-háí kabatií xipóihíí píaií
 -certeza relativa anta mulher também

"todos procuram a anta, as mulheres também (a procurarão)"

Nesse exemplo, xipóihíí píaií "mulheres também" é uma cláusula elíptica com o elemento verbal omitido, que está entre parênteses na tradução.

(63) hi kági pio xait -á -há
 3 esposa também dormir-remoto-certeza completa

tihóá xait -a pío hoahóá
 nome próprio dormir-remoto também nome próprio

xait -a pío tapái píaii
 dormir-remoto também nome próprio também

"a esposa dele está dormindo, tihóá está dormindo também,
 hoahóá está dormindo também, tapái (está dormindo) também"

Note-se que nas cláusulas sucessivas ao exemplo 63 ocorre a omissão do sufixo verbal, há, e a omissão do elemento verbal inteiro no último conjunto (tapái píaii "tapái também").

(64) gíxa xa-oho -i -koí páohoi bobói
 2 ? -comer-próximo-enfático pão bombom

píaii gíxai xaí -so xai -hiab
 também 2 estar-temporal fome-negativo

-i -koí kapíi píaii
 -próximo-enfático café também

"você comerá muito pão e bombom, quando estiver (na minha casa), você não terá fome, café também (você terá)"

3.4. Conclusão

Não existe nenhum marcador formal de elipse. Construções elípticas, de acordo com as condições do ponto 3.2., são freqüentes em discursos. Como foi mencionado, um estudo completo da elipse irá requerer uma análise da conversação. Alguns comentários a este respeito se encontram na seção 9.

4. Reflexivos e recíprocos

4.1. Reflexivos

4.1.1. Expressão da reflexividade

A reflexividade se exprime sintagmaticamente no pirahã. Isto é, não existem formas verbais ou pronominais que expressem a reflexividade. Ela é uma função de encadeamento linear e de fatores pragmáticos. Em estudos anteriores sobre o pirahã, SS falou da existência de um pronome reflexivo, si, empregado ocasionalmente em variação livre com os pronomes normais.

(65) ti ti xib -áo -b -a-í -xi
 1 1 bater-télico-perfectivo-?-próximo-certeza completa

"eu me bati"

(66) ti si xib -áo -b -a-í xi
 1 reflexivo bater-télico-perfectivo-?-próximo-certeza completa

(i) "eu me bati" ou (ii) "eu bati nalgum animal"

Embora não haja evidência conclusiva para provar ou não esta análise, no momento sou céptico. A tradução no exemplo 66 seria "eu bati nalgum animal", devido a interpretação do si- como uma forma de xisi, pronome para

animais. Frequentemente os pirahã modificam uma sentença pragmaticamente anômala para obter algo mais inteligível. Uma frase menos estranha seria "eu bati algum animal". Porém, pode ser que SS esteja certo. A dúvida está na falta de observação desse pronome com sentido reflexivo.

Outros exemplos de reflexivos, de uma forma paradigmática com as formas não reflexivas, são:

(67) ti gí xib -áo -b -á -há
1 2 bater-télico-perfectivo-remoto-certeza completa

"eu te bati"

(68) ti hi xib -áo -b -á -há
1 3 bater-télico-perfectivo-remoto-certeza completa

"eu o bati"

(69) gí ti xib -áo -b -á -há
2 1 bater-télico-perfectivo-remoto-certeza completa

"você me bateu"

(70) hi ti xib -áo -b -á -há
3 1 bater-télico-perfectivo-remoto-certeza completa

"ele me bateu"

(71) ti ti xib -áo -b -á -há
1 1 bater-télico-perfectivo-remoto-certeza completa

"eu me bati"

(72) gí gí xib -áo -b -á -há
 2 2 bater-télico-perfectivo-remoto-certeza completa

"você se bateu"

(73) hi hi xib -áo -b -á -há
 3 3 bater-télico-perfectivo-remoto-certeza completa

"ele se bateu"

4.1.2. Problemas de referência e formas plurais

Como se vê na seção 16, não há pronomes plurais no pirahã. O coletivo geral xogiágaó "todos" é discutido abaixo (4.2.) e na seção 16. Devido a omissão existente nos pronomes, uma maneira comum de expressar o reflexivo plurais é expressar o pronome hi "3" e listando os nomes dos participantes depois do sintagma verbal. Essa listagem segue um padrão geral (cf. seção 9) de estratégias pragmáticas para esclarecer que os nomes próprios na posição pós-verbal servem para desambiguar a referência das formas pronominais na posição pré-verbal. Isso pode envolver um ou mais participantes.

(74) hi hi xib -áo -b -á -há
 3 3 bater-télico-perfectivo-remoto-certeza completa

xoogiái tihóá
 nome próprio nome próprio

"xoogiái bateu em tihóá"

(75) hi hi xib -áo -b -á -há xogiágaó
 3 3 bater-télico-perfectivo-remoto-certeza completa todos

"todos se bateram"

(76) hi hi xib -áo -b -á -há
 3 3 bater-télico-perfectivo-remoto-certeza completa

kohoibiíhai xipoógi píó xaxái píaii
 nome próprio nome próprio também nome próprio também

"eles se bateram, kohoibiíhai (se bateu),
 xipoógi (se bateu) também etc."

O exemplo 76 representa a maneira mais comum de expressar o reflexivo plural, ou seja, através desse tipo de enumeração (elíptica, já que o verbo não aparece nos conjuntos pós-verbais).

De qualquer maneira, a noção de reflexividade é raramente expressa (nos dados). Isso, aparentemente, se deve à ambigüidade que é resultante da simplicidade do sistema pronominal.

4.1.3. Escopo da reflexividade

Percebe-se que a reflexividade é operante através dos limites clausais, somente à medida que se subentende o objeto direto da cláusula encaixada no contexto referindo-se, do mesmo modo, ao sujeito da cláusula matriz.

(77) hi hi xobai-so hi bai xaag-ábai
 3 3 ver -temporal 3 medo ter -término frustrado

"depois que ele se viu, ele quase ficou com medo"

Neste caso, embora a forma controlando o "reflexivo" esteja na mesma cláusula subordinada, ela tem o mesmo referencial do pronome da cláusula matriz. Mesmo que não haja exemplos de controle direto através dos limites de cláusulas, espero achá-los, de acordo com a condição acima.

4.1.4. Função sintática do reflexivo

Esta discussão tem sido superficial, já que a reflexividade, embora seja uma noção exprimível no pirahã, não possui nenhuma substância sintática ou morfológica (cf. a discussão ou os conceitos da teoria de "vinculação" no terceiro capítulo). Não é tratado de outro modos nas outras relações de sujeito-objeto na língua. Por estas razões, talvez seja melhor visar a reflexividade como uma noção puramente semântica no pirahã.

4.2. Recíprocos

A noção de reciprocidade possui aproximadamente o mesmo status no pirahã quanto a reflexividade. Porém, existe uma forma semi-recíproca que pode ser empregada para expressar essa noção. Isto é, o pronome coletivo, xogiágaó "todos". Portanto, há sentenças como:

(78) xogiágaó hi xobai-xiig -á
 todos 3 ver -continuativo-remoto

(i) "todos vêm todos" ou (ii) "todos o vêm" ou (iii) "todos vêm"

A ambigüidade do exemplo 78 provém da ambigüidade do pronome hi "3", como já foi discutido.

Se for realmente necessário expressar a noção de reciprocidade sem ser ambiguo, então, é melhor listar os participantes:

(79) xogiágaó hi hi xib -áo -b -a
 todos 3 3 bater-télico-perfectivo-?

-í -xi xabagi kóxoí xiooitaóhoagí
 -próximo-certeza completa nome próprio nome próprio nome próprio

"todos se bateram, xabagi, kóxoí e xiooitaóhoagí"

Nos dados acima se nota que ilustramos os reflexivos e os recíprocos com apenas dois verbos. Isso se deve tanto à dificuldade de observar esses tipos de cláusulas em material textual ou de elicitá-los com outros verbos, como ao fato de nunca ter observado o uso de tais formas na fala espontânea. Dados surgiram através do processo de staging, aonde "criei" certas situações (através de descrições e de ações) e depois gravei a descrição dado pelo meu informante.

5. Passivas

Não existem construções passivas no pirahã, embora haja uma maneira de reduzir o valor do verbo. Isso é discutido em mais detalhes na seção 15.4., já que envolve o nominalizador -sai. O uso mais comum desse sufixo se vê nas construções citacionais (seção 14).

Outro uso de -sai é possível nominalizando uma locução transitiva para produzir nominações de sujeito ou objeto.

(80) (a) hi kahaí kai -xiig -á
3 flecha fazer-continuativo-remoto

"ela está fazendo uma flecha"

(b) kahaí kai -sai
flecha fazer-nominalizador

"fábrica(ção)(dor) de flechas"

(81) (a) hi xií kai -p -i -haí
3 coisa fazer-imperfectivo-próximo-certeza relativa

"ele fará coisas"

(b) xií kai -sai
coisa fazer-nominalizador

"fabrica(ção)(dor) de coisas" (ou simplesmente "fábrica")

Esse é o único método para reduzir o valor dos verbos no pirahã.

6. Causativos

SS descreveu o sufixo verbal -bo como um elemento causativo (divisões morfológicas e tradução são de SS):

- (82) (a) xik -oho -a -bo -i
 3 sg-comer-durativo-causativo-incompletivo
- sogi -hiab -iig -á há -taio
 -desiderativo-negativo-continuativo-imediato-razão
- "portanto, ele ficou não querendo fazê-lo
 comer naquele momento"

Porém, na minha análise (e na de KE), a tradução e divisões morfológicas correspondentes ao exemplo 82a seriam:

- (b) xi koho -ab -boi-sog -i
 3 comer-ficar-vir-desiderativo-epentético
- hiab -iig -á -há -taio
 -negativo-continuativo-remoto-certeza-razão completa
- "portanto, ele veio ficar (no estado de) não querendo comer"

Isto é, na minha análise a função de -boi não está relacionada com a de causativização. Não conheço nenhum outro sufixo que teria esse papel.

Normalmente, a expressão de causa se realiza através do verbo xibíib "mandar".

(83) ko xoogiái gõi tiobáhai
 vocativo nome próprio 2 criança

xibíib-a -áti xab -óp-i -sai
 mandar-remoto-incerteza virar-ir-epentético-nominalizador

"ei, xoogiái, mande o seu filho voltar"

(84) ti gíxaí xibíib-i -sog
 1 2 mandar-epentético-desiderativo

-abagaí kahiaí kai -sai
 -iniciativa frustrada cesta fazer-nominalizador

"eu quero mandar você fazer uma cesta"

Nestes exemplos, o objeto da cláusula matriz é o sujeito que se subentende na cláusula subordinada. Isto é, não há outros sujeitos possíveis para a cláusula encaixada, além do objeto da cláusula matriz.

Outras indagações sobre os causativos são necessárias para verificar ou não hipótese de que não há uma maneira morfológica para expressar a causitivização ou aumentar o valor do verbo.

Um contra-exemplo possível a essa afirmação se encontra no exemplo número 100. É possível que o verbo xai "fazer" esteja funcionando como um sufixo causativo. Essa questão, portanto, fica em aberto, esperando futuros estudos com falantes nativos.

7. Comparativos e Equativos

7.1. Comparativos e equativos locucionais

Na literatura há uma distinção entre o que se chama de "cláusula equativa" e "expressão equativa". Na cláusula equativa não há elementos verbais; na expressão equativa estamos atribuindo certas qualidades a uma entidade ou pessoa e pode haver elementos verbais na expressão. As cláusulas equativas são discutidas na seção 1. Aqui discutiremos as expressões equativas e as comparativas.

Em relação às equativas, destaca-se a importância da partícula comparativa xigiábií "semelhante", "como".

(85) giopaí gáihí kapióxió xigiábií
cachorro aquele outro como

"aquele cachorro parece/ é semelhante a outro (cachorro)"

(86) xagí gahióó xogi ái xixi pii xigiábií
caminho avião grande ser-enfático-água como

"a pista é grande, como o rio"

A comparação é geralmente expressa parataticamente. Além da exceção possível, discutida abaixo, não encontra nenhum exemplo claro de comparação não paratática. Geralmente, tentativas de colher construções comparativas têm sido frustradas (utilizando métodos tais como o arranjo de grupos de lápis, flechas, crianças, cestas etc. segundo o seu comprimento, largura etc.). O resultado dessa pesquisa se vê em exemplos como 87 e 89, abaixo.

(87) kapiigaxiítoii xogí gáihi kapiigaxiítoii
 lápis grande aquele lápis

kóihi gáihi
 pequeno aquele

"aquele lápis é grande; aquele lápis é pequeno"

(88) gái kóihi -hi xigí xaaga-há
 aquele pequeno-enfático associativo estar-certeza completa

"aquele é muito pequeno" (=está associado com o traço pequeno)

(89) xogi ái -sisi gáihi
 grande ser-enfático aquele

"aquele é muito grande"

Uma possível exceção na ausência de uma expressão morfológica de comparação acha-se no exemplo 90:

(90) xogi -ógi xigí ai kap-í -hai
 grande-grande associativo ser ir -próximo-certeza relativa

"o maior vai" (uma tradução mais livre sendo:

"aquele é grande mesmo")

Não tenho certeza sobre a função do verbo kapihai "ir", no exemplo anterior. Parece estar funcionando, nesse caso, junto com ai "ser", como um verbo de estar. Isso é provavelmente uma construção idiomática. Também, a repetição (ou reduplicação) do adjetivo xogi "grande" é provavelmente um

tipo de ênfase a ser traduzida por "grande mesmo". Nesse caso, a comparação é expressa indiretamente.

(91) kóíhi ai xai-hí kap-i -háí
pequeno ser ser-enfático ir -próximo-certeza relativa

"(aquele) é pequeno mesmo"

O exemplo 91 recebe a mesma explicação dada no caso anterior, no exemplo 90.

Construções como as dos exemplos 90 e 91 devem ser consideradas enfáticas em vez de simplesmente comparativas. Quando justapostas a outras num contexto mais abrangente do que é visto aqui, são traduzidas como comparativas.

7.2. Comparativos e equativos clausais

7.2.1. Como são expressos

A comparação clausal é semelhante à locucional:

(92) xoogiái hi báag -a -há
nome próprio 3 vender-remoto-certeza completa

kóíhi xisaitaógií hi báag -a -há
pequeno nome próprio 3 vender-remoto-certeza completa

xogi -ógi -hí
grande-grande-enfático

"xoogiái vende pouco, xisaitaógií vendia muito mais"

(93) hiapióxió xihibaí baábi gíxai xihibaí-baáí
outro pagar ruim 2 pagar -muito

"outros pagam mal, você paga bem"

(94) xoogiái hi xob-áaxaí xapaitísi hi
nome próprio 3 ver-bem língua pirahã 3

xahoai-sai hiaitíhí xigiábi-kói
falar -nominalizador povo pirahã como -enfático

"xoogiái, ele sabe falar bem a língua pirahã, como os pirahã mesmo"

7.2.2. Elementos que podem ser omitidos

Como foi o caso do exemplo 94 e de outros, quando duas cláusulas estão justapostas (ou uma subordinada à outra), certos elementos podem ser omitidos.

Normalmente, a informação omitida ou apagada é recuperável no sentido de que é precisamente o ponto de comparação que é omitido e, portanto, está presente na primeira cláusula. Outros exemplos de omissão ou apagamento em cláusulas comparativas são:

(95) xisaitasóí hi kapiigakagakai-baí
nome próprio 3 estudar -intensivo

xoi baábi-so ti baábi-koí
tempo ruim -temporal 1 ruim -enfático

"quando o tempo está bom, não fico doente,
quando o tempo está ruim, fico doente"

Como mostra o exemplo 97, a expressão da correlação se conforma ao padrão geral dos comparativos por usar a parataxe na construção básica.

8. Conjunção

8.1. Conjunção clausal

A maneira usada para ligar cláusulas é através do uso da partícula conjuntiva píaii "também", "e". Várias cláusulas ou locuções podem ser unidas por esse elemento.

(98) tiobáhai xiaíba xait -á -hóí
criança muito dormir-remoto-ingressivo

xaogihí kagihí píó xait -á -hóí
estrangeira esposa também dormir-remoto-ingressivo

"Muitas crianças estão dormindo, a esposa estrangeira também dorme"

No exemplo 98 a partícula píaii é marcada com o sufixo oblíquo -o. Isso se deve à subcategorização dessa posição pelos verbos como xaiti "dormir". Ver o terceiro capítulo para uma discussão mais ampla sobre subcategorização e estrutura de locução verbal.

(99) hi kagí pío xait -á -há
 3 esposa também dormir-remoto-certeza completa

tihóá xait -a pío hoahóá
 nome próprio dormir-remoto também nome próprio

xait -a pío tapáí píaii
 dormir-remoto também nome próprio também

"Sua esposa está dormindo, tihóá está dormindo também,
 hoahóá está dormindo também, tapáí (está dormindo também)."

Como mostram esses exemplos, o morfema píaii - pío pode preceder ou seguir o verbo da cláusula ligada.

A informação repetida é freqüentemente marcada por uma elipse, como se vê nos exemplos de 98 a 100.

(100) gíxa xa-oho -i -koí páohoi bobói
 2 ? -comer-próximo-enfático pão bombom

píaii gíxai xaí -so xai -hiab -i -koí
 também 2 estar-temporal fome-negativo-próximo-enfático

ti gíxai xai -kab -aí -í -koí
 1 2 fome-negativo-fazer-próximo-enfático

kapíi píaii kapíi ti -háí
 café também café beber-certeza relativa

"Você comerá muito pão doce; você não estará com fome; eu te farei sem fome; café também você beberá".

Ver a omissão de gíxai "você" na última cláusula do exemplo 100. Também pode-se notar que os verbos, ou o verbo, tendem a ser simplificados ou até omitidos numa série coordenada (cf. 3.3.).

Para resumir, o material elíptico em conjunções pode ser: (1) o sujeito - quando for entendido claramente pelo contexto; (2) o predicado - quando for igual ao da cláusula anterior (pelo menos na raiz verbal); (3) qualquer outra informação recuperável do contexto. O elemento píaii tem que ser repetido depois da segunda ou terceira cláusula.

8.2. Conjunção locucional

O método de conjunção locucional é semelhante ao de cláusulas exceto que, nos meus dados, a partícula píaii "também", "e", só precisa aparecer na última locução da série.

(101) ti soxóá xiak -áo -p -á
 1 já pedir-télico-imperfectivo-remoto

-há baósaí xagikoaísai píaii
 -certeza completa pano cobertor também

"eu já pedi pano e um cobertor"

Porém, se o falante está fazendo uma lista maior, esquece-se de algo, ou se está reconstruindo a lista lentamente e de memória, então píaii (ou pío, cf. 8.1.) seguirá cada item.

(102) ti xágaísi xao -xaagá gihió -kasí
 1 farinha posse-ter feijão-marcador de classe

hai kapí píaai tixisi píaai
 hmm (dúvida) café também peixe também

"eu tenho farinha, feijão, hmm, café também, peixe também"

8.3. hoagá

Esta partícula é desenvolvida mais detalhadamente nas seções de números 21 e 22. Funciona para subordinar uma sentença a outra. Sua tradução mais geral seria "mas", embora o sentido completo seja um pouco mais complexo. Ao contrário de píaai "também", hoagá nunca liga mais de duas cláusulas de acordo com os dados.

(103) hi toio xaagá hoagá xopáohoai-baf
 3 velho ser mas trabalhar-intensivo

"ele é velho mas trabalha muito"

(104) ti soxóá koho -ao -p -á
 1 já comer-télico-imperfectivo-remoto

hoagá koho -ai -p -i -haí kapióxió
 mas comer-atélico-imperfectivo-próximo-certeza relativa outro

"já comi, mas vou comer de novo"

8.4. Coordenação disjuntiva

Não tenho observado qualquer palavra traduzível para o elemento disjuntivo "ou". Normalmente a coordenação disjunta se realiza através da justaposição de cláusulas ou, em certas instâncias; por uma conjunção mais o elemento negativo, hiab. A justaposição se vê em exemplos como:

(105) ti xísi xibá -bo -i -haí
1 3 (animal) flechar-mover-próximo-certeza relativa

hai ti xoi kahá-p -i
hmm (dúvida) 1 mato ir -imperfectivo-próximo

-haí hai
-certeza relativa hmm (dúvida)

"vou pescar (ou) talvez irei ao mato (=caçar)" (literalmente,
a tradução seria: "vou pescar, hmm, vou ao mato"

A negação da conjunção é também uma maneira de expressar a disjunção (recordativo das leis de Morgan):

(106) ti kabatifogí xogi -hiab -iig -á
1 (carne de) boi querer-negativo-continuativo-remoto

kosíva píaii tíxisi xabaxáígio
carne enlatada (conserva) também peixe somente

"eu não quero carne de boi, também (não quero) carne enlatada,
somente (quero) peixe" (=não quero carne de boi nem carne
enlatada, mas sim, peixe)

(107) tiobáhai koho -ai -hiab -a tomááti
criança comer-atético-negativo-remoto tomate

gihió -kasí pío taí píaii
feijão-marcador de classe também folha também

"as crianças (pirahã) não comem nem tomates,
nem feijão nem alface"

8.5. Observações gerais

8.5.1. Omissão de constituintes na conjunção (cf. 3.3. acima)

8.5.2. Expressão da comitativa

A comitativa se exprime ou por píaii "também" ou xigjó "com". Portanto, o exemplos 108 e 109 são semelhantes, mas não iguais no seu significado:

(108) hoagaixóxai h1 soxóá kahá-p
nome próprio 3 já ir -imperfectivo

-i -tá gitopaáso piáii
-próximo-iterativo nome próprio também

"hoagaixóxai já saiu, gitopaáso também"
(ou, "gitopaáso foi com hoagaixóxai")

(109) (a) gitopaáso xi soxóá kahá-p
 nome próprio 3 já ir -imperfectivo

-i -tá hoagaixóxai xigíó
 -próximo-iterativo nome próprio associativo

(b) gitopaáso xi soxóá hoagaixóxai
 nome próprio 3 feminino já nome próprio

hi xigíó kahá-p -i -tá
 3 associativo ir -imperfectivo-próximo-iterativo

"gitopaáso já saiu com hoagaixóxai"

Note-se que com xigíó "associativo" a locução preposicional pode preceder ou seguir o verbo (semelhante ao Heavy Shift discutido anteriormente).

A diferença básica nos significados dos exemplos 108 e 109, ou seja, entre as cláusulas comitativas com píaii vs. as com xigíó é a relação entre os participantes e a natureza da ação. píaii implica em duas ações, cada uma com seu próprio sujeito. Portanto, o exemplo 108 significaria algo como "X saiu e Y também saiu". Em outros termos X e Y poderiam ter saído juntos ou separadamente, dependendo do contexto; por outro lado, o exemplo 109 implica em uma ação só, ou seja, Y foi parte da ação de X.

8.5.3. Restrições sobre a conjunção

O pirahã tende a evitar estruturas coordenadas a não ser que, como nos exemplos anteriores, cada item da conjunção repita ou pressuponha (através da elipse) o verbo da primeira cláusula da conjunção. Outrossim, cláusulas que apresentam informação não relacionadas são expressas independentemente.

- * (110) ti kapíi ti -hiab -i -haí
 l café beber-negativo-próximo-certeza
- taoá kahá-p -i
 relativa nome próprio ir -imperfectivo-epentético
- hiab -i -haí píaii
 -negativo-próximo-certeza relativa também

* "eu não beberei café e taoá não irá também"

* O exemplo 110 não é permitido. Isso provavelmente se deve à natureza do elemento conectivo píaii que serve primariamente para marcar a informação compartilhada entre os itens ligados (como "também", no português).

Locuções nominais parecem permitir o uso da conjunção livremente, com poucas restrições. Isso se deve a pelo menos dois fatores: primeiro, locuções nominais tendem a ser simples, sem muitos modificadores. Portanto, a conjunção de duas ou mais locuções (cf. 8.2.) normalmente não resulta em configurações complexas (i.e. configurações longas), as quais o pirahã geralmente evita. Segundo, locuções nominais ligadas possuem um verbo em comum (cf. os comentários iniciais desta seção).

9. Estratégias pragmáticas

9.1. Introdução

Muitos dos itens a serem discutidos nesta seção ainda não estão muito claros e, portanto, a análise e os comentários abaixo devem ser considerados tentativas. Por outro lado, há vários aspectos desta área que entendemos relativamente bem. Tentarei manter o leitor informado quanto à confiabilidade das conclusões oferecidas.

9.2. Topicalização

9.2.1. Introdução

Como se vê em seções anteriores (e.g. 1.2.; 2.1. etc.), certos constituintes podem aparecer fora de suas posições não marcadas dentro de uma entidade numa posição marcada à esquerda, à direita ou em ambas as posições simultaneamente. Tenho chamado todas essas possibilidades de "topicalização" (o que não se deve confundir com a noção formal de tópico da teoria gerativa - cf. o terceiro capítulo).

(111) pii -gió -xió xigáá -xai xagaoa-xai
 água-baixo-direção viajar-estar canoa -instrumento

"por canoa, ele viaja rio abaixo"

(112) tíihí hi bigí kaob-á -há
 castanha do pará 3 terra cair-remoto-certeza completa

"a castanha, ela caiu à terra"

(113) paigí hi xob-áaxái paigí
 nome próprio 3 ver-muito nome próprio

"paigí, ele vê (=sabe fazer) muita (coisa)"

Os detalhes fonológicos destes exemplos serão discutidos abaixo (9.2.2.).

O tipo de topicalização que aparece em exemplos como o 113 é um argumento possível contra a análise dos métodos de topicalização como regras de movimento. A presença do pronome na posição não marcada que se refere ao elemento em uma das posições de tópico parece indicar que essas posições, ou pelo menos uma, são constituintes independentes (na medida em que elas são

"geradas pela base", expressão a ser discutida mais adiante, no terceiro capítulo).

(114) góí pii xoái -p -í
 2 imperativo água buscar-imperfectivo-próximo

pii xig -opa-í -haí
 água trazer-ir -próximo-certeza relativa

"você vá buscar água, traga água"

No exemplo 114 o elemento verbal se repete numa forma parafraseada. Isso seria a topicalização da ação. Outros exemplos sobre topicalização desse tipo são discutidos abaixo (9.5.) em termos de "força ilocucionária".

Para resumir, um estudo mais completo da topicalização no pirahã teria que propor uma análise das funções pragmáticas de cada subtipo desse fenômeno (topicalização à esquerda vs à direita vs a ambos simultaneamente). Tenho algumas idéias sobre isso no presente, mas são relativamente especulativas e, portanto, reservarei a discussão para um trabalho futuro.

9.2.2. Traços fonológicos da topicalização

Os aspectos fonológicos deste fenômeno são a pausa e a entoação associadas às configurações marcadas de constituintes. Isso se vê no exemplo 115, no qual // = pausa maior; / = pausa menor;  entoação ascendente.

(115) // xoogiái / hi xooáioaí / xoogiái //

nome próprio 3 brincar (?) nome próprio

"xoogiái, ele brinca (muito), xoogiái"

9.3. Esclarecimento/ênfase

9.3.1. Introdução

Embora os fenômenos pragmáticos de topicalização, esclarecimento e ênfase tenham certos traços em comum, existem certos critérios semânticos e sintáticos para distinguir entre eles.

Em termos sintáticos, nem o esclarecimento, nem a ênfase são expressos pelo aparecimento do elemento em foco nas posições inicial e final da sentença simultaneamente, como no exemplo 115. Outrossim, a ênfase, às vezes, se exprime pela repetição (especialmente nas construções quotativas com o verbo gai "dizer"). O esclarecimento não usa a repetição. Além do mais, a topicalização se opõe a ambos pelo uso de partículas especiais que marcam o tópico ao nível do discurso, o que não é o caso com o esclarecimento e a ênfase. Também, a ênfase é marcada, às vezes, pela sentença fonológica de exclamação, a qual não se associa com a topicalização ou com o esclarecimento.

Semântica ou pragmaticamente, as distinções entre esses três fenômenos são mais claras ainda. Assim, a topicalização marca o elemento mais relevante de uma determinada sentença ou seção de discursos (ou seja, "sobre o que estamos falando?"). O esclarecimento é a desambiguação de uma sentença ou o acréscimo da informação necessária para transformar uma sentença ininteligível numa sentença inteligível. A ênfase é usada para destacar um elemento importante (não necessariamente o tópico) ou algo imprevisto pelo contexto.

9.3.2. Como e quando expressos

O esclarecimento é usado freqüentemente com sentenças (potencialmente) reflexivas. Nesses casos, a referência é extremamente ambígua sem a informação esclarecedora.

(116) hi hi xib -áo -b -í -xi
 3 3 bater-télico-perfectivo-próximo-certeza completa

kapoíti xabíai
 nome próprio nome próprio

- (i) "eles se bateram, kapoíti (e) xabíai"; ou
- (ii) "kapoíti bateu em xabíai"

No caso, (i) seria a interpretação marcada e (ii), a não marcada. A ordem dos elementos na posição de esclarecimento é sempre de sujeito-objeto (não tenho registrado expansões maiores como sujeito-objeto oblíquo-objeto direto). Portanto, no exemplo anterior, foi kapoíti que bateu em xabiái na interpretação não reflexiva. Na interpretação reflexiva, a ordem é aparentemente irrelevante (isso precisaria de mais estudo para ser afirmado com certeza).

(117) ti xoá -boí-sog -abagaí gáihi pigáia
 1 comprar-vir-desiderativo-iniciativa frustrada aquilo tesoura

"eu quero comprar aquilo, a tesoura"

Exemplos como o 117 são observados especialmente quando muitos objetos estão presentes e o falante diz apenas, inicialmente, que quer comprar (o que não exige um objeto).

Em relação à ênfase, a forma mais comum que tenho observado é a sentença exclamativa (cf. Everett 1979).

(118) kahaibó [^] / kahaibo bogiaga
 ponta de flecha ponta de flecha torcer
 -hoag -á -há -taíó //
 -ingressivo-remoto-certeza completa-resultado

"portanto, a ponta de flecha não torce"

Em Everett (1979:27) esse tipo de sentença foi descrita da seguinte maneira:

"Começa como a sentença afirmativa e vai crescendo gradualmente. Este crescendo, porém, é marcado perto do início pela acentuação mais forte ([^]) no pico. Quando a entoação cai muito, o tom mais baixo da frase ocorre com ([^]). Daí a entoação começa a subir e os tons finais da sentença são bem mais altos do que os outros (desta sentença ou das sentenças afirmativas." - (cf. a seção número 22 para uma discussão mais ampla sobre a entoação no pirahã.)

Outro exemplo de ênfase é o número 119, a seguir.

(119) /potagiípaxaí / [^]pagó bií tífhi //
 Ponta Limpa pagou bem castanha

"A (castanha/chamado) Ponta Limpa, (ele) pagou bem pela castanha"

Esse exemplo, obviamente, contém várias palavras estrangeiras. Porém, como no exemplo 118, o elemento enfatizado (kahaibó, no ex. 118, e potagiípaxaí, no 119) está sendo enfatizado no discurso geral. O exemplo 118 provém de um discurso processual sobre a fabricação de flechas, enquanto que

o 119 provém de um texto narrativo sobre os comerciantes que compram castanha.

9.4. Comentários sobre traços gerais do discurso

9.4.1. A fala direta e a fala indireta

Existe uma preferência forte em todos os gêneros de discurso do pirahã para utilizar a fala direta e indireta. Isto é, os falantes nativos preferem usar expressões como "eu disse...", "ele dizia..." etc. em vez de fornecer uma relação puramente narrativa de um evento, processo etc. Uma discussão mais detalhada desse fenômeno se vê na seção de número 14. Um exemplo de discurso breve, que apresenta uma quantidade usual do traço mencionado é:

(120) (a) xoagiái hi xá-gá -a kokahá
 nome próprio 3 ? -dizer-remoto acordar

-p -i -t -áo
 -imperfectivo-próximo-iterativo-temporal

(b) kaopá-p -á -há
 sair -imperfectivo-remoto-certeza completa

xaí xab -op-ai -ta
 daí virar-ir-atélico-iterativo

(c) xoogiái hi xa-ga xahoigí-o
 nome próprio 3 ? -dizer tarde -oblíquo

(d) kaop-ái -ta -ha -á
 sair-atélico-iterativo-certeza completa-?

xopa-ta -há
 ir -iterativo-certeza completa

"xoogiái disse 'quando me acordar, sairei. Aí ele voltará.
 Ele disse (que) à tarde sairá, (ele) irá' "

Note-se que a informação nova, a palavra xahaigió "de tarde", neste caso, é geralmente introduzida por uma construção citacional. Na maioria dos textos que tenho registrado, as construções citacionais são empregadas para marcar mudanças significantes de participantes, tempo ou evento.

9.4.2. Nomes próprios

Apesar do fato de que outras línguas amazônicas, como o sateré (Alberto Graham, comunicação pessoal), tendem a evitar o uso de nomes próprios no discurso e na conversação cotidiana, o pirahã depende muito destes nomes para evitar a ambigüidade no discurso. Além do mais, é mais comum se dirigir a alguém pelo seu nome próprio (freqüentemente abreviado por uma ou mais sílabas). Mesmo os filhos dirigem-se aos seus pais pelos seus nomes próprios (embora a palavra baíxi "mãe/pai" esteja ficando cada vez mais popular).

De fato, nenhum discurso seria inteligível sem os nomes próprios para distinguir os participantes entre si. Um texto normal, de dois ou mais participantes, geralmente teria um nome próprio de duas em duas sentenças, segundo as mudanças de tempo, evento ou de participantes no contexto.

Por exemplo, nas primeiras linhas de um texto com quatro participantes, note-se o número de vezes em que o nome do personagem inicial é dado:

(121) (a) kohoibíhai hí gá -í -sai hoasígikoí
 nome próprio 3 dizer-epentético-nominalizador chumbo

(b) kosoí xib -áo -b -í -hi
 olho bater-télico-perfectivo-próximo-certeza completa

(c) kohoibiíhai hi gá -í -sai
 nome próprio 3 dizer-epentético-nominalizador

(d) ti xísi xigiíhi-oa kap -áo
 1 animal perto -maneira atirar-télico

-b -ábagáí
 -perfectivo-iniciativa frustrada

"kohoibiíhai disse (que) o chumbo bateu no olho dele.
 kohoibiíhai disse 'eu quase atirei nele (por estar tão) perto' "

9.5. Força ilocucionária

9.5.1. Introdução

Estamos usando o termo "força ilocucionária" no sentido de Searle (1969). Essa força se exprime no pirahã através da morfossintaxe, da fonologia e de outros fatores (não lingüísticos). Nesta seção tratamos apenas dos primeiros dois modos de expressão.

9.5.2. Na morfossintaxe

9.5.2.1. A repetição

A repetição se vê especialmente nas sentenças imperativas, mas também ocorre em sentenças afirmativas. Para aumentar a força pela qual um comando ou uma afirmação é feita, é comum repetir o conteúdo da locução verbal numa forma parafraseada (com mudanças na raiz verbal, no aspecto etc.).

(122) góí pii xoái -p -í pii
 2 água buscar-imperfectivo-próximo água

ig -op-a-í -haí
 corre-ir-?-próximo-certeza relativa

"busque água, traga água!"

(123) ko xoogiái ti soxóá toipií
 vocativo nome próprio. 1 já parintintin

koba-í -xi toipií hi
 ver -próximo-certeza completa parintintin 3

xaíbíbái pii -boó -xio
 muito água-acima-direção

"ô, xoogiái, eu já vi os parintintins"

Outro tipo de repetição é aquele em que o comando ou a afirmação é primeiro colocada numa forma positiva, depois numa forma negativa (ou vice-versa):

(124) xaoói xao hi xahoa-í -sahaí
 estrangeiro ? 3 falar-próximo-negativo imperativo

xapaitíisi hi xahoa-áti
 língua pirahã 3 falar-incerteza

"não fale (uma) língua estrangeira, fale pirahã"

(125) ko hoahóá pii -ó -xio
 vocativo nome próprio água-locativo-direção

xai -saháí big -ó xab -a -áti
 fazer-negativo imperativo terra-locativo ficar-remoto-incerteza

"ô, hoahóá, não vá não água. fique na terra"

(126) kai ohoa-o xab -a -áti ti
 casa lado-locativo ficar-remoto-incerteza 1

xigíó xai -sahaxáí
 associativo fazer-negativo imperativo

"fique ao lado da casa, não venha comigo"

9.5.2.2. Marcadores morfológicos da força ilocucionária

Entre outras maneiras de aumentar a força ilocucionária, pode-se usar sufixos verbais de ênfase. São três os sufixos enfáticos: -koí, -baí e -xi(xi)-.

Embora não entendamos completamente as diferenças semânticas entre esses sufixos, sabemos que:

(i) -baí e -koí podem co-ocorrer em certas sentenças;

(ii) -xi(xi) (o parêntese indica que a segunda sílaba é facultativa) ocorre com modificadores e em expressões equativas.

(127) (a) xaoóí xogi ái
 estrangeiro grande ser

"o estrangeiro é grande"

(b) xaoói xogi ái -xixi
 estrangeiro grande ser-enfático

"o estrangeiro é muito grande"

(128) baíxi hi xagí -baí -kof
 pai 3 brincar-intensivo-enfático

"(meu) pai brinca muito"

-kói ocorre em sentenças negativas como:

(129) xagáfsi kab -í -kói
 farinha negativo-epentético-enfático

"não tem farinha (de mandioca)"

Porém, o sufixo -baí, com o sentido de 'intensivo', não ocorre em locuções negativas.

* (130) xagaísi kab -í -baí
 farinha negativa-epentético-intensivo

"não tem farinha"

Entretanto, esses sufixos são muito frequentes na fala cotidiana e, portanto, a diferença na força ilocucionária marcada por eles é relativamente baixa em relação aos outros modos de marcá-la. (cf. também 10.1., abaixo)

9.5.2.3. Partículas que marcam a força ilocucionária

Veja as seções de números 21 e 11.2.1.2.

9.5.3. Marcação de força ilocucionária pela fonologia

Veja a discussão de sentenças exclamativas nas seções 2.2.4.1.; 9.2.2.; e 22.1.1.3.

9.6. Conclusão

Existem muitos outros traços pragmáticos do pirahã que precisam ser descritos; a seção 21 descreve alguns. Tenho iniciado um estudo dos atos da fala no pirahã, o qual tem revelado vários fatos interessantes. Talvez, em estudos futuros de línguas indígenas, vejamos que a pragmática é a área de maior divergência entre essas línguas e as línguas das sociedades mais tecnológicas (uma sugestão que ouvi originalmente de John Searle que parece extremamente interessante).

10. Interrogativos

10.1. Perguntas do tipo sim/não

10.1.1. Introdução

Existem vários marcadores de perguntas do tipo sim/não em pirahã. Há, por exemplo, quatro marcadores morfológicos que variam em relação à sua expressão de pressuposição ou limitações impostas pelo falante no conteúdo proposicional da resposta ou o efeito perlocucionário da pergunta no ouvinte. Nos atos de fala indiretos, essas diferenças morfológicas são relacionadas à força ilocucionária (cf. Everett, na preparação). As mesmas

forneem evidênciã da influênciã da pragmãtica na morfossintaxe. Certas perguntas desse gênero podem ser marcadas fonologicamente. Cada um desses tipos é discutido a seguir.

10.1.2. Marcação fonológica

(131) xagaísi xao -xaag-iig -á
 farinha posse-ter -continuativo-remoto

"será que tem farinha ainda?"

(132) gí xáop -í -hiab -a
 2 bravo-epentético-negativo-remoto

"você não está com raiva?"

Embora a entoação ascendente também ocorra nas sentenças afirmativas (seção 22), nas interrogativas, como nos exemplos 131 e 132, o início e o fim do contorno entonacional são mais baixo e mais alto, respectivamente, em relação ao outro do que o das afirmativas.

Essa marcação entonacional se vê principalmente em situações marcadas claramente pelo contexto como nas interrogativas. Em outros casos, a morfologia verbal marca o modo interrogativo. (Frequentemente os pirahã usam a marcação morfológica quando falam comigo. Na minha opinião isso é para não me "perder" na conversa.)

10.1.3. híx

O primeiro marcador morfológico a ser discutido aqui, híx é considerado como marcador clausal da interrogação em vez de verbal, devido a certas peculiaridades fonológicas e sintáticas que possui. híx ocorre com todos os tipos de interrogação (cf. 10.2.), mas é mais comum nas perguntas sim/não. Embora ligado fonologicamente ao verbo, parece-me que híx é melhor entendido como um marcador morfológicamente independente da interrogação. Sintaticamente, essa possibilidade é plausível, já que híx nunca aparece à esquerda de nenhum dos sufixos verbais.

Fonologicamente, híx é a única sílaba do tipo CVC na língua (e é por esse motivo que a oclusiva glotal, representada por 'x', é analisada nesta posição como traço clausal e não contrastivo ao nível silábico). Ademais, híx geralmente recebe a acentuação mais forte da cláusula (e ocorre ao pico do contorno entonacional - cf. 10.1.2. e 22). Também, o morfema híx, ao contrário dos outros morfemas interrogativos, pode co-ocorrer com outros morfemas interrogativos. Finalmente, observamos que híx não carrega implicações a respeito das respostas antecipadas como os outros discutidos abaixo (menos -óxóí).

(133) xíí bait -áo -p -i "híx
 pano lavar-télico-imperfectivo-próximo interrogativo

"(você) vai lavar roupa?"

(134) hi soxóá patoá kak -áo -p -i "híx
 3 já mala pedir-télico-imperfectivo-próximo interrogativo

"ele já pediu uma mala?"

(Ler o símbolo " como 'acentuação mais forte da cláusula'.)

10.1.4. -óxóí

O mais comum dos afixos interrogativos é -óxóí e sua variante fonológica -xóí. Ocorre na penúltima posição do verbo, se híx for considerado um sufixo, ou na posição final (se híx não for considerado um sufixo).

Nesta seção, como em 10.1.5. - 10.1.7., a maior parte da análise inicial foi feita por Steve Sheldon. Os exemplos são, na sua maior parte, do trabalho dele, mas tenho acrescentado outros quando achei necessário. A ocorrência de (híx) nos exemplos indica que a presença desse morfema é sempre possível, mas facultativa.

- (135) hi xagíit-óxóí (híx)
3 frio -interrogativo (interrogativo)

"ele está (com) frio?"

- (136) xa-ohoi -hiab -iig -óxóí (híx)
? -comer-negativo-continuativo-interrogativo (interrogativo)

"(você) não comeu ainda?"

- (137) kohoi xog -i -hiab -iig
nome próprio querer-epentético-negativo-continuativo

-óxóí (híx)
-interrogativo (interrogativo)

"kohoi não está querendo (aquilo)?"

(138) sib -áo -p -óxóí (híx)
 pescar-télico-imperfectivo-interrogativo (interrogativo)

"pescou?"

Uma observação importante sobre os exemplos acima é que as perguntas não têm implicações (causadas por -óxóí, pelo menos) para o tipo de informação pedida. É essa a razão, assim como a frequência de xóxóí em relação aos outros sufixos, que me leva a rotular -óxóí como o caso não marcado de interrogação. Todos os outros morfemas, menos híx (cf. 10.1.3.), carregam, nesta série, implicações sobre o conteúdo antecipado da resposta.

10.1.5. -hoaxái

O uso deste sufixo interrogativo se vê em relação a perguntas sobre existência e posse. Nesse sentido, o falante restringe a área de discussão e as respostas possíveis.

(139) hi xao -hoaxái tiobáhai
 3 posse-interrogativo crinaça

"ele tem filho(s)?"

(140) kapiiga xao -hoaxái (híx)
 papel posse-interrogativo (interrogativo)

"tem papel?"

(141) xií soxógió hoaxái (híx)
 árvore muito tempo interrogativo (interrogativo)

"árvores existiam há muito tempo atrás?"

O exemplo 141 é muito interessante porque não há uma raiz verbal. Por essa razão pode-se melhor analisar -hoaxái como morfema independente (e se isso for verdade, espero dividi-lo em componentes separados).

10.1.6. -xaoxái

Ao usar este elemento interrogativo, o falante exprime sua falta de controle sobre a resposta. SS disse que esse elemento exprimia dúvida a respeito da resposta, porém, nos meus dados, é usado muito para questionar sobre o comportamento de outros indivíduos ou do ouvinte, especialmente nos pedidos indiretos. Parece ser uma maneira de reduzir a força ilocucionária ou, em outros termos, fazer a pergunta de uma maneira mais gentil.

(142) hi ti poogahai xoá -boí -hiab
 3 1 flecha de pesca comprar-mover-negativo

-i -s-aoxái
 -próximo-?-interrogativo

"será que ele não vai levar (comprar) o arco de pesca?"

(143) hi xoá -og -ab -í -s-aoxái
 3 demorar-querer-durativo-próximo-?-interrogativo

"será que ele está querendo demorar?"

(144) ko xoogiói xogí -aoaxái
 vocativo nome próprio associativo-interrogativo

ti gí taísi xig -a -áti
 1 2 machado levar-remoto-incerteza

"será que posso levar o seu machado?"

(No sentido de: "será que você me permite levar...")

10.1.7. káo

Ao contrário dos marcadores acima mencionados (exceto por alguns exemplos, como o do 114), káo precede o verbo e é um morfema livre. A posição sintagmática de káo é de fato semelhante à dos elementos 'WH'. Também, o uso de káo implica numa ação passada.

(145) hi káo kohó -ai -p
 3 interrogativo comer-atélico-imperfectivo

-í híx xai
 -próximo interrogativo ser (?)

"ele já comeu?"

(146) xi káo xíí bait -áo
 3 feminino interrogativo pano lavar-atélico

-p -i híx
 -imperfectivo-próximo interrogativo

"ele já lavou a roupa?"

(147) gí káo xaga -b -á -hói
 2 interrogativo terminar-perfectivo-remoto-ingressivo

"você já terminou?"

10.2. Perguntas -WH

10.2.1. go

Todas as perguntas -WH são marcadas pelo morfema go. Este elemento pode ser ligado a outros tipos de morfemas para produzir a série de perguntas -WH relacionada à do português ('o quê', 'como', 'por quê', 'onde' etc.). Tenho analisado go como um tipo de adjetivo, pelo menos no seu posicionamento sintagmático na cláusula.

As perguntas são formadas da seguinte maneira:

$$(\pm)hi \text{ "3" } + \underline{go} \pm \left\{ \begin{array}{l} \text{locativo, } \underline{-o} \\ \text{associativo, } \underline{xigí} \\ \text{demonstrativo, } \underline{gíiso} \\ \text{modo, } \underline{gíí} \underline{só} \end{array} \right\}$$

Há outros elementos WH na língua:

(i) kaoí "quem, de quem"

(ii) so uma variante de go (a natureza dessa variação não tem sido definida ainda, embora vários exemplos apareçam como:

(148) hi $\left\{ \begin{array}{l} \underline{go} \\ \underline{so} \end{array} \right\}$ xigí xog -i hix
 3 WH associativo querer-próximo (interrogativo)

"o que é que ele quer?"

Não há, nas minhas observações qualquer diferença semântica ou pragmática entre as duas opções go e so do exemplo 148.

Seguem-se alguns exemplos de perguntas -WH em pirahã:

- (149) xabagi go gifso xigí xog
 nome WH demonstrativo associativo querer

-i (híx)
 -próximo (interrogativo)

"quanto é que xabagi quer?"

- (150) gahió go gifso xab -op-ai
 avião WH demonstrativo virar-ir-atélico

"quando é que o avião voltará?"

- (151) go kais ígi xai (híx)
 WH nome associativo ser (interrogativo)

gáihi
 pronome (distal demonstrativo deictic)

"qual é o nome daquilo?/ o que é aquilo?"

- (152) hi go gifso xigi xai
 3 WH demonstrativo associativo fazer

-sog -i (híx)
 -desiderativo-próximo (interrogativo)

"o que é que ele está fazendo?"

(literalmente: "o que é que ele quer estar fazendo?")

(153) hoa go giíso kahá-p -i
 dia WH demonstrativo sair-imperfectivo-próximo

"quantos dias até que ele saia?"

(154) kaoi xigí ai (híx)
 quem associativo ser (interrogativo)

"quem é?"

Em todos os exemplos acima deve ser notado que o marcador clausal da interrogação, híx, é facultativo.

(155) kaoí xis igí ai (híx)
 quem não humano associativo ser (interrogativo)

"a quem pertence (aquilo)?"

Poderíamos observar também que o elemento pronominal, hi, da fórmula interrogativa é facultativo, como se vê pelos parênteses nos exemplos acima. Outrossim, os morfemas interrogativos, kaoí e go podem ocorrer sozinhos:

(156) kaoí
 "quem?" ou "de quem?"

(157) go
 "o quê?" ou "o que é que há?"

Outros exemplos de perguntas -WH são:

- (158) (hi) go-ó xaagá
 (3) WH-locativo estar

"onde está (ele)?"

- (159) (hi) go-ó xigi ahá-p -i
 (3) WH-locativo associativo ir -imperfectivo-próximo

"a onde é que (ele) vai?"

- (160) xisaabí hi go gi -ai ko
 nome próprio 3 WH demonstrativo(?) -ser morrer

-ab -ái -p -i
 -durativo-atélico-imperfectivo-próximo

"por que é que xisaabi morreu?"

Não sei ainda se o elemento gi, no exemplo 160, é uma forma abreviada de gíiso "demonstrativo" ou não. De qualquer modo, a construção gi-ai é o marcador principal de perguntas do tipo 'por quê'.

- (161) (hi) go gi ai hoaoofi xo
 (3) WH demonstrativo ser espingarda comprar

-áo -b -i (híx)
 -télico-perfectivo-próximo (interrogativo)

"por que é que (ele) comprou a espingarda?"

- (162) (hi) go giísó xái (híx)
 (3) WH maneira fazer (interrogativo)

"como é que faz (aquilo)?"

- (163) hi go giísó hi kahá-p -i -í
 3 WH maneira 3 ir -imperfectivo-próximo-?

"como foi (a maneira) em que ele saiu?"

10.2.2. Constituintes da sentença que podem ser questionados

10.2.2.1. Da cláusula matriz

Qualquer constituinte da cláusula matriz pode ser questionado, ou seja, o elemento interrogativo pode referir-se ao sujeito, objeto, objeto oblíquo ou verbo, como ilustrado pelos exemplos acima. Porém, não há movimento nos morfemas interrogativos, configurações sintagmáticas seguindo o padrão discutido no ponto 10.2.1.

- (164) hiaitíhí hi soxógió xói kapióxi-o
 pirahã 3 muito tempo mato outro -locativo

toipíf koab -ái -p -á
 parintintin matar-atélico-imperfectivo-remoto

"os pirahã mataram os parintintin num outro mato há muito tempo"

Os exemplos seguintes são gramaticalmente aceitáveis, embora provavelmente nunca seriam observados em dados não elicitados por motivos pragmáticos (são compridos e artificiais demais). Como vimos na primeira

seção deste capítulo, as sentenças do pirahã tendem a ser bem restritas em relação ao número de constituintes que são permitidas.

(165) (a) kaof hi soxógió xoí kapióxi-o
 quem 3 muito tempo mato outro -locativo

toipif koab -ái -p -á
 parintintin matar-atélico-imperfectivo-remoto

"quem matou os parintintin num outro mato há muito tempo?"

(b) hiaitíhi hi soxógió go-ó
 pirahã 3 muito tempo WH-locativo

toipif koab -ái -p -á
 parintintin matar-atélico-imperfectivo-remoto

"onde foi que os pirahã mataram os parintintin há muito tempo?"

(c) hiaitíhi hi soxógió go gíiso
 pirahã 3 muito tempo WH demonstrativo

xigi ai híx
 associativo fazer interrogativo

"o que foi que os pirahã fizeram há muito tempo?"

(d) hiaitíhi hi kaof koab -ái -p
 pirahã 3 quem matar-atélico-imperfectivo

-á soxógió
-remoto muito tempo

"quem foi que os pirahã mataram há muito tempo?"

(e) hiaitíhi hi go gíiso toipií
pirahã 3 WH demonstrativo parintintin

koab -ái -p -á
matar-atélico-imperfectivo-remoto

"quando foi que os pirahã mataram os parintintin?"

Como se vê nos exemplos 156 e 157 os elementos interrogativos kaoi "quem" e go "WH" nem sempre aparecem em sentenças completas. Os exemplos 148, 152, 154 155 e outros nesta seção mostram elementos que podem ser questionados em sentenças equativas e copulativas.

10.2.2.2. Da cláusula subordinada

As cláusulas subordinadas são discutidas mais detalhadamente no ponto 14. Nem SS, nem o presente autor tem registrado exemplos de elementos questionados em cláusulas subordinadas exceto por perguntas do tipo eco. Porém, essas perguntas, ao mesmo tempo que se referem a uma cláusula subordinada, são, elas próprias, estruturadas como cláusulas matrizes (freqüentemente elípticas).

(166) (a) tiosipói hi xab -óp-a-i -so
nome próprio 3 virar-ir-?-próximo-temporal

ti gaaba xop-i -ta -há
 1 depois ir -próximo-iterativo-certeza completa

"quando tiosipói voltar, então eu irei"

(b) kaoí xab -óp-a-i
 quem virar-ir-?-próximo

"quem (vai) voltar?"

(c) kaoí xab -óp-a-i -so gíxai
 quem virar-ir-?-próximo-temporal 2

xop -í -ta
 virar-próximo-iterativo

"(depois da) volta de quem, você irá?"

Embora raramente observadas, estruturas subordinadas podem ocorrer com elementos interrogativos. Em tais casos, é possível perguntar qualquer constituinte menos o verbo.

(167) (a) xaoói hi ti hiabaí-so ti
 estrangeiro 3 1 pagar -temporal 1

bikagogía xoa -boí-haí
 mercadoria comprar-vir-certeza relativa

"quando o estrangeiro me pagar, eu comprarei mercadoria"

(b) xaoói hi kaoí hiabaí-so gíxai
 estrangeiro 3 quem pagar -temporal 2

xoá -boí-haí
 comprar-ir -certeza relativa

"quando o estrangeiro pagar quem, você comprará (mercadoria)?"

(c) kaof hi gí hiabaí-so gíxai xoá -boí-haí
 quem 3 2 pagar -temporal 2 comprar -ir -certeza relativa

"quando quem pagar você, você comprará (mercadoria)?"

Sentenças como as do exemplo 167 (b) e (c) são raras. Se um determinado ouvinte quiser esclarecer algo em relação ao exemplo 167 (a), mais provavelmente diria algo como gogí "o que é que há?", o que resultaria numa repetição da sentença completa. As observações desta seção são relevantes aos outros tipos de cláusulas subordinadas discutidas no ponto 14.

10.2.2.3. Da locução nominal

Numa locução de posse, apenas o possuidor pode ser questionado:

(168) (a) ti kaiíi "minha casa"
 1 casa

(b) kaof kaiíi "a casa de quem?"
 quem casa

*(c) gíxai go "o seu quê?"
 2 WH

(169) (a) ti xahaigí gáihí "aquele (é) o meu irmão"
 1 irmão aquele

(b) kaofí xahaigí gáihí "aquele (é) o irmão de quem?"
 quem irmão aquele

Em outras locuções nominais, apenas o núcleo pode ser questionado.

(170) (a) paió póai hoíhio xao -xaagá
 nome próprio manga 2 posse-ter

"paió tem duas mangas"

(b) paió hi go xao -xaagá
 nome próprio 3 WH posse-ter

"o que é que paió tem?"

Em relação ao exemplo 170 (b) e a outras locuções desse tipo, minha observação é de que não somente apenas o núcleo pode ser questionado, mas também elementos modificadores são omitidos da construção interrogativa.

10.2.2.4. Da locução pós-posicional

Para um tratamento mais completo das locuções pós-posicionais, ver seção número 17. Nas construções interrogativas, apenas o núcleo da locução nominal contida na locução pós-posicional pode ser questionada. Perguntas sobre instrumento, etc., são expressas em termos de modo; isto é, mesmo que o instrumento tenha um sufixo (cf. seção 23) semelhante aos dos outros

elementos pós-posicionais, a forma da interrogativa nesses casos é como a dos exemplos 161 e 163.

Aquilo que tenho considerado locução pós-posicional aqui consiste em um núcleo nominal e um sufixo locativo, ou o elemento associativo xigí e um sufixo direcional (facultativo).

(171) (a) bií xi kaí -o
 nome próprio 3 feminino casa-locativo

xab -i-í -haí
 ficar-?-próximo-certeza relativa

"bií ficará dentro da sua casa"

(b) bií go-ó xab -iíg -á -ati
 nome próprio WH-locativo ficar-continuativo-remoto-incerteza

"onde é que bií estará ficando?"

(172) (a) xipoógi hi ti xigí -o
 nome próprio 3 1 associativo-locativo

kahá-p -i-í
 sair-imperfectivo-?-próximo

"xipoógi, ele vai comigo"

(b) xipoógi hi kaóí xigí -o
 nome próprio 3 quem associativo-locativo

kahá-p -i -tá
sair-imperfectivo-próximo-iterativo

"xipoógi, ele saiu com quem?"

10.2.2.5. Número de constituintes de uma sentença que pode ser questionado

Não é possível questionar sobre mais de um constituinte da sentença simultaneamente. Logo, as sentenças seguintes são agramaticais.

*(173) kaofí go-ó xigi xahá-p -i
 quem WH-locativo associativo sair-imperfectivo-próximo

"quem vai para onde?"

*(174) kaofí kaofí xib -áo -b -á
 quem quem bater-télico-perfectivo-remoto

"quem bateu em quem?"

10.2.2.6. Posição do elemento questionado cf. 10.1 e 10.2.1. acima.

Não há movimento do elemento questionado.

10.3. Respostas

Respostas são dadas geralmente na forma de sentenças incompletas. Nas perguntas sim/não, as respostas são como as apresentadas nos exemplo 175 a 177, a seguir:

(175) (a) hi kaó koho -ái -p
 3 interrogativo comer-atélico-imperfectivo

-í híx
 -próximo interrogativo

"você/ele já comeu?"

(b) soxóá
 já

"já"

(176) (a) xigí -aoaxái ti xoá -boí
 associativo-interrogativo 1 comprar-ir

haí gáihi
 certeza relativa aquilo

"será possível eu comprar aquilo?"

(b) xigí ai
 associativo ser

"está bem (=pode)"

(177) (a) baósaí xao -xaag-iig -á
 pano posse-ter -continuativo-remoto

"(você) ainda tem pano?"

(b) hiaba
negativo

"não (tem)"

Deve-se notar, porém, que as respostas variam consideravelmente de sentenças completas (infreqüentes) às relacionadas acima (comuns). A reação mais comum a uma pergunta, nas minhas observações, porém, é neutra. Talvez até cinqüenta por cento das perguntas feitas, especialmente os pedidos, ficam sem resposta alguma.

Não há traços especiais de entoação para respostas, sendo esta do tipo das sentenças afirmativas (seção 22).

11. Imperativos

11.1. Introdução

O imperativo é marcado pelo pronome que precede o verbo (no caso da força ilocucionária ser mais forte). Os pronomes imperativos são gói "imperativo da segunda pessoa", e kaxáo "imperativo (exortativo) da primeira pessoa plural". Nos meus dados, kaxáo, a forma exortativa, é o único item (além de xogíágaó "todos") na sintaxe do pirahã que implica numa pluralidade de participantes. As construções imperativas, como se vê abaixo, são medidas em termos da força ilocucionária, a forma mais forte sendo o pronome imperativo mais o sufixo verbal -áti "incerteza". A forma mais fraca do imperativo é o pedido indireto.

11.2. Marcação dos tipos de imperativos

11.2.1. Formas positivas

11.2.1.1. Pedidos

11.2.1.1.1. Pedidos indiretos

Justamente como é possível dizer em português "mas que cheiro gostoso tem seu café" de uma maneira ficando, na verdade, o seu pedido "posso tomar um pouco deste café?". No pirahã, asserções como estas podem servir para expressar pedidos indiretos (para informação ou ação por parte do ouvinte).

Assim, alguém pode dizer a outra pessoa que está no ato de comer:

(178) xmh ti xí xaagá-hóág -a
 exclamativo 1 fome ter -ingressivo-remoto

"puxa, como estou com fome"

Ou, ao ver alguém sair para pescar:

(179) ti xis ibá -boí-sog -a -baí
 1 animal flechar-ir -desiderativo-remoto-intensivo

"mas como eu gostaria de pescar"

Vê-se que essas "asserções" são de fato pedidos, através do tipo de respostas mais comuns que recebem. Veja-se que, o exemplo 180 poderia ser uma resposta provável à pergunta relacionada no 179:

- (180) xigí ai -xáagahá hi
 associativo ser-observação/decisiva 3
- oa -og -ab -i -sahái
 demorar-querer-durativo-epentético-negativo imperativo
- "tudo bem, (mas) venha depressa"

11.2.1.1.2. Pedidos diretos

A fórmula básica para os pedidos diretos é:

- (181) xigí -aoaxái + gíxai + predicado
 associativo-interrogativo + 2 +

"será possível você _____?"

(cf. seção 10.1.6. para uma discussão do termo -xaoaxái)

- (182) ko xoogiái xigí -aoaxái
 vocativo nome próprio associativo-interrogativo

gíxai bigí xihí -ái -p -i go
 2 terra colocar-atélico-imperfectivo-próximo aí/ali/lá

"ei, xoogiái, pode colocar terra aí?"

Por outro lado, há construções semelhantes ao do exemplo 182 que pedem permissão. Nesses casos haveria a substituição de gíxai "2" or ti "1" e a mudança subsequente na tradução "ei, xoogiái, posso colocar terra aí?"

Há outras formas para pedidos em forma negativa, os quais serão discutidos em 11.2.2.

11.2.1.2. Comandos

Comandos se dividem segundo sua força ilocucionária naqueles que utilizam os pronomes imperativos e nos que não os utilizam.

Quase todos os comandos manifestam o sufixo -áti "incerteza". O uso do pronome imperativo da segunda pessoa, gói, indica que, ou o falante ocupa uma posição de autoridade relativa em relação ao ouvinte (pai ao filho, caçador ao companheiro etc.), ou que o falante deseja algo de tal maneira que usa uma forma considerada brusca.

(183) sitó -p -a -áti
 levantar-imperfectivo-remoto-incerteza

"levante-se"

(184) big -ó xab -iig -a -áti
 terra-locativo ficar-continuativo-remoto-incerteza

"fique na terra"

Note-se também que as sentenças imperativas são breves (se a repetição não for usada para aumentar a força ilocucionária).

(185) kaisáo xig -a -áti
 caixa trazer-remoto-incerteza

"traga a caixa"

(186) góí pii oái -p í
 2 imperativo água buscar-imperfectivo-próximo

pii ig -op-aí -háí
 água trazer-ir-atélico-certeza relativa

"busque água; traga água!"

(187) góí gíiso -ó -xio
 2 imperfectivo demonstrativo-locativo-direção

kagak -a -áti
 escrever-remoto-incerteza

"escreva desta (maneira)"

(188) góí xab -áti
 2 imperfectivo ficar-incerteza

"fique"

O pronome kaxáo "exortativo" é usado da mesma maneira que góí, mas inclui o falante. Ademais, kaxáo é usado ocasionalmente de maneira amistosa, de brincadeira (cf. abaixo).

(189) kaxáo xagí ai -p -á
 exortativo caminho fazer-imperfectivo-remoto

"façamos o caminho"

(190) kaxáo xií xig -áti
 exortativo madeira carregar-incerteza

"carreguemos a madeira"

kaxão pode ser usado de forma informal e humorosa no sentido de "vamos!". Por exemplo, quando alguém vai fazer algo desagradável ou difícil (que só ele pode fazer na maioria dos casos) como receber uma injeção, buscar lenha etc., ele pode virar à pessoa mais próxima e dizer kaxão "vamos". A resposta normal é um sorriso (ou um obscenidade).

11.2.2. Imperativo negativo

Como se vê na seção 12, existe um sufixo verbal, -sahái, que exprime o imperativo negativo. É usado em vez do elemento negativo -hiab quando um comando está sendo feito.

(191) xaoói xáo hi aho -ái -sahái
 estrangeiro ? língua 3 falar-atélico-imperativo negativo

xapaitíiso hi aho -a -áti
 pirahã 3 falar-remoto-incerteza

"não fale (uma língua) estrangeira comigo, fale pirahã"

(192) bigí kao -b -í -sahái
 terra cair-perfectivo-próximo-imperativo negativo

"não caia!"

11.2.3. Outras distinções e respostas

Não estou ciente de quaisquer outras distinções nos imperativos do pirahã além das mencionadas acima.

A resposta mais comum a um imperativo é não verbalizada. Isto é, o ouvinte ou obedece ou desobedece ao comando (ou pedido). Se uma resposta verbal for dada, é geralmente algo como xigíai "ok" ou ti soxóá "eu já (vou fazê-lo)".

Recusas são expressas pelo silêncio, embora seja possível responder com xigíaihiaba "não dá" ou hiaba "não", ou algo semelhante. Porém, não existe uma força prescrita e as respostas variam muito.

12. Negação

12.1. Negação sentencial

12.1.1. Negação proibitivo (imperativo)

Como mencionamos no ponto 11.2.2., há um sufixo verbal que exprime a proibição. A forma fonológica completa desse sufixo é -sahaxáí, e -saí. Até o momento, não tenho evidência que confirme a hipótese de SS de que "having chosen negative optative -saí, the speaker must further choose between possible (no realization) meaning 'I hope it might not', judgemental -ha-, infixed into -saí, which carries a slightly stronger meaning of 'should not', or preventory infix -haxa-, in which the speaker wishes to express the strongest of all optatives meaning 'must not'..." (1976:16).

Enquanto tenho registradas estas formas alternativas, não tem sido possível determinar qualquer diferença semântica entre elas. Já que existe uma propensão forte para a "variação livre" na língua (cf. seção 22), não seria improvável achar no futuro que essa variação é um fenômeno estilístico da fonologia.

(193) (a) ti gáí -sai kai -saí gáíhi
 1 dizer-nominalizador fazer-negativo imperativo aquilo

"eu disse 'não faça aquilo' "

(b) ti gáí -sai kai -sahaí gáíhi
 1 dizer-nominalizador fazer-negativo imperativo aquilo

"eu disse 'não faça aquilo' "

(c) ti gáí -sai kai -sahaxáí gáíhi
 1 dizer-nominalizador fazer-negativo imperativo aquilo

"eu disse 'não faça aquilo' "

Na minha opinião, a tradução do exemplo 193 (b) e (c) é a mesma de (a), porém, é possível que a análise de SS seja confirmada (ou não) com mais dados.

12.1.2. Negação não proibitiva

O outro sufixo negativo do pirahã é -hiab.

(194) (a) koho -ái -p -i -hiab
 comer-atélico-imperfectivo-epentético-negativo

-óxóí híx
 -interrogativo interrogativo

"(você) não comeu ainda?"

(b) ti koho -ái -p -i
 1 comer-atélico-imperfectivo-negativo

-hiab -iig -á
 -negativo-continuativo-remoto

"eu ainda não comi"

(195) xapisíooi hi og -i -hiab -a
 nome próprio 3 querer-epentético-negativo-remoto

"xapisíooi não quer"

12.2. Negação de constituintes

12.2.1. Negação do substantivo

12.2.1.1. Negação de formas nominalizadas

As formas nominalizadas são usadas normalmente como nomes descritivos para objetos novos à cultura (cf. também 15.4.).

(196) xií kai -sai
 coisa fazer-nominalizador

"fábrica (=fabricador de coisas)"

(197) biió kai -sai
 grama fazer-nominalizador

"ancinho"

Teoricamente, há duas maneiras de negar esse tipo de construção nominalizada. A primeira seria negar o verbo nominalizado sem negar o nome inicial. Essas formas, entretanto, são agramaticais:

*(198) xií kai -hiabi -sai
coisa fazer-negativo-nominalizador

* "não fabricante de coisas"

*(199) biió kai -hiabi -sai
grama fazer-negativo-nominalizador

* "não algo para fazer a grama"

A segunda possibilidade seria negar a construção inteira com a forma livre do negativo, hiaba.

(200) xií kai -sai hiaba
coisa fazer-nominalizador negativo

"não (é) um fabricante de coisas"

(201) biió kai -sai hiaba
grama fazer-nominalizador negativo

"não (é) algo (para) fazer (=trabalhar com) grama"

Mas, como se vê nesses exemplos, o resultado desse tipo de negação é uma cláusula equativa e não propriamente a negação de um constituinte clausal.

12.2.1.2. Negação de substantivos

Os substantivos são negados da mesma maneira que as formas nominalizadas, como nos exemplos 200 e 201 acima. Geralmente, estas formas pressupõem um contexto maior, já que principalmente são respostas a perguntas.

(202) (a) xigihí (com entoação interrogativa)
homem

"é homem?"

(b) xigihí hiaba
homem negativo

"não é homem"

Uma seqüência como a do exemplo 202 (a) e (b) é normalmente observada quando alguém pergunta sobre o sexo de um nenê. Note-se que a forma negativa é a mesma para todos os níveis - sentença constituinte, afixo verbal.

(203) (a) gíxai xog -óxóí hix xágaísi
2 querer-interrogativo interrogativo farinha

"você quer farinha?"

(b) xágaísi hiaba kapiiga xabaxáígio
farinha negativo dinheiro somente

"não (quero) farinha, somente (quero) dinheiro"

12.2.2. Negação de modificadores

hiaba é também encontrado em construções modificadoras. Essas modificadoras são de fato verbais no seu comportamento, ou seja, em relação a sua composição morfológica e posição sintática; hiaba é, portanto, um sufixo.

(204) (a) xigí ai
 associativo ser/estar

"está bom"

(b) xigí ai -hiaba
 associativo ser/estar-negativo

"não está bom"

(c) xigí ai -hiab -iig -á
 associativo ser/estar-negativo-continuativo-remoto

"não está (estando) bom"

(205) (a) xai xiit-á
 pé doer-remoto

"(o) pé doi"

(b) xai xiit-iáb -a
 pé doer-negativo-remoto

"(o) pé não doi"

(c) xai xiit-iáb -iig -á
 pé doer-negativo-continuativo-remoto

"(o) pé não está doendo"

A mudança tonal no elemento negativo no exemplo 205 (b) e (c) não tem sido analisada ainda. O h inicial de hiaba aparentemente se apaga quando precedido por uma consoante. Em outros casos, há a inserção de i para a quebra da seqüência consonantal. Os fatores que determinam se haverá epêntese no apagamento não são claros para mim, ainda.

(206) (a) xaibogí "rápido"

(b) xaibogí-hiaba "não rápido"

(c) xaibogí-hiab-iig-á "não estando/sendo rápido"

12.2.3. Negação de pós-posições

Aqui o elemento negativo hiaba é usado (como nas demais classes sintáticas). Normalmente esses elementos são partes da cláusula e portanto é o verbo, e não a pós-posição, que é negado.

(207) (a) ti xigíó xai -sahaí
 I associativo fazer-negativo imperativo

"não venha/fique comigo"

(b) ti gí igíó xai -hiab -i -haí
 1 2 associativo fazer-negativo-próximo-certeza relativa

"eu não irei/ficarei com você"

Às vezes é observada a negação (por hiaba) de elementos que exprimem direção. Como os modificadores (cf. 12.2.2.), estes parecem funcionar como verbos.

(208) ti kai -ó -xio hiaba
 1 casa-locativo-direção negativo

"eu não (vou) para casa"

(209) xo -ó -io hiab -iig -á
 mato-locativo-direção negativo-continuativo-remoto

"(eu) não (vou) para o mato"

12.3. Restrições sobre o escopo do elemento negativo

Até presente momento, estamos longe de ter quaisquer conclusões certas sobre sutilezas sintático-semânticas, tais como o escopo da negação. Portanto, a seguinte discussão deverá ser considerada uma tentativa.

12.3.1. Cláusulas matrizes vs. subordinadas

Já que a negação se exprime morfologicamente em pirahã e o escopo do sufixo negativo é limitado à cláusula em que ele ocorre, os verbos dentro de cláusulas subordinadas são negados somente quando eles mesmos manifestam o sufixo negativo. Em outros termos, a "leitura semântica" ou as "verdadeiras condições" de uma determinada cláusula com negação na cláusula matriz irão variar muito com as de uma sentença com negação na cláusula subordinada.

(210) (a) ti xibíib-i -hiab -iig
 1 mandar-epentético-negativo-continuativo

-á kahaí kai -sai
 -remoto flecha fazer-nominalizador

"eu não estou mandando (em ninguém) para fazer flecha"

(b) ti xibíib-i -haí kahaí
 1 mandar-próximo-certeza relativa flecha

kai -hiab -i -haí
 fazer-negativo-próximo-certeza relativa

"eu mando (em alguém) para não fazer uma flecha"

Como é óbvio, as verdadeiras condições do exemplo anterior (a) são diferentes das de (b).

12.3.2. Número de elementos de uma sentença que podem ser negados

Como mencionamos acima, já que o escopo da negação é restrito à locução verbal em que ocorre, para negar verbos sucessivos é preciso sufixar -hiab a cada verbo individualmente. Portanto, no exemplo 211, (a) não terá a mesma tradução de (b).

(211) (a) poioí hi gai -sai . ti
 nome próprio 3 dizer-nominalizador 1

hoagáí-hiab -i -haí
 vir -negativo-próximo-certeza relativa

xopáoho -áo -p -i -haí
 trabalhar-télico-imperfectivo-próximo-certeza relativa

"poioí diz 'eu não virei, (eu) trabalharei' "

(b) poioí hi gáí -sai ti
 nome próprio 3 dizer-nominalizador 1

hoagáí-hiab -i -haí
 vir -negativo-próximo-certeza relativa

xopáoho -áo -hiab -i -haí píaii
 trabalhar-télico-negativo-próximo-certeza relativa e

"poioí diz 'eu não virei e (eu) não trabalharei' "

13. Anáfora

13.1. Meios de referência anafórica

13.1.1. Apagamento

No ponto 3.1. se vê que a ausência de certos elementos pode funcionar anaforicamente. Conforme o meu conhecimento deste processo até o presente, a anáfora pode ser expressa através do apagamento sob as seguintes circunstâncias: (i) apagamento de morfemas nas sentenças interrogativas; (ii) apagamento em respostas; (iii) apagamento do pronome imperativo em construções imperativas de natureza repetitiva (cf. 11.2.1.1.); (iv) anáfora verbal em construções paratáticas (cf. seção 2); e (v) apagamento de elementos em construções coordenadas (cf. seção 8).

Os interrogativos, (i) e (ii), freqüentemente pressupõem informação não lingüística. Isto é, alguém pode perguntar simplesmente higoó "(a)onde" quando outro sai. Porém, o apagamento é também empregado freqüentemente nessas construções para referir a outras seções do contexto lingüístico.

(212) (a) ti soxóá xopí-ta -há
1 já sair-iterativo-certeza completa

"eu já vou"

(b) hi go-ó
3 WH-locativo

"para onde?"

(213) (a) xopísi hi gáí -sai hi
nome próprio 3 dizer-nominalizador 3

Bc/4898

oba-i -haí gíxai
 ver-próximo-certeza relativa 2

"xopísi disse que verá você"

(b) hi go gíiso
 3 WH demonstrativo

"quando?"

Quanto ao tipo (iii) de apagamento, como já foi visto no ponto 11.2.1.2., a repetição é freqüentemente usada para aumentar a força ilocucionária de construções imperativas. Nesses casos, o pronome imperativo é omitido na sentença repetida (parafraseada; veja o exemplo 214).

(214) góí ti pí -ta -ha-áti
 2 imperativo 1 sair-iterativo-? -incerteza

xopí-ta -há
 sair-iterativo-certeza completa

"afaste-se de mim. saia!"

Em relação a (iv), vários exemplos de refrência elíptica a verbos se encontram na seção 3 (especialmente 3.3.). Por exemplo, repito 71 aqui como 215:

(215) xogiágaó xis choa -í -haí kabatíí
 todo mundo animal procurar-próximo-certeza relativa anta

xipóihíí píaii
mulher também

"todo mundo procurará a anta, inclusive as mulheres."

Um subtipo de (iii) é a repetição de elementos verbais em sentenças que relatam a execução de comandos.

(216) ti soxóá páaxáí xob -áo -b -á
1 já capim jogar-télico-perfeitivo-remoto

páaxáí xobi -ti-a -áti
capim jogar-? -remoto-incerteza

"eu já joguei o capim (fora), o capim (eu) joguei."

13.1.2. Anáfora pronominal

Relações anafóricas entre formas pronominais e seus antecedentes são estabelecidas sintaticamente (cf. a seção 4). Isto é, a ordem linear dos constituintes clausais estabelece estas relações (cf. a discussão da "teoria de vinculação" no capítulo 3). Isto é válido para pronomes déiticos e não déiticos (cf. a seção 16). Como se observa nas seções 1 e 4 do presente capítulo, os antecedentes podem ou preceder ou seguir o pronome.

(217) hi hi gáí -sai xopísi xoágaii
3 3 dizer-nominalizador nome próprio nome próprio

"xopísi falou a xoágaii"

No exemplo anterior (217) e nos outros exemplos desse tipo, a referência entre pronomes e antecedentes é estabelecida por uma regra que liga o primeiro pronome com o primeiro antecedente possível na cláusula (cf. seção 3 do terceiro capítulo). A ordem dos pronomes (em relação ao verbo) corresponde às relações gramaticais de sujeito-objeto direto (-verbo). Como se vê na primeira seção deste capítulo, é a ordem não marcada dos constituintes clausais em geral. É o caso em que o primeiro antecedente (linear) corresponde ao sujeito, o segundo ao objeto etc. (mesmo que os dois precedam ou sigam o verbo ou que um preceda e outra o siga).

(218) ti xi xobai-hiab -a baósaí gáihi
 I não animado ver -negativo-remoto pano aquele

"eu não o vi, aquele pano"

Note-se que no exemplo 218 o pronome 'não animado' xi se refere a pano, um antecedente posterior. O elemento dêitico, gáihi "aquele", também se refere a "pano", um antecedente anterior, neste caso.

A anáfora pronominal é a maneira principal pela qual a fala direta se distingue da fala indireta, como no exemplo 219 (a) e (b):

(219) (a) xahoógí hi gáí -sai hi
 nome próprio 3 dizer-nominalizador 3

ka hoag-aó kapiigakagaka-í -haí
 casa vir -temporal estudar -próximo-certeza relativa

"xahoógí disse que quando ele voltar para casa, estudará (com você)"

(b) xahoáogif hi gáí -sai ti
 nome próprio 3 dizer-nominalizador 1

ka hoag-aó kapiigakagaka-i -haí
 casa vir -temporal estudar -próximo-certeza relativa

"xahoáogif disse 'quando eu voltar para
 casa, estudarei (com você)' "

Outro caso é ilustrado pelo exemplo seguinte:

(220) xahoáogif hi gáí -sai ti xao
 nome próprio 3 dizer-nominalizador 1 posse

-xaagá hoasígikof
 -ter chumbo

(i) "xahoáogif disse, 'eu tenho chumbo' "

(ii) "xahoáogif disse que eu tenho chumbo"

No caso (i), ti "1" = xahoáogif; porém como é mostrado por (ii), ti "1" também pode referir-se a quem está relatando o fala em si. Esta ambigüidade (presente no exemplo 219 (b), também) é resolvida pragmaticamente. Isto é, esse tipo de sentença é interpretada através do conhecimento do contexto pragmático (o que pode incluir informação não lingüística ou pelo menos não sintática).

13.1.3. Função anafórica de partículas do discurso

Isto é discutido na seção 21. Existe pelo menos uma partícula anafórica ao nível do discurso cuja função é marcar o "envolvimento" de certos participantes.

13.2. Domínios sintáticos e tipos de anáfora

13.2.1. Anáfora e catáfora

Vários casos têm sido mencionados em que os elementos pronominais podem se referir a elementos topicalizados, ou à esquerda, ou à direita (cf. seção 9). Esse tipo de referência é restrito, no sentido de que as formas pronominais normalmente não são construídas obrigatoriamente a elementos (topicalizados, etc.) intersentenciais, enquanto a referência intra-sentencial a estes elementos é obrigatória.

(221) (a) hi hi xib -áo -b -á
3 3 bater-télico-perfectivo-remoto

poioí xahóápáti
nome próprio nome próprio

"poioí bateu em xahóápáti"

(b) hi hi xib -áo -b -á
3 3 bater-télico-perfectivo-remoto

"ele se bateu"

Neste exemplo, letra (a), a primeira ocorrência de hi "3" refere-se a poiói, enquanto que a segunda refere-se a xahóápáti. Esta referência é obrigatória. A letra (b) é diferente na medida em que o primeiro hi pode referir-se ao segundo (a interpretação reflexiva) ou a alguém mencionado em outro lugar no discurso. Os vínculos de referência intersentencial são estabelecidos através do conhecimento do contexto (lingüístico ou não lingüístico) - cf. capítulo 3.

13.2.2. Observações sobre a anáfora dentro da cláusula

A anáfora pronominal dentro da cláusula se expressa mais freqüentemente entre um antecedente inicial, normalmente um nome próprio, e um pronome que ocupa a posição sintática marcando a relação gramatical (ou melhor, a relação "temática", ver seção 3 do terceiro capítulo) manifesta pelo antecedente a cada um dos verbos (matriz e subordinadas) da cláusula, como se vê nos pontos 13.2.1. e 09, acima.

(222) xaikáibaí hi aih -i -haí
 nome próprio 3 ensinar-próximo-certeza relativa

hi gaaba kapiigakagaká-í -haí
 3 depois estudar -próximo-certeza relativa

"xaikáibaí ensinará e depois estudará"

No exemplo 222, as duas ocorrências de hi "3" se referem a xaikáibaí. Não é necessário preceder o antecedente intraclausal (como já mencionamos):

(223) kohoibíñhai hi gáí -sai hi hi
 nome próprio 3 dizer-nominalizador 3 3

ogi -hiab -iig -á gáíhi
 querer-negativo-continuativo-remoto aquele

"kohoibíñhai disse que ele não quer aquele"

Tanto o pronome pessoal hi "3", quanto o pronome dêitico gáíhi "aquele", se vêem no exemplo anterior, 223. gáíhi se refere àquilo que não se quer, marcado pelo pronome hi na posição do objeto na cláusula subordinada (ou seja, aquele que imediatamente precede o verbo ogi "querer").

13.2.3. Anáfora em estruturas coordenadas

Como se vê no ponto 3.3., acima, a anáfora opera em estruturas coordenadas.

(224) hi kagí pío xait -á -há
 3 família também dormir-remoto-certeza completa

tihóá xait -a pío hoahóá
 nome próprio dormir-remoto também nome próprio

xait a pío tapáí píaii
 dormir remoto também nome próprio também

"sua família dorme também; tihóá dorme também; hoahóá dorme também e tapáí (dorme) também"

No exemplo acima, 224, há uma referência anafórica ao verbo xait "dormir". Veja-se que a primeira ocorrência do verbo, xaitáhá, é uma forma maior do que as ocorrências subseqüentes, -há "certeza completa", sendo nelas omitido. Essa redução do verbo pode ser vista como um tipo de anáfora, já que os dois exemplos seriam agramaticais se não fosse pela presença da primeira forma completa à qual eles referem. No constituinte final, tapaí píaí, a anáfora é óbvia, sendo o elemento verbal inteiro omitido.

É possível também encontrar elementos pronominais que possuem relações anafóricas em construções coordenadas de outros tipos:

(225) xoágaii hi gáí -sai hi xoí
 nome próprio 3 dizer-nominalizador 3 mato

kahá-p -i -háí hoa
 ir -imperfectivo-remoto-certeza relativa dia

báa giso xabi -í -háí
 muito demonstrativo ficar-próximo-certeza relativa

"xoágaii falou que vai para o mato (e que ele) ficará muitos dias"

(226) hi gáí -sai -háí
 3 dizer-nominalizador-informação ouvida

hoáípi hi gáí -sai -xóai
 nome próprio 3 dizer-nominalizador-informação relatada (?)

hi gáí -sai -háí
 3 dizer-nominalizador-informação ouvida

hi apióxiái hi xai -xí
 3 outro 3 fazer-enfático

"hoáípi disse, ele disse, ele disse 'outra pessoa fez (aquilo)' "

(227) hi toio xaagá hoagá hi xopaohoi-baí
 3 velho ser contra expectativo 3 trabalhar-intensivo

"ele é muito velho mas assim mesmo ele trabalha muito"

O exemplo 226 apresenta anáfora e catáfora, hoáípi "nome próprio" referindo-se às duas ocorrências de hi "3" (antes e depois) mais próxima a ele.

13.2.4. Anáfora intersentencial

A anáfora também ocorre entre sentenças não ligadas pela parataxe ou por um elemento coordenador. Porém, isto é menos comum do que a anáfora intra-sentencial devido ao alto grau de ambigüidade que resulta da referência pronominal (cf. seção 9.4.2.). Geralmente, a referência intersentencial ao mesmo participante se realiza pela repetição da locução nominal ou nome próprio. O tipo mais comum de anáfora intersentencial expresso pelos pronomes pessoais ocorre na fala direta. Um extrato de um discurso sobre espíritos contém os seguintes dados pertinentes, separados por nove linhas na minha transcrição.

(228) (a) xigágáí hi xigía gáí -sai
 nome próprio 3 associativo dizer-nominalizador

(b) xig -a -áti ti xigí -o
 trazer-remoto-incerteza 1 associativo-locativo

"a respeito de xigágái foi dito '(o) trará comigo' "

Em relação a este tipo de exemplo e ao problema de ambigüidade mencionado acima, é interessante observar que imediatamente depois desta seção da fala direta (no discurso da qual vem este extrato), o narrador parafraseia a última linha desta citação, esclarecendo o fato de que é a pessoa sendo citada que é o referente de ti "1" no caso (b).

Exemplos de anáfora intersentencial na terceira pessoa são:

(229) paitá hi soxóá káó xaho -á
 nome próprio 3 já longe falar-remoto

hio -ó -xiai ti hi aih -í -sai
 cima-locativo-direcional 1 3 ensinar-epentético-nominalizador

"paitá já fala (com os espíritos) nas alturas, eu lhe ensinei"

(230) xigágái hi gái -sai xágaísi
 nome próprio 3 dizer-nominalizador farinha

kai -p -a -áti pahaibií
 fazer-imperfectivo-remoto-incerteza nome próprio

hi gái -sai -híai
 3 dizer-nominalizador-informação ouvida

"xigágái disse 'pahaibií, faça farinha', ele estava dizendo"

No exemplo 230 o elemento pronominal, hi, se refere a xigáqái intra e intersentencialmente.

13.2.5. Restrições sobre anáfora

Para resumir as observações desta seção, notamos que a anáfora é restrita sintática e pragmaticamente. Sintaticamente: (i) ela opera intra-sentencialmente, ligando o sujeito da cláusula matriz aos sujeitos (correferentes) da(s) cláusula(s) subordinada(s); (ii) ela é sujeita a considerações de linearidade e relações gramaticais (ou "temáticas"). Pragmaticamente: (i) referência intersentencial pode ocorrer quando o contexto é suficientemente claro para desambiguar a referência; ou (ii) a marcação de participantes intersentencial é realizada pela repetição dos nome próprios em cada sentença independente em que a referência é desejada.

14. Cláusulas subordinadas

14.1. Introdução

Em geral, as cláusulas subordinadas são marcadas morfologicamente pelo verbo subordinado (cf. abaixo e seção 18). Por outro lado, como notamos no ponto 14.2.4. ss., elas também podem ser ligadas parataticamente à cláusula matriz (ou seja, são marcadas fonologicamente, neste caso). Ademais, há exemplos de incorporação verbal (18.2.) que possivelmente sejam interpretados como exemplos de "união clausal" ou "alçamento", exceto que (i) elementos pronominais não podem aparecer nestas unidades, e (ii), estas unidades são sintaticamente indivisíveis (isto é, seus subcomponentes são morfológicos e ocupam o mesmo "nódulo" na estrutura dos constituintes da cláusula). Obviamente, nem (i), nem (ii) são argumentos completos na análise de alçamento dos dados. Porém, notando também que apenas as raízes dos verbos são ligadas, nunca havendo a incorporação de um elemento afixado, e

que as raízes verbais também funcionam como sufixos (cf. 18), minha intuição leva-me a considerar estes exemplos como verbos complexos, e não como cláusulas subordinadas (e, portanto, são tratados na seção 18).

A ordem dos constituintes em cláusulas subordinadas é a mesma que nas cláusulas matrizes, embora as cláusulas subordinadas não manifestem elementos periféricos (cf. seção 1.6., acima), mas apenas os argumentos e o verbo.

O pirahã não tem um complemento como 'que'. Em vez disso, os complementos são introduzidos morfologicamente pelas formas verbais (cf. a discussão abaixo).

14.2. Cláusulas subordinadas de função adverbial

14.2.1. Infinitivos, participípios e formas gerúndivas

O pirahã não possui um infinitivo propriamente dito. A forma que corresponde mais freqüentemente ao infinitivo é a nominalizada (cf. 15.4. para uma discussão mais ampla).

(231) kóxoí soxóá xibíib-i -haí
 nome próprio já mandar-próximo-certeza relativa

tiobáhai bifo kai -sai
 criança capim fazer-nominalizador

"kóxoí já mandou a criança (para) cortar o capim"

(232) hi obá-axáí kahaí kai -sai
 3 ver-intensivo flecha fazer-nominalizador

"ele sabe mesmo fazer flechas" ou
 "ele sabe bem a fabricação de flechas"

Como é discutido nos pontos 15.4. e 18.7.2.1., as únicas formas em que o verbo parece limitado à raiz mais um sufixo, possivelmente formas não finitas, são as nominalizações e, talvez, com o sufixo -sibiga "conclusão dedutiva". Nenhuma função participial ou gerúndiva tem sido registrada (mas, cf. 15.4.). O pirahã tende a expressar tais noções através de formas ativas. Portanto, uma cláusula como "ao voltar, ele foi conosco" (ou no inglês "returning quickly, he went with us") seria traduzida em pirahã como:

(233) hi xaibogia ab -óp-ai -t -á
 3 rápido virar-ir-atélico-iterativo-remoto

hi ti xigí -o kahá-p
 3 1 associativo-locativo ir -imperfectivo

-i -t -a
 -epentético-iterativo-remoto

"ele voltou ligeiro, (daí) ele foi comigo/conosco"

Note-se a combinação (ou incorporação) de raízes verbais no primeiro verbo do exemplo anterior. Esse tipo de fenômeno será tratado nas seções 18 e 23.

Uma construção gerúndiva, como o inglês "your fishing kept us eating", seria expressa por um par de cláusulas independentes como as do exemplo seguinte:

(234) (a) gíxa is ib -áo -b -iig -á
 2 animal bater-télico-perfectivo-continuativo-remoto

(b) xogiágaó koho -ái -p -á
 todo mundo comer-atélico-imperfectivo-remoto

-há -taío
 -certeza completa-resultado

"você estava pescando. portanto todo mundo comeu"

14.2.2. Cláusulas temporais

Exceto pelas formas nominalizadas como nos exemplos 231 e 232, as cláusulas adverbiais precedem o verbo. Isso é válido para todas as cláusulas adverbiais, menos as do ponto 14.2.1., e as cláusulas subordinadas parataticamente.

Cláusulas temporais são marcadas pelo sufixo verbal -so (que varia morfológicamente com -ao após consoantes), traduzido por "quando", "depois", "enquanto".

(235) xaxái xab -op-ai -so ti
 nome próprio virar-ir-atélico-temporal 1

tixisi oho -ái -p -i -háí
 peixe comer-atélico-imperfectivo-próximo-certeza relativa

"quando xaxái voltar, eu comerei peixe"

(236) hi koho -ái -p -áo
 3 comer-atélico-imperfectivo-temporal

kapiigakagaka-op-ai -haí
 estudar -ir-atélico-certeza relativa

"depois de (você) comer, vamos estudar"

(237) gíxai xopaohoa -op-áo boitóhoi
 2 trabalhar-ir-temporal (motor) barco

pitísi bag -áo -b -á
 cachaça vender-télico-perfectivo-remoto

"enquanto você trabalhava, o barco vendeu cachaça"

(238) gíxai go gíiso ti oba-i -haí
 2 WH demonstrativo 1 ver-próximo-certeza relativa

ti ká hoag-aó
 1 casa vir-temporal

"quando é que você me verá? quando eu voltar (para) casa"

Não parecem existir restrições sobre a forma matriz do verbo. Restrições sintático-semânticas sobre o verbo da cláusula subordinada serão discutidas na seção 18.

14.2.3. Cláusulas subordinadas de condição

A condição se expressa semelhantemente ao tempo exceto pela forma do sufixo verbal. O sufixo verbal de condição é -saí traduzido por "se" (-saí é distinguido do sufixo nominalizador -sai pelo tom alto, geralmente encontrado na vogal final. Contudo, se esta diferença for uma função de outro processo, algo bem possível, dada a complexidade do sistema

morfofonológico da língua, talvez seja possível considerar -saí e -sai como um morfema só. Portanto, continua apenas como uma possibilidade.).

(239) pii boi-hiab -i -saí ti ahá
 água vir-negativo-próximo-condicional 1 ir

-p -i -í
 -imperfectivo-próximo-certeza completa

"se não chover, eu irei"

(240) gí hi aho -a -áti pii ap
 2 1 dizer-remoto-incerteza água entrar

-ai -p -i -saí
 -atético-imperfectivo-próximo-condicional

baósaí ib -ai -t -op -í
 pano bater-atético-iterativo-movimento(?) -próximo

"você diga (para) ele (que) se (ele) for tomar
 banho, (para ele) lavar a roupa"

(241) paió hi ab -óp-ai -saí
 nome próprio 3 virar-ir-atético-condicional

ti xif oá -boí-haí
 1 coisa comprar-ir-certeza relativa

"se paió vier, eu comprarei alguma coisa"

14.2.4. Cláusulas que expressam propósito

O intento ou o propósito é normalmente expresso parataticamente, através da justaposição da cláusula de intento depois da cláusula matriz. Porém, essas cláusulas podem, alternativamente, manifestar uma forma nominalizada do verbo (cf. também 14.2.1.1. e 15.4.).

(242) xao gáí -sai ga -á
 estrangeiro dizer-nominalizador dizer-remoto

hi píó hi bagia á xio hi
 3 também 3 vir remoto direção 3

ao agaoa kób-ai hi ao
 estrangeiro canoa ver-atélico 3 estrangeiro

agaoa kai -p -i kob-ái -haí
 canoa fazer-imperfectivo-próximo ver-atélico-certeza relativa

"o estrangeiro dizia que ele também virá (para) ver (e para) nós vermos (como) fazer uma canoa (=para nos ensinar a fazer canoas)"

(243) ti xig -ahá-p -iig -á
 1 levar-ir -imperfectivo-continuativo-remoto

bagi-ó ti xií xig -a -áti
 lá -locativo 1 coisa levar-remoto-incerteza

xagaoa koit -i -sai
 canoa furar-epentético-nominalizador

- (i) "eu (o) levarei lá. eu levarei (aquela)
 coisa (para que possamos) furar a canoa" ou
 (ii) "eu (o) levarei lá. eu levarei a coisa -para- furar- canoas"

Somente a tradução (i) exemplifica uma cláusula que expressa propósito. A ambigüidade provém da nominalização.

14.2.5. Cláusulas de causa

Cláusulas que expressam causa são semelhantes a cláusulas de propósito, porque são expressas através da parataxe.

(244) hi aba -háí -hiab -a xaoóí
 3 parar-ingressivo-negativo-remoto estrangeiro

xogi -hiab -a xihi ogíoi
 querer-negativo-remoto custar grande

"ele (o estrangeiro) não pára (porque) (eu) não
 quero o estrangeiro (porque ele é) caro"

O exemplo 244 é interessante porque mostra anáfora elíptica na segunda cláusula subordinada (o sujeito é xaoóí). Sua relevância aqui, porém, se deve ao fato de ele mostrar duas cláusulas de causa ligadas parataticamente à cláusula matriz.

Para esclarecer esse exemplo um pouco mais, o sujeito da primeira cláusula subordinada, xaoóí xogihyaba "(eu) não quero o estrangeiro" poderia ser ou "eu", entendido pelo contexto, ou xaoóí "estrangeiro". Neste caso,

por xaoói ser claramente entendido como o sujeito da segunda cláusula subordinada, xihí xogíoi "custa muito (=é caro)", é considerado como o objeto da primeira cláusula subordinada. Em outros termos a tradução é:

(i) "eu não quero (que) o estrangeiro (pare) porque o estrangeiro é caro"

e não:

(ii) "o estrangeiro não quer parar porque o estrangeiro é caro" (determinada pelo contexto).

A sentença do exemplo citado, 244, foi registrada quando um comerciante estava subindo o rio e os pirahã não o chamaram para encostar (o que eles sempre fazem quando querem comprar coisas ou bater papo com algum comerciante). Quando perguntei por que eles não o tinham chamado, a resposta foi a sentença acima mencionada.

(245) hi ti ob -ai -sog -abagaí
3 1 ver-atélico-desiderativo-iniciativa frustrada

hi baáb -áo -p -á
3 doente-télico-imperfectivo-remoto

"ele quer me ver (porque) ele está doente"

(246) gí ti xahaigí xigiábií gíxai xihíabai -baf
2 1 irmão como 2 pagar -intensivo

"você é como nosso irmão (porque) você paga bem"

14.2.6. Cláusulas de resultado

Estas cláusulas são expressas morfologicamente ou parataticamente. Morfologicamente, o sufixo verbal -taí "razão/resultado" é frequentemente usado. Por outro lado, é comum observar cláusulas de resultado expressas apenas parataticamente. Essas cláusulas justapostas (como também é o caso das cláusulas de propósito) podem ser independentes (manifestando todos os constituintes de uma cláusula não justaposta) ou dependentes (com muita informação elíptica que se refere à cláusula matriz).

(247) xogai-ó xáhoí xo -ahá-p
 roça -locativo mandioca arrancar-ir -imperfectivo

-i -taí
 -próximo-razão/resultado

"(ele) está na roça para buscar mandioca"

(248) tiobáhai xi ái -hiab -a hi
 criança fome atéllico-negativo-remoto 3

oho -ái -p -i -hiab
 comer-atéllico-imperfectivo-epentético-negativo

-i -haí
 -próximo-certeza relativa

"a criança não está com fome (portanto) não comerá"

(249) xoí tio -áb -a ti kai -hiab -a
 céu escuro-durativo-remoto 1 fazer-negativo-remoto

"o céu está escuro (portanto) não farei (aquilo)"

14.2.7. Cláusulas comparativas e equativas

Ver a seção 7.

14.2.8. Cláusulas de modo ou instrumento

Estas cláusulas são expressas parataticamente. Ao nível locucional, há um sufixo -oa/xai que é afixado ao SN para indicar o instrumento (ver seção 15). A este nível, porém, não há nenhum marcador morfológico.

(250) ti xií boit -op -i -hai
1 árvore cortar-movimento (?)-próximo-certeza relativa

ti taís -oa xiit -á
1 machado-instrumento derrubar-remoto

"eu cortarei a árvore. eu (a) derrubarei com machado (=eu derrubarei a árvore por usar machado)"

(251) xapisíooi hi kabatií koab -ai -p
nome próprio 3 anta matar-atélico-imperfectivo

-í hi hoaoíi kap -áo
-próximo 3 espingarda atirar-télico

-b -á -há
-perfectivo-remoto-certeza completa

"xapisíooi matou uma anta (por) atirar nela (com uma) espingarda"

14.2.9. Cláusulas desiderativas

Cláusulas que expressam desejo são marcadas pelo sufixo desiderativo -sog no verbo matriz (ver a seção 18). Um exemplo desse tipo de cláusula é:

(252) poxió hi ob -ai -sog -abagaí
 nome próprio 3 ver-atélico-desiderativo-iniciativa frustrada

"poxió queria vê(-lo)"

14.2.10. Conjunção de cláusulas adverbiais

Na primeira seção deste capítulo notamos que pirahã tende a evitar construções complexas (sintagmaticamente). Portanto, embora seja possível usar cláusulas adverbiais mais complexas do que aquelas mencionadas anteriormente, não é muito comum.

Este encadeamento de cláusulas subordinadas é realizado ou paratática ou hipotaticamente. Quando realizado parataticamente, o encadeamento funciona para especificar ou restringir o sentido de uma sentença; hipotaticamente, uma cláusula adverbial é subordinada a outra, como um tipo de recurso (e, de fato, alguns exemplos como o 244, que temos chamado de paratáticos, são hipotáticos).

Um exemplo do encadeamento de cláusulas adverbiais através da parataxe seria:

(253) kabatí hi pi -ó -xio hi bai
 anta 3 água-locativo-direcional 3 medo

aagá hi xaibogisái
 ter 3 rápido

"a anta (pulou) rápido na água, (porque) estava xom medo"

Exemplos como o anterior são marcados também por pausa entre as cláusulas adverbiais, como se fossem um tipo de esclarecimento.

O encadeamento hipotático de cláusulas adverbiais se vê em exemplos como:

(254) ti hi ob -ai -hiab -i -haí
 1 3 ver-atélico-negativo-próximo-certeza relativa

ti kapiigakagakai-xiig -á ti hi
 1 estudar -continuativo-remoto 1 3

ob -ai -hiab -a pixái
 ver-atélico-negativo-remoto agora

"eu não o verei agora (porque) estou estudando
 (portanto) não o verei agora"

(255) pii ai -so xáóóí xit
 água baixa-temporal casca de castanha bater

-op -i -hiab -i -haí
 -movimento (?) -epentético-negativo-próximo-certeza relativa

tíihíi hiab -í -koí
 castanha negativo-epentético-enfático

"na época da água baixa (=verão) não quebramos
 castanha (porque) não (há) castanha (naquela época)"

14.3. Construções citacionais

14.3.1. Traços gerais

A fala direta se distingue da fala indireta pragmaticamente, como foi mencionado na seção 9. Por esse motivo optei por um rótulo mais geral aqui.

Os quotativos não são marcados por nenhum sufixo ou partícula completadora. Normalmente, o verbo gai "dizer/falar" aparece numa forma nominalizada, o pronome indicando se é a primeira, segunda ou a terceira pessoa de que se está falando. Ocasionalmente, outros sufixos, além do nominalizador -sai, são usados. Mesmo que não tenha certeza a respeito desses sufixos, tentarei indicar o significado de cada exemplo.

14.3.2. Afirmações indiretas

Na seção 9, a distinção entre a fala direta e a indireta foi vista na referência dos pronomes do complemento. Portanto, num exemplo como:

(256) hi gáí -sai xahóápátí ti xi
 3 dizer-nominalizador nome próprio 1 fome

aagá-hóág -a
 ter -ingressivo-remoto

- (i) "xahóápátí disse 'eu estou com fome' " ou
 (ii) "xahóápátí disse (que) eu estou com fome"

A tradução correta do exemplo 256 depende da referência ti "I" do complemento (as duas traduções são possíveis). Se ti se referir a xahóápátí, então a tradução correta é a primeira, (i); se referir-se à pessoa relatando o que xahóápátí disse, então a tradução certa é a segunda, (ii). A referência de ti é determinada por fatores pragmáticos. Outra maneira interessante de distinguir entre a fala direta e a fala indireta é através da língua usada no complemento. Quando é a fala direta de alguém não pirahã, ou seja, brasileiro, a tendência é do complemento aparecer em português, enquanto a cláusula matriz fica em pirahã.

(257) xaoói hi gáí -sai ambora
 estrangeiro 3 dizer-nominalizador embora

kob-ai -haí xitráda
 ver-atélico-próximo estrada

"o brasileiro disse 'embora, vamos ver a estrada' "

Note-se as violações da fonologia pirahã no exemplo 257:

, [mb] e [tʃ] (cf. 22)

14.3.3. Perguntas indiretas

Não tenho registrado perguntas indiretas nos meus dados. Para perguntar, por exemplo, "você sabe onde eu estou?" teria que dizer algo como:

(258) gí káo tí oba-i -háí
 2 interrogativo 1 ver-próximo-certeza relativa

"você já me viu?"

Não seria possível usar uma sentença como a seguinte:

*(259) gí kob-ai -hiab -óxóí hix
 2 ver-atélico-negativo-interrogativo interrogativo

tí gó xaagá
 1 WH estar

"você viu onde eu estou?"

e tampouco a seguinte:

*(260) hí gáí -sai hí go gíísó
 3 dizer-nominalizador 3 WH maneira

xigi ai -sog -i hix
 associativo fazer-querer-próximo interrogativo

"ele falou o que estava fazendo"

O exemplo 259 nunca seria gramatical, embora o 260 seria aceitável traduzida por "ele disse 'o que é que ele está fazendo?' "

14.3.4. Comando indiretos

Estes têm a mesma forma das afirmações indiretas do ponto 14.3.2. Isto é, o verbo gái "dizer", mais o complemento.

(261) hí gái -sai xaibogi ap-a -áti
3 dizer-nominalizador rápido ir-remoto-incerteza

"ele disse (para) (você) ir rápido"

14.4. Cláusulas de complemento

As formas nominalizadas podem funcionar como complementos à cláusula matriz. Nessas construções, o complemento pode seguir-se à cláusula matriz, embora esta posição seja marcada (ou pelo menos, é mais rara) em relação ao aparecimento do complemento na posição pré-verbal.

Considero essas formas pseudo-equativas, porque como as equativas, um objeto (o complemento) é descrito pela justaposição de outro elemento. São "pseudas" porque as formas verbais podem ocorrer na cláusula matriz.

(262) tiobáhai hóoi ai -sai xabahíoxoi
criança arco fazer-nominalizador incorreto

"a fabricação de arcos de crianças é incorreta"

Estes complementos são restritos às formas nominalizadas de ai "fazer" e gai "dizer" nos meus dados. O complemento pode funcionar como sujeito (exemplo 262), ou como objeto (exemplo 263):

(263) ti xog -i -baí gíxai kahaí kai -sai
 1 querer-próximo-intensivo 2 flecha fazer-nominalizador

"eu gosto muito de sua fabricação de flechas
 (= do seu jeito de fazer flechas)"

14.5. Restrições temporais e categorias das cláusulas subordinadas

Ver a seção 18 para um discussão da morfologia verbal. Não há uma categoria morfológica de tempo no pirahã. Os verbos das cláusulas subordinadas tendem a ser mais curtos do que os das cláusulas matrizes. A função dessa restrição é evitar o aparecimento de configurações sintáticas elaboradas demais. Esta limitação, porém, não é seguida rigidamente - fatores de estilo, contexto etc. desempenham papéis significativos nas variações. Essas restrições etc. vão além do escopo do presente estudo.

14.6. Relações gramaticais nas cláusulas subordinadas

A ordem de palavras continua sendo o elemento principal na determinação das relações gramaticais nas cláusulas subordinadas, justamente como nas cláusulas matrizes. Embora as cláusulas subordinadas (cf. seções 2 e 13) manifestem anáfora elíptica a antecedentes da cláusula matriz, quando os constituintes nominais são expressos, sua ordem é S obíquo O (cf. a primeira seção deste capítulo). Não tenho classificado nenhum afixo verbal cuja função seja a de marcar os participantes ou as relações gramaticais envolvidas na frase.

CAPÍTULO II

A SINTAXE LOCUCIONAL

CAPÍTULO II

A SINTAXE LOCUCIONAL

15. Estrutura das locuções nominais

15.1. Marcação de caso

Como é discutido na seção 1, a maneira principal de marcar as relações gramaticais é através da ordem linear das palavras. Não existem meios morfológicos para distinguir entre as relações de sujeito e as de objeto direto. Porém, os casos oblíquos de instrumento etc., são marcados por -oa/-ai "instrumento" e -o "locação". Esses sufixos ocorrem no elemento nominal. O verbo não é marcado nas relações gramaticais.

15.2. Expressão de posse

15.2.1. Ordenação

A ordem básica dos constituintes em locuções possessivas é: (nome) + (pronome) + núcleo (um dos elementos entre parênteses tem que ocorrer).

(264) paitá hi xitóhoi
 nome próprio 3 testículos (pré-puberdade)

"os testículos de paitá"

(265) ti kaiíi
1 casa

"minha casa"

(266) gíxai xisáitói
2 queixo

"seu queixo"

Não tenho registrado exemplos de locuções nominais expandidos na posição pré-núcleo nas locuções possessivas. Tampouco tenho notado qualquer diferença nos tipos de posse como posse alienável vs posse inalienável etc. Ocasionalmente, o elemento não pronominal ocorre na posição pós-núcleo, embora isso pareça funcionar como um esclarecimento - claramente um caso marcado.

(267) giopaí xaxái
cachorro nome próprio

"(o) cachorro de xaxái"

15.2.2. Marcação morfológica

A única marcação morfológica possível de posse seria o elemento pronominal que precede o núcleo (o nome possuído). Porém, devido ao fato de que esses elementos também ocorrem como formas livres, não os tenho classificado como prefixos, mas como pronomes livres.

Há evidência de que a marcação morfológica dos nomes existia como um processo produtivo no passado. SS (1969) notou que os nomes normalmente terminam por -pai e que os objetos compridos e cilíndricos começam por poo-.

15.2.3. Conclusão

Ver a seção 1 para uma discussão da posse nas cláusulas equativas e copulativas.

15.3. Modificadores

15.3.1. Adjetivos

A categoria de "adjetivos" não parece essencial para uma discussão do pirahã, já que os modificadores dos nomes também podem modificar os verbos (cf. seção 23).

Locuções nominais modificadas distinguem-se dos possessivos pelo fato de que a cabeça precede o modificador, mas segue possuidor. A locução nominal normal manifesta dois ou menos modificadores. Raramente há mais de dois modificadores. A maior locução nos meus dados é:

(268) kabogáohoi bífisi hófhio xitaíxi
 tambor vermelho dois pesado

"dois tambores vermelhos (é) pesados"

Esse exemplo não foi registrado em material textual e natural, mas foi colhido separadamente. De maneira geral, a restrição é de dois modificadores no máximo, seja qual for o tipo de modificador (número, qualidade etc.) envolvido.

Outros exemplos de modificadores são:

(269) xipóihí kapióxió
mulher outro

"outra mulher"

(270) tobohói tíooi xog -a -baí
saco borracha querer-remoto-intensivo

"(eu) quero o saco de borracha"

No exemplo 270, o modificador é um nome, apresentando as possibilidades dos modificadores através de categorias (cf. a discussão da sintaxe X do terceiro capítulo e os traços sintáticos $|\pm N, \pm V|$). Outros exemplos são:

(271) (a) xaoói xaibogí gáihí
estrangeiro rápido aquele

"aquele estrangeiro rápido" ou "aquele estrangeiro é rápido"

(b) xaibogí âp-a -âti
rápido ir-remoto-incerteza

"vá rápido"

(c) tí xaibogí-a -hói
1 rápido -remoto-ingressivo

"eu vou correr"

Segundo o exemplo 268, que entendo ser representativo da estrutura geral dos SNs do pirahã, a ordem básica dos constituintes pode ser expressa pelo seguinte:

(possuidor) + N + (modificador)ⁿ (onde n = 2 para os casos não marcados; provavelmente, o limite máximo de n seja 3).

(272) hi hoa báagiso xab -óp-ai
3 dia muito virar-ir-atélico

"ele voltará (depois de) muitos dias"

(273) xágaísi xapagí xao -xaagá
farinha muito posse-ter

"(ele) tem muita farinha"

(274) xaikáibaí hi hoítoí xaíba-koi
nome próprio 3 mutum muito-enfático

xap -áo -b -í -i
atirar-télico-perfectivo-próximo-certeza completa

"aikáibai atirou em muitos mutuns"

(275) paió hi kapiiga xogií xao -xaagá
nome próprio 3 dinheiro grande posse-ter

"paió tem muito dinheiro"

(276) hi kapiiga xaíhi -hi xao -xaagá
3 dinheiro pequeno-enfático posse-ter

"ele tem pouco dinheiro"

Quanto aos modificadores dos exemplos 272 a 276, ou seja, as diferenças entre báagiso "muito" vs xaíba-koi "muito" dos exemplos 272 e 274; xapagí

"muito" do exemplo 273, vs xogíí "muito/grande" do exemplo 276, tenho notado as seguintes distinções:

Os exemplos 273 e 274 ilustram a diferença entre nomes de elementos não enumeráveis e de elementos enumeráveis (ou melhor, "mass nouns" vs "count nouns"). Quando o núcleo é um "mass noun", o modificador é xapagí; nos demais casos, o modificador mais comum é xaíbáí.

As diferenças entre báagiso e xaíbáí por um lado, e xapagí e xogíí por outro, são mais sutis. Minha hipótese (e os dados são poucos a esse respeito) é que báagiso é mais apropriado para quantificar elementos menos tangíveis como hoa "dia". Acredito que algo como (?) hoa xaíbáí (ou hoa xapagí) seria inaceitável.

xogíí "grande/muito" é menos comum na tradução "muito", porém, intuitivamente, acho xogíí e xapagí (quase) sinônimos, observando apenas que xapagí é mais comum nessa tradução.

O morfema xoiíhi, do exemplo 276, é traduzível por "pequeno" (cf. exemplo 276) ou por "pouco". (Como xogíí é "grande" ou "muito"). Devido a estas observações, não tenho distinguido entre "quantificadores" e modificadores de "qualidade".

(277) ko	kó	baaí	(xaíbáí)
vocativo	nome próprio	porco do mato	(muito)

pii	ap-ái	-p	-í	pii
água	ir-atélico-imperfectivo-próximo			água

bo	-ó	gai	kob-á
acima-locativo	demonstrativo	ver-remoto	

(i) "o kó, um porco está entrando na água, rio acima, olhe!"

(ii) "o kó, uma banda de muitos porcos estão entrando na água rio acima, olhe!"

boitó báosa xig -i -sai
 barco balsa trazer-epentético-nominalizador

"será que o barco, o que traz balsas, não virá?"

O exemplo 277 ilustra um tipo de cláusula relativa produzida pela nominalização, enquanto que o 278 é um exemplo da expressão paratática (e nominalizada) de uma relativa.

Uma certa ambigüidade resulta de construções paratáticas, como no exemplo 279, que só pode ser resolvida através do contexto.

(280) ti hi aho -ai -sog -abagai
 1 3 falar-atélico-desiderativo-iniciativa frustrada

tiobâhai ti taísi ig -iig -ai
 criança 1 machado levar-continuativo-atélico (?)

Esse exemplo é traduzível de duas maneiras:

- (i) "eu quero falar com a criança que levou meu machado"
- (ii) "eu quero dizer que uma criança levou meu machado"

15.4. Nominalizações

15.4.1. -sai

O sufixo nominalizador, -sai, possui várias funções. Uma das mais comuns é a transformação de um verbo num substantivo, especialmente em relação ao processo de descrever objetos alheios (cf. seção 23). Isso ocorre tanto com os verbos transitivos quanto com os intransitivos.

(281) xohói xiboft-i -sai
vento cortar-epentético-nominalizador

"o cortador de vento (a hélice)"

(282) xií kai -sai
casa fazer-nominalizador

"fabricador de coisas"

(283) xahoí-kasi bag -i -sai
arroz-nome vender-epentético-nominalizador

"arroz vendível"

(284) gahió xo -ó xabaip-i -sai
avião terra-locativo sentar-epentético-nominalizador

"o avião que aterrissa em terra (= o terra-aterrisador)"

(285) xaoói hi tabo xait -i -sai xao -xaagá
estrangeiro 3 tábua dormir-epentético-nominalizador posse-ter

"o estrangeiro tem uma tábua para dormir (= uma cama) "

Não tenho registrado nenhum exemplo de -sai na sua função de nominalizar verbos sem a presença de um objeto oblíquo ou direto.

Outra função de -sai é, possivelmente, a de indicar cláusulas subordinadas de condição (ver a discussão dessa possibilidade na seção 14.2.3).

-sai é visto mais frequentemente nas cláusulas citativas (cf. 14.3.). Nessas cláusulas a função é transformar o verbo gái "falar/dizer" num substantivo. Esse caso é interessante porque o verbo gái, aparentemente, quase nunca ocorre na forma não nominalizada. O verbo nominalizado é xaho

"dizer/falar". Talvez gái -sai "fala", seja uma forma cristalizada devido ao seu desenvolvimento diacrônico. Porém, esse tipo de consideração vai além dos objetivos do presente estudo.

Não há nenhum uso gerundivo de -sai. Portanto, os exemplos abaixo, 286 e 287, são agramaticais na primeira interpretação, (i), e são aceitáveis apenas na segunda interpretação, (ii).

(286) hi ti xap-i -sai xog -i
 3 1 ir -epentético-nominalizador querer-epentético

-hiab -a
 -negativo-remoto

*(i) "ele não gosta da minha ida" (cf. o inglês
 'he doesn't like my going')
 (ii) "ele não quer que eu vá"

(287) páohoi kai -sai báaxai

*(i) "boa fabricação de pão" (cf. o inglês 'good bread making')
 (ii) "bom fabricante de pão"

15.4.2. Mudanças no verbo devido à nominalização

15.4.2.1. Tempo e aspecto

Todas as distinções de tempo e aspecto são perdidas nas formas nominalizadas. A fórmula básica das nominalizações é: raiz verbal + (/i/ epentético) + -sai. Para uma discussão mais ampla disto em relação às classes posicionais dos afixos verbais, ver seção 18.

15.4.2.2. Relações gramaticais

Nas construções citativas, o sujeito da cláusula matriz se torna o possuidor da forma nominalizada. Nas demais formas de nominalização, o sujeito pode aparecer opcionalmente como o possuidor.

É difícil, às vezes, determinar o foco, sujeito ou objeto da forma nominalizada. Por exemplo:

(288) (a) ti xií kai -sai xihi ogi aí
 1 coisa fazer-nominalizador pagamento grande ser

(i) "meu fabricante de coisas é caro"

Mas veja a agramaticalização da tradução alternativa:

*(ii) "minha fabricação de coisas é cara"

A tradução gerundiva (ii), como já notamos, é agramatical. Por outro lado, é difícil determinar se (i) está enfocando o sujeito ou o objeto. Pela forma superficial parece focar o sujeito. Acredito, porém, que isso é porque na realidade o exemplo 288 é uma espécie de cláusula relativa. Nesta hipótese, a forma completa seria:

(289) (b) ti xií xií kai -sai
 1 coisa coisa fazer-nominalizador

"minha coisa que faz coisas"

Uma explicação possível pela forma do exemplo 288 (a), se esta hipótese estivesse correta, seria uma tendência, no pirahã, de evitar construções do tipo:

(290) X N_i N_j Y onde N_i = N_j

Isto é apenas uma hipótese, mas a falta de exemplos do tipo 289 parece apoiá-la.

-sai é usado freqüentemente para produzir um tipo de construção que corresponde em certos aspectos ao infinitivo.

(291) kohoibiíhai xibíib . -i -haí
 nome próprio mandar em-próximo-certeza relativa

gíxai xahóí-kasí bag -i -sai
 2 arroz-nome vender-epentético-nominalizador

(i) "kohoibiíhai manda/quer que você venda o arroz" ou

(ii) "kohoibiíhai diz para você vender o arroz"

(cf. o inglês 'k orders you to sell the rice')

15.4.3. Conclusão

Como se vê pela discussão superficial acima, estou apenas começando a entender as várias funções da nominalização no pirahã. Certos elementos ainda são relativamente problemáticos.

Um destes elementos é o sufixo -si. Em certas construções, -si parece ter a função de nominalizador.

(292) ko kab -i -si bag -áo -b -ã
 olho negativo-epentético-? vender-télico-perfectivo-remoto

"(o homem) sem olhos (o) vendeu (para mim)"

No exemplo 291, a forma verbal kab "negativo" é nominalizada. Porém, em outros exemplos, -si marca nomes próprios (opcionalmente):

(293) xisáábi (-si) ti xaháígí xigiábií
 nome próprio (?) 1 irmão como

"xisáábi (é) o meu amigo"

Uma explicação tentativa para os exemplos como o 292 é que -si marca, de alguma forma, uma mudança na função de um elemento. Todos os nomes próprios para seres humanos são derivados de construções verbais, nomes de animais, locuções nominais etc. Em muitos casos (+ 90%) -si ocorre opcionalmente na posição final do nome. Naturalmente, é possível que o -si dos verbos, como no caso do exemplo 292, seja diferente do -si dos nomes próprios. Por enquanto, estou investigando a possibilidade dos dois serem iguais.

Outro problema é que -si não ocorre com os verbos transitivos nem intransitivos e, portanto, tenho pouquíssimos exemplos registrados com ele.

16. Sistema pronominal

16.1. Introdução

O sistema pronominal é relativamente simples. Não existem, por exemplo, formas especiais para o recíproco, reflexivo ou possessivo. Como se vê abaixo, há algumas distinções entre formas livres e formas presas. Nimuendajn (1921) sugeriu até que o sistema inteiro fosse emprestado da língua franca, o nheengatu, uma língua crioula baseada no tupinambá (que é, segundo Helen Weir numa comunicação pessoal, ainda falada em certas regiões do norte do Brasil. Ver o último capítulo para a discussão desta

possibilidade e uma caracterização formal de certos aspectos da referência pronominal no pirahã.).

16.2. Pronomes pessoais

16.2.1. Distinções básicas

As formas livres dos pronomes pessoais do pirahã são:

(294) ti "primeira pessoa" (= 1 nas transcrições)

(295) gíxai "segunda pessoa (modo indicativo)" (= 2 nas transcrições)

(296) hiapióxió "terceira pessoa"

Não existem formas plurais para a primeira ou segunda pessoa. A expressão disso é realizada parafrasticamente como discutimos abaixo (16.1.2.1.).

Formas presas são:

(297) ti (= exemplo 294) "primeira pessoa" (preso ou livre)

(298) gí/gíxa "segunda pessoa" (modo indicativo)

(299) hi "terceira pessoa masculina"

(300) xi "terceira pessoa feminina"

Quanto aos exemplos 299 e 300, siga aqui a análise de SS. Porém, ver a seção 22.3.1.3. para uma hipótese alternativa baseada na variação (fonológica) livre.

Na seção 22 tento demonstrar que estas formas são presas fonologicamente e não morfológicamente. SS listou outras formas pronominais que, na minha análise, são apenas o resultado de uma regra opcional de prefixação. Ver a seção 22.3.3. para uma discussão destas possibilidades.

16.2.2. Distinções de número

16.2.2.1. Expressão do plural

A noção de pluralidade se exprime de várias maneiras. A forma mais comum é através da conjunção:

(301) ti gíxai pfo ahá-p -i -i
1 2 também ir -imperfectivo-próximo-certeza completa

"eu e você vamos (= nós vámos)"

(302) ti xaítiso xis ohoa -i -haí
1 em conjunção comida procurar-próximo-certeza relativa

"eu também irei à procura de comida"

No exemplo 302 xaítiso é traduzido como "também". Acredito que esta partícula funcione ao nível do discurso junto com xagía "(marcador de participante principal)". As duas partículas provavelmente sejam compostas de outros morfemas, mas tenho pouca certeza sobre a relevância sincrônica disto (e não as tenho analisado). Ver a seção 21 para uma discussão mais detalhada.

O exemplo 302 também é uma expressão típica de pluralidade. SS considera a forma tixaítiso como uma só unidade morfológica com o significado de "nós". Porém, aparentemente, há contra-exemplos a essa hipótese:

- (303) paió hi xab óp ai so
 nome próprio 3 virar ir atético temporal
- ti xaítiso xis ibá -bo-í -haí
 1 em conjunção animal flechar-ir-próximo-certeza relativa

"quando paió voltar, então eu vou pescar (= flechar peixe)"

Aqui, xaítiso parece ter a função temporal de "então" (que não é bem preciso - ver a seção 21 para uma explicação mais completo).

Outra maneira de expressar a pluralidade é através da pós-posição comitativo/associativo, xigío.

- (304) ti gíxai xigí -ó xopaohoa -i -baí
 1 2 associativo-locativo trabalhar-próximo-intensivo

(i) "eu trabalho muito com você" ou

(ii) "nós trabalhamos muito juntos"

A segunda pessoa do plural é formada da mesma maneira que a primeira pessoa:

- (305) gíxai hi xigí -o xop-i
 2 3 associativo-locativo ir-epentético

-ta -ha-áti
 -iterativo-? -incerteza

- (i) "você saia com ele" ou
 (ii) "vocês saiam"

(306) gíxai hi pío hoagá-p -a -áti
 2 3 também vir -imperfectivo-remoto-incerteza

- (i) "você e ele venham (cá)" ou
 (ii) "vocês venham (cá)"

(307) gí xaítiso xaiaí -baí
 2 em conjunção brincar-intensivo

"você (com outra pessoa) brinca muito (= vocês brincam muito)"

Como dissemos acima, o pronome hiapióxió não é marcado em relação ao número de referentes possíveis, ou seja, ele é ou plural ou singular, dependendo do contexto.

(308) hiapióxió soxóá xo -ó -xio
 3 já mato-locativo-direcional

"ele/eles (foram) ao mato"

16.2.2.2. Formas coletivas

Existe apenas uma forma coletiva nos meus dados, xogiágaó "todo mundo". Mais uma vez, isto é o caso de um morfema composto por outros morfemas que chegou a funcionar como uma forma cristalizada, ou seja, que funciona

sincronicamente como um elemento só. Portanto, não o tenho analisado mais detalhadamente.

(309) kaoi hi gáí -sai // xogiágaó
 quem 3 dizer-nominalizador todo mundo

"quem falou? todo mundo (falou)"

(310) xogiágaó xis ahoái -xiig -á
 todo mundo animal procurar-continuativo-remoto

"todo mundo está procurando comida"

16.2.3. Aspectos pragmáticos de hi(apióxió)

hi freqüentemente funciona como elemento pleonástico (mudo) ou indefinido impessoal (nesses casos é a forma neutra, no sentido de que ele é empregado quando não há necessidade de fazer uma referência definida'. Já que os nomes próprios são usados normalmente para fazer esse tipo de referência, os pronomes ti "1" e gí "2" são, na minha análise, marcados em relação aos nomes próprios. hi, no seu uso indefinido é, portanto, não marcado. Mas isso é apenas uma caracterização inicial e hipotética por minha parte). Ou seja, hi é freqüentemente usado para referir-se à primeira ou segunda pessoa. Isso acontece nos atos de fala indiretos para diminuir a força ilocucionária. Essa ambigüidade referencial é resolvida pelo contexto.

(311) hi xob-áaxái ti
 3 ver-bom 1

"alguém sabe muito, eu"

(312) hi gó gá -xai
 3 WH dizer-atélico

"O que (foi que) $\left\{ \begin{array}{l} \text{ele} \\ \text{você} \end{array} \right\}$ estava dizendo?"

hi é a forma pronominal mais comum nas formas interrogativas que manifestam go "WH".

As vezes, hi se refere a participantes femininos, ao contrário da análise de SS (cf. 16.2.4.).

16.2.4. Distinções pronominais baseadas em gênero ou classe

Estudos anteriores do pirahã distinguiram entre vários elementos segundo o gênero e a classe. Porém, como se vê na seção 22, esses "pronomes" são, de fato, o resultado de uma regra fonológica de prefixação. Porém, existe uma diferença pronominal baseada, evidentemente, no gênero dos referentes.

(313) xi gáí -sai xioitaábi
 3 feminino dizer-nominalizador nome próprio

ti xoós aaga
 1 ignorância ter

"xioitaábi, ele falou que (ela) não sabe"

É difícil especificar se esta distinção é rígida. Tenho registrado exemplos de hi se referindo a mulheres e xi se referindo a homens. A variação livre é um fenômeno bastante comum no pirahã (mais na fonologia,

menos na sintaxe, e menos ainda na semântica). Embora não haja espaço para tratar desse fenômeno aqui, espero discuti-lo num futuro trabalho. Aqui, afirmo apenas que tenho chegado à conclusão de que a análise de hi/xi baseada no gênero dos referentes é precária.

16.3. Pronomes indefinidos

16.3.1. Indefinido específico

Esta noção é expressa em certas situações pela forma hiapióxió "3 (forma livre)".

(314) (a) hiaitíihí kaiíi hiab iig
 pirahã casa negativo continuativo

 -óxióí hix
 -interrogativo interrogativo

"é uma casa pirahã/dos pirahã?"

(b) hiapióxió kaiíi
 3 casa

"é a casa de outro/outras pessoas"

(315) hiapióxió xaópi-koí
 3 raiva-enfático

"outra pessoa (está com) muita raiva"

(316) ti kapí xog -i -koí hiapióxió
 1 café querer-epentético-enfático outro/mais

"eu quero mais café"

(317) (a) xaoói gáihi hi baáb
 estrangeiro aquele 3 doente/mau

-óxóí hix
 -interrogativo interrogativo

"(será que) aquele estrangeiro está doente?"

(b) kaba hiapióxió
 negativo outro

"não (é) outro (que está doente)"

16.3.2. Indefinido negativo

O indefinido negativo se expressa (exclusivamente em respostas, nos meus dados) através da negação de hiapióxió "3/mais/outro".

(318) (a) hiapióxió xo -áo -b -óxóí hix
 3 comprar-télico-perfectivo-interrogativo interrogativo

"alguém comprou (aquilo)?"

(b) hiapióxió hiab -iig -á
 3 negativo-continuativo-remoto

"ninguém mais"

O exemplo 318 (b) pressupõe que alguém comprou algo, mas alguém conhecido pelo ouvinte e não pelo falante. Isto é, "ninguém mais - (foi João, eu etc.)"

16.3.3. Indefinido não específico

O único candidato aqui é novamente hi. Exemplos como o 311 e 312, acima, poderiam ser interpretados como um elemento mudo, tal como 'there' (inglês) ou 'il' (francês). Porém não há exemplos claros nos meus dados e, portanto, apenas levanto a possibilidade.

16.4. Pronomes possessivos

Não há formas especiais para os possessivos. Os pronomes pessoais discutidos acima também funcionam como possessivos. As formas livres dos pronomes são usadas como 'seu', 'meu', etc. enquanto as formas presas são usadas na forma de adjetivos, como se vê, também, na seção 15.2.

(319) ti hoaoíi gáíhi
 1 espingarda aquele

(i) "aquela (é a) minha espingarda" ou

(ii) "aquela espingarda é minha"

(320) (a) kaoí t̄ihí
 quem castanha

"de quem (é a) castanha?"

(b) gíxai
 2

(i) "(é de) você" ou
 (ii) "sua"

16.5. Pronomes demonstrativos

Há dois pronomes demonstrativos no pirahã: gáihí "aquele" e gíisai "este". Os dois têm sido mencionados várias vezes neste trabalho. Como se vê pelas traduções, eles são distinguidos através da proximidade do referente ao falante.

Estes pronomes são usados independente e adjetivamente. Seu uso independente ocorre, normalmente, em respostas:

(321) (a) hi go igí -og -í hix
 3 WH levar-querer-próximo interrogativo

"o que é que você quer levar?"

(b) gíisai
 este/isto

"(quero levar) isto"

(322) ko pó taihoaxai gáihi
 vocativo nome próprio panela aquela

xig -a -áti
 levar-remoto-incerteza

"ô pó, leve aquela panela!"

(323) ti baósaí gíisai xoá -bo-í
 1 pano este comprar-ir-próximo

"eu comprei este pano (i.e. eu cheguei a comprar...)"

(324) taihoaxai gáihi
 panela aquela

(i) "aquela panela" ou
 (ii) "aquela é uma panela"

16.6. Pronomes reflexivos

Na seção número 4, fazemos a observação de que não há formas especiais para o reflexivo. Ver também a discussão do terceiro capítulo sobre a teoria de vinculação.

16.7. Pronomes recíprocos

Ver a seção número 4.

16.8. Pronomes interrogativos

A única forma pronominal de interrogação é kaóí "quem". Este elemento é usado exclusivamente em construções interrogativas, ou seja, ele nunca funciona como o núcleo de uma cláusula relativa etc. Ver a seção 10 para uma discussão mais ampla.

16.9. Pronomes relativos

Ver a seção 15.3.2. Não há pronomes relativos no pirahã.

17. Estrutura das locuções adposicionais

17.1. Sufixos locativos e direcionais

Há dois morfemas no pirahã para expressar as noções de local e direção. Estes são os sufixos nominais -o "locativo" e -xio "direção". Estes podem ser afixados a nomes, ao elemento WH, go, ou a pós-posicionais. Há uma restrição sobre a ocorrência de -xio que proíbe o seu uso independente de -o. Isto é, a afixação de -o é uma condição necessária para a afixação de -xio (uma condição tanto lógica como linear). Em termos lógicos:

~ -o) ~ -xio. Como se vê nos exemplos abaixo, mudanças morfológicas na raiz resultam da afixação desses elementos. Ver a seção 23 para uma discussão breve da morfofonologia do pirahã.

(325) (a) xoí "mato"

(b) xo-ó "no mato"

(c) xo-ó-xio "para/indo para o mato"

(326) (a) kaií "casa"

(b) kaif-o "na casa / em casa"

(c) kaif-ó-xio "para/indo para (a) casa"

(327) (a) go "o que? (elemento WH)"

(b) go-ó "onde?"

Não há um exemplo (c) da última série. Isto é, -xio nunca é afixado a go.

Não tenho nenhuma explicação para as mudanças tonais do exemplo 326. Uma discussão de algumas regras de perturbação tonal se encontra na seção 22, embora isto seja apenas o início do estudo de um sistema extremamente complexo.

17.2. Formas livres

Há várias pós-posicionais de posição, localização e associação que podem ou combinar-se com -ó e -xio ou aparecer de forma livre.

(328) xisigíhií xagaoa ko -ó
 carne canoa dentro-locativo

"(a) carne (está) dentro da canoa"

No exemplo acima, 328, o sufixo locativo -ó é afixado à pós-posição ko "dentro" (da palavra koxoí "estômago"). Da mesma forma -ó se afixa a outras pós-posições:

(329) tábó xapo -ó xihi -ái -p -a -áti
 tábua cabeça-locativo botar-atélico-imperfectivo-remoto-incerteza

"bota em cima da mesa"

(330) góí kaif-o xahoa-ó xab -áti
 2 imperativo casa-locativo lado -locativo ficar-incerteza

"fique ao lado da casa"

Note-se a ocorrência dupla de -ó no exemplo 330. Isso difere dos exemplos 328 329, já que o nome da locução pós-posicional também manifesta o sufixo. Embora esse tipo de ocorrência dupla seja comum, não estou certo a respeito das suas condições. Como se vê nos exemplo 328 e 329, pós-posicionais de localização são geralmente derivadas dos nomes de partes do corpo.

As locuções pós-posicionais também podem ser negadas:

(331) xoogiái hi kaii-ó -xio
 nome próprio 3 casa-locacional-direcional

hiab -iig -á
 negativo-continuativo-remoto

"xoogiái não (está indo) para casa"

Não tenho observado casos de "preposition stranding" nos meus dados (cf. o inglês "Apples, I want a lot of"). Também, nos meus dados, os elementos pós-posicionais são restritos ao ambiente, SN _____ isto é, eles só ocorrem com locuções nominais.

18. Estrutura verbal

18.1 Introdução

18.1.1. Comentários gerais

Como na maioria das línguas amazônicas, a área que tem sido mais difícil de analisar no pirahã é o sistema verbal. Embora o meu entendimento desse sistema esteja crescendo rapidamente através da aprendizagem da língua, ainda estou longe de uma análise completa.

Além das várias complicações morfofonológicas (ver as seções 21 e 22), há muita relutância contra a repetição "verbatim" (palavra por palavra). Os informantes preferem parafrasear em vez de repetir, pensando, aparentemente, que já que o lingüista não entendeu a primeira frase, talvez ajude colocar tudo numa forma diferente. Ademais, isto, mais o fato de eles serem monolíngües (o que torna qualquer tentativa de conseguir uma tradução dos exemplos extremamente difícil) complica muito a tarefa do lingüista.

Embora SS (1976) liste dez classes posicionais para os sufixos, com aproximadamente três membros de cada classe, acredito que o número seja maior - até quinze, com vários suprafixos tonais. Porém, isso vai além da nossa capacidade no presente, e portanto, não será tratado aqui.

Com a exceção de pronomes imperativos (ver as seções 9, 11 e 16, acima), as categorias abaixo são expressas exclusivamente por afixos. Não tentamos proporcionar nenhum tratamento exaustivo dos verbos do pirahã neste trabalho. Este estudo tem sido ajudado muito pelo estudo pioneiro de SS (1976), embora tenha dúvidas sobre certas seções daquele trabalho. De qualquer maneira, a responsabilidade desta seção é minha, e as conclusões, erros etc. são também meus. A exemplificação dos sufixos é restrita a poucos exemplos nesta seção, já que todos os sufixos são exemplificados várias vezes nas demais seções.

18.1.2. Restrições de co-ocorrência dos sufixos verbais

Nem todos os sufixos discutidos abaixo podem ocorrer simultaneamente. Isso é porque há várias classes posicionais em relação à raiz verbal, cada uma das quais possui vários membros. Entre essas classes há várias restrições na coocorrência semântica, morfológica e, talvez, pragmática. Ver o gráfico na página que se segue para uma visão geral das classes posicionais e os vários sufixos (ver também Muysken (1982). Talvez seja possível reduzir o número de classes no futuro por combinar algumas das classes representadas no gráfico.

Até o presente estágio da análise, tenho observado as restrições de coocorrência abaixo, as quais devem ser entendidas aqui, como uma tentativa inicial.

- (1) Não há coocorrência entre os membros da mesma classe posicional;
- (2) Os membros da terceira classe ('duração da ação' não coocorrem com as classes (4), (5) e (6);
- (3) -ap "puntiliar" não coocorre com -xiig "continuativo";
- (4) -sog "desiderativo" não coocorre com -hiab "negativo";
- (5) as classes (10), (11), (12) e (13) não coocorrem;
- (6) -sai "condicional"/"nominalizador" e -sigiba "dedução" só ocorrem com a raiz verbal;
- (7) as classes (6), (7), (8), (11), (12), (13), (15) e (16) não coocorrem com -so "temporal";
- (8) -ai "afélico" não coocorre com -b "perfectivo".

Ver as subseções, abaixo, para discussões mais amplas destas restrições. Destacaríamos, mais uma vez, o fato de que esta lista é parcial

e representa apenas uma tentativa inicial de analisar as coocorrências dos sufixos.

Tabela (Tentativa) das Classes Posicionais dos Sufixos Verbais

Raiz	Posições de Incorporação	Duração da Ação	Realização da Ação	Divisão da Ação	Desiderativo	Negação	Continuativo	Interrogativos
	cf. 18.8.	- <u>ab</u> 'durativo'	- <u>ão</u> 'tético'	- <u>b</u> 'perfectivo'	- <u>sog</u> 'desiderativo'	- <u>hiab</u> 'negativo'	- <u>xiig</u> 'continuativo'	- <u>xóxóí</u> - <u>xoaxái</u> - <u>hoaxái</u> cf. seção 10
		- <u>áp</u> 'puntiliar'	- <u>ái</u> 'atético'	- <u>p</u> 'imperfectivo'		- <u>sahaxái</u> 'proibitivo'		

(segue)

(continuação)

Ingressivo	Referencial	Iterativo	Certeza	Ação Frustrada	Intensivo	Enfático	Condicional Temporal Nominalizador	Conclusivo	Resultado
- <u>hoag</u> 'estado'	- <u>i</u> 'próximo'	- <u>tá</u> 'iterativo'	- <u>áti</u> 'incerteza'	- <u>ábagaí</u> 'iniciação frustrada'	- <u>baí</u> 'intensivo'	- <u>koí</u> 'enfática'	- <u>so</u> 'temporal'	- <u>híai</u> 'comentário/	- <u>tafo</u> 'resultado'
- <u>hói</u> 'ação'	- <u>a</u> 'remoto'		- <u>haí</u> 'certeza relativa'	- <u>ábai</u> 'término frustrado'			- <u>saí</u> 'condicional/nominalizador'	- <u>xáagahá</u> 'observação'	
			- <u>há</u> 'certeza completa'				- <u>si</u> 'nominalizador' (?)	- <u>sibiga</u> 'dedução'	

18.2. Tempo

Não há divisões temporais correspondentes às noções de "passado", "presente" e "futuro". A referência temporal é entendida através das combinações de aspectos e o contexto. Todas as formas verbais são ambíguas quanto ao tempo, exigindo um conhecimento do contexto para esclarecimento.

18.3. Aspecto

18.3.1. Perfectivo (-b)

Segundo Comrie (1976:16), "...perfectivity indicates the view of a situation as a single whole...". Por esse motivo temos chamado a quinta classe posicional de "divisão da ação". (O falante pode perceber a ação como um todo ou em termos da sua composição interna).

O aspecto perfectivo é expresso por -b. A combinação de -b com outros aspectos como télico ou atélico possibilita tanto a caracterização da ação quanto a sua localização temporal em relação a um determinado ponto de referência (normalmente o tempo no ato da fala. Não entrarei numa discussão deste assunto aqui devido ao pouco conhecimento que tenho dele no momento.).

(332) ti xis ab -áo -b -í
1 animal pegar-télico-perfectivo-próximo

-haí kaahaixái
-certeza relativa arara

"eu pegarei/peguei uma arara"

(333) xogió xap -áo -b -í -hi
 tudo quebrar-télico-perfectivo-próximo-certeza completa

"tudo quebrou"

(334) xagaísi hiab -áo -b -á
 farinha negativo-télico-perfectivo-remoto

"a farinha acabou"

18.3.2. Imperfectivo (-p)

O sufixo imperfectivo é -p. O imperfectivo indica que a ação é "analísada" e o falante não está enfocando-a como um todo, mas sim, em termos dos seus componentes (cf. Comrie - 1976).

(335) xísi xaab -ái -p
 animal morder/mastigar-atélico-imperfectivo

-á giopaí xaíti
 -remoto cachorro cutia

"o cachorro estava comendo (mastigando) a cutia"

(336) ti xis o -áo -p -i
 l animal procurar-télico-imperfectivo-próximo

-haí kaahaixái
 -certeza relativa arara

"eu estava/estarei procurando uma arara"

(337) ti koho -ái -p -i -haf
 1 comer-atélico-imperfectivo-próximo-certeza relativa

xahoahíai
 outro dia

"eu estava/estarei comendo amanhã/outro dia"

18.3.3. Téliico (-áo)

O aspecto télíico, expresso por -áo, representa a realização de uma ação ("accomplishment"), uma ação percebida pelo falante como alcançada. Junto com -b "perfectivo", -áo freqüentemente é traduzido no tempo passado.

(338) ti kahi ob -áo -b -fig -á
 1 flecha ver-téliico-perfectivo-continuativo-remoto

"eu estava vendo/tinha visto a flecha"

(339) xí hiab -áo -b -óxóí hix
 animal negativo-téliico-perfectivo-interrogativo interrogativo

"a carne (já) acabou?"

(340) ti xi koho -áo -p -iig -á
 1 animal comer-téliico-imperfectivo-continuativo-remoto

"eu estava/estarei comendo carne"

18.3.4. Atélico (-ái)

Este aspecto se refere a uma ação não realizada.

(341) hi koab -ái -p -á
3 morrer-atélico-imperfectivo-remoto

"ele morrerá (no futuro)"

18.3.5. Continuativo (-iig)

(342) hi xopaoho -ái -p -iig -á
3 trabalhar-atélico-imperfectivo-continuativo-remoto

"ele estará/estava trabalhando"

(343) ti pii kapióxio xao -xaag-iig -á gáihí
1 água outro posse-ter -continuativo-remoto aquilo

"eu estarei possuindo aquilo no ano que vem (= na outra água)"

18.3.6. Iterativo (-ta)

A repetição ou reocorrência de uma ação é expressa através do aspecto iterativo.

(344) hi kohoi-tá -há
3 comer-iterativo-certeza completa

"ele (está) come(ndo) de novo"

(345) ti soxóá xop-í -ta
1 já ir -epentético-iterativo

"eu já vou de novo" .

(346) xaxái xab -óp-ai -ta -ha -ó
nome próprio virar-ir-atélico-iterativo-certeza completa-temporal

baósaí xoá -boi -haf
pano comprar-vir(?)-certeza relativa

"quando xaxái voltar novamente, compre o pano"

18.3.7. Ingressivo (-hoag; -hói)

-hói pode ser traduzido por "início de uma ação" e -hoag "início de um estado". Isso não quer dizer que -hoag só aparece em verbos estáticos, mas implica numa transição completada de uma condição (ativa ou estática) para outra. -hói implica no início dessa transição.

(347) ti soxóá xait -á-hói
1 já dormir-?-ingressivo

"eu já vou dormir (eu já estou começando a dormir)"

(348) hi soxóá xait -á-hóág -a
 3 já dormir-?-ingressivo-remoto

"ele já começou a dormir (está dormindo)"

(349) xagií -híai tiosipói hi biiob
 término-comentário nome próprio 3 cansar

-á-hoag -a
 -?-ingressivo-remoto

"basta. tiosipói já ficou cansado"

18.3.8. Aspecto referencial

A maioria da análise apresentada nesta seção é de KE (1981). Tenho modificado sua análise pouco relativamente, aceitando também algumas sugestões de Derbyshire (comunicação pessoal).

18.3.8.1. Próximo (-i)

O aspecto "próximo" implica numa ação que vai ocorrer ou já ocorreu dentro de um período relativamente breve em relação ao momento da ocorrência. Ademais, as situações próximas são também as que possuem mais "relevância" ao momento da ocorrência (o problema sendo obviamente como definir o termo "relevância" de maneira precisa. Infelizmente, esta definição não é clara para mim, no presente trabalho.).

(350) hi gáí -sai xaoóí ti kap
 3 dizer-nominalizador estrangeiro 1 atirar

-í baaí
 -próximo porco do mato

"o estrangeiro disse 'vou agora matar um porco' "

O aspecto próximo freqüentemente aparece com -haí "certeza relativa" (cf. abaixo) para produzir um efeito semelhante ao tempo futuro-imediato (mas que, às vezes, é interpretado como o passado-imediato).

(351) hisí hisai xis ohoa -i -haí
 sol(domingo)? animal procurar-próximo-certeza relativa

"no domingo procurarei comida"

18.3.8.2. Remoto (-a)

As ações que ocorrem dentro de um período maior em relação ao momento de enunciação, as ações consideradas menos relevantes ou fora do controle do falante (cf. abaixo, nesta seção) são marcados pelo aspecto remoto.

(352) pii kapióxió hi tobaí xo -áo -b
 água outro 3 sorva comprar-télico-perfectivo

-á -há
 -remoto-certeza completa

"outra água (outro ano) ele comprará/comprou sorva"

(353) hi xapagiso xigá -ap-i -sog
 3 muito levar-ir-epentético-desiderativo

-á -há
 -remoto-certeza completa

"ele quis/quererá trazer muito (daquilo)"

O aspecto continuativo, expresso por -xiig, é normalmente associado com o remoto.

(354) hi xa-oho -ái -p -iig
 3 ? -comer-atélico-imperfectivo-continuativo

-á -há -taío
 -remoto-certeza completa-resultado

- (i) "portanto, ele está comendo"
- (ii) "portanto, ele estava comendo"
- (iii) "portanto, ele estará comendo"

Embora a minha definição dos aspectos referenciais inicialmente pareça nos levar à conclusão de que o aspecto continuativo e o aspecto remoto são incompatíveis, isso não é correto. Acredito que a associação do continuativo se deve ao fato de que uma ação contínua é fora do controle do falante. Nunca observei alguém forçar outra pessoa a parar algo que está no processo de fazer. No exemplo 354 (i), o falante está fora da ação, ele não pode

avaliar os efeitos de uma ação ainda não acabada e, portanto, na minha interpretação, estas ações têm menos relevância e são "remotas". Quando alguém quer pedir algo de uma pessoa envolvida numa ação, ele, normalmente, dirá: kabaobíso "quando (você) terminar..."

18.3.9. Durativo (-ab)

Segundo SS (1976:25), o aspecto durativo se refere a "...the actual physical presence of someone staying or remaining somewhere or in performing an action..." Como se vê na seção 18.8., abaixo, é difícil determinar se um elemento verbal é um sufixo, ou outra raiz verbal "incorporada". No caso de -ab, há uma semelhança com o verbo xab "ficar". Porém, devido à presença de -ap "puntiliar" na mesma categoria (que parece ter pouco em comum, sincronicamente, com qualquer raiz), considero -ab como sufixo e não uma raiz incorporada.

(355) taoá oho -ab -a -áti
 nome próprio procurar-durativo-remoto-incerteza

"talvez, taoá continua procurando"

O aspecto durativo ocorre frequentemente (cf. 18.3.5.) com o aspecto continuativo, expresso por -xiig. -xiig implica na continuação da ação enquanto -ab se refere à continuação da participação do sujeito.

(356) baíxi hi xahoakohoihi-o kokaháp-i
 pai 3 alvorada -locativo acordar-próximo

hóisai xait -ab -iig -á
 filhos dormir-durativo-continuativo-remoto

"o pai se acorda à alvorada (mas) (seus) filhos continuam dormindo"

18.3.10. Puntiliar (-áp)

-áp marca uma ação não progressiva, não contínua.

(357) boitó soxóá xab -óp-áp -á
 barco já virar-ir-puntiliar-remoto

"o barco já chegou"

(358) hi go gíiso kaop-áp -á
 3 WH demonstrativo sair-puntiliar-remoto

"quando é que ele sairá/saiu?"

18.4. Modo

18.4.1. Condicional

Ver as seções 14.2.2., 14.2.3. e 15.4.

18.4.2. Graus de certeza

O grau de certeza do falante ao produzir um enunciado é expresso em três níveis através de três sufixos:

18.4.3. Indicativo e Imperativo

Não há expressão formal no modo indicativo. O imperativo é discutido na seção 9 e 11.

18.4.4. Desiderativo (-sog)

O sufixo -sog é fonologicamente semelhante à raiz verbal xog "querer" / "desejar" / "gostar". Por essa razão seria possível considerar esse sufixo como um caso de incorporação e o s inicial como marcador desta incorporação. Embora isso fosse a minha hipótese original, abandonei-a por duas razões: em primeiro lugar, nenhuma outra raiz verbal é marcada dessa maneira quando incorporada; em segundo, o s desaparece depois de /a/, certamente um comportamento curioso para um morfema.

(363) go gíso ti kobai-sog -a -baí
 WH demonstrativo 1 ver -desiderativo-epentético-intensivo

"o que é isso? quase que eu quis vê-lo"

-sog não coocorre com -hiab "negativo". Para dizer que não quer fazer algo, a maneira mais comum é simplesmente dizer que não será feito:

(364) ti tomáti koho -ai -hiab -á
 1 tomate comer-atético-negativo-remoto

"eu não comerei tomate"

O exemplo 364 expressa uma noção semelhante a "eu normalmente não como tomates" ou "eu não quero o tomate". O mesmo pode ser ligado parataticamente à outra frase como no exemplo seguinte, para expressar o sentido habitual:

(365) ti tomáti koho -ai -hiab -á
 1 tomate comer-atélico-negativo-remoto

pixái koho -ái -p -i -haí
 agora comer-atélico-imperfectivo-próximo-certeza relativa

"eu não comia tomates (mas) agora (eu os) comerei"

Outros exemplos de -sog são:

(366) hi oa -og -ab -i -sahaí
 3 demorar-querer-durativo-próximo-negativo imperativo

"não queira demorar (= não demore)"

(367) ko xoogiái kabatí kap -i
 vocativo nome próprio anta atirar-epentético

-sog -óxóí hix
 -desiderativo-interrogativo interrogativo

"ô, xoogiái, (você) quer atirar (= caçar) anta?"

18.4.5. Interrogativo

Ver a seção número 10.

18.5. Pessoa

Os verbos do pirahã não são marcados por pessoa (embora a marcação tonal seja uma possibilidade para verificar no futuro), gênero etc. Tampouco tem marcadores de categorias sintáticas ou semânticas como animado-inanimado, reflexivo, benefativo etc.

18.6. Voz - Valência

O uso do nominalizador -sai para reduzir a valência do verbo foi discutido nas seções 15.4. e 5. Não tenho identificado claramente nenhuma maneira de aumentar a valência do verbo como causativo etc. (ver o último parágrafo da seção 6).

18.7. Outras Categorias

Os sufixos a serem discutidos aqui parecem, de modo superficial, ter pouco em comum. Porém, acredito que o traço comum dos sufixos desta seção é a atitude ou a avaliação da ação pelo falante. Tentarei justificar esta afirmação no decorrer desta discussão. -taíó (18.7.1.) ocorre na última classe posicional dos sufixos verbais e os outros (18.7.2.) ocorrem na penúltima. Como já foi notado (18.1.2.), membros da mesma categoria - classe posicional - não podem co-ocorrer.

18.7.1. Resultado (-taíó)

Este sufixo indica que o falante considera uma ação o resultado de outra ação.

(368) hi baáb -ao kaob-ap -á -taío
 3 doente-temporal ver -puntiliar-remoto-resultado

"quando ele fica doente, ele vê (o médico)"

(369) hi áhai -xio xap-á -há -taío
 3 irmão-locativo ir -remoto-certeza completa-resultado

"ele foi para ficar / estar com seu irmão"

(370) ti bai aagá koho -ái -hiab
 1 medo estar comer-imperfectivo-negativo

-a -há -taío
 -remoto-certeza completa-resultado

"eu estou com medo e portanto certamente não (vou) comê-lo"

18.7.2. Aspectos conclusivos

18.7.2.1. Dedução

Quando a realização de uma ação ou estado (do futuro ou do passado) é deduzida, o falante pode expressar essa avaliação dedutiva através do sufixo -sibiga.

(371) xigí ai hi ab -op-ái hi
 associativo estar 3 virar-ir-atélico 3

abaip -í -sibiga
sentar-epentético-dedutivo

"OK, ele está chegando. ele se sentará (eu deduzo)"

-sibiga não é limitado a deduções baseadas apenas no contexto lingüístico. Ao ver alguém entrar numa canoa o falante pode dizer:

(372) kaogiái xis ibá -boí -sibiga
nome próprio animal pescar -ir -dedutivo

"(deduzo) que kaogiái vai pescar"

-sibiga, ao contrário de -taío, não pode coocorrer com outros sufixos verbais.

18.7.2.2. Comentário/"Hearsay" (-háí)

Uma conclusão (fraca), baseada em algo ouvido casualmente, ou um comentário oferecido pelo falante pode ser marcado pelo sufixo -háí. Esse sufixo geralmente segue o nominalizador -sai quando expressa algo que foi ouvido. No seu uso de 'comentário', não parece ser restrito quanto aos sufixos precedentes (ver seção 18.1.2.).

(373) gahió hi xabaip-í -sai -háai pixái xíga
 avião 3 sentar-epentético-nominalizador-hearsay agora mesmo

"o avião está aterrissando agora (segundo o que os outro me dizem)"

(374) hi gáí -sai ti tíooíi xob
 3 dizer-nominalizador 1 borracha jogar

-í -sog -i -sai -háai
 -epentético-desiderativo-epentético-nominalizador-hearsay

"ele disse (que segundo o que ouviu) eu quero jogar a bola"

(375) xaoói sigíhi xog -ab -op-i
 estrangeiro carne levar-virar-ir-epentético

-sog -i -sai -háai
 -desiderativo-epentético-nominalizador-hearsay

"(segundo o que ouvi) o estrangeiro que trazer a carne"

(376) xagíi -háai ti bíio abá
 bastar-comentário 1 cansado durativo

"chega, estou cansado"

18.7.2.3. Observação (-xáagahá)

Embora já tenhamos apresentado um sufixo, -há, que expressa uma certeza completa, outro sufixo, -xáagahá, existe para expressar a conclusão do falante baseada na sua observação pessoal. Etimologicamente, esse sufixo parece vir dos morfemas xaagá "ser/ter/estar" e -há "certeza completa"..

Também, o uso de xáagahá parece implicar na continuação de uma ação, mas não tenho nada exato a dizer no momento.

(377) paitá hi pii ap-i -sai -xáagahá
 nome próprio 3 água ir-epentético-nominalizador-observação

"paitá vai nadar/tomar banho"

(378) hoagaixóai hi páxai kaoapáp
 nome próprio 3 espécie de peixe pegar pela

 -i -sai -xáagahá
 boca-epentético-nominalizador-observação

"hoagaixóai está pescando páxai"

18.7.3. Intensivo (-baí)

-baí é usado para aumentar a força ilocucionária de afirmações, semelhante à palavra "mesmo".

(379) baíxi hoagí xog -i -baí
 pai filho goatar-epentético-intensivo

"o(s) pai(s) gosta(m) mesmo do(s) seu(s) filho(s)"

(380) tiobóhai hi ag -i -baí
 criança 3 brincar-epentético-intensivo

"a(s) criança(s) brinca(m) mesmo"

18.7.4. Enfático (-koí)

O sufixo enfático é muito semelhante ao intensivo, -baí. As únicas diferenças que tenho registrado até agora são: (i) -baí ocorre apenas com verbos ativos, enquanto -koi ocorre tanto com verbos quanto com modificadores; (ii) -koi pode seguir-se a -baí mas -baí nunca ocorre depois de -koi.

(381) ti gíxai xog -i -baí -koí
 1 2 gostar-epentético-intensivo-enfático

"eu gosto muito de você"

(382) xi hiab -í -koí
 coisa negativo-epentético-enfático

"não tem mesmo (aquilo)"

Mas veja o exemplo seguinte:

*(383) xi hiab -i -baí
 coisa negativo-epentético-intensivo

"não tem mesmo (aquilo)"

18.7.5. Ação frustrada

18.7.5.1. Iniciativa frustrada (-âbagaí)

Este sufixo exprime a noção de uma ação (ou estado) que era para começar, mas foi frustrada antes de sua iniciativa, algo que "quase começou". -âbagaí aparece freqüentemente com o verbo xog "querer". Minha intuição sobre estes casos é de que -âbagaí diminui a força ilocucionária do pedido (indireto; cf. seção 9). Ou seja, a pessoa fazendo o pedido indireto não diz que "quer" o objeto (ou o comportamento) em questão, mas que "quase o quis". A expressão da frustração resulta da incerteza sobre a reação do ouvinte, que nem lhe permite querer a coisa. Esse uso de -âbagaí parece ser idiomático, dificultando uma caracterização precisa do fenômeno.

(384) hi xí koho -áo -b -âbagaí
3 coisa comer-télico-perfectivo-iniciativa frustrada

"ele quase (começou a) comê-lo"

(385) ti xog -âbagaí
1 querer-iniciativa frustrada

"eu quase (o) quero"

18.7.5.2. Término frustrado (-âbai)

Uma ação iniciada, mas não completada pode ser marcada pelo sufixo -âbai.

(386) hi baitigiísi is ib -áo
 3 espécie de peixe animal flechar-télico

-b -ábai
 -perfectivo-término frustrado

"ele quase flechou o peixe"

No exemplo 386 o agente atirou a flecha mas não acertou. Isso é diferente de -ábagaí, porque a ação (flechar) foi iniciada, mas o alvo não foi atingido. Com -ábagaí o agente não teria atirado (mas teria quase atirado).

(387) tiobáhai bigí kaob-ábai
 criança terra cair-término frustrado

"a criança quase caiu"

No exemplo anterior, o falante percebeu que a criança começou a cair mas se segurou com um pau e não caiu.

18.8. Incorporação

Embora elementos não verbais normalmente não possam ser incorporados ao verbo (ver seção 23), outras raízes verbais freqüentemente são incorporadas. O processo de incorporação é uma maneira extremamente produtiva de formar novos verbos. Basicamente, as condições sobre a incorporação são: (i) nem a(s) raíz(es) incorporada(s) na raiz principal (a mais para a esquerda), nem a raiz principal são afixadas diretamente. Os sufixos são acrescentados à seqüência inteira como se fossem uma raiz (um radical) só; (ii) certos

processos morfofonológicos ocorrem (ver seção 23), sendo o mais comum a inserção de uma vogal epentética, geralmente /i/, para evitar as seqüências consonantais que resultam da junção de uma raiz que termina por uma consoante e outra que inicia por consoante.

Não estou certo sobre as restrições nessa incorporação. É comum observar até três raízes no mesmo radical, embora isso pareça ser o máximo permitido. Às vezes é difícil determinar se o elemento em questão é uma raiz incorporada ou um sufixo. Segue uma lista de verbos comuns, formados pela incorporação são (raízes incorporadas precedidas por '+'):

- (388) (a) xab + op
virar + ir "voltar/chegar"
- (b) xiga + hoag
carregar + vir "trazer"
- (c) xig + ab + op
carregar + virar + ir "trazer de volta"
- (d) kaob + ap
ver + ir "ir (para) ver"
- (e) xiboít + op
cortar + ir "cortar (ênfase no movimento do processo)"

18.9. Verbos auxiliares

Não há.

19. Estrutura das locuções adjetivais

Na seção 15.3.1., notamos que as locuções modificadoras tendem a ser restritas a um máximo de dois constituintes, embora encadeamentos maiores apareçam. A modificação do próprio núcleo da locução adjetival é realizada através da afixação de um dos morfemas enfáticos (-xi e -koí) ou através da reduplicação (da qual tenho registrado apenas um exemplo). Note-se nos exemplos abaixo as mudanças morfofonológicas. Algumas dessas mudanças são discutidas na seção 23.

(389) (a) xogaí + ogíí xogaogíí
 roça + grande

"roça grande"

(b) xogaí + ogíí + ogíí xogaogiogíí
 roça + grande + grande

"roça muito grande"

xogíí "grande" é comum neste tipo de construção, mas é o único adjetivo permitido, nos meus dados. Tenho chamado este fenômeno, de reduplicação, meramente como um artifício mnemônico e não pretendo confundir isso com o que outros (e.g. especialistas da língua grega) chamam de reduplicação.

(390) bigí hoigí-koí
 piso sujo -enfático

"piso muito sujo"

(391) xiohói xagíi-xi
 vento frio -enfático

"vento muito frio"

Estes marcadores enfáticos (exemplos 390 e 391) são, nos meus dados, trocáveis sem nenhuma diferença de significado na tradução. Outrossim, estes morfemas são o único meio de modificar o núcleo da locução, exceto pelo morfema xabaxáígio "sozinho/somente" (hóihí xabaxáígio "somente um"). Porém, não tenho certeza sobre a etimologia desta palavra e ela parece conter elementos verbais que transformariam "somete um" numa frase existencial do tipo "há apenas um". O número limitado desse tipo de modificador pareceria apoiar esta hipótese.

20. Estrutura das locuções adverbiais

Os advérbios, como os adjetivos, não são modificados perifrasticamente. Ademais, os advérbios são mais restritos ainda, já que nunca são modificados. Ocorrem na posição pré-verbal; o número de advérbios permitidos nessa posição é um.

(392) kaioá hi báíhiigí xis iboít -ai
 nome próprio 3 devagar animal cortar-atélico

-p -há kabatií
 -imperfectivo-certeza completa anta

"kaioá corta devagar a (carne de) anta"

(393) hi xaibogi xaháp-i hoasaisi
 3 rápido ir -próximo nambu

"o nambu saiu rápido"

(394) xabaxáí xop-í -háí
 sozinho ir -próximo-certeza relativa

"(eu) irei sozinho"

De fato, devido à falta de diferenças morfológicas ou distribucionais entre adjetivos e advérbios (com algumas restrições possíveis devido a diferenças semânticas), tenho considerado adjetivos e advérbios como membros de uma categoria maior, ou seja, modificadores. Ver os exemplos 395 e 396 abaixo.

(395) (a) pii xaibogi
 água rápido

"água rápido/rio rápido"

(b) hi xaibogi sitop -í
 3 rápido levanta-se-próximo

"ele se levanta rápido"

(396) (a) boitóhoi báíhiigí
 barco devagar

"(um) barco devagar"

(b) boitóhoi báíhiigi xab -op-ai
barco devagar virar-ir-atélico

"o barco volta devagar"

21. Partículas

21.1. Partículas sentenciais

Embora certas partículas funcionem tanto ao nível do discurso quanto ao sentencial, existem cinco que parecem ser exclusivamente do nível sentencial. Estas partículas são tratadas aqui, e as outras três são discutidas na seção 21.2. em ambas as suas funções (ou seja, sentencial e discursiva).

21.1.1. Contra expectativo (hoagá)

Ver seção 8.3. (a forma kogá dessa seção é uma variante fonológica de hoagá, em variação livre). Ver também, a seção 22.3.1.3.

Esta partícula expressa a noção de uma expectativa frustrada, não cumprida. Seria possível interpretar a sentença introduzida por hoagá como uma cláusula subordinada, e isso poderia ser, de fato, a análise mais correta. Neste caso, colocaríamos esta discussão na seção 14. Porém, na minha análise, hoagá pode introduzir tanto sentenças subordinadas quanto independentes. Portanto, não acredito que a sua única ou principal função seja a de subordinação da cláusula posterior e, por isso, trato hoagá aqui.

Exemplos de hoagá antes de cláusulas independentes:

(397) ti hoagá poogáíhiaí gí bagá-boí-haí
 1 contra-expectativa banana 2 dar -vir-certeza relativa

"eu (ao contrário do que você pensa) estou dando
 (estas) bananas (para) você"

(398) kóxoí hi hoagá pii kobai
 nome próprio 3 contra-expectativa água ver

-xiig -á
 -continuativo-remoto

"kóxoí, ele está (ao contrário do que você
 pensa) está (apenas) olhando a água"

As expectativas que foram negadas nos exemplos 397 e 398 são sutis. No primeiro, a raiz verbal bagá "dar" pode ser usada com os vários sentidos de "dar", inclusive "vender". Mas sempre quando o sentido é o de "dar algo permanentemente", o "doador" conta com um pagamento futuro. Desta forma, todos podem estar certos de que quando alguém dá da sua abundância para outro do grupo, ele receberá da abundância futura deste outro. O uso de hoagá nega esta expectativa e quer dizer que o objeto dado foi dado como presente mesmo. Portanto, a tradução completa do exemplo 397 seria "eu dou estas bananas para você e você não terá que pagar por elas".

No caso do exemplo 398 todos pensam que kóxoí está procurando ou esperando algo perto do rio. Ele diz, no entanto, que não está apenas aproveitando a vista linda (tudo isso é informação implícita do contexto).

Mas hoagá também introduz cláusulas subordinadas:

(399) xoí tio aí -koi hoagá
 mato escuro estar-enfático contra-expectativo

ti kaháp-i -haf
 1 ir -próximo-certeza relativa

"o mato está muito escuro, mas assim mesmo eu vou"

(400) xabagi hi toio aagá hoagã
 nome próprio 3 velho ser contra-expectativo

xipóihí xog -i -baí
 mulher gostar-próximo-intensivo

"xabagi é muito velho, mas mesmo assim (ele) gosta de mulheres"

21.1.2. Vocativo (ko)

Esta partícula aparece em vários exemplos deste capítulo. Sua função é chamar alguém, como "ei", ou "ô" em português. ko sempre ocorre na posição inicial da sentença e é sempre seguida por um nome próprio. ko funciona exclusivamente para dirigir-se diretamente a alguém.

(401) ko kohoibiíhai kaxáo pii
 vocativo nome próprio elemento exortativo (1 plural) água

ap-ái -p -í
 ir-atélico-imperfectivo-próximo

"ei, kohoibiíhai, vamos para o rio"

(402) ko kó tiobâhai xait -íig -á
 vocativo nome próprio criança dormir-continuativo-remoto

"ei, kó, seu filho está dormindo"

21.1.3. Conjuntivo (píaii)

A conjunção é, freqüentemente, marcada por esta partícula. Não tenho registrado nenhum uso de píaii além disto (como, por exemplo, a noção de sucessão temporal como 'e' ou 'and'). Ver seção 8. As variações fonológicas de píaii serão discutidas na seção 22.

(403) ti píaii xog -abagai
 1 também querer-iniciativa frustrada

"eu também quero"

(404) hi kagí píaii xait -ab -iig -á
 3 família também dormir-durativo-continuativo-remoto

"sua família está dormindo também"

21.1.4. Precedência temporal (xapáí)

Esta partícula deriva-se da palavra xapáí "cabeça". Traduz-se por "primeiro".

(405) ti xapaí xop-í -ta -há
 1 primeiro ir -epentético-iterativo-certeza completa

"eu irei primeiro"

xapaí geralmente ocorre junto com as partículas gaaba e tiohióxió "depois". Veja a seguir.

21.1.5. Sucessão temporal { gaaba tiohióxió }

Estas partículas são traduzidas como "depois" ou "mais tarde" e são sinônimos.

(406) gíxai xapaí ti gaaba

"você primeiro, eu depois"

(407) poioí xapaí kapo -á -há
 nome próprio cabeça nascer-remoto-certeza completa

ti tiohióxió

1 depois

"poioí nasceu primeiro (e) depois eu"

21.2. Partículas do discurso

Esta seção inicia com a advertência de que estamos apenas começando a estudar o discurso pirahã. Mesmo assim, há pelo menos três partículas interessantes a serem discutidas aqui, sobre as quais tenho relativa certeza.

21.2.1. Marcação do participante/personagem principal (xagía)

Esta partícula aparece em sentenças isoladas com a função de focar um determinado participante (ver o exemplo 408, abaixo). Ocorre, mais freqüentemente, no discurso para seguir o comportamento do caráter principal. Se o participante for humano, xagía é precedido por hi "3"; se for animal, xagía é precedido por xis "animal". Não tenho registrado nenhum outro tipo de participante, como por exemplo, a personificação de plantas ou minerais. Ademais, os espíritos são considerados humanos e, portanto, se usa hi.

(408) hi xagía gá -xai -sai
 3 participante principal dizer-fazer-nominalizador

ti baáb -ao -p -á
 1 doente-télico-imperfectivo-remoto

"ele (aquele de quem estamos nos referindo) disse
 (ou seja, o ato da fala dele foi) 'eu estou doente' "

(409) hi koab -áo -p -á -há
 3 morrer-télico-perfectivo-remoto-certeza completa

-taíó xis agía hi
 -resultado animal participante principal 3

kaha-p -í -hiab -a -há
 it -imperfectivo-epentético-negativo-remoto-certeza

-taíó
 completa-resultado

"ele morreu, portanto (a pantera a que nos referimos),
 portanto ele não escapou!"

Note-se que hi pode referir-se a participantes não humanos, mas as condições exatas que governam este uso não são claras ainda para mim.

No discurso do qual o exemplo 409 foi extraído, o participante principal é uma onça preta. A contrução xis agía ocorre muito neste discurso.

21.2.2. Participantes secundários (xaítiso)

Esta partícula é a que menos entendemos até o presente momento desta análise. Parece-me que ela normalmente se refere a um participante "associado" de alguma forma com o participante principal. Geralmente, xaítiso se traduz por "também". Muitas vezes expressa a noção de sucessão temporal.

(410) hiohóasi xop-í -so ti xaítiso
 nome próprio ir -próximo-temporal 1 também

kaha-p -í
 ir -imperfectivo-próximo

"depois que hiohóasi sair, eu também sairei" (hiohóasi sendo o participante principal, e ti, o participante secundário)

(411) xopísi hi xaítisô hóoi ai -p
 nome próprio 3 também arco fazer-imperfectivo

-a -áti
 -remoto-incerteza

"xopísi, ele aparentemente faz flechas também (como o caráter principal da nossa discussão)"

21.2.3. Progressão lógica do discurso (xaigiagaó)

Esta partícula possui muitas variantes e não tenho uma explicação satisfatória delas. Tenho registrado esta partícula apenas em discursos, mas SS (1973) apresenta vários exemplos ao nível sentencial. Ademais, SS (ibid) considera esta partícula idêntica com a mesma função que xagía (cf. 21.2.1.). Ele pode ter razão, mas não as tenho analisado assim devido às suas diferenças funcionais e fonológicas (embora diferenças fonológicas sejam um motivo precário para distinguir entre dois elementos semelhantes nesta língua).

(412) hi ti gáí -sai ai -tá
 3 1 dizer-nominalizador dormir-iterativo

-hóí -xií -haí
 -ingressivo-próximo (?) -certeza relativa

xií apa -ó hi ti gáí -sai
 árvore cima-locativo 3 1 dizer-nominalizador

xao hoagá xiho -áo -hoi
 maneira contra-especulativo andar-télico-ingressivo

xiooáísai ti xiho -ái -p
 escuro 1 andar-atélico-imperfectivo

-op-í -haí xaigíagaó
 -ir-próximo-certiza completa progressão lógica

báíhiigí xag -ab -op-í -haí
 devagar viajar-virar-ir-próximo-certiza relativa

"ele me falou (que) (pretendia) dormir em cima numa árvore. ele me falou desta maneira que (apesar do que é normal) (ele) ia começar a andar na escuridão, mas por esta razão voltaria devagar"

A locução sublinhada, "por esta razão", se refere à partícula xaigíagaó, no exemplo.

(413) xitáíbígai xaoói kaáb oá
 nome próprio estrangeiro muita coisa comprar

-bog-á -ta -haí xao
 -vir-remoto-iterativo-certiza relativa estrangeiro

xaigiagaó xis ogió hi xis og -á
 progressão lógica animal muito 3 animal querer-remoto

"xítáíbígai, o estrangeiro, compra muita coisa, ele, isto é,
estamos dizendo que ele quer muita carne"

O que os exemplos 412 e 413 têm em comum em relação a xaigiagaó é uma progressão lógica. Traduzimos a partícula pela frase "por esta razão" no exemplo 412 e "isto é, estamos dizendo que" no 413. A explicação disso é que no exemplo 412 ela indica a razão-resultado de uma sentença anterior, e no 413, ela marca a cláusula posterior como uma paráfrase e esta paráfrase representa tanto a idéia central da discussão quanto o fim desta mesma discussão.

21.3. Partículas de verificação

Não existem partículas deste tipo na língua pirahã. Porém, a relação ou a avaliação do enunciado pelo falante se vê nos sufixos verbais discutidos nas seções 18.7.1 a 18.7.2. Por outro lado, a partícula xaijó "ok, bem" é usada para "aprovar" o comportamento ou uma afirmação de outra pessoa. Ela ocorre normalmente sozinha.

CAPÍTULO III

RESUMOS

CAPÍTULO III

RESUMOS

22. A fonologia

Ver Everett (1979; 1982; in preparação) para mais detalhes.

22.1. Traços de palavras, locuções e sentenças

22.1.1. Tipos de sentenças fonológicas

Em Everett (1979) foram discutidos três tipos básicos de sentenças segundo os padrões de acentuação, pausa, entoação e outros traços prosódicos. Esta taxonomia está incompleta e os elementos prosódicos mencionados exigem mais estudo. Todavia, as conclusões são relativamente confiáveis.

22.1.1.1. Afirmações¹

Este tipo de sentença inicia por um crescendo e diminui no meio, que é caracterizado por uma acentuação forte. Depois acelera e começa a decrescer. A entoação levanta gradualmente os tons, mas eles mantêm as mesmas relações entre si (cf. a sua posição na sentença. Os tons baixos na posição final são mais altos do que os altos na posição inicial, mas mais baixos do que os altos da posição final.). A sentença termina suavemente.

(414) // kaháí taí gáí ^gá -bog-â gai
 flecha para aquele amarrar-vir-remoto aquele

kob-á xaí kahaí báaxái //
 ver-remoto aí flecha bonito

"a pena da flecha vem (a ser) amarrada, aí a flecha (fica) bonita"

(415) // kagáíahoaxáísigíai ʔhiaitíhí xáía
 nome próprio de castanhal pirahã castanhal

xaag-ábagaí
 ser -iniciativa frustrada

xao xáía soxóá xóía xihiab-áí
 estrangeiro castanhal já castanhal pagar -atélico

xáía -ó xáía xoá -bog-á //
 castanhal-locativo castanhal comprar-~~vir-remoto~~

"kagáíahoaxáísigíai, o castanhal dos pirahã quase ficou com o estrangeiro, (agora) (ele) já está pagando pela castanha; ele comprou o castanhal"

22.1.1.2. Interrogativas

Ver seção 10 para uma discussão deste tipo. Geralmente, há pouca diferença fonológica entre as sentenças interrogativas e as afirmativas. Quando existe uma diferença, normalmente é que a entoação da sentença se levanta mais alto perto da pausa final do que nas afirmativas.

22.1.1.3. Exclamativas

As sentenças exclamativas se diferem muito das afirmativas. Traços prosódicos são empregados para expressar o estado de animação ou excitação. Futuros estudos estão planejados para determinar mais precisamente o relacionamento entre a prosódia e a pragmática (semelhantemente ao estudo de Dooley, 1982).

(416) // patagíipa ʔpagovií tíihí xaí
 nome de lugar pagar bem castanha daí

xaoói xahoag-f //
 estrangeiro dar -próximo

"(ele) pagou bem (por) Ponta Limpa, daí damos para estrangeiro"

(417) // kahaibó kahaibó ʔbogiaga-hoag -á
 taquara taquara torcer -ingressivo-remoto

-há -taio //
 -certeza completa-resultado

"por isso a taquara não começa a torcer"

Estas transcrições representativas revelam que as exclamativas começam com as afirmativas, por um crescendo. Este crescendo é mais rápido do que o das afirmativas. No pico, o ponto de acentuação é mais forte ($\hat{~}$), logo depois a entoação cai bem baixo e a sentença desacelera. Então a entoação ascende mais rapidamente e mais alto do que nas afirmativas. Note-se também, as grandes variações de velocidade nestes exemplos, típicas deste tipo de sentença.

Nos discursos marcados por um envolvimento emocional do falante (e.g. um relatório sobre uma caça bem sucedida, observação ou percepção de um avião por perto etc.), os traços prosódicos descritos acima podem se manifestar por unidades maiores. Ou seja, várias sentenças podem ser agrupadas com apenas uma pausa, um contorno entonacional, etc., marcando o início e o término do grupo inteiro (o que seria um argumento possível a favor do estabelecimento de sentenças fonológicas além das sintáticas). Além do mais, o contorno entonacional vai se levantando do início até o fim da unidade inteira, resultando freqüentemente num voz falsete.

22.1.2. Traços locucionais

Como foi o caso na descrição das sentenças, a descrição apresentada aqui dos traços fonológicos das locuções do pirahã inclui apenas os fenômenos mais óbvios, deixando muitos detalhes para análise futura. Outrossim, os exemplos de locuções, como de sentenças, provém do discurso.

Basicamente, a locução fonológica é marcada por uma intensificação do tom na posição final, esta posição sendo marcada na maioria dos casos por pausa (uma pausa mais breve do que a das sentenças).

(418) / pói piá ⁺i /
 ponta da flecha também

"também a ponta da flecha"

(419) / xi -áooí xisoobáí /
 pau-ponta penas finais

"as penas finais da ponta de pau"

(420) / hi gáí -sai ga -á + /
 3 dizer-nominalizador dizer-remoto

"ele disse assim"

Em cada exemplo, a acentuação mais forte da locução, $\hat{\ }^+$, recai sobre a última sílaba da locução e '+' marca a intensificação do tom final (tom alto é mais alto, tom baixo é mais baixo - ver seção 22.2.2.).

22.1.3. Traços de palavras

Como se vê nas seções 22.2.2. e 22.2.3., o nível da palavra é uma noção importante da fonologia pirahã. Porém, não temos chegado ainda a uma definição satisfatória deste nível em termos fonológicos. Portanto, nos referimos aqui apenas à palavra como unidade léxico-sintática.

22.2. Traços silábicos

22.2.1. Tipos silábicos

Em KE (1978) e Everett (1979; 1981); (em preparação), cinco tipos silábicos foram descritos no pirahã. Os critérios taxonômicos usados incluem a segmentação de palavras por estrangeiros, especialmente pelo presente autor, e a colocação dos acentos (seção 22.2.2.). Estes tipos são: CVV; GVV; VV; CV; e GV (onde C = consoante surda e G = consoante sonora). O peso da

sílaba se deriva do número das vogais na sílaba e da duração relativa das consoantes: as consoantes surdas são marcadas [+ tenso] e portanto são mais "pesadas" do que as sonoras, que são [- tenso] (cf. Grimês - 1981).

(421) xi . 'pói . hí (. = fronteira silábica;
 CV CVV CV "mulher" ' = acentuação)

(422) 'xa . ba . gi
 CV GV GV "tucano"

(423) tfi . 'híi
 CVV CVV "castanho"

(424) xi . bí . 'gaf
 CV GV GVV "grosso"

(425) 'xií . to . ii
 CVV CV VV "cabo"

(426) ho . af . 'pi
 CV VV CV "espécie de peixe"

22.2.2. Acentuação

A colocação dos acentos depende principalmente do peso silábico e, secundariamente, das posições sintagmáticas das sílabas na palavra.

A regra de colocação dos acentos pode ser descrita informalmente dizendo que a acentuação principal recai na sílaba mais pesada das últimas três sílabas da palavra. Mas nos casos em que o tipo silábico mais pesado de uma palavra manifesta-se por mais de um "token" (nas últimas três sílabas), o "token" mais para a direita será acentuado.

- (427) xa . pa . 'pai
 CV CV CVV "cabeça"
- (428) ka . 'haí
 CV CVV "flecha"
- (429) bi . 'gí
 GV GV "terra/çéu"
- (430) ka . ga . 'haí
 CV GV CVV "canoa de casca"

Em Everett (em preparação) sugerimos que os limites silábicas e a acentuação são funções de forma fonética e não de forma fonêmica (ou subjacente etc.). Os verbos parecem ser sujeitos à mesma regra de acentuação dos nomes. Porém, não os tenho estudado suficientemente ainda para fazer afirmações seguras aqui. Ver seção 22.3.3.3. para uma discussão das perturbações morfológicas e a reestruturação de sílabas em combinações morfêmicas.

22.2.3. Tom

Heinrichs (1964) e Sheldon (1974) propuseram três níveis fonéticos-fonêmicos de tom para o pirahã. No meu trabalho de campo e análise da língua, cheguei a fazer duas modificações no sistema proposto pelos trabalhos mencionados acima. (Ver KE, 1978 para um estudo conciso do tom. Foi este trabalho que incentivou a análise que se segue.) Em primeiro lugar, observamos um quarto tom fonético (faço mais uma advertência ao leitor aqui - estas conclusões não têm sido verificadas no laboratório ainda. Embora seria muito inesperado ser forçado a modificar drasticamente a análise proposta aqui, quero apenas destacar o fato de que a discussão que se segue não foi "verificada". Ver Grimes (1981) para um estudo inicial que levou em

conta um corpus muito restrito.). Este quarto tom, o "baixo baixado" (simbolizado por '+') foi observado.

Em segundo lugar, certos processos fonológicos foram descritos (ver abaixo), que permitem a postulação de dois, em vez de três, níveis tonais ao nível subjacente.

Segundo os critérios classificatórios sugeridos por Pike (1948), o sistema tonal do pirahã seria por registros e não por contornos. Referimos ao leitor mais uma vez aos trabalhos mencionados na seção 22.2.1., especialmente Everett em preparação, para uma argumentação mais detalhada das conclusões apresentadas aqui.

A distribuição dos registros tonais é a seguinte:

(onde $\left\{ \begin{matrix} H \\ - \end{matrix} \right\}$ = 'tom alto ; $\left\{ \begin{matrix} M \\ - \end{matrix} \right\}$ = 'tom médio ;

$\left\{ \begin{matrix} L \\ - \end{matrix} \right\}$ = 'tom baixo ; e $\left\{ \begin{matrix} L+ \\ + \end{matrix} \right\}$ = 'tom baixo baixado')

(i) Dentro das sílabas não finais com seqüências de vogais germinadas, apenas as seqüências tonas MM, ML, LH ou L+L+ podem ocorrer. As seqüências HH, HL e LL nunca ocorrem nestas posições:

(431) (a) [àá ' haíí hī]

"açúcar"

(b) / àá haíí hī /

(432) (a) [mīī ' pàì]

"sangue"

(b) / bíípàì /

(433) (a) ['tòò⁺⁺ gí⁺ ?⁺ ,]
 "enxada"
 (b) / tòògì?ì /

(434) (a) ['c^v í ì hí]
 "povo"
 (b) / tíì hí /

(ii) A seqüência L⁺ (X) L não ocorre, exceto quando L está na posição final da palavra ou X contém o tom M (X= variável):

(435) (a) [pòò⁺⁺ gâ⁺ ' hâi⁺⁺]
 "flecha de peixe"
 (b) / pòò gâ hàì /

(436) (a) [hòaa⁺⁺⁺ ' gâi⁺⁺]
 "espécie de fruta"
 (b) / hòààà gâi /

(437) (a) ['pèè⁺]
 "água"
 (b) / pîî /

(438) (a) [pòò⁺⁺ ' gâí⁺ hîàí]
 "banana"
 (b) / pòò gâí hîàí /

(439) (a) ['c^v í ì]
 "excremento"
 (b) / tíì /

(iii) (a) o tom nunca ocorre adjacente ao tom baixo baixado; (b) H nunca

ocorre no início da palavra quando seguido imediatamente por tom baixo ou tom baixo baixado; (c) H nunca ocorre no ambiente

$$\left\{ \begin{array}{l} L \\ L^+ \end{array} \right\}^X \text{ ————— } \left\{ \begin{array}{l} L \\ L^+ \end{array} \right\}^Y$$

a não ser que Y = # e X = consoante. Porém, M ocorre em todos os ambientes (a) - (c).

(440) (a) [' kaabögí]

"nome próprio"

(b) / kààbógí /

(441) (a) [' péê sî]

"algodão"

(b) / píi sî /

(442) (a) [?ítà'hóí]

"velho/grande"

(b) / xítòhóí /

(443) (a) [pàò ' hóí]

"pão"

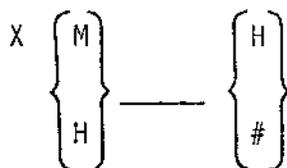
(b) / páòhóí /

(444) (a) [' ?âò bàì]

"flor"

(b) / âò bàì /

(iv) (a) o tom L nunca ocorre imediatamente anterior ou posterior a M ou H nas posições médias ou finais exceto no ambiente: [+ consonantal] òí #; (b) L nunca ocorre em seqüências como:



(445) (a) [kà hí ' āí]

"cesta"

(b) / kàhí àí /

(446) (a) [?āā'pāihí]

"espécie de fruta"

(b) / áá pái hí /

(447) (a) [kà ' hāí]

"flecha"

(b) / kàhàí /

(v) L varia com M em certas palavras:

(448) (a) ['pàásì]

(b) [pàási]

"espécie de fruta"

(c) / pàási /

(449) (a) ['?ìísì] (c) / ìísì /

(b) ['?ìisi]

"espécie de fruta"

(450) (a) ['màí ? ì] (c) / bàí?ì /

(b) ['mài ? i]

"pai/mãe"

- (451) (a) ['ʔàíçì] (c) / xàí ti /
 (b) [' ʔàí ç t] "cutia"

22.3. Segmentos fonéticos e ortografia

22.3.1. Fonemas

Os traços fonéticos desta seção são de Pike (1949) e Derbyshire (1980).

22.3.1.1. Inventário fonêmico: p, t, k, ʔ, b, g, s, h, i, a, o

22.3.1.2. Processos fonêmicos básicos:

22.3.1.2.1. Consoantes surdas

Todas as consoantes surdas são mais longas (tensas) do que as sonoras, em todas as posições (veja-se a seção 22.2.1.).

22.3.1.2.1.1. Oclusivas

p bilabial; t ápico-alveolar; k dorso-velar; ʔ glotal. O p varia com p^h (implosivo) em certos idioletos (cf. seção 22.3.1.3.); o t é realizado como africada lâmino-alveopalatal antes de i; o k se realiza como dorso-pré-velar antes de i e como dorso-pós-velar quando precedido e seguido por a.

22.3.1.2.1.2. Fricativas

s ápico-alveolar; h glotal. O s se realiza opcionalmente com lâmino-alveopalatal antes de i.

22.3.1.2.2. Consoantes sonoras

b bilabial; g dorso-velar. O b se realiza opcionalmente como nasal bilabial depois da pausa e como vibrante bilabial antes de o. O g se realiza opcionalmente como nasal ápico-alveolar depois de pausa. Outro alofone de g, ŋ , tem sido documentado em SS (1976) e Everett (1979). Esse alofone é um flap lateral ápico-alveolar/sublâmino-labial egressivo. Este não tem sido registrado em nenhuma outra língua do mundo. Os alofones vibrantes das oclusivas sonoras têm bastante importância sociolingüística. Ver Everett (a sair, em preparação b).

22.3.1.2.3. Vogais

i anterior média-alta; a central baixa fechada; o posterior média alta fechada arredondada. O i é realizado (livremente) por todas as vogais anteriores médias e altas: [e], [e], [ʌ], [i]. O o se realiza como posterior alta fechada arredondada [u], depois de h ou k e antes de i. Todas as vogais são nasalizadas opcionalmente depois de [m], [n], /x/ ou /h/.

22.3.1.3. Variação livre

A gramática do pirahã é especialmente marcada por um alto grau de 'regras opcionais' ou variação livre. Everett (a sair) discute um caso em particular envolvendo b e g que é restrito por fatores sociolingüísticos. Porém, há vários casos de variação livre que, aparentemente, ocorrem sem restrição alguma.

Além dos casos já mencionados acima (p~p^s; s~š; b~b~m; g~ǰh) temos registrado também os seguintes:

(i) em muitos idioletos, p e k são trocáveis:

(452) píaii ~ kiáii "também" (~=varia com)

(453) xapaí ~ xakaí "cabeça"

(ii) num número menor de idioletos p, t e k são trocáveis:

(454) koxopai ~ koxokai ~ koxotai etc. "estômago"

"etc." quer dizer que a variação ocorre nas outras posições da palavra também.

(455) tapí ~ takaí ~ tataí etc. "nome próprio"

(iii) na maioria dos idioletos, x vara com k no início da palavra:

(456) kosí ~ xosí "olho"

(457) kohoáipí ~ xohoáipí "comer"

(iv) em vários idioletos masculinos (cf. a seção 22.3.2.) o s varia com h em sílabas finais (da palavra):

(458) kohoibiísai ~ kohibiíhai "espécie de peixe"

(459) xapisí ~ xapihí "braço"

(v) em todos os idioletos registrados, hi varia com k; ho varia com k^w e hoa varia com k^wa e ko (ver Everett, em preparação, para uma discussão desta variação e seu interesse em relação à teoria autosegmental de Goldsmith - 1976).

(460) xohoaógií ~ xak^waógií ~ xakoógií "nome próprio"

(461) hói ~ k^wi "um"

(462) hiaba ~ ka "não / negativo do indicativo"

22.3.2. Distinções entre a fala dos homens e a fala das mulheres

22.3.2.1. Inventário segmental

Na fala das mulheres, s sempre se realiza como h antes de i, opcionalmente nas demais posições. Ademais, os fatores sociológicos que afetam a distribuição na fala de homens não são relevantes à fala de mulheres (cf. Everett, a sair).

22.3.2.2. Postura da fala

A fala das mulheres é mais gutural do que a fala dos homens. Suspeito que isso está relacionado a uma contração das paredes faringais na postura feminina, embora não tenha investigado muito este assunto devido a restrições sociais e à falta de instrumentos.

Sheldon (comunicação pessoal) sugere que existem distinções sintáticas entre a fala dos homens e a das mulheres. Não tenho registrado nenhuma evidência disto na minha pesquisa (tampouco na pesquisa de minha esposa), mas a possibilidade continua em aberto.

22.3.3. Processos morfofonológicos

22.3.3.1. Prefixação

O que estou chamando aqui de 'prefixação' é uma regra opcional mais freqüente, que muda as formas fonológicas de morfemas em seqüências de nome-adjetivo e nome-verbo. Muito do que está aqui foi discutido também (com conclusões e perspectivas relativamente diferentes) em SS (1974). Esta prefixação inclui apagamento e metátese. Porém, existe um grande número de processos morfofonológicos, especialmente os que afetam os tons, que não são entendidos suficientemente para discuti-los aqui.

22.3.3.1.1. Apagamento

22.3.3.1.1.1. Glotal

A oclusiva glotal na posição inicial da palavra freqüentemente se apaga nos adjetivos e verbos quando precedida por outros morfemas (nomes modificadores ou pós-posições). Isso geralmente não ocorre na fala lenta

(como na pronúncia cuidadosa emitida quando se colhe dados). Os parênteses nos exemplos seguintes indicam opção.

(463) hi go giíso ti (x) oba-i -haí
 3 WH demonstrativo 1 ver-próximo-certeza relativa

"quando (é que) (você)·me verá?"

*(464) xisai -tai (x) ogíí * indica que a derivação não
 queixo-cabelo grande está completa

"barba grande"

22.3.3.1.1.2. Vogais

As vogais na posição final de substantivos se apagam quando seguidos por outros morfemas. A condição relevante é que isso só acontece se a oclusiva glotal inicial, quando houver, do morfema seguinte for apagado. É por esta interdependência que tenho considerado o apagamento de vogais e consoantes e a metátese como subcomponentes de uma só regra de prefixação.

(465) xisai -tai + ogíí → xisaitaogíí
 queixo-cabelo + grande "barba grande"

(466) xáíasi + agabagaí → xáiasogabagaí
 castanha + quer "quer castanha"

(467) karí + aagá → kasaagá
 nome + ser "nome é"

O apagamento de vogais tem um efeito interessante no tom também. Ver a discussão abaixo e Everett (em preparação) para uma discussão mais ampla. Ademais, os exemplos acima apresentam este processo em palavras nativas. Porém, eles também se aplicam a palavras emprestadas.

(468) kopóo + abaati → kopóaboáti
 copo + ficar "o copo fica"

22.3.3.1.2. Metátese

Outro componente da regra de prefixação no pirahã é a metátese. Nos nomes que terminam por

$\left[\begin{array}{l} \{X\} \\ \{h\} \end{array} \right] \left[\begin{array}{l} \{ai\} \\ \{oi\} \end{array} \right]$ (cf. SS - 1974)

a metátese precede o apagamento da vogal final.

(469) kaháí + aipi → kahiaipi
 flecha + fazer "fazer uma flecha"

(470) kagahóí + aagá → kagahiaagá
 canoa de casca + ser "é uma canoa de casca"

Ver seção 22.3.3.3., abaixo, para mais exemplos.

22.3.3.2. Sufixação

Tenho proposto a sufixação como uma regra distinta da prefixação porque ela se aplica na estrutura interna dos verbos e não manifesta subcomponentes interdependentes como na prefixação.

22.3.3.2.1. Epêntese

Esta regra é descrita em SS (1976) nos seguintes termos: "Two C's may not cooccur across morpheme boundaries. A vowel is inserted between the two thus:

$Y C_1 + C_2 Z \longrightarrow YC, VC_2Z$ where the plus sign + means morpheme boundary."

Outras especificações são relacionadas à forma da vogal epentética, também de SS (1976):

"If either C_1 or C_2 is s, p, or t, then V is i as in (tenho modificado a tradução e ortografia dos exemplos de Sheldon para conformar aos exemplos do presente trabalho, D.L.E.):

xogaí sog	+	sai	→	xogai sogisai
field want	+	nominalizer		"wanting a field"

If both C_1 and C_2 are from the set b, g, h, k or x, then V is a as in

xi kob	+	hoagá	→	xikobahoagá
it see	+	ingressive		"he started to see it"

22.3.3.2.2. Apagamento

Estas observações, mais uma vez, provêm de SS (1976):

".../s/ deletion: Desiderative sog becomes og when preceded by a morpheme ending in a, as in

hi	oa	+	sog	.	+	abagaí
3	delay		desiderative			frustrated initiation

→ hioaogabagaí
 "he almost wants to delay"

Acredito que esta análise é correta e não tenho mais comentários a fazer.

22.3.3.3. Modificações silábicas em combinações morfêmicas

Os comentários desta seção são argumentados mais detalhadamente em Everett, em preparação, e SS (1974). Aqui descrevo meramente os aspectos mais óbvios das mudanças fonológicas nestas combinações.

Em Everett, em preparação, é sugerido que o estruturamento silábico e a colocação dos acentos são processos sintagmáticos e esperam sem respeito com os limites morfêmicas. As observações seguintes, parecem apoiar essas conclusões.

Ver seções número 18 e 19 para exemplos relacionados com outras seqüências além (de nome+adjetivo e nome+verbo) apresentadas aqui.

Nos exemplos abaixo, 471 a 475, os exemplos (a) indicam as configurações originais de sílabas, acentuação e tom; e os exemplos (b) mostram as formas resultantes (para as divisões entre os sufixos verbais, ver seção 18).

(471) (a) 'soí + 'baa gi (b) so'báa gi

— 	— 	→	—
CVV	GVV GV		CV GVV GV
couro	vender		"vender couro"

(472) (a) si 'toí + 'hoí (b) si to 'hóí

— 	— 	— 	→	—
CV	CVV	CVV		CV CV CVV
ovo		dois		"dois ovos"

(473) (a) si pá 'aí + 'xi gá (b) si pó 'ái gá

— 	— 	— 	→	— 	—
CV CV	VV	CV GV		CV CV	VV GV
pena		dura		"pena dura"	

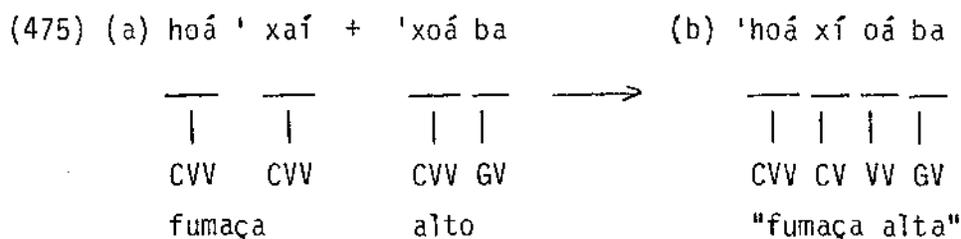
(474) (a) si 'toí + xo ga ba 'gaí

— 	— 	— 	— 	→
CV	CVV	CV GV GV	GVV	
ovo		querer		

(b) si't^vooga ba'gaí

— 	— 	— 	—
CV	CVVG	GV	GVV
"quer ovo"			

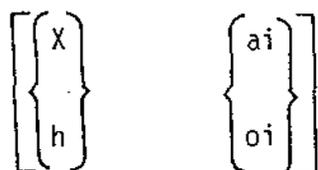
("o^v": uma só vogal possui dois tons simultaneamente, ˘ (= baixo) + ˆ (= alto)).



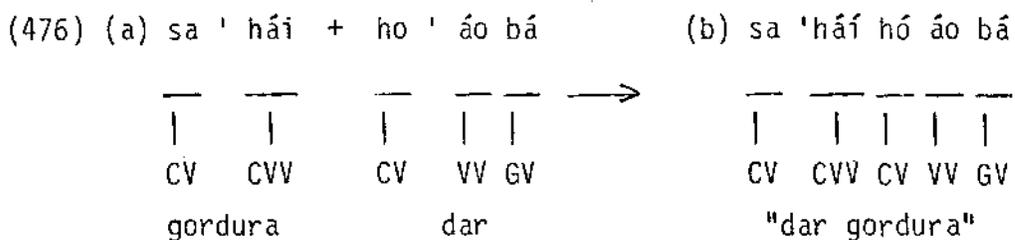
A observação relevante que se faz em relação a estes exemplos é que o tom alto nas sílabas tônicas na posição final da palavra se desloca nas combinações de morfemas. Ademais, ele até parece seguir a acentuação. (Naturalmente, para apoiar esta hipótese, seria necessário (i) registrar muitos outros exemplos e (ii) mostrar, por argumentação mais detalhada, a relevância desta observação - será que ela nos permite "captar generalizações?", etc.).

Quando seguido por um morfema "perturbável" cuja primeira sílaba é acentuada depois da reestruturação, o tom alto se desloca à direita; ver os exemplos 471 e 472. Quando a sílaba final da primeira palavra continua acentuada depois da reestruturação, o tom alto continua, seja qual for a sua composição segmental; ver exemplo 474. Quando a acentuação se desloca para a esquerda, como no exemplo 475, então o tom alto na sílaba final do primeiro morfema (antes da reestruturação), também sofre deslocamento à esquerda, substituindo o tom baixo da vogal adjacente.

O exemplo 476, abaixo, representa outra classe de palavras mencionada por SS (1974), ou seja, as palavras que terminam em:



Nesta classe, o tom alto ou baixo se estende à direita na mesma sílaba. Em outros termos, o tom da vogal "forte" substitui o da vogal "fraca" dentro da "rima" (ver McCarthy, 1979).



23. Morfologia

Os elementos básicos da morfologia flexional são apresentados nas seções anteriores, especialmente os números 15 e 18. Nesta seção, trato sobre dois aspectos da morfologia derivacional: (i) a formação de palavras compostas; e (ii) a nominalização de certos verbos para descrever objetos raros.

23.1. Palavras compostas

O critério usado para decidir se os exemplos abaixo são palavras compostas e não apenas locuções, como na seção de número 19, é semântico. No próximo exemplo, 477, o sintagma xabagi soixaoxisai pode ser entendido como 'bico de tucano' ou 'serrote', conforme o contexto.

Porém, a maioria dos falantes que me pedem um serrote, dá muita risada quando faço algum comentário a respeito da relação entre 'bico de tucano' e 'serrote'. Na minha intuição, eles, neste contexto, nem sequer percebem a relação a não ser que parem para refletir. Obviamente, este critério é relativamente precário.

Porém, outra evidência a favor desta conclusão se encontra na ordem dos constituintes da palavra composta. Normalmente, o primeiro constituinte descreve o segundo. Isto contradiz a ordem normal de nomes + adjetivos descritivos (ver seção 15 acima a não ser que consideremos o primeiro constituinte um tipo de 'poss'). Por estas razões não considero os exemplos abaixo locuções mas sim palavras compostas.

23.1.1. Nomes

23.1.1.1. Nome + nome

(477) xabagi + soixaoxisai → xabagisoí xaoxisai
 tucano + bico "serrote"

(478) xapaí + toii → xapaítoii
 pé + cabo "escada"

(479) hóii + hoi → hóií hoi
 arco + cipó "corda de arco"

(480) xapaí + soí → xapaísoí
 pé + couro "sapato"

23.1.1.2. Nome + verbo

Ver os exemplos na seção 15.4.

23.1.1.3. Nome + adjetivo

(481) pi + gáíá → pigáíá
 espinho + torto "tesoura"

(482) kao + ogiái → kaogiái
 boca + grande "espécie de peixe"

23.1.2. Verbos

Ver seção 18.8. sobre a incorporação de raízes verbais. É difícil determinar se este processo é produtivo sincronicamente. Ou seja, além de basear-se em percepções dos pirahã dos componentes semânticos nos verbos (e, portanto, é quase impossível de entender em termos de regras para o falante não nativo), este processo pode ser diacrônico, e não sincrônico. Não disponho de evidência relevante ou suficiente para fazer qualquer afirmação por enquanto.

23.2. Classes básicas de palavras

Nas seções números 19 e 20 tentamos mostrar que os adjetivos e os advérbios devem ser considerados como sendo de uma só classe morfológica, ou seja, a classe dos modificadores.

Para resumir, também, as seções 15, 16, 17 e 18, concluímos que o pirahã possui as seguintes classes (segundo critérios morfossintáticos): nomes, pronomes, pós-posições, partículas, modificadores e verbos.

24. Ideofones

Não tenho registrado nenhum morfema onomatopéico, tampouco qualquer classe não flexionada no pirahã semelhantes a ideofones.

CAPÍTULO III

NOTAS

1. Os símbolos usados possuem as seguintes interpretações:

// : pausa

ˆ : acentuação mais forte da sentença

✓ : entoação ascendente

⤿ : entoação descendente

∠ : crescendo

∟ : decrescendo

〰 : lento

〰〰 : rápido

SEGUNDA PARTE

PERSPECTIVAS E INVESTIGAÇÕES

CAPÍTULO I

A TEORIA CHOMSKYANA

E UMA

DISCUSSÃO EPISTEMOLÓGICA

A Teoria Chomskyana e uma Discussão Epistemológica

0. Introdução

0.1. O propósito deste capítulo

Neste capítulo, nosso objetivo principal é o de introduzir os princípios básicos da teoria chomskyana através de um breve estudo histórico de seu desenvolvimento. Assim, esperamos preparar o caminho para o terceiro capítulo no qual aplicamos estes princípios aos dados do primeiro capítulo.

O presente capítulo se torna relativamente importante na medida em que reconhecemos que a maioria dos princípios a serem discutidos são metateóricos, afirmações metalingüísticas que permitem que a teoria faça afirmações lingüísticas. Entender estas noções é crucial porque, como diz R. Botha:

"Without the ability to identify metascientific statements as such, the ability to understand them and the ability to judge their correctness, we cannot really understand generative grammar. It is in the absence of these abilities that Chomsky's metascientific statements become incomprehensible". (1981:15).

0.2. A importância da epistemologia em relação à lingüística

O objetivo secundário desta discussão será o de pensar sobre as implicações epistemológicas do desenvolvimento da teoria lingüística, da sua visão mundial ou, para usar uma metáfora pikeana "a janela pela qual o observador lingüístico observa o mundo".

Esta indagação é importante já que é precisamente nossa perspectiva epistemológica que vai determinar a direção e a forma final da nossa análise dos dados do primeiro capítulo. De fato, a epistemologia já entrou! A coleta dos dados seguiu um modelo que baseia-se numa determinada perspectiva - a da tipologia sintática influenciada por Greenberg e outros. Ou seja, por razões

epistemológicas, deixei de basear minha análise em dados dialógicos (cf. Everett, a sair), usando apenas dados monológicos. Portanto, temos que definir nosso ponto de vista epistemológico, nossa maneira de interpretar os dados transmitidos pelos sentidos.

Para esclarecer um pouco melhor, faço uma referência pessoal. Lembro-me da primeira aula que tive com o professor Kenneth Pike (1976). Ele começou por dizer:

"Languages are very different from each other. Of course they're not utterly different or we wouldn't have linguistics but simply individual grammars".

Ao meu entender, a teoria pikeana faz esta observação para justificar um determinado mecanismo heurístico, mas deixa de ver todas as implicações dela, implicações que afetariam nitidamente sua percepção da linguagem humana. Ou seja, a tagmêmica e o estruturalismo em geral ainda se preocupam com as diferenças entre as línguas humanas.

Neste respeito, a "revolução chomskyana" teve um aspecto contra-revolucionário. Contra-revolucionário porque voltou a aceitar hipóteses anteriores ao estruturalismo. Na sua própria revolução, o estruturalismo se destacou pela sua rejeição da preocupação de filósofos como os de Port Royal, ou seja, as semelhanças entre as línguas do mundo. O elemento contra-revolucionário da teoria chomskyana foi precisamente a recolocação da ênfase nestas semelhanças, a qual (como se esperava e se espera) deveria nos levar àquilo que todas as línguas têm em comum - a capacidade lingüística do ser humano. Uma vez aceita esta conceituação, a lingüística não é mais uma atividade classificatória - uma enciclopédica como a anatomia, a entomologia ou até uma coleção de moedas. Poderíamos dizer até que:

"Linguistics, as it is currently conceived, is fundamentally an epistemological inquiry. Its goal is to provide a formal characterization of our knowledge of language..." (May, 1982:1)

Pessoalmente, aceito esta caracterização. Mas a lingüística, especialmente a chomskyana, tem várias formas. Os alunos de Chomsky aprenderam não somente a lingüística, mas o princípio da criatividade. Eles querem fazer suas próprias revoluções. O resultado? Vê-se, e.g., no título do novo livro de McCawley, Thirty Million Theories of Linguistics (a sair).

Sem criticar esta criatividade, diria que ela nos obriga a procurar por trás de todas as inovações superficiais destas teorias o núcleo que quase todas elas têm em comum. Este núcleo é o que Chomsky chama de "leading ideas" e é o que vemos nas teorias mais desenvolvidas como a APG e a REST (e até nas sugestões mais informais como as da Space-Grammar Langacker, 1982).

O que é que estas teorias têm em comum? É precisamente este elemento comum que devemos entender já que, segundo Chomsky,

"Much of the debate in the field is, in my opinion, misleading and perhaps even pointless in that it concerns the choice among specific mechanisms but uses evidence that only bears on leading ideas which the alternative realizations being considered all share." (1981:3)

Sugeriria que é a epistemologia que nos fornecerá as ferramentas intelectuais para chegar a uma avaliação destas leading ideas.

Neste capítulo examinaremos a teoria lingüística através de três teorias epistemológicas (as de Kuhn, Lakatos e Feyerabend) e por sua vez, estas teorias epistemológicas através da lingüística. Tentaremos responder às perguntas seguintes: "É possível avaliar o progresso científico?"; "Como é que a lingüística se situa em relação à ciência em geral?"; "Que significa a proliferação das teorias da lingüística, nos últimos dez anos?" E do lado metacientífico, "O que é a teoria chomskyana?"; "Quais são seus objetivos, suas leading ideas, o seu núcleo não negociável?"

1. Teorias da sintaxe

1.1. A gramática transformacional

1.1.1. ST: A teoria padrão (1957 - 1971)

1.1.1.1. A transformação passiva

Em Syntactic Structures (1957), Chomsky desenvolveu um argumento formal para demonstrar que as gramáticas de "estrutura de frase" eram inadequadas para caracterizar a língua humana. Ele propôs a "transformação" como um artifício teórico que superaria as limitações dos sistemas da reescrita do estruturalismo que eram iguais na sua capacidade gerativa às máquinas de Turing.¹

Uma gramática transformacional, segundo Chomsky, toma o output de uma gramática de estrutura de frase como o seu input e, portanto, é um mecanismo muito mais poderoso na sua capacidade descritiva.²

Nesta teoria, a sinonímia aparente entre sentenças como "João jogou a bola" e "a bola foi jogada por João" é explicável através da derivação da sentença passiva da ativa (ver Chomsky, 1957:42ss, para uma justificativa desta derivação, na qual a ativa é a sentença, "Kernel"). Ao dizer que uma sentença é básica e a outra derivada, Chomsky fez uma afirmação forte no tocante a organização lingüística da mente que jamais teria sido feita pelos proponentes da chamada teoria estruturalista.

Esta transformação tinha a seguinte forma na teoria:

$$(1) SN_1 - Aux - V - SN_2 \longrightarrow SN_2 - Aux + ser - V - por + SN_1$$

Os elementos mais importantes de (1) são a inversão das SN_S e a inserção de "ser" e "por".³

Note-se a importância dada à ordem linear dos constituintes. Também é importante observar que Chomsky não usava noções como "sujeito", "objeto" etc. Sua escolha de relações categóricas (SN, SV etc.) ao invés de noções funcionais não foi feita por acaso, como ele mesmo diria depois:

"Functional notions like "Subject", "Predicate" etc., are to be sharply distinguished from categorial notions such as "Noun Phrase", "Verb... More generally, we can regard any rewriting rule as defining a set of grammatical functions, in this way, only some of which (namely, those that involve the "higher-level", more abstract grammatical categories) have been provided traditionally, with explicit names." (1965:68,69).

Segundo Chomsky, as noções funcionais são trivialmente deriváveis das relações categóricas e, portanto, seu uso de rótulos categóricos evitava a redundância implícita no uso de rótulos funcionais.

A transformação passiva representa um grande passo na história da lingüística porque ela simboliza riqueza e o maior poder descritivo de uma teoria gerativa sobre a teoria estruturalista.⁴

Outrossim, ela representa o início de um longo caminho à busca de maior poder explicativo.⁵ Na ST, há dois aspectos nítidos: (i) uma ênfase em processos sintagmáticos (encadeamentos lineares) e (ii) o uso de um artifício, a transformação, com poucas restrições explícitas (ver a nota número 5) nas "estruturas profundas" ("Kernel" sentences) possíveis. Foi reconhecido que estes dois aspectos eram problemáticos por vários pesquisadores, inclusive pelo próprio Chomsky.

Uma das críticas mais perspicazes sobre o poder das transformações foi feita por Kimball (1973). Usando o tipo de raciocínio matemático empregado em Syntactic Structures, Kimball demonstrou que a teoria transformacional era capaz de gerar qualquer "descrição estrutural", o que aumentaria o poder descritivo mas reduziria o poder explicativo. Ele conclui que:

"...the proof that the transformational model proposed by Chomsky (1965) is equivalent in weak generative capacity to the class of URSs⁶, should be interpreted as indicating that his model is tentative, requiring further grammatical constraints (ênfase minha, D.L.E.)" (1973:28).

1.1.1.2. Limites no poder explicativo

A tentativa de limitar o poder do componente transformacional levou os gerativistas à sua primeira divisão séria. Acredito que o artigo que representa melhor a nova direção de Chomsky neste sentido é "Remarks on Nominalization", publicado em várias coletâneas por volta de 1970 (mas foi escrito em 1967).

O problema básico levantado em "Remarks" vem das pressuposições acima mencionadas (cf. nota 5) em relação à Gramática Universal (G.U.). A teoria precisa ser restringida mais ainda. A questão básica a que Chomsky se dirige neste trabalho é: onde fazer as restrições? A questão é empírica e, além de ser importante, precisa ser resolvida através de questionamentos e dados precisos.

"...the evaluation procedure must itself be selected on empirical grounds so as to provide whatever answer it is that is correct" (185).

As conclusões alcançadas por Chomsky neste artigo dividiram os proponentes da ST em dois grupos: os que aceitaram a "hipótese lexicalista" (que restringe o componente transformacional) e os que aceitaram a "hipótese transformacionalista". Como nós vemos no terceiro capítulo, especialmente em relação ao "Princípio de Projeção", estas conclusões continuam a afetar diretamente a teoria lingüística.

1.1.1.3. Avaliação e resumo da ST

A teoria gerativa resultou de uma nova "metafísica", uma série de pressuposições e conceituações das metas da lingüística que deram à luz a uma nova preocupação: a relação entre as semelhanças das línguas do mundo e a capacidade lingüística do ser humano.

Seu modelo inicial foi ao mesmo tempo mais poderoso e mais explícito do que as teorias estruturalistas. Porém, o preço do poder descritivo era caro

demais comparado com o poder explicativo e Chomsky procurava uma solução para o problema.

Esta solução foi restringir (inicialmente) o componente transformacional, como se vê em "Remarks".

Uma questão ainda resta para nossa curiosidade epistemológica. Por que a teoria chomskyana cresceu tão rapidamente em número de alunos, proponentes e departamentos de lingüística que a apoiavam e promulgavam? Podemos sugerir pelo menos três possibilidades.

Em primeiro lugar, o maior poder descritivo facilitou análises de dados e problemas intratáveis pela teoria estruturalista (Postal 1964). Portanto, a teoria apresentou um modelo mais encorajador para aqueles que se interessavam pelas questões que interessavam a Chomsky (tais como a relação entre sentenças sinônimas, os recursos da linguagem, a aprendizagem da linguagem etc.). Em segundo, a economia dos E.U.A. na época (McCawley 1976) era favorável à teoria gerativa por causa das suas formulações matemáticas que pareciam mais compatíveis com a "tradução mecânica" (um assunto "quente" para o departamento da defesa dos E.U.A.). Em terceiro (e paradoxalmente), a política e a atividade de Chomsky contra a guerra do Vietnã era atraente para muitos "jovens intelectuais", os quais faziam lingüística devido ao estímulo geral de Chomsky.

1.1.2. EST/REST Teoria padrão ampliada e revista 1971 →

1.1.2.1. Restrições

1.1.2.1.1. Por que restringir a teoria?

1.1.2.1.1.1. Poderosa demais

Este primeiro motivo que levou os gerativistas a restringir a teoria é discutido acima e não direi mais a seu respeito, exceto que é uma conseqüência desta propriedade matemática que nos preocupa na construção de

uma teoria de aquisição e não a propriedade em si. Esta conseqüência é a falta de uma estrutura dedutiva.

1.1.2.1.1.2. Para chegar a uma estrutura dedutiva

É esta noção de estrutura dedutiva que precisamos elaborar mais. O que é uma estrutura dedutiva? Como podemos avaliar uma estrutura dedutiva proposta?

A "indução", como sabemos, é o processo pelo qual explicamos um conjunto de fatos através da avaliação da evidência a favor de uma determinada proposição sobre este conjunto. A indução era especialmente nítida nos objetivos (se não na prática) da lingüística estruturalista.

Ao aplicar a teoria estruturalista e a sua ênfase em estruturas indutivas à aprendizagem da primeira língua, teríamos que concluir que o aprendiz adquire a capacidade de falar uma língua através (i) da observação da língua falada, digamos, pelos seus pais, no caso da criança e (ii) do desenvolvimento de hipóteses que seriam gradualmente confirmadas ou não pela experiência.

Porém, este modelo tem um problema óbvio. Como é que esta criança pode interpretar e enunciar sentenças perfeitamente gramaticais se ela nunca as observou?

No modelo indutivo, as noções behavioristas de estímulo-resposta parecem ter algum valor explicativo. Assim, poderíamos dizer que uma criança adquire o seu conhecimento através de estímulos (que produzem respostas nela), ou seja, pela experiência.

Contudo, à luz da nossa observação no parágrafo anterior, a respeito daquilo que se chama de "aspecto criativo" da linguagem, o modelo indutivo falha, devido ao que Chomsky chama de "pobreza de estímulo", ou seja:

"... the vast qualitative difference between the impoverished and unstructured environment, on the one hand, and the highly specific and intricate structures that uniformly develop on the other". (1980:34)

Um modelo dedutivo não enfrentaria este problema porque, do mesmo modo que Descartes (1637) (tradução de (1960)) explicou nossa percepção de figuras geométricas, há uma estrutura inata que, embora influenciada pela experiência, existe antes dela.

Se nossa gramática universal vai refletir este tipo de capacidade, a prioridade, precisa ser (i) limitada e (ii) adequada. Dizer que a G.U. é limitada é dizer que ela tem uma certa forma - ela não permite todas as hipóteses possíveis já que isto negaria a sua forma e, portanto, a invalidaria. Todavia, ela tem que ser capaz de explicar a diversidade das línguas humanas.

Então, temos que restringir nossa teoria não apenas porque ela seja irrestrita matematicamente, mas porque isto resultaria numa ausência de significação para a teoria da G.U.

1.1.2.1.2. A natureza das restrições

1.1.2.1.2.1. Introdução

Desde "Remarks", já houve várias propostas para resolver um ou outro dos problemas mencionados anteriormente. A semântica gerativa, por exemplo, queria tirar a camisa-de-força da ênfase nas ordens lineares, procurando uma "base universal" na forma lógica para as línguas naturais (Kimball, 1973:123). Mas, as sugestões da semântica gerativa aumentavam ainda mais o poder do componente transformacional. Entretanto, como se vê em "Remarks", a ST queria (por motivos posteriores, empíricos) restringir o poder deste componente. Por isso, Chomsky criticava qualquer teoria que aumentasse esse poder:

"Any enrichment of linguistic theory, that extends the class of possible grammars requires strong empirical motivation. We feel that this is lacking in the case of devices that exceed the framework of Chomsky (1965)..."⁷ (Chomsky e Lasnik, 1977:427)⁸

Resumindo o tipo de trabalho que poderia ser feito para restringir a teoria, CL dizem:

"The theory can be constrained at the level of the base, the transformational component, the surface filters, or the interpretive rules; or by general conditions on rule application..." (429).

1.1.2.1.2.2. A hipótese de preservação de estrutura

Importante no desenvolvimento da teoria foi o aumento do componente de base proposta por Emonds (1970; 1975). Nesta hipótese de "preservação de estrutura", as regras de movimento foram restritas através de um aumento no número de "marcadores de frase" gerados pelas regras categóricas e, a especificação de que os constituintes movidos só podem ser movidos a nódulos gerados pela base (e somente em certas configurações). Esta hipótese tem resultado em muito trabalho produtivo (Chomsky, 1971; 1973; 1977).

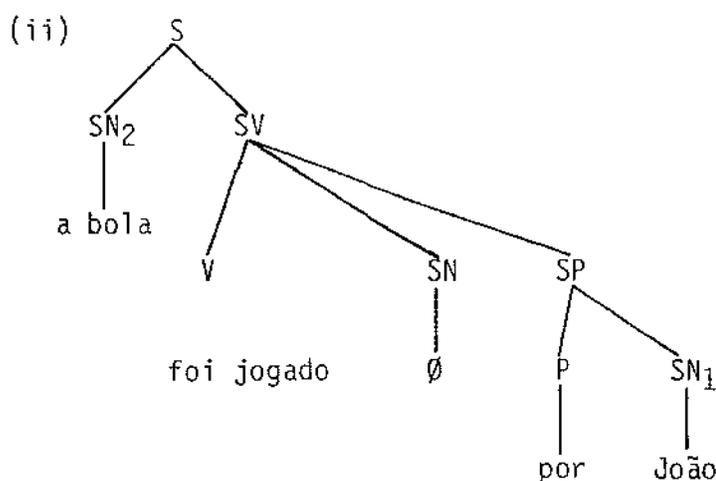
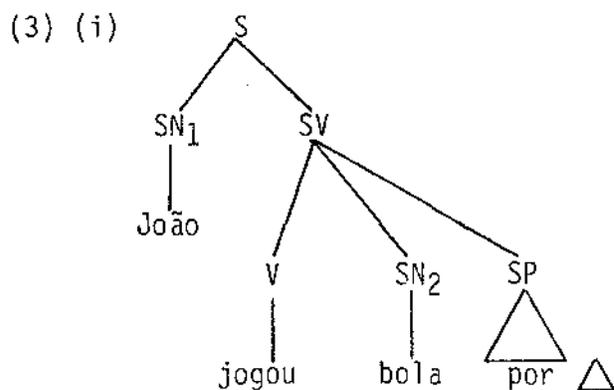
Para exemplificar o efeito desta hipótese na gramática gerativa, voltemos à passivação. De 1957 a 1970 (ver Chomsky, 1965:103ss) esta transformação teria criado uma estrutura, ou seja, o SP "em SN" do português (ou "by SN", do inglês etc.). O trabalho de Emonds apoiou a eliminação deste tipo de geração de estrutura nova.

Segundo Emonds, a descrição estrutural da transformação passiva, exemplificada pela oração "a bola foi jogada por João", seria (simplificada):

(2) (i) [S [SN₁ João] [SV [v jogou] [SN₂ a bola]
[SP por -]]]

(ii) [₃ [SN₂ a bola] [SV [v jogou] [Ø] [SP por
[SN₁ João]]]]

ou alternativamente:



O movimento representado por (ii) nos exemplos 2 e 3, descrito em termos de "pós-posicionamento do agente" e "pré-posicionamento de SN" era restrito, por princípios independentes de estrutura. Esta hipótese é explícita e "falsificável" e, portanto, bem-vinda à teoria. No trabalho posterior de, inter alia, Bresnan (1970), Chomsky (1971; 1973) e outros, utilizaram esta hipótese no estabelecimento da EST. Note-se pela discussão acima que a EST resultou de anos de pesquisa na mesma direção e, portanto, representava um "ajustamento" legítimo e não apenas uma modificação ad hoc.

Esta restrição interagiu de maneira muito importante com os outros

componentes da teoria. Contudo, ao mesmo tempo, uma pesquisa estava sendo realizada que procurava restringir a teoria ainda mais.

1.1.2.1.2.3. A interpretação semântica

Algo que começou a incentivar muita pesquisa e que era, de fato, a maior distinção entre a EST e a ST era a relevância da estrutura superficial na interpretação semântica, como sugerida originalmente por Chomsky (1971).

As implicações desta idéia foram vistas em vários aspectos da teoria. Chomsky (1973) sugeriu a possibilidade de que o movimento sintático deixa "vestígios" (ou "categorias vazias" - Chomsky, 1981). Investigamos as ramificações desta sugestão abaixo (1.2.1.2.4.), mas, veja-se que a teoria mudava na mesma direção, apoiada por cada nível lingüístico, as sugestões sobre a semântica afetando nitidamente a sintaxe.

1.1.2.1.2.4. Redução do componente transformacional

Construindo sobre o alicerce do trabalho de Bresnan, Emonds e outros, Chomsky continuou suas investigações do componente transformacional. Desta pesquisa resultaram dois artigos cruciais: "Conditions on Rules of Grammar" (1976) e "On WH-Movement" (1977a). No primeiro artigo (p.195), Chomsky usou o nome "Revised Extended Standard Theory" pela primeira vez. Nesta teoria "revisada", reduções no número de transformações possíveis foram discutidas em termos de novos princípios de interpretação semântica: a derivação de uma "forma lógica" de uma estrutura superficial "enriquecida" (estrutura "S") pelos "vestígios" do movimento. Através destes princípios, segundo Chomsky, seria possível reduzir o componente transformacional, aumentar o poder explicativo da teoria e simplificar a interpretação semântica. A derivação da forma lógica exclusiva da estrutura S é o que distingue a REST da EST.

Em Chomsky (1977a), várias transformações de movimento foram estudadas e reduzidas em princípios ao "movimento-WH" (definido basicamente como

movimento ao rótulo COMP, conforme Bresnan, 1970). Restavam, então, apenas o movimento-WH e o "movimento-SN", movimento este que não passa pelo rótulo COMP. Trabalhos subseqüentes como Chomsky (1980a; 1980b; 1981 e CL) limitaram o componente inteiro a uma só regra: "Mova 2".

As conseqüências destas reduções eram: (1) um aumento no poder explicativo da teoria G.U.; e (2) um novo problema: a "geração excessiva" overgeneration, Fiengo, 1980 e misgeneration (May, 1980). Isto é, com uma só regra transformacional, "Mova 2", se aplicando livremente, várias estruturas bem formadas quanto à regra resultariam em sentenças gramaticais não subjacentes.

Num artigo importante (May, 1980), são discutidas algumas ramificações e soluções para o problema da "geração excessiva". Por exemplo: (p. 217)

* [S who [S t hit t]]
 3 2 1

ou

* [who [S t was hit Bill by t]]
 S 3 2 1

Nesses exemplos, $\frac{t}{1}$ e $\frac{t}{2}$ são vestígios de $\frac{who}{3}$. Os números subscritos representam a "história derivacional" da sentença, ou seja, who começou na posição 1 e passou pela posição 2 para a posição 3. O problema é que estas sentenças são agramaticais nas permitidas por "Mova 2", como as sentenças correspondentes do português:

* [S quem [S t bateu em t]]
 3 2 1

ou

* [quem [S t foi batido por t]]
 S 3 2 1

Para responder a estes efeitos (aparentemente negativos), desenvolvimentos simultâneos na teoria resultaram na postulação de um conjunto de subsistemas de princípios independentes da sintaxe e da semântica para resolver e relacionar o problema da sobregeração e outras características da G.110. Este conjunto de regras e subsistemas formam a chamada "gramática nuclear" (core grammar) - (cf. Chomsky, 1981).

1.1.2.2. Subsistemas da gramática nuclear

1.1.2.2.1. Sobre a noção de "gramática nuclear"

A noção de gramática nuclear na teoria gerativa não é muito nova em termos do seu caráter heurístico ou epistemológico (cf. seção 1.2.2.2.). Isto é, Chomsky tem sempre, como é necessário para todo cientista, reconhecido o fato de que antes de estudar um determinado objeto é preciso isolar este objeto. Temos alguns comentários a respeito deste processo de "idealização" na próxima seção.

A gramática nuclear é, então, uma abstração. Chomsky diz a respeito dela que:

"...universal grammar provides a highly restricted system of "core grammar" which represents in effect the "unmarked case". Fixing the parameters of core grammar and adding more marked constructions that make use of richer descriptive sources, the language learner develops a full grammar representing grammatical competence" (1980:3).

E também:

"Experience...serves to fix the parameters of UG, providing a core grammar...

...what is actually represented in the mind of an individual even under the idealization to a homogeneous speech community would be a core grammar with a periphery of marked elements and constructions." (1981:7,8).

Esta representação mental é a estrutura essencial (pura) da capacidade do falante nativo (falar a sua língua). Seus parâmetros podem ser fixados de várias maneiras: em termos de línguas configuracionais (a sintaxe X' de Chomsky, 1970; Jackendoff, 1977; etc.) ou não configuracionais (a sintaxe W* de Hale, 1981); em termos de línguas "pro-drop" ou não "pro-drop" (Chomsky, 1981a; b); etc. Muitas das conclusões alcançadas a respeito dos componentes da gramática nuclear são compartilhados pelo proponentes de várias outras teorias ligadas ao quadro geral (de mentalismo etc.) proposto e defendido principalmente por Chomsky.

Basicamente, há dois sistemas que compõem a gramática nuclear:

(1) O sistema de regras

Chomsky define este sistema (1981:5) em termos dos seguintes subcomponentes (ver o terceiro capítulo):

- (i) o léxico
- (ii) a sintaxe
 - (a) o componente categórico
 - (b) o componente transformacional
- (iii) o componente fonológico
- (iv) o componente de forma lógica

Os itens de (i) a (iv) são discutidos mais detalhadamente no terceiro capítulo. Aqui ofereço apenas algumas definições breves:

- (i) o léxico - especifica as propriedades inerentes dos itens lexicais (especialmente suas propriedades de subcategoria).
- (ii) a sintaxe
 - (a) gera as estruturas "D" (configurações básicas - cf. capítulo 3);
 - (b) relaciona as estruturas "D" com as estruturas "S" (o nível em que aparecem as "cadeias" de relações O, GF, e A/ \bar{A} - cf. capítulo 3).

(iii) e (iv) são os componentes interpretativos no sentido de que tomam o "output" de (i) e (ii) como o seu "input". Porém isto não exclui a possibilidade de regras transformacionais atuarem nestes componentes também.

(2) Os subsistemas de princípios

Como Chomsky (1982; 2ss.) diz:

"A second perspective from which one can view grammatical processes focuses on principles that hold of rules and representations of various sorts".

Estes princípios são (também discutidos mais detalhadamente no terceiro capítulo):

(i) a teoria \bar{X} : a teoria de estrutura frasal, as relações entre os núcleos de frases e seus componentes;

(ii) a teoria θ : os princípios das relações temáticas (entre os argumentos verbais e os seus papéis semânticos);

(iii) a teoria de Case: a relação entre as posições que referem-se ao Case (com "C" maiúsculo porque é abstrato - cf. Chomsky, 1980) e os elementos que o recebem;

(iv) a teoria de vinculação: a relação entre os antecedentes e os elementos anafóricos e pronominais;

(v) a teoria dos limites (bounding): princípios sobre a especificação de condições sobre as regras de movimento (em relação às configurações de marcadores frasais e seus limites);

(vi) a teoria de controle: a escolha de antecedentes para o elemento PRO (cf. Chomsky, 1981 b);

(vii) a teoria de governo: princípios sobre a ocorrência das categorias vazias.

Para uma discussão mais detalhada, ver Chomsky (1981; 1982). Ver o capítulo 3 para um tratamento destes princípios em relação ao pirahã.

1.1.2.2.2. Sobre a noção de "idealização científica"

Para entender melhor a natureza da gramática nuclear, é necessário que tenhamos uma familiaridade geral com a noção da idealização como um princípio básico da indagação científica. Nas teorias epistemológicas discutidas mais adiantes neste capítulo (especificamente, as de Kuhn e Lakatos), é reconhecido o fato de que uma disciplina científica é parcialmente definida em relação aos problemas que ela escolhe para resolver. Segundo Botha,

"... giving specific content to the guiding aim of scientific inquiry means choosing a specific OBJECT or DOMAIN OF OBJECTS (ênfase de Botha, D.L.E.), at which investigation is to be directed.

... the chosen object of study... normally has a variety of problematic aspects... the practitioner of a particular form of inquiry now selects, only one problematic aspect or a few problematic aspects... on which to concentrate his investigation. As a result, the object of study is IDEALIZED (ênfase de Botha, D.L.E.) by the scientist" (op cit: 27).

Ninguém poderia negar seriamente a necessidade de tais idealizações a não ser que fosse possível superar as limitações da mente humana e estudar tudo simultaneamente.

Apesar do fato de que somos obrigados a aceitar a priori a necessidade do princípio da idealização, as idealizações individuais são sujeitas à "validação" (o uso deliberadamente "sem compromisso" do termo) empírica.

Como diz Chomsky:

"Idealization and abstraction are unavoidable in serious inquiry, but particular idealizations may be questioned, and must be justified on empirical grounds" (1975:171) em Chomsky (1977).

Em outros termos, somos livres para fazer nossas idealizações, mas a nossa liberdade deriva do nosso acordo prévio de descartar as idealizações empiricamente inadequadas ou, pelo menos, revisá-las conforme os dados.

Quais são os problemas e as idealizações da teoria chomskyana? Será que estas idealizações são apoiadas no nosso estudo da língua pirahã? Ou será que a teoria chomskyana é válida apenas para línguas indo-européias como várias pessoas têm se queixado informalmente?

Estas questões são, ao meu ver, cruciais, não somente para a teoria lingüística em geral, mas para o trabalho de campo - a descrição e a documentação das línguas do mundo. Isto porque, como já mencionei, a resolução ou pelo menos a reflexão sobre estes problemas epistemológicos afetará até na coleta de dados. Ou como Pike observou:

"The observer becomes an element of the theory; no fact is treated without reference to him. But...the observer can change his viewpoint, modifying the manner in which he looks at the data..." (Pike e Pike, 1977:5).

Em outras palavras, o "observador" possui uma perspectiva apriorística que afeta suas observações. Em termos mais fortes ainda:

"A comprehensive theory, after all, is supposed to contain also an ontology that determines what exists and this delimits the domain of possible facts and possible questions." (Feyerabend 1975:176-177).

É deste ponto de vista que considerações epistemológicas são intimamente ligadas até com uma "descrição" de uma língua indígena. Qual é aquela "ontologia" que procuramos descrever? Estruturas de conversação? Competência lingüística inata? Construção das paredes farínicas?

Originalmente, a teoria chomskyana (cf. Chomsky, 1965:3ss) se preocupava principalmente com a competência do, agora famoso, falante-ouvinte "ideal" (sua "ontologia delimitativa").

No intervalo entre 1965 e 1982 vários desenvolvimentos significantes têm ocorrido que têm muita relevância a esta idealização (por rejeitá-la), como a sociolingüística (Labov, 1972); a teoria dos atos da fala (Searle, 1969); e desenvolvimentos gerais na área da pragmática.

Quando Chomsky (1980:25ss) diz que o cientista que rejeita sua idealização automaticamente é obrigado a aceitar uma de duas "crenças"

("hopelessly implausible beliefs") ele usa sua própria terminologia. A terminologia de uma teoria rejeitada por aqueles que rejeitam sua idealização. Em termos dos princípios e das citações acima, esta avaliação dele é problemática porque cada perspectiva alternativa tem que ser julgada em relação a sua próprias questões e falas "possíveis", o que vale igualmente para aqueles que atacam Chomsky através de problemas e questões alheias à teoria dele.

O problema geral e o perigo das idealizações é que temos de enfrentar a tentação de utilizar uma pressuposição teórica, a nossa idealização, como se fosse um fato, um dado.

Portanto, temos que julgar as idealizações da competência do falante-ouvinte ideal e da gramática nuclear por dentro da teoria em que foram feitas (cf. Everett, a sair) para uma tentativa ao fazer isto.

Aqui nosso propósito é de explicar a natureza idealística da gramática nuclear e (i) entender onde cabe esta noção na teoria geral e (ii) como ela funciona empiricamente em relação ao pirahã. Em relação ao item (i), ela representa o esboço de uma estrutura dedutiva (cf. abaixo); em relação ao (ii), ver o seguinte capítulo. Acredito que esta idealização tem nos ajudado a procurar, encontrar e resolver certos problemas, como se vê, especialmente, na discussão da teoria de vinculação.

1.1.2.2.3. A gramática nuclear e uma estrutura dedutiva

A estrutura dedutiva (cf. 1.2.1.1.2.) é um ponto de partida. Ela tem que deixar de incluir informação social, pragmática etc. segundo a idealização chomskyana, porque a natureza daquilo que nós estudamos é puramente gramatical (cf. o resumo deste capítulo). Isto é, para chegarmos a um entendimento ou, pelo menos, a uma caracterização da competência do falante nativo, temos que propor uma estrutura dedutiva livre da interferência da comunidade heterogênea, justamente porque nossa idealização inicial pressupõe que para resolver os problemas em que nós nos colocamos, esta informação heterogênea é irrelevante e nos confundirá. Essa é a posição da gramática nuclear no quadro geral.

Nesta gramática nuclear, notamos também que a sintaxe, por ser o único elemento gerativo, é autônoma. Essa autonomia é crucial (cf. 1.2.3. abaixo).

Então, as idealizações e as modificações da teoria se apoiam. Vejamos que, embora a idealização pareça relativamente inócua na citação de Chomsky, acima, ela é de fato o que Lakatos chama de "cinto de proteção", o que nós já rotulamos de "não negociável".

Para entender a forma da gramática nuclear, a estrutura dedutiva e outros desenvolvimentos da teoria chomskyana, é sempre necessário lembrar-nos que são as pressuposições iniciais que determinam a forma da teoria etc., e não o contrário (cf. Chomsky, 1975; 1980) para uma discussão clara destas pressuposições.

1.1.2.3. As categorias vazias

Subjacente a toda esta discussão e, como já mencionamos, a todos os desenvolvimentos da teoria gerativa, a tese essencial é a de Chomsky, o sine qua non da sua teoria. Esta tese, a chamada "autonomia da competência", diz simplesmente que a competência lingüística é independente de outras "competências cognitivas" (ver Chomsky, 1965:3; 1975; 1980 b:24ss). Um conceito intimamente ligado a este princípio e essencial para a manutenção dele é a autonomia da sintaxe. Esta "autonomia" é discutida em vários trabalhos como Culicover, Wasow e Akmajian (1977).

A hipótese da sintaxe autônoma diz basicamente que a sintaxe é suficiente e essencial para a interpretação semântica e fonológica de sentenças (cf. as críticas de Lakoff, 1971; 1977). Neste sentido, a noção de vestígios se torna extremamente importante, uma vez que estes vestígios permitem estas interpretações e resolvem parcialmente o problema da "sobregeração", acima mencionada:

"...cases of overgeneration can be ruled out by rather general constraints on rules of "construal" provided that all transformations leave

behind a "trace" of the sort proposed in Chomsky (1973; 1975)..." (Chomsky, 1977 b).

É crucial para o entendimento da teoria gerativa reconhecer que os vestígios não são uma novidade supérflua. Eles são obrigatórios para a sobrevivência da teoria chomskyana nas idealizações acima mencionadas (1.2.2.2. - 1.2.2.3.).

O próprio Chomsky insiste em que a teoria de vestígios seja uma continuação lógica do seu trabalho anterior.

"Trace theory has often been understood as a fairly sharp departure from earlier transformational grammar. This is not really correct, however. A variant of trace theory is implicit in the earliest formulations, specifically Chomsky (1955) and the more recent versions arise in a rather natural way from the continuing effort from the early 1960s to reduce the descriptive power and variety of grammatical rules, that is to converge on an explanatory theory of UG" (1981:85).

Para visualizar melhor a passividade dentro da R.E.S.T. vejamos a seguinte derivação (simplificada):

A estrutura "D"

[S] SN ▲] [foi jogada [SN a bola] [por João]]]

A estrutura "S"

[S [SN a bola] [SV foi jogada [SN t] [SP por João]]]



O alçamento de [SN a bola] deixa um vestígio [SN t]. Há uma relação anafórica entre estes elementos que se torna muito importante de modo geral na teoria.

Porém, há pelo menos quatro tipos de "categorias vazias" que teoricamente podem ser passivas. Ver o capítulo 3 para uma discussão mais ampla (e ver Pullum e Postal, 1979 *inter alia*, para uma crítica desta teoria).

1.1.3. Conclusão

1.1.3.1. A apassivação no quadro geral

Na representação atual da teoria gerativa, a R.E.S.T., a formulação da transformação passiva interage com vários outros princípios independentes (os subsistemas de 1.1.2.2.1.). Por exemplo, uma vez que consideramos as modificações da passiva desde a ST, o processo é basicamente o de "alçamento ao sujeito" a qual é sujeita a princípios de Caso, anáfora etc. Isto é, na R.E.S.T., os subsistemas permitem uma explicação para exemplos de sobregeração como os seguintes:

- * John was hit Bill by _____.
Who was Bill hit by _____.
- * The steak is likely to have eaten _____.
The steak is likely to have been eaten _____.

Nestes exemplos (de May, 1980) as sentenças gramaticais são distinguidas das não gramaticais, não pela regra da apassivação que se aplica igualmente a todos estes exemplos, mas sim, pelos princípios de caso, interpretação de "operadores WH" na forma lógica e a noção de "c-comando" (a discussão destes princípios se encontra nas referências da bibliografia, especialmente Chomsky, 1981; May, 1980; e Fiengo, 1980).

Portanto, as limitações independentes motivadas pela transformação passiva e (as demais transformações), em conjunto com outros princípios da teoria, fornecem um tratamento uniforme de uma variedade de fenômenos. Em outros termos, esta interação de princípios em relação à idealização inicial

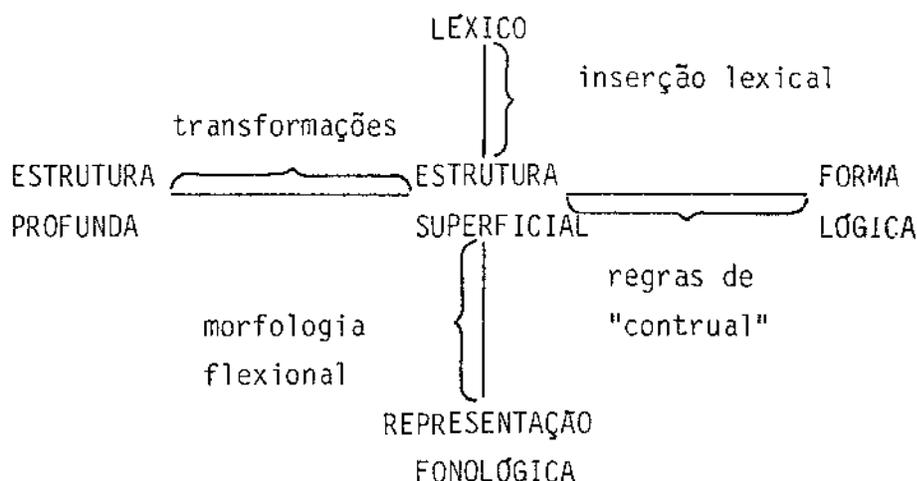
da competência (e da gramática nuclear) aumenta o poder explicativo ao mesmo tempo em que resolve o problema do poder descritivo.

1.1.3.2. Resumo

Temos visto os seguintes desenvolvimentos na teoria Gerativa desde 1957:

- (1) a elaboração e expansão das propostas originais (Chomsky, 1957; 1965);
- (2) as restrições no componente de base (Chomsky, 1965; Emonds, 1976);
- (3) a relevância da estrutura superficial na interpretação semântica (Chomsky, 1971; Jackendoff, 1972);
- (4) a redução do componente transformacional (Chomsky, 1970; 1981; etc.);
- (5) a teoria da gramática nuclear (Fiengo, 1980; CL; etc.);
- (6) a noção de categorias vazias (CL; Chomsky, 1977; 1980; 1980b; 1981; etc.);
- (7) a noção de uma forma lógica especificada exclusivamente através de uma forma "superficial enriquecida" por vestígios.

Representamos graficamente a nova teoria de Fiengo (1980:21), no diagrama:



1.2. APG

1.2.1. Introdução

A primeira pergunta que colocamos aqui é: "Por que considerar a teoria APG nesta tese?"

Para chegarmos a um acordo epistemológico mais completo da gramática gerativa, faremos um pequeno desvio, discutindo brevemente a teoria conhecida pelos seus proponentes como "Arc-Pair Grammar" (APG). Nossos objetivos nesta seção são:

- (i) entender por que os fundadores da APG acham necessário o desenvolvimento de uma alternativa à teoria gerativa;
- (ii) responder a certas perguntas sobre a APG: "Como é que ela se distingue da (RE)ST?"; "Será que ela atinge os seus objetivos?";
- (iii) refletir sobre as implicações da fundação e divergências da APG em relação à (RE)ST. O que é que estas implicações nos dizem a respeito da REST? da teoria lingüística em geral? da nossa análise do pirahã?

Esperamos até depois da discussão sobre as teorias de Kuhn, Lakatos e Feyerabend para responder às perguntas do item (iii). Porém, é importante que o nosso estudo introdutório à teoria gerativa não seja conduzido num vácuo, mas que ele inclua informação suficiente das perspectivas alternativas para que possamos chegar a uma caracterização mais válida e relevante para o tema geral desta tese.

1.2.2. Histórico breve

O leitor se lembrará que os dois problemas básicos da ST eram: (i) o poder (descritivo) da teoria, e (ii) a ênfase na linearidade dos constituintes. Em sua maior parte, a ST, a EST e a REST não ofereceram resposta alguma ao segundo problema. Este problema é extremamente relevante ao desenvolvimento destas teorias, já que todas elas procuram um entendimento da GU. Por exemplo:

"We may think of the theory of grammar T as consisting of two parts: a universal grammar UG that determines the class of possible grammars and the way they operate, and a system of evolution that ranks potential grammars..." (CL: 427).

A questão levantada pela gramática relacional (o precursor da APG, cf. abaixo) é a seguinte:

"Será que a G.U. coloca tanta importância nas configurações sintagmáticas quanto a teoria gerativa?" Se não, uma crítica séria poderia ser feita contra esta teoria.

Johnson (1977:153) resume esse problema:

"The fundamental tenet of Relational Grammar is that grammatical relations such as "subject of" and "direct object of" play a central role in the syntax of natural languages, i.e. they are the proper units for the description of many aspects of clause structure... Relational Grammar posits these grammatical relations as primitives in linguistic theory. This

contrasts with the position of standard transformational grammar, which views such relations as definable in terms of constituent structure notions of dominance and precedence."

E, falando especificamente sobre a passivização, Johnson continua:

"This change in grammatical relations holds to be the fundamental, universal property of "passivization". Linear order and changes in verbal and nominal morphology are considered to be language specific "side - effects"..." (ibid).

Em outras palavras, esta teoria surgiu porque um determinado grupo de lingüistas percebeu certos problemas sérios na caracterização da GU pela teoria chomskyana.

Voltamos a avaliar os resultados desta teoria, especialmente em relação às "leading ideas" mencionadas anteriormente. Agora, porém, queremos entender melhor como funciona esta teoria.

1.2.3. A passivação na RG

Segundo a RG ("Relational Grammar", a primeira versão da APG), há três relações gramaticais principais ao nível clausal: (1) sujeito; (2) objeto; e (3) objeto indireto. Estas relações são chamadas de "termos" na terminologia da teoria.

A inter-relação entre estes "termos" na RG se vê graficamente através de uma "rede relacional" (cf. abaixo). Nesta rede os termos são abreviados, representados por números. A relação do componente verbal é representada por P "predicado".

Outra relação importante nesta teoria se deriva das mudanças nas outras. Esta relação (que ao contrário das outras, pode aparecer mais de uma vez na mesma cláusula) é chamada de relação "chômeur". Ela se representa por $\hat{}$, o acento circunflexo acima de um número. ($\hat{} \leq 3, \hat{} \geq 1$). A relação chômeur é a relação de um dos termos que tinha uma relação (1, 2 ou 3), mas

agora devido à aplicação de uma determinada regra, não é usado. Ou seja, o elemento que tem uma relação chômeur é fora do domínio das regras e, de fato, não tem mais uma relação gramatical na cláusula. Assim, Perlmutter e Postal, 1977 (PP daqui por diante) caracterizam a passivação da forma seguinte:

"(1) A direct object of an active clause is the (superficial) subject of the "corresponding" passive.

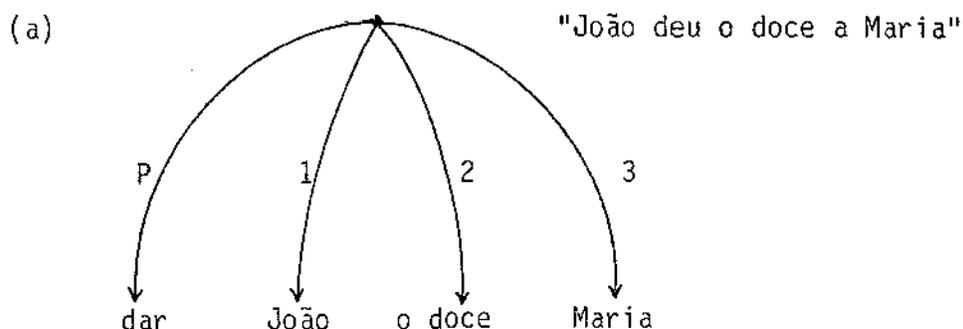
(2) The subject of an active clause is neither the (superficial) subject nor the (superficial) direct object of the "corresponding" passive". (399).

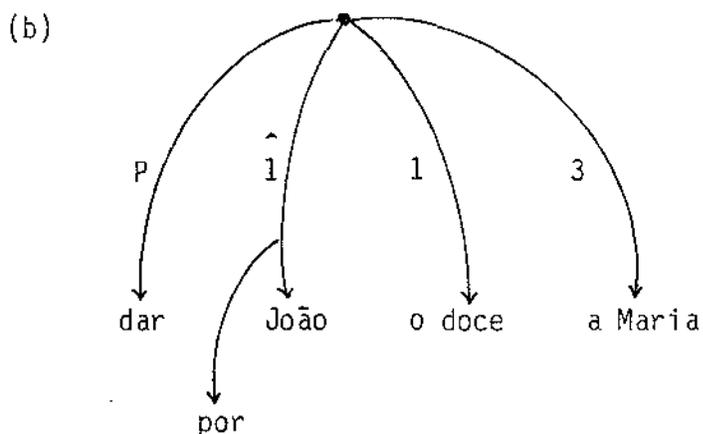
Em termos matemáticos, podemos representar os princípios de (1) e (2) acima, pelo seguinte:

$$(1) 2 \rightarrow 1 ; \quad (2) 1 \rightarrow \hat{}$$

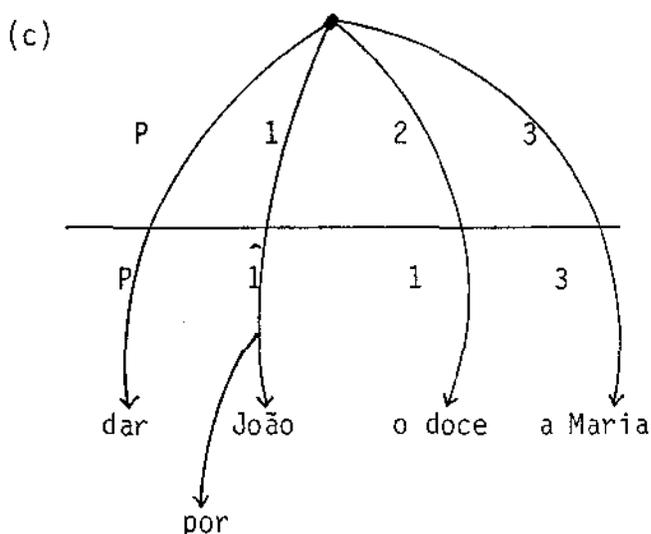
Ademais, há a aparência de um "sinal" da relação chômeur (pelo menos no português e no inglês), ou seja, a preposição "por" (ou "by" do inglês).

Representamos isto pelo par de cláusulas, (a) "João deu o doce a Maria" e (b) "O doce foi dado a Maria por João" numa forma simplificada:





Podemos combinar estas duas redes para representar a "história relacional" da cláusula num diagrama só:



No terceiro diagrama, (c), a linha horizontal divide a rede em "estratos". O "primeiro estrato" é o acima da linha e o "segundo", é o abaixo da linha.⁹

PP discutem as dificuldades inerentes numa caracterização chomskyana da passiva (cf. a resposta de Chomsky, 1981:117). O artigo (PP) tenta demonstrar como as noções funcionais são o princípio-chave das regras gramaticais e que nem mudanças sintagmáticas, nem mudanças de caso ou morfologia são fundamentais mas sim as relações gramaticais. Todas as outras mudanças são reflexões destas relações.¹⁰ Por exemplo, (de Basco):

"... a. Piarresek egin du etchea
 Pedro-ergativo fez tem casa-absolutivo

"Pedro fez a casa"

b. Piarresek egina da etchea
 Pedro-ergativo fez é casa-absolutivo

"A casa foi feita por Pedro" (399)

Neste exemplo, o verbo concorda com "Piarresek" em (a) e com "etchea", em (b), ou seja, o objeto direto de (a) passou a ser o sujeito de (b) (já que o verbo manifesta concordância exclusivamente com o sujeito).

"A theory of language that requires statement of passivization in terms of transformational structure description will... require a distinct rule for each language where the order of relevant constituents is different...

The fact that case marking in (a-b) is the same, however, [no exemplo de Basco, acima, D.L.E.] reveals the hopeless inadequacy of a universal characterization of passive in terms of case". (ibid)

A vantagem da RG, segundo os seus proponentes, é que ela capta os verdadeiros elementos universais sem ser limitado a considerações irrelevantes (como a ordem linear etc.).

1.2.4. A passivização na APG

Na introdução ao seu livro, Arc-Pair Grammar (1981), Johnson e Postal (JP) dizem que a RG era apenas uma coleta de sugestões, nos termos deles, um quadro ("framework"), enquanto a APG, sendo mais explícita e formal é uma verdadeira teoria (JP:19ss).

Devido à incorporação e consideração de vários trabalhos e sugestões de outras fontes como Lakoff (1977), a APG, desde 1977, tem rejeitado a noção de "derivações". Portanto, a "história relacional" de uma representação gráfica não teria mais nenhuma equivalência à noção chomskyana de "estágio derivacional", sendo agora um aspecto de fenômenos interligados com a fonologia e forma lógica (cf. a nota número 9, acima).

"While the APG notion R - graph corresponds in essence to the informal RG notion RN ["relational network", D.L.E.], APG R-graphs are only a derivative aspect [ênfase de JP, D.L.E.]...of more basic notions. RG claimed that sentence structure was representable as a whole in terms of RNs. APG claims that the R-graphs are only a subpart of overall sentence structure..." (JP:18).

Este novo ponto de vista é representativo do crescimento da teoria. Agora a teoria é mais ampla. Embora investigações da forma lógica ou da fonologia sejam apenas futuras esperanças, elas recebem em JP sua primeira menção na teoria.

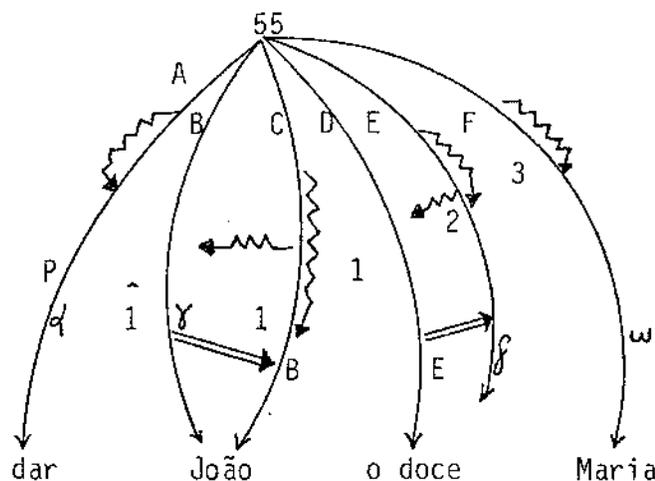
Duas inovações principais da APG (em relação à RG), são as noções de "sponsor" e "erase" (ou seja, patrocinar e apagar). Estas noções são relevantes para caracterizar os "R-graphs" sem referência à noção de derivações, ou seja, mostrar uma série de relações que se mantêm simultaneamente (cf. Lakoff, 1977).

"... in the course of formalizing these RG concepts it became necessary to incorporate into APG two new, more basic concepts - the primitive binary relations ... Sponsor and Erase". (JP:18).

Estas duas relações representam "... the central aspect of linguistic structure...". Segundo JP, estas são as relações entre os "arcos". Tentamos esclarecer melhor estes termos abaixo.

Na APG o "R-graph" (a antiga rede relacional) especifica uma série de relações e fatores não especificadas na RG. As formalizações desta informação nova são discutidas logo abaixo do seguinte "R-graph", que

representa nosso velho exemplo, o par: "João deu o doce a Maria" e "O doce foi dado a Maria por João".



Explicação do diagrama:

- (1) "55" : o nóculo da cláusula é enumerado para representar sua relação num contexto geral de cláusulas. $(i, \dots, 55, \dots, i)$, sentenças, locuções, etc.
- (2) "A"- "F" : "Arcos" (cf. a nota de número 11).
- (3) "1,2,3, ^, p": as relações gramaticais
- (4) a, b, etc. : termos variáveis que representam seqüências coordenadas das relações gramaticais que se obtêm na cláusula (55).
- (5) \rightsquigarrow : patrocinar, "sponsor"
- (6) \Longrightarrow : apagar, "erase"

Na APG as relações de "Patrocinar" e "Apagar" são fundamentais. De maneira simples, podemos entendê-las assim:

$A \rightsquigarrow B$: A ocorrência de B no "R-graph" depende da ocorrência de A.¹²

$B \Longrightarrow A$: A ocorrência de B no "R-graph" é suficiente para a eliminação fonológica de A.¹³

Segundo JP, a nova informação no "R-graph" acima representa o desenvolvimento de outros princípios linguísticos (das formas lógicas e da fonológica), inter-relações sentenciais, etc. Porém, é óbvio em JP que estes princípios ainda são pouco explícitos.

Por outro lado, em defesa da APG, poderia se responder que o "conteúdo empírico intensivo" (uma expressão de Lakatos, ver abaixo, na seção 2.2.), ou seja, a qualidade das suas análises em relação à G.U., justifica o trabalho necessário para desenvolver estas áreas. Ou como Feyerabend notou:

"In order to progress, we must step back from the evidence, reduce the degree of empirical adequacy (the empirical content) of our theories, abandon what we have already achieved and start afresh". (113).

e também

"This backward movement is not just an accident; it has a definite function; it is essential if we want to overtake the status quo, for it gives us the time and the freedom that are needed for developing the main view in detail..." (153)

Em outras palavras, mesmo que agora a teoria é menos abrangente empiricamente, um proponente da APG poderia antecipar um estágio no qual a teoria trata da mesma quantidade de fatos (ou mais) e a trata melhor porque seus princípios teóricos são mais "válidos" em relação à G.U. (cf. seções 2.2. e 3).

2. Características epistemológicas

2.1. Introdução

Temos visto brevemente o desenvolvimento de dois conjuntos de teorias relacionadas:

$$\left\{ \begin{array}{l} \text{ST} \\ \text{EST} \\ \text{REST} \end{array} \right\} \quad \text{e} \quad \left\{ \begin{array}{l} \text{RG} \\ \text{APG} \end{array} \right\}$$

O que é que isto tem nos dito a respeito destas teorias? Em primeiro lugar, vimos que estas teorias têm escolhido caminhos diferentes para chegar à solução do mesmo problema: uma caracterização adequada da G.U. Enquanto a REST se constrói sobre os resultados da ST e EST, a APG (e portanto a RG) rejeita esta base anterior (especificamente a ST), tomando um "passo para trás" na terminologia de Feyerabend. É como se a APG visse a (RE)ST como um quadro negro cheia de idéias, a soma das quais não nos levarão à teoria correta da G.U. Portanto, a APG apaga a lousa, exceto que mantém a mesma meta e começa com idéias novas.

No entanto, o fato de que o objetivo da APG é igual ao da REST apoia fortemente a afirmação de Chomsky:

"My own suspicion is that as research progresses, it will show that many of the most productive ideas are in fact shared by what appear to be quite different approaches" (1981:3).

Ou seja, as diferenças não são tão grandes e poderiam ser até irrelevantes.

A questão crucial neste ponto é saber se há evidência empírica que nos permite escolher entre a REST e a APG. Pessoalmente, não sou muito otimista.

Isso tudo vem a dizer-nos, em termos da caracterização formal do pirahã, que temos escolhido a REST como a teoria mais inclusiva, mas não necessariamente a mais adequada. Ademais, a justificativa desta escolha é relativamente arbitrária.

Tentamos defender estas hipóteses abaixo através de uma discussão de três teorias epistemológicas: o "ciclo paradigmático" de Kuhn; o "programa de pesquisa" de Lakatos; e o "anarquismo" de Feyerabend.

2.2. Kuhn

2.2.1. O "ciclo paradigmático"

Na teoria de Kuhn, o progresso científico de uma determinada disciplina se caracteriza por um ciclo, através de:

(1) o estabelecimento de um "paradigma" (cf. 2.2.2.), definido por Kuhn como "... universally recognized scientific achievements that for a time provide model problems and solutions to a community of practitioners" (1962:viii);

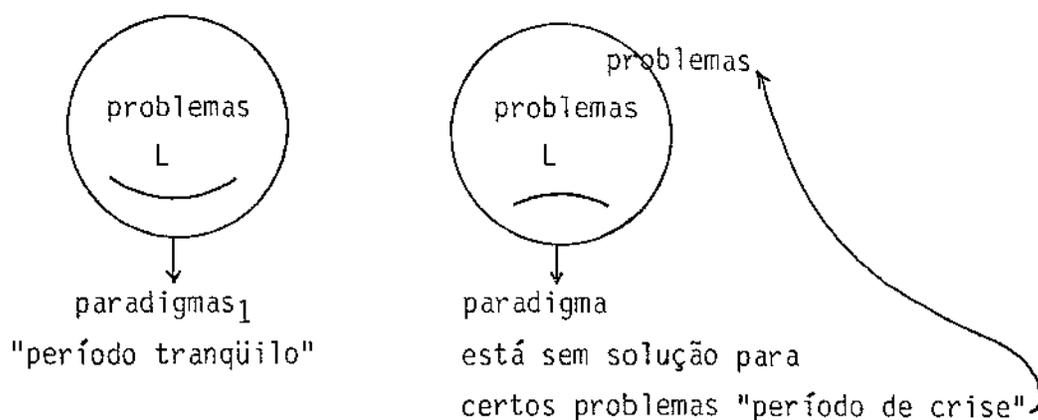
(2) um "período tranqüilo", depois do estabelecimento do paradigma, no qual a maioria dos membros da disciplina praticam a chamada "ciência normal" (uma série de pesquisas ou "quebra-cabeças" aprovadas pela comunidade representada por essa maioria);

(3) um "período de crise" em que o paradigma ou tem dificuldades, ou é incapaz de resolver novos problemas levantados no decorrer da prática da "ciência normal";

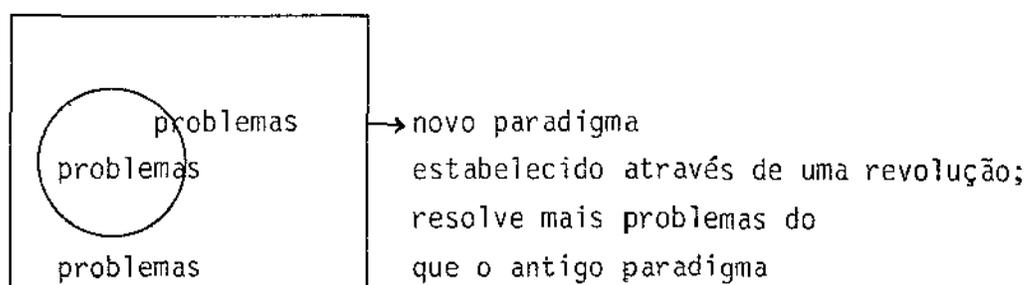
(4) uma "revolução" pela qual um novo paradigma se estabelece, dando conta simultaneamente aos fatos problemáticos e aos fatos antigos.

De forma gráfica, podemos conceituar 1 -4 pelo seguinte:

(1) - (2)



(4)



2.2.2. Aplicação da teoria kuhniana à lingüística

Referências numerosas na literatura à "revolução chomskyana" (Searle, 1974; Wilson e Smith, 1979; etc.) e ao "paradigma gerativo" (Emonds, 1976; Partee, 1974) indicam que as noções kuhnianas têm exercido uma influência nítida sobre a conceituação da história da lingüística.

Tentemos aplicar este modelo aqui para chegar à nossa própria conclusão sobre sua relevância.

Kuhn diz que uma paradigma possui quatro elementos principais (cf. Percival, 1976:286):

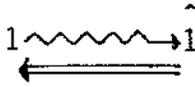
(1) generalizações simbólicas - expressões que são traduzíveis em forma lógica;

(2) modelos - um quadro conceitual para ajudar os membros da "comunidade" a visualizarem a natureza dos seus "quebra-cabeças" (cf. a seção 1.2.2.2., acima, sobre problemas e idealizações);

(3) valores - são os critérios usados para escolher os "quebra-cabeças", justificar a metodologia da pesquisa e julgar entre as teorias rivais;

(4) exemplares - exemplos concretos (como "textbooks") de problemas e soluções (em forma pedagógica) para principiantes.

Conforme estes critérios, tanto a REST quanto a APG seriam paradigmas:

1	Generalizações Simbólicas	$XAZ \rightarrow XBZ$	
2	Modelos	diagramas por árvores "tree diagrams"	"R-graphs"
3	Valores	Soluções em termos sintomáticos são básicos para a G.U.	Soluções em termos relacionais são básicos para a G.U.
4	Exemplares	Perlmutter e Soames - 1979	Frantz 1977

Um problema, porém, surge em relação à noção de "comunidade". Nenhuma destas teorias, ou quaisquer outras além das mencionadas aqui é ou era aceita universalmente por lingüistas. Portanto, numa interpretação rígida da

tese de Kuhn, não há e nunca houve um paradigma lingüístico (cf. seção 2.2.1.).

2.2.3. Críticas

Conforme esta interpretação da teoria de Kuhn, a lingüística não é uma ciência madura. Esta conclusão é inaceitável por alguns como Percival (1979), que usa o seguinte raciocínio na sua crítica a Kuhn:

(1) primeira premissa - a lingüística é obviamente uma disciplina científica;

(2) segunda premissa - não existe um "paradigma" dominante na lingüística;

(3) terceira premissa - a falta de um paradigma, segundo o modelo kuhniano, indica que a disciplina não é madura;

(4) inferência/conclusão - logo, a teoria de Kuhn é errada ou, pelo menos, inaplicável à lingüística.

Voltamos a estas críticas mais adiante.

2.3. Lakatos

2.3.1. Programas de Pesquisa

Lakatos (1970) vê o progresso científico em termos de uma sucessão de teorias. No seu modelo é possível ver dois tipos de sucessão teórica ("shifts"). Pode haver um "shift" entre uma teoria 'a' e uma teoria 'b', partindo das mesmas pressuposições, aprimorando e ampliando a aplicação da

primeira. Ou pode haver um "shift" entre uma teoria 'x' e uma teoria 'y' que representa um verdadeiro rompimento conceitual, na qual a teoria 'y' rejeita os princípios básicos de 'x', indo numa nova direção. (A primeira situação seria análoga a ST-EST-REST; a segunda, talvez, a ST-RG). De qualquer forma, o entendimento básico de uma teoria é dado como:

"... uma teoria só será "aceitável" ou "científica" se tiver um excesso corroborado do conteúdo empírico em relação a sua predecessora (ou rival), isto é, se levar à descoberta de novos fatos. Essa condição pode ser analisada em duas cláusulas: a nova teoria tem um excesso de conteúdo empírico ("aceitabilidade"), e parte desse excesso de conteúdo é verificada como "aceitabilidade₂". A primeira cláusula pode ser conferida instantaneamente por uma análise lógica a priori; a segunda só pode ser conferida empiricamente e isso talvez leve um tempo indefinido." (1970:141,142).

Cada teoria é um programa de pesquisa. A vantagem desta noção sobre a dos paradigmas é que ela não se refere à "comunidade científica" e, portanto, não julga disciplinas mas, teorias. Lakatos não se preocupa com o elemento sociológico do modelo de Kuhn.

2.3.2. "Shifts"

Numa sucessão de teorias, T_1, \dots, T_n , é possível avaliar empiricamente o progresso representado pela sucessão "shift" de T_i a T_{i+1} pela "metodologia" seguinte (que pressupõe que T_{i+1} é válida se, entre outras coisas, ela 'falsifica' T_i).

"... uma teoria científica T só será falsa se outra teoria T' for composta com as seguintes características: (1) T' tem um excesso de conteúdo empírico em relação a T , isto é, prediz fatos novos, a saber, fatos improváveis à luz de T ou mesmo proibidos por ela; (2) T' implica no êxito

anterior de T, isto é, todo o conteúdo não refutado de T está incluído dentro dos limites de erro observado no conteúdo de T'..."

Ao meu ver, porém, o modelo dos "programas de pesquisa" é deficiente num respeito crucial. Para Lakatos em "shift" é ou "progressivo", ou "degenerativo". A diferença é no seu conteúdo empírico. Contudo, não é claro como avaliar este conteúdo.

Em primeiro lugar, é perfeitamente plausível que T prediga fatos novos à luz de T' e vice versa. Neste caso, Lakatos não tem nenhuma sugestão.

Em segundo lugar, parece-me que a noção de "conteúdo empírico" pode ser entendida em termos do "poder descritivo" ou "poder explicativo" de uma teoria (cf. o uso destas noções na discussão anterior). Devido a esta ambigüidade, o termo já é problemático. Ademais, em termos de poder descritivo, é claro que todas as sucessões teóricas desde Aspects (ST) têm sido "degenerative shifts" (isto é, sucessões sem progresso, "inaceitáveis").

Veja-se o comentário de Chomsky:

"It is worth noting that as theories of grammar have become more restrictive over the years ... certain topics ... have in effect been abandoned ..." (1981:316, nota 6).

Como exemplo, Chomsky oferece o seguinte:

- "(i) [the shooting of the hunters] disturbed me.
- (ii) I was disturbed by [John's driving].
- (iii) [Visiting relatives] can be a nuisance.

More recent work has in effect abandoned the attempt to give a principled account of such cases (which were a staple of earlier work) resorting to lexical rules that are hardly more than descriptive statements..." (ibid)

Isto é, muito trabalho produtivo tem sido abandonado em favor de melhores explicações em outras áreas. No mesmo sentido, a APG tem deixado

vários resultados interessantes da ST para explorar outros tópicos intratáveis pelo modelo transformacional.

"In the early 1970s a number of independent observations and discoveries by Comrie, Keenan, Morgan, Perlmutter, Postal and Ross sparked an ever-growing awareness in the linguistics community that grammatical relations play a central role in the syntax of natural languages..." (Johnson, 1977:153).

Atualmente, a APG está fazendo propostas a respeito da incorporação da fonologia e da semântica na teoria (JP). Porém, há muitos anos a teoria vinha trabalhando apenas com "cláusulas básicas", justificando o esforço em termos do "poder explicativo". Isto é, a teoria nasceu com pouco conteúdo descritivo com relação à ST (prevendo alguns fatos novos, perdendo previsões em outras áreas do "êxito" da ST). Segundo os seus proponentes, no entanto, isso ocorre com maior conteúdo explicativo. Portanto, como entenderemos a noção de "conteúdo empírico"?

2.4. Paradigmas vs programas de pesquisa

As teorias epistemológicas de Kuhn e Lakatos concordam em aceitar a noção de "progresso científico" como um elemento avaliável e distinguível. Diferem em vários pontos, porém, como nas suas áreas mais criticadas:

(1) Kuhn - o aspecto social da sua teoria é difícil de aplicar com precisão e sua conexão lógica com a maturidade de uma disciplina é difícil de entender.

(2) Lakatos - a noção de "conteúdo empírico" parece claro à primeira vista, mas se torna ambígua e difícil, se não impossível, de aplicar; ela pode referir-se ao "conteúdo descritivo" ou "explicativo", conceitos logicamente independentes.

Pressupondo, no momento, que os problemas da teoria de Kuhn são superáveis, rejeito a teoria de Lakatos porque, a meu ver, a noção de "conteúdo empírico" é imprecisa. Acredito que a 'tese de Duhem-Quine', rejeitada por Lakatos, contém a essência da dificuldade da teoria dos "programas de pesquisa". Esta tese diz que:

"... aconteça o que acontecer, qualquer pronunciamento pode ser considerado verdadeiro, se fizermos ajustamentos suficientemente drásticos em outros pontos do sistema ... inversamente, nenhum enunciado é imune à revisão." (229)

Tais "ajustamentos" são comuns em qualquer teoria. Eles podem ser úteis ou negativos. O mero fato da sua existência, porém, é um argumento contra Lakatos. Isto é, qualquer teórico de mente ágil pode explicar contra-exemplos à sua teoria e propor alternativas. O ciclo vicioso de crítica e resposta é interminável pelos critérios de Lakatos, especialmente o seu "conteúdo empírico".

Por outro lado, a teoria de Kuhn teria algum mérito se fosse possível modificar sua noção de "comunidade científica". Em vez de aplicar o termo "comunidade" a todos os lingüistas, por exemplo, poderíamos aplicá-lo aos gerativistas ou aos "relacionistas". De fato, Kuhn fez uma mudança nessa direção falando de "escolas" em vez de "comunidades" (1970: 219ss). Também, Kuhn diz que:

"... comunidades podem certamente existir em muitos níveis".

Dentro deste contexto, podemos aceitar o trabalho inicial de Chomsky como uma "revolução" que estabeleceu um paradigma, mesmo que houvessem alternativas teóricas existentes lado a lado.

Gostaria de sugerir que o paradigma estabelecido por Chomsky não era um paradigma de transformações, mas sim, um novo quadro racionalista e mentalista "à busca" da UG. Neste sentido, todas as teorias estudadas aqui representam perspectivas diferentes dentro do mesmo quadro geral. Além das anotações e termos diferentes, há uma extensa área de concordância.

3. Conclusão

3.1. Revisão da evolução da teoria gerativa

Façamos uma pequena revisão dos pontos básicos que desenvolvemos neste capítulo a respeito da evolução da teoria gerativa.

Notamos que desde o começo da teoria gerativa-transformacional, em 1957, um dos objetivos principais tem sido o de "equilibrar" o poder descritivo e o poder explicativo da teoria. Isto tem sido realizado, em parte, pelo desenvolvimento de várias condições que atuam nos diversos níveis da gramática.

Por outro lado, certas teorias, tal como a APG (e até um certo ponto a semântica gerativa), começaram a investigar novas possibilidades para abordar os estudos da linguagem, menos afetadas pela ênfase na linearidade inerente na teoria transformacional.

Na realidade esta ênfase na linearidade era apenas um aspecto de um problema maior - a preocupação com as descrições estruturais em geral, baseada num conceito de "estrutura de frases" da sintaxe. Isto foi notado de maneira bastante clara por Hudson (1976:1ss).

"In every introductory book on transformational - generative syntax, there is an argument for the necessity of transformations that runs something like this: let us assume that the syntactic structure of a sentence should be represented as a labeled bracketing of a string of formatives (or by the theoretically equivalent "phrase marker"). Now the obvious way to generate structural representations of this kind is by means of "phrase-structure" rules. But it can be shown that phrase-structure rules do the job badly, since there are many types of structural relations that they can show only clumsily, if at all. Therefore phrase-structure rules need to be supplemented by some more powerful type of rule to match the kind of structure phrase-structure rules can generate onto the kind we actually need to represent surface structures. Rules of this kind are transformations".

Porém, Hudson continua sua descrição dos problemas de uma gramática baseada em regras de "estrutura-de-frase" por fazer uma crítica bastante séria - ele levanta a possibilidade de rejeitar as próprias pressuposições essenciais de uma teoria deste tipo:

"But what if you don't accept the initial assumption? Clearly, the chain of arguments collapses: if syntactic structures aren't best represented as a labeled bracketing, then phrase-structure rules may not be relevant in generating them, and whatever types of rule are needed may not have the same limitations as phrase-structure rules, so there may be no need to include transformations among the rules..." (ibid)

É interessante observar que no seu desenvolvimento subsequente, a teoria transformacional tem de fato respondido aos tipos de problemas criados por depender demais nas regras de estrutura-de-frase.

Por exemplo, o trabalho nos "sistemas de princípios" (ver capítulo 3) facilita a caracterização de fenômenos importantes de modo diferente das exclusivamente dependentes de noções estruturais como no modelo de Aspects. O próprio Chomsky diz:

"As for the concepts of phrase structure grammar, these were quite natural insofar as their role was understood to be that of determining the phrase markers of (base) grammatical structures. But these devices are surely not appropriate for the specification of such parameters as those just noted (como as línguas "não configuracionais", D.L.E.), and with the development of X-bar theory and other principles of the sort we have been considering it should be clear that the theory of phrase structure grammar has no standing as a component of UG" (1982:9)

Para ver o tipo de generalização que não pode ser tratado de maneira coerente num quadro de estrutura de frase, mas que é captado naturalmente na R.E.S.T. (rejeitamos este rótulo mais adiante), consideremos as seguintes sentenças (os exemplos são de Henry, 1981:6):

- "a. The children said that they were happy.
- b. The children punched each other.
- c. The children tried _____ to swim.
- d. The children seemed _____ to be happy.
- e. Who did the children see _____ ?
- f. The children were happier than their parents were _____ . "

A sublinha representa um "termo dependente" (um "gap" ou item lexical).

No modelo de Aspects, cada uma destas sentenças teria sido derivada por uma transformação diferente. Este é o ponto crucial, pois quaisquer generalizações sobre a 'a - f' na teoria padrão dependeriam de fatores estruturais (seja de "input", SD, ou de "output", SC). Porém, não existem semelhanças estruturais entre a-f, pelo menos ao meu ver. Por outro lado, se fôssemos ignorar as condições estruturais sobre transformações e procurar os princípios que relacionam termos dependentes e antecedentes, as generalizações assim estabelecidas supostamente teriam maior validade através das línguas, já que estas superariam o problema da linearidade que temos mencionado tão freqüentemente. Contudo, isto não quer dizer que as condições estruturais são irrelevantes na teoria atual. Ao contrário,

"The structural properties of sentences need to provide a basis for the definition of these Binding conditions rather than as was previously the case forming the basis for appropriate Structural Descriptions defining the input to Grammatical Transformations" (Heny, op.cit.:10).

Estas mudanças radicais na teoria sintática de Chomsky nos ajudam a compreender por que o próprio Chomsky agora prefere chamar a sua teoria de "Regência-Vinculação" ("Government-Binding" - GB), já que ela não é meramente uma versão revista do modelo de Aspectos. Ela é, em quase todos os

seus componentes, uma teoria nova, mas uma teoria dedicada às mesmas metas estabelecidas em Syntactic Structures, Aspects, etc. (cf. 0. do capítulo 2 desta segunda parte).

3.2. Revisão das conclusões epistemológicas

3.2.1. O modelo kuhniano

A minha conclusão é, portanto, que a teoria de Kuhn, embora sujeita a várias críticas severas, nos fornece um heurístico útil e mais atraente do que o modelo de Lakatos. Porém, esta conclusão depende de uma interpretação livre e até meio imprecisa da noção do paradigma (e estou perfeitamente satisfeito em fazer este tipo de interpretação). De fato, acredito que se nós entendêssemos a noção básica do paradigma principalmente como um quadro geral dentro do qual alguns cientistas trabalham, colocando menos ênfase na própria metodologia da experimentação, e mais nas motivações e nas metas desta experimentação, então poderíamos concluir que o modelo de Kuhn é de certo modo "aceitável".

Por outro lado, a escolha entre tais teorias é meio forçada. Isso porque qualquer teoria epistemológica deste gênero parte de algumas pressuposições questionáveis.

3.2.2. Feyerabend

As teorias de Kuhn e Lakatos, por exemplo, possuem várias características em comum. Talvez a mais óbvia delas é a pressuposição básica de que é possível ou desejável avaliar o "desenvolvimento científico" (o que já é uma grande pressuposição em si mesma) em termo de certas regras ou definições do "progresso". Todavia, apesar de estas serem noções muito atraentes para aqueles que acham mais fácil ver tudo "preto no branco", existe outra perspectiva que nos permitiria conceituar a ciência como um

corpo amorfo de opções e possibilidades simultaneamente relevantes. Este ponto de vista, chamado "anarquismo", é de Feyerabend e se baseia parcialmente no valor que possuem as exceções às regras epistemológicas para nos mostrar a inadequação destes sistemas de regras.

"... there is not a single rule, however plausible, and however firmly grounded in epistemology, that is not violated at some times or others. It becomes evident that such violations are not accidental events, they are not results of insufficient knowledge or of inalteration which might have been avoided. On the contrary, we see that they are necessary for progress". (Feyerabend, op. cit.:23).

Segundo Feyerabend, é necessário e bom reconhecer a ciência como uma fonte (sempre em fluxo) de hipóteses, freqüentemente contraditórias, que competem entre si pelo interesse e aceitação do cientista. Portanto, na perspectiva de Feyerabend, a lingüística está bem saudável devido à grande variedade de teorias existentes.

Obviamente, a grande vantagem deste "anarquismo" é a sua simplicidade - a hipótese "nula" de epistemologia. Ela nos libera, num certo sentido, da necessidade de nos preparar com algum tipo de avaliação pelo qual podemos dizer que a teoria x, e não y, representa o progresso científico.

Seria muito além do escopo desta tese investigar mais as propostas de Feyerabend. Menciono-as aqui em passim como uma alternativa às teorias que tentam seriamente avaliar ou entender o progresso científico.

3.2.3. Implicações para a lingüística e para esta tese

Não podemos nos esquecer que o conjunto de todas as variações da teoria mentalista (ST, EST, REST, RG, APG etc.) representa apenas uma das teorias existentes da lingüística. Poderia ser que as outras teorias são "apenas" os vestígios do estruturalismo. Mas o fato relevante é que o número de lingüistas que participam no "Generative Enterprise" (Chomsky, 1982) talvez

nem chegue a ser a maioria. Muitos lingüistas excelentes têm escolhidos outros modelos.

Na minha estimativa, isto não apresenta nenhum problema se nós lembrarmos que em todo estágio de nossa pesquisa a coleta de dados (Everett, a sair), a metodologia (Everett, 1980), e até os próprios objetivos desta pesquisa (ver Chomsky - todas as referências, e Botha, 1981) são orientados pelas escolhas e pressuposições epistemológicas. Enfim, cada cientista define ele mesmo sua metas - por que está fazendo isto, o que quer saber?

Portanto, acredito que cabe ao pesquisador explicitar tudo isto (pelo menos para si mesmo) antes de começar, para que o seu empreendimento seja mais coerente.

Foram estas as considerações que me levaram a desenvolver este capítulo e inseri-lo aqui como um parêntese necessário ao nosso estudo.

A conclusão geral deste capítulo é que a lingüística não é uma ciência "madura" nos termos de Kuhn.¹⁴ Ela ainda não chegou a determinar quais são os fatos relevantes para melhorar nossa compreensão da GU:

"...we have little a priori insight into the demarcation of relevant facts - that is, into the question of which phenomena bear specifically on the structure of the language faculty..." (Chomsky, 1980a:2).

Portanto, precisamos ter cuidado para não ficarmos sérios demais tentando restringir o campo aos problemas ou soluções "aceitáveis", sabendo que nossos interesses individuais podem ser seguidos livremente, aproveitando o privilégio de participar na lingüística.

Contudo, junto com esta "liberdade" vêm desenvolvimentos encorajadores do tipo que temos visto acima.

"It does seem to me fair to say, however that for the first time in the long and rich history of the study of language, we are now in a position to put forth theories that have some of the right properties ... recent developments seem to me to open up new and exciting prospects ..." (Chomsky, 1981:344).

N O T A S

1. Ver também o trabalho de Partee (1978: capítulo 4), que é apenas uma das várias elaborações do argumento de Chomsky.

2. Ver Chomsky (1957) para uma discussão dos termos "poderoso" e, especialmente, Weak generative capacity. Basicamente, o poder de uma teoria consiste no número de gramáticas que seriam aceitáveis por esta teoria. Obviamente, a teoria mais poderosa aceitaria tudo. Mas, justamente por isso, esta teoria não explicaria nada. Discutimos a noção de "explicação" na seção 1.2.1.1.2. Na epistemologia chomskyana, procuramos uma caracterização, uma teoria de aprendizagem da linguagem por uma criança. Nossa teoria teria de ter "poder" suficiente para aceitar as gramáticas possíveis mas, ao mesmo tempo, ser suficientemente escrita para rejeitar as gramáticas impossíveis. Como diz Botha (1981:266ss):

"It is the aim of the general linguistic theory to give a characterization of all possible human languages. All possible human languages need not, of course be in current use..."

3. SN = sintagma nominal;

SV = sintagma verbal;

Aux = verbo auxiliar, representa basicamente o tempo.

4. A este respeito ver especialmente, Postal (1964).

5. Botha define a noção de poder explicativo da seguinte maneira:

"To say that a hypothesis has Explanatory Power is a short way of saying that the hypothesis may be used as (part of a) lawlike generalization in an explanation". (ibid:300)

Em outras palavras, é uma hipótese explícita e restrita. Uma hipótese sem restrições não seria explicativa nos termos de Chomsky, porque não nos levaria à formalização da noção da "Gramática Universal", um conjunto de

princípios inatos e dedutivos pelo qual a criança aprende sua(s) língua(s) materna(s).

6. URS = Unrestricted Rewrite System (Sistema da Reescrita Irrestrito).

7. Isto porque mesmo o quadro de 1965 era rico demais. Por exemplo, os autores também dizem que,

"...The problem we face is to restrict the options that are available in this narrower but still overly permissive framework, so that we may approach the basic goals of linguistic inquiry ..." (ibid)

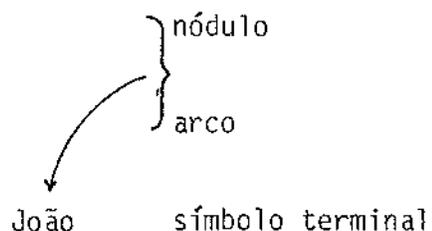
8. Daqui em diante, Chomsky e Lasnik (1977) = CL

9. "Estrato" é semelhante à noção do "estágio derivacional" da ST, mas com algumas diferenças irrelevantes para nossa discussão aqui.

10. A este respeito, seria interessante reconsiderarmos a crítica de Chomsky (1965) já citada sobre a natureza secundária das relações gramaticais (e também os comentários de Chomsky, 1981:117ss). Num artigo recente, Bresnan diz o seguinte:

"One of the most important issues in current linguistic theory concerns the nature of grammatical relations: are they completely derivative of representations of constituent structure and semantic argument structure, or do they have an independent representation definable in terms of syntactically primitive grammatical functions (e.g. SUBJ, OBJ)? ... there is simply no a priori basis for preferring a structuralist theory of grammatical relations to a theory which employs grammatical functions as syntactic primitives. On the contrary, there appears to be good reasons to prefer the function-based theory ..." (1982:428).

11. Numa rede relacional (ou "R-Graph"), um "Arco" é a linha que liga um símbolo terminal com o nóculo da construção:



12. "A" pode ser igual a "B". Isto é, um arco mantém a relação de "Sponsor" consigo mesmo, pelo menos.

13. "Apagar" é uma noção fonológica. Isto é, $B \implies A$ indica que só "B" terá realização fonológica.

14. Na teoria de Feyerabend nenhuma ciência é madura. Na minha opinião, esta conclusão sobre o "status" da lingüística é, portanto, válida, mas pouco interessante.

CAPÍTULO II**PARA UMA GRAMÁTICA FORMAL****DO PIRAHÃ**

CAPÍTULO II

Para Uma Gramática Formal do Pirahã

0. Introdução

No capítulo anterior me referi à teoria chomskyana atual através da rubrica R.E.S.I. (Teoria Padrão Ampliada e Revista). Porém, esta caracterização não é correta. As mudanças dentro da teoria são de uma natureza tão radical quanto a ênfase, ontologia, metodologia etc., que o resultado representa, de fato, uma teoria nova. Esta avaliação corresponde também à percepção de Heny (1981:4):

"At least until very recently it was common for proponents of the theory to refer to it as the (Revised) Extended Standard Theory as if it were no more than a revision of Aspects (Chomsky, 1965). There have indeed been a series of minor changes, with the theory of Aspects as the starting point, and no clear dividing line. But, I want to argue here, what has emerged is a totally new theory."

Dada esta opinião sobre a nova teoria, referir-me-ei ao modelo atual como a teoria de "Regência e Vinculação" (RV, do inglês Government and Binding; ver apêndice 2).

O objetivo principal deste capítulo é o de propor e defender uma análise da referência intra-sentencial no Pirahã dentro da teoria RV (ver Chomsky, 1981; 1982). Ou seja, como analisar, dentro deste quadro, fenômenos como nos itens (i) a (iii), a seguir:

(i) Reflexivos:

(a) hi hi xibáobá
3 3 bateu

"ele lhe bateu" ou
"ele se bateu"

(b) ti ti xibáobá
1 1

"eu me bati"

(c) gí gí xibáobá
2 2

"você se bateu"

(ii) Pseudo-Topicalização (onde as letras subscritas indicam referência permitida):

(a) kohoibíhai_(i) hi_(i) hi<sub>{(i)
(j)}</sub> xibáobá
nome próprio

"kohoibíhai lhe bateu"
se

(b) kohoibíhai_(i) xabagi_(j) hi_(i) hi_(j) xibáobá
nome próprio

"kohoibíhai bateu em xabagi"

* (c) kohoibiíhai_(i) xabagi_(j) hi_(j) hi_(i) xibáobá

"xabagi bateu em kohoibiíhai"

(iii) Co-referência complexa:

(a) kohoibiíhai_(i) hi_(i) xabagi_(j) hi_(j) xibáobá

"kohoibiíhai bateu em xabagi"

* (b) kohoibiíhai_(i) hi_(j) xabagi_(j) hi_(i) xibáobá

"xabagi bateu em kohoibiíhai"

O segundo objetivo deste capítulo é propor uma sugestão inicial e relativamente didática para a apresentação de uma análise dos vários níveis sintáticos de uma determinada língua dentro do quadro atual. Este objetivo é relevante, acredito eu, dada a falta de material didático para aqueles interessados em usar e avanzar a teoria RV no estudo de línguas indígenas. Por esta razão, incluo tratamentos breves sobre a morfologia, o léxico e as regras categóricas do pirahã.

Três comentários devem ser feitos a este respeito antes de iniciar a nossa discussão. Primeiro, já que não pretendo apresentar uma análise detalhada da morfologia etc, mas sim um levantamento geral e didático (com a exceção do estudo mais profundo dos verbos) do componente de base do pirahã, o leitor talvez se sinta frustrado porque certas propostas não são defendidas adequadamente ou não são exploradas suficientemente. As únicas soluções que vejo são: (i) dobrar o tamanho deste capítulo; ou (ii) simplesmente omitir estas discussões, o que eliminaria a possibilidade de propor um guia para apresentações dentro da teoria. Rejeito estas opções na esperança de que o leitor possa achar a apresentação útil e não se concentre em omissões de certos pontos relativamente supérfluos aos objetivos gerais.

Também acho necessário dizer algo sobre as regras categóricas propostas mais adiante. Atualmente, como vimos no capítulo anterior (e veremos novamente na seção 1.2.2.1.) a teoria está num estágio intermediário em que as regras categóricas de Aspects são rejeitadas como parte da gramática universal. Mas as teorias do léxico, X', etc. não são desenvolvidas suficientemente para apresentar a informação contida nestas regras de uma forma coerente. Não entrarei aqui em nenhuma discussão sobre estas subteorias, apenas avisando o leitor que tais desenvolvimentos são previstos e necessários.

Por exemplo, na seção 1.2.2.1., abaixo, menciono regras como $S \longrightarrow SN \text{ CON } SV$; $S \longrightarrow SS$; etc. Não está claro como a informação representada por tais regras poderia ser derivada por princípios categóricos (embora hajam sugestões como o "princípio de projeção ampliado" de Chomsky, 1982, que diz que toda sentença tem um sujeito). É óbvio que o estatuto metateórico de uma regra como $S \longrightarrow SN \text{ CON } SV$ é diferente de uma regra como $SV \longrightarrow V \text{ Complemento}$, derivada trivialmente do léxico e da teoria X'. Porém, neste trabalho não pretendo explorar mais esta distinção. As duas regras serão tratadas como o mesmo tipo de elemento.

Finalmente, gostaria de falar um pouco sobre a organização deste capítulo. Ao invés de colocar o problema central, a referência, logo no início, comecei a discussão com a apresentação do "componente de base". Isso reflete meus objetivos didáticos e espero que não dificulte a leitura. De fato, a discussão sobre os fenômenos de referência pressupõe um conhecimento das regras de base.

1. O componente de base de uma gramática do pirahã

1.1. Introdução

Em Chomsky (1965), o componente sintático da gramática foi caracterizado em função de dois sub-componentes principais: (i) o "componente de base"; e (ii) o "componente transformacional".

Em trabalhos recentes (especialmente Chomsky, 1982b), o léxico tem recebido uma posição mais independente, agora considerado distinto da base (e das regras categóricas da teoria antiga, cf. a discussão na seção anterior). Ademais, o próprio componente transformacional tem sofrido, ele mesmo, várias modificações drásticas.

Da seção 1.1.2.2.1. do capítulo anterior, lembramos que atualmente duas perspectivas (Chomsky, *ibid*) são distinguidas no estudo da gramática. A primeira destas perspectivas a ser considerada neste capítulo é o "sistema de regras" que consiste principalmente nos componentes mencionados acima e dos componentes "interpretativos" (a fonologia e a forma lógica). A segunda consiste nos "subsistemas de princípios" (ver a seção 1.1.2.2. do capítulo anterior e a última seção deste capítulo).

Chomsky (1982) representa o sistema de regras como:

A. Léxico

B. Sintaxe $\left\{ \begin{array}{l} \text{(i) Componente de base} \\ \text{(ii) Componente transformacional} \end{array} \right.$

C. Componentes Interpretativos $\left\{ \begin{array}{l} \text{(i) FF (Forma Fonética)} \\ \text{(ii) FL (Forma Lógica)} \end{array} \right.$

Como mencionamos acima, e como se vê nas discussões que se seguem, a conceituação atual dos itens de A - C, acima, é diferente da de Aspects.

Por exemplo, no caso do léxico, a mudança mais importante é o princípio de "marcação temática (θ)" pela qual verbos (etc.) são subcategorizados em função dos papéis temáticos que atribuem aos seus complementos. Vinculado a esta noção de marcação θ está o chamado "princípio de projeção". Este princípio diz que:

"...the θ marking properties of each lexical item must be

represented categorically at each syntactic level: at LF, S-Structure, and D-Structure" (Chomsky, *ibid*:6).

Podemos ver as conseqüências deste princípio em exemplos como (i) (a) e (b):

(i) (a) Quem foi persuadido a comprar a blusa?

(b) [Quem_i] [foi persuadido v_i] [PRO_i comprar a blusa]¹

O léxico nos diz que o verbo 'persuadir' θ -marca (é subcategorizado para) um objeto SN e um complemento clausal. Isto é, 'persuadir' atribui um papel temático na posição à sua direita, segundo o princípio de marcação θ . O princípio de projeção diz que isso é mantido também na estrutura - S. Logo, a presença de v no caso (i) (b), co-indexado com 'quem', é uma conseqüência deste princípio (independente de outros princípios relevantes aos vestígios). Chomsky (1982) diz que este princípio pode ser ampliado para exigir que toda sentença tenha um sujeito (o EPP 'princípio de projeção ampliado'). Isto explicaria a presença de PRO em (b). Os índices (i) em (b) são derivados através do movimento e da "teoria de controle" (ver terceira seção, abaixo).

Quanto à modificação radical na teoria RV em relação às regras categóricas mencionadas anteriormente,

"In earlier work, it was assumed that D-structure [was] determined by rewriting rules of the base as in (4):

(4) (i) S \longrightarrow NP INFL VP

(ii) VP \longrightarrow V NP S'

We now ask how much of (4) must actually be specified in the grammar". (Chomsky, *ibid*).

Chomsky continua por argumentar a favor da eliminação das regras da estrutura-de-frase na gramática. Seus argumentos são baseados no fato de que, dada a teoria da sintaxe X' (descrita brevemente, abaixo) e o princípio de projeção, as regras categóricas devem ser deduzíveis sem a necessidade de estipular a sua forma exata de cada categoria frasal (cf. a conclusão do capítulo dois e a introdução deste).

O argumento da sintaxe X' deriva das seguintes pressuposições. Segundo Jackendoff (1977:5), a pressuposição básica da sintaxe X' é que:

"... the theory of grammar must include a way to refer to more than one syntactic category, using a single term of the structural description of a grammatical rule".

Isso que dizer que devemos procurar um esquema-regra que caracterize as relações básicas entre núcleos de construções e os seus complementos através das categorias frasais. A "convenção X' " (do trabalho importante de Chomsky, 1970) facilita estas "generalizações transcategoricas" (cross-categorial generalizations; cf. Jackendoff, 1977, e seção 1.2., abaixo. Esta tradução foi sugerida por Mary Kato, comunicação pessoal.).

De qualquer modo, apresento uma lista de regras na próxima seção cuja função é explicitar a informação necessária para um entendimento rudimentar de configurações sintáticas no pirahã. Como foi mencionado várias vezes, o estatuto destas regras (mas não a informação expressa por elas) é nulo como elemento da gramática universal.

1.2. Regras categóricas

1.2.1. Introdução à sintaxe X'

No início de seu trabalho pioneiro sobre o assunto, Jackendoff (ibid) discute o ímpeto principal à teoria da sintaxe X'. Isso foi a "Hipótese Lexicalista" desenvolvida primeiro por Chomsky (1970) - de palestras dadas no MIT, em 1967. A observação básica deste trabalho é de que o complemento

de certas formas, particularmente os nominais "derivados" (como 'destruição', 'prova' etc.) e verbos, tem certos traços em comum que parecem indicar que estas formas têm uma base comum no léxico. Portanto, uma generalização mais "significante" poderia ser "captada" se fosse possível nos referir às categorias léxico-sintáticas em termos de variáveis, especificando o que Chomsky chama de "projeções" das categorias lexicais por linhas superscritas. Portanto, a categoria nominal, N, teria pelo menos uma projeção N['] (SN da teoria antiga). Uma categoria verbal, V, também teria pelo menos a projeção V['], etc. Já que as relações entre nomes, verbos, adjetivos etc. e seus complementos são (geralmente) as mesmas, podemos reduzir as regras de reescrita a uma categoria variável, Xⁿ (em que $n \leq 3$, na teoria de Jackendoff, 1977).

Além das implicações que este tratamento teria para as generalizações transcategoricas, a noção de X' é importante na medida em que nos permite postular e estudar categorias intermediárias. Ver a discussão de Radford (1981:99), por exemplo:

"Within Phrase Structure Syntax, only two types of category are recognized: viz.

- (i) Lexical categories like N, V, P, A, ADV, Q, AUX, DET etc.
- (ii) Phrasal categories like NP, VP, PP, AP, ADVP, AP, S etc.

In particular, there are no immediate categories larger than the word but smaller than the phrase..."

Radford mostra que certos elementos que não seriam considerados constituintes no modelo de Aspects de fato, funcionam como constituintes em certas construções (ver o trabalho dele para uma discussão mais detalhada). Embora seja muito difícil explicar tais fenômenos na teoria de Aspects, eles são completamente naturais dentro da teoria X', já que cada categoria lexical teria as seguintes projeções (possíveis, mas não obrigatoriamente realizadas em cada língua): X, X', X'', X'''. Note-se, por exemplo, que o X' é especialmente difícil de caracterizar na teoria anterior.

Ademais, esta teoria faz certas previsões interessantes. Ela prevê, por exemplo, que onde a relação entre complementos e núcleos de frases não continua a mesma através de todas as categorias principais, a categoria

irregular é marcada em relação à "Gramática Universal". Como se verá abaixo, esta previsão é válida em relação à violação dos universais tipológicos propostos por certos lingüistas quanto à ordem idiossincrática dos constituintes do sintagma nominal ("idiossincrática" em relação às demais categorias do pirahã. Devo dizer também, que não pretendo relacionar a GU com a tipologia e os universais de Greenburg; porém, é interessante notar quando os dois sistemas fazem as mesmas previsões.).

1.2.2. Regras categóricas, generalizações X' e implicações tipológicas

1.2.2.1. Regras categóricas do pirahã

Como se vê na discussão anterior, a informação estrutural previamente fornecida pelas regras categóricas continua importante na teoria, mas derivável de outros componentes da gramática. Por exemplo, ao reconhecer distinções "paramétricas" entre as línguas humanas (e.g. línguas tipo X' vs. línguas tipo W*, cf. o apêndice 2) a informação necessária para gerar as configurações sintáticas será determinada pelo "parâmetro" básico selecionado, as características de itens lexicais e, no caso das línguas tipo X', pelos princípios da teoria X' (ver a discussão da última seção).

Em outras palavras, a "fonte" desta informação ainda faz parte da gramática universal, embora seja de natureza diferente. Qualquer teoria da língua pirahã, uma língua X', será obrigada a providenciar a informação dada pelas regras que se seguem. Porém, mais uma vez, quero destacar a posição extremamente precária deste tipo de regra na teoria atual.

Nossa intenção aqui é apresentar apenas uma amostra das regras de estrutura de frase, assinalando as mais importantes para a discussão mais adiante.

Começando com as regras mais inclusivas, precisamos de alguma regra para gerar estruturas topicalizadas como:

(b) $\left[\begin{array}{c} \left[\begin{array}{c} [ti] \\ [hi\ xib-áo-b-á] \end{array} \right] \\ [S''] \left[S' \right] \end{array} \right] [xoogiái]$

Por outro lado, não considero sentenças como as do exemplo 4 e 5 casos de topicalização:

(4) tiobâhai hi bigí kaob-á
 criança 3 terra cair-remoto
 (sujeito)

"a criança caiu para a terra"

(5) kaioá hi xaopí -koí
 nome próprio 3 zangado-enfático
 (sujeito)

"kaioá está zangado"

As razões pelas quais não analisei os exemplos 4 e 5 como estruturas topicalizadas serão esclarecidas no decorrer da discussão na seção 3.3.

Devo dizer que a análise que estou propondo aqui discorda da análise apresentada no primeiro capítulo (cf. a seção 9). Porém, aquela análise reflete uma decisão tomada sem referência alguma à teoria de RV (uma restrição imposta pelos objetivos do capítulo; veja-se a introdução à tese).

Além do mais, esse tratamento anterior só menciona casos em que há marcação fonológica do tópico. Em muitas construções da forma nomeⁿ pronomeⁿ verbo (n 2) não existe, por exemplo, pausa especial entre o(s) nome(s) e o(s) pronome(s). Diacronicamente, como menciono abaixo, é possível que todos esses exemplos fossem topicalizados. Sincronicamente, há muita evidência (ver abaixo) a favor do tratamento de alguns (pelo menos) destas estruturas como não marcadas. Por exemplo, uma das formas mais comuns é o que chamo de "co-referência complexa." A conclusão, portanto, é de que é

possível interpretar uma frase do tipo(i) como topicalizado ou não topicalizado conforme a marcação fonológica.

(i) (a) xoogíái / hi xobáaxai (em que '/' = pausa)
 "xoogíái, ele sabe muito"

(b) xoogíái hi xobáaxai
 "xoogíái sabe muito"

Ademais, existem várias restrições sobre o movimento do tópico que não são discutidas aqui, já que vão muito além do escopo deste trabalho. Para uma discussão da justificativa teórica do nóculo S" na teoria (ou pelo menos da natureza da relação entre o tópico e o resto da sentença) ver Chomsky (1977a).

(II) S' \longrightarrow S COMP

Eventualmente, um tratamento do pirahã teria que incluir uma discussão do nóculo COMP

(ver apêndice 2). Isso porque dadas as pressuposições da teoria sobre movimento, interpretação lógica etc., a noção de COMP é extremamente importante (ver, por exemplo, Bresnan, 1970; Chomsky, 1973; Chomsky, 1977a; e outros).

Embora tenha algumas hipóteses (por exemplo, que o nominalizador -sai, o sufixo temporal -so e, talvez, a partícula interrogativa hix estejam relacionados com o nóculo COMP no pirahã), estas são apenas especulações no momento. Portanto, a questão sobre o estatuto da regra S' \longrightarrow ... fica em aberto por enquanto.

Há várias regras relacionadas ao nível sentencial, S \longrightarrow Estas não são especialmente importantes para o problema central deste capítulo, mas são listadas abaixo para que o leitor possa "sentir" um pouco melhor a estrutura geral da língua.

(III) S \longrightarrow S S partícula (cf. a seção 8 da primeira parte)

Exemplos de sentenças geradas pela regra (III) são:

- (6) tiobáhai xaitáhóí kagihí xaitáhóí píaii
 criança dormir esposa dormir também
 (partícula)

"as crianças dormem e (sua) esposa dorme também"

(IV) S \longrightarrow S hoagá S

- (7) hi toio xaagá hoagá (hi) xopaohoi-baí
 3 velho ser contra-expectativo (3) trabalhar-intensivo

"ele é muito velho mas assim mesmo (ele) trabalha muito"

No exemplo 7, o elemento pronominal hi da segunda cláusula é facultativo. Neste caso, hoagá parece ter a função de subordinar a cláusula posterior à anterior. Ver as seções 8 e 21 do primeiro capítulo.

(V) S \longrightarrow SS

- (8) kohoibíhai gáta bogáá xai
 nome próprio alumínio vir fazer

hi gáta gaigááhoihai
 3 alumínio começar a amarrar

"kohoibíhai venha fazer (o) alumínio,
 comece a amarrar (o) alumínio"

A regra (V) gera as estruturas paratáticas.

Uma pergunta possível sobre as regras de S --- ..., acima, é por que não combiná-las num esquema só?

O problema que resultaria, ao meu ver, é uma confusão entre as sentenças semântica e pragmaticamente distintas.

A (III) gera estruturas que representam a continuação de uma só idéia ou tipo de informação; a (IV) gera estruturas onde o segundo constituinte é semanticamente subordinado ao primeiro; a (V) gera estruturas cuja função é normalmente a de aumentar a força ilocucionária de um enunciado (cf. a seção 9 do primeiro capítulo).

Outra regra que precisa ser discutida é a regra (VI):

(VI) $S \rightarrow N''' \text{ FLEX } V'''$ (cf. INFL no apêndice 2)

Porém, já que a (VI) pressupõe certos conceitos teóricos não introduzidos ainda neste capítulo, e já que também implica numa definição de N''' e V''' no pirahã, a argumentação e explicação desta regra é dada na seção 3.3., abaixo, na discussão da teoria de EV.

Quanto à estrutura da locução verbal, esta será discutida na seção 3.3., uma vez que ela é melhor entendida dentro do quadro teórico que apresento nessa seção.

As demais regras frasais são relativamente simples, sendo trivialmente deriváveis dos "quadros de subcategorização" apresentados na seção 1.3.2., abaixo. Assim mesmo, elas são listadas abaixo para facilitar a discussão do ponto 1.2.2.2. sobre as generalizações (e exceções) da teoria X' e certas implicações tipológicas.

(VII) $V^n \rightarrow \text{Complemento } V^{n-1}$

Ver as seções 3.3.4. e 3.3.5., abaixo, para uma discussão detalhada do sintagma verbal no pirahã.

(VIII) $P^n \rightarrow N''' P^{n-1} (1 \leq n - 3 ?)$

Esta regra deixa aberta a questão de quantas "barras" tem a projeção máxima de P. Segundo os dados disponíveis (ver seção 17 da primeira parte), não é necessário mais de uma projeção, P'. Porém, já que isto não corresponderia aos sintagmas verbal e nominal, deixo em aberto a possibilidade de P'' ou P''', pressupondo a argumentação de Jackendoff (1977) a favor da postulação destas projeções.

(IX) (a) N''' \rightarrow N'' Det

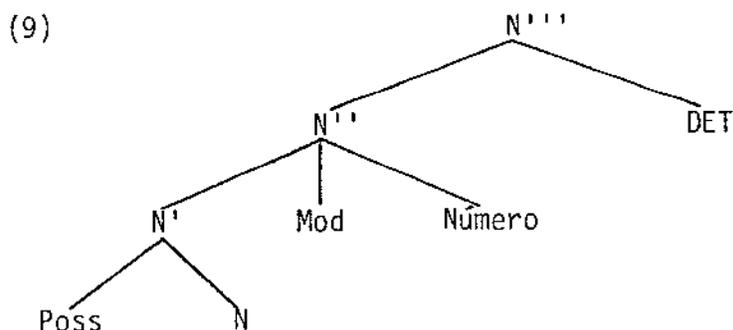
(b) N'' \rightarrow N' Modificador Número

(c) N' \rightarrow Poss N

A regra (IX) exprime alguns fatos extremamente intrigantes sobre a locução nominal do pirahã (e também na maioria das línguas amazônicas já que quase todas manifestam a mesma ordem de constituintes na locução nominal (D. Derbyshire, comunicação pessoal)).

A primeira pergunta que se faz sobre a regra (IX) envolve as diferenças na ordem linear dos constituintes entre N' e N''/N'''. N'' e N''' manifestam uma ordem diferente das demais locuções. Tenho mais a dizer sobre isto mais adiante (cf. 1.2.2.2.).

A segunda observação importante sobre a regra (IX) vem do item (c), a "violação" da ordem das demais projeções de N (que é, em relação às demais locuções, a forma não marcada). Basicamente, quero dizer que um sintagma nominal teria uma estrutura como:



Esta hipótese representa uma compilação de várias locuções. Isso porque a língua não permite encadeamentos complexos ao nível locucional (cf. seção 15 da primeira parte para maior discussão e exemplificação).

A maioria das locuções com mais de dois constituintes será interpretada por expressão equativa, como no próximo exemplo:

(10) xibaihóixoi kahi ogí -koí hóihio
 nome próprio cesta grande-enfático dois

- (i) "xibaihóixoi (tem) duas cestas grandes"
 ? (ii) "duas cestas grandes de xibaihóixoi"

Nesse exemplo, (i) é a tradução preferida com (ii) sendo aceitável (ou pelo menos entendível) por alguns falantes. Porém, acredito que a evidência favorece a colocação de 'poss' dentro de N'. Semanticamente, qualquer interpretação nas construções como a do exemplo 10, ou se considera o caso inteiro como um só constituinte, ou se interpreta o complemento à direita do núcleo como uma proposição sobre ela. Teoricamente, a motivação para postular uma estrutura como a do exemplo 9 é relativamente forte. Ver seção 1.2.2.2. abaixo para uma discussão sobre o assunto.

Outros exemplos de N''' são:

(11) kabogáohoi bĩsi hóihio gáihĩ
 tambor/tanque vermelho dois demonstrativo(remoto)

"aqueles dois tambores vermelhos"

(12) tafsi gíisai
 machado demonstrativo (próximo)

"este machado"

1.2.2.2. Generalizações X' e implicações tipológicas

Como foi mencionado, acima, a única exceção ao esquema X' → Complemento X' é a regra (IX), o sintagma nominal. Isto é uma exceção, um fenômeno marcado, na teoria X'. Acontece também que isto corresponde a certos "universais tipológicos". Por exemplo:

"Lehmann's Structural Principle of Language: Modifiers are placed on the opposite side of a basic syntactic element from its primary concomitant." (citado em Kuno, 1978:82).

Na terminologia de Lehmann, o "concomitante principal" é o verbo. Logo, já que o verbo ocorre à direita no pirahã (uma língua S O V), os modificadores (e os demais complementos das outras categorias locucionais) devem ser colocadas à esquerda do núcleo - mas, como já vimos, isto não é o caso com os adjetivos descritivos nas locuções nominais mas somente com 'poss'. Isto quer dizer que a locução nominal é marcada tanto em relação à teoria X' quanto aos chamados "universais" das línguas humanas.

Por outro lado, a ordem dos constituintes dentro do complemento do sintagma concorda com uma previsão de Greenberg:

"Greenberg's Language Universal 19: When the general rule is that the descriptive adjective follows, there may be a minority of adjectives which usually precede..." (em Kuno, ibid).

Veja-se também:

"Greenberg's Language Universal 20: When any or all of the items - the demonstrative, numeral, and descriptive adjective precede the noun, they are always found in that order. If they follow, the order is either the same or its exact opposite (ênfase minha, D.L.E.)" (ibid).

No pirahã a ordem dentro do complemento é o oposto exato: modificador, número e demonstrativo. Dadas estas afirmações de Lehmann e Greenburg, vemos como há previsões compatíveis na teoria X' e na tipologia sintática.

Mas em relação ao nóculo 'poss' de N' no pirahã, e ao universal 19 de Greenberg, acima mencionado, seria muito interessante procurar uma "explicação" teórica ou, pelo menos uma previsão da teoria sobre o porquê de alguns constituintes poderem ocorrer à esquerda quando a maioria ocorre à direita. Quais são esses constituintes? Qual é a natureza ou a característica básica da relação entre ele(s) e o núcleo da locução?

Note-se que 'poss' é sempre preenchido por um elemento nominal. Note-se também que nas outras locuções, P''' e V''', o elemento nominal também ocorre à esquerda do núcleo.

Gostaria de dizer que isso é explicável em função do "filtro de caso" de Chomsky (1981) (ver apêndice 2 e a seção 3.3., abaixo).

Sem entrar nos detalhes da teoria do caso aqui (cf. seção 3.3.), a idéia básica é que o núcleo da locução, P, V ou N, atribui caso a um elemento nominal que "rege" (ver apêndice) e qualquer elemento nominal sem caso é agramatical.

No sintagma nominal o elemento nominal em 'poss' tem que receber caso. Isso implica em que a cabeça de N''', N, rege 'poss'. Uma hipótese inicial é que a ordem poss N é estabelecida por analogia com as demais construções de caso. Ou seja, já que os adjetivos descritivos ocorrem numa ordem marcada, como explicaremos os elementos como poss (a "minoridade dos adjetivos" no princípio 19 de Greenberg) que continuam na ordem não marcada? Por quê é que alguns constituintes são marcados outros não? Esperar-se-ia encontrar uma explicação geral para esse fato, de que no pirahã aparentemente a atribuição de caso depende de "regência" (cf. seção 3.3.) e linearidade.

Acho relevante que embora a teoria gerativa e a tipologia sintática

façam algumas previsões quase idênticas, é só a teoria que oferece alguma explicação dos fenômenos como poss.

1.3. O léxico

1.3.1. Classes básicas de palavras no pirahã

Como foi notado na seção 23.3. da primeira parte, as classes básicas de palavras no pirahã são: nomes, pronomes, pós-posições, partículas, modificadores e verbos. Na seção que se segue apresentarei algumas observações sobre os "quadros de subcategorização" (cf. Akmajian e Heny, 1975, e Baker, 1978) destes elementos. Outra informação necessária para o léxico (como as "restrições seletivas") não será discutida neste trabalho. Em sua maior parte, a subcategorização proposta corresponde às regras categóricas. Por outro lado, há algumas exceções (como os pronomes presos e os modificadores) no sentido de que a subcategorização destes elementos representa certas generalizações que parecem espalhadas nas várias regras categóricas (ou seja, numa forma que perde a generalização sobre a natureza da classe).

1.3.2. Subcategorização

O que pretendo pelo termo "subcategorização" é basicamente a informação lexical que diz onde uma determinada entrada do léxico pode ser inserida numa estrutura profunda. Na teoria atual, diz-se que um elemento subcategoriza uma posição. Através desta noção, um elemento lexical marca cada posição que a subcategoriza por uma "função temática" ("agente", "paciente" etc.; ver apêndice e a seção 3.3.).

Voltando a refletir um pouco sobre a natureza epistemológica da nossa teoria, a subcategorização abaixo não reflete o diálogo. No diálogo, por exemplo, vários elementos, especialmente os substantivos e os verbos, podem

ocorrer separados de um contexto maior como respostas a perguntas. Por exemplo, pressupondo o diálogo, poderíamos subcategorizar o verbo 'bater' no seguinte quadro:

$$(13) \quad \text{bater} \quad [\text{Verbo}] \quad \pm \quad [\text{---} \left\{ \begin{array}{l} \text{SP} \\ \text{(em)} \\ \text{pronome} \\ \text{indireto} \end{array} \right\}]$$

O símbolo \pm 'mais ou menos' implica na possibilidade de observar 'bater' numa situação como a do exemplo seguinte:

- (14) (a) João bateu em Sérgio?
 (b) Bateu (sim).

Além do mais, na teoria atual, o verbo subcategoriza a posição de sujeito (o que não é evidente no exemplo 13). Desta forma, certos verbos atribuem uma função temática ao seu sujeito e outros não.

Por exemplo, 'bater' atribui a função temática de 'agente' ao seu sujeito. Portanto, o quadro de subcategorização completa de bater incluiria a informação seguinte:

$$\text{bater} \quad [\text{Verbo}] \quad + \text{SN} \text{---} + \quad [\text{---} \left\{ \begin{array}{l} \text{SP} \\ \text{(em)} \\ \text{pronome} \\ \text{indireto} \end{array} \right\}]$$

Um verbo como 'parecer', por outro lado, não atribui nenhum papel temático ao seu sujeito e, portanto, requer o uso da regra de alçamento ou a inserção de um elemento mudo em línguas não pro-drop como inglês ('it', 'there') ou francês ('il') (ver apêndice e Chomsky, 1982).

Na discussão abaixo, não entro numa discussão sobre as propriedades de "marcação - θ " dos itens lexicais. Destacaria aqui, porém, o fato de que estas propriedades são cruciais e dependem da subcategorização e outras

características lexicais. Futuros estudos terão de levar em conta estas noções, embora a intuição etc. da língua exigida para entendê-las é muita.

1.3.2.1. Nomes ⁴

Basicamente, os nomes são distinguidos dos pronomes na teoria atual por certos traços tipológicos (cf. Chomsky, 1982). Na análise do pirahã que proponho mais adiante, cada elemento nominal será ou [+ expressão R] ou [- expressão R]. Em termos tradicionais, nomes são [+ expressão R] e pronomes [- expressão R]. Já que todos os elementos [+ expressão R] se comportam da mesma maneira quanto a sua inserção na estrutura profunda, não há nenhuma subdivisão que dependa da subcategorização. Portanto, no léxico será necessário dizer apenas quais são os elementos [+ expressão R]. A inserção destes elementos será basicamente livre conforme as condições das teorias de Caso, regência etc.

1.3.2.2. Pronomes

Esta classe de elementos é marcada pelo traço sintático, [- expressão R] (cf. a discussão da seção 3.3.).

Como foi o caso dos elementos [+ expressão R], a inserção dos elementos [- expressão R] é 'livre', conforme as exigências das teorias de caso, regência etc. A divisão básica entre estes elementos distingue entre os "pronomes imperativos" e os não imperativos (cf. seção 11 da primeira parte).

1.3.2.3. Pós-posições (ver seção 17 da primeira parte)

Basicamente, as expressões pós-posicionais são subcategorizadas [+ pós-posição], +[N''' ____ (V'')]. Como nas expressões [± expressão R], porém, não há nenhuma subdivisão nesta classe. Portanto, a inserção destes elementos na estrutura profunda será determinada pelos subsistemas de princípios (cf. o capítulo anterior e a discussão mais adiante).

1.3.2.4. Partículas (ver seção 21 da primeira parte)

Ao contrário das classes lexicais mencionadas acima, existem várias distinções entre os elementos desta classe que não são "captáveis" pelas subteorias. Isto é, precisamos estipular a informação idiossincrática de cada item. Este tipo de informação provém, neste caso, da subcategorização.

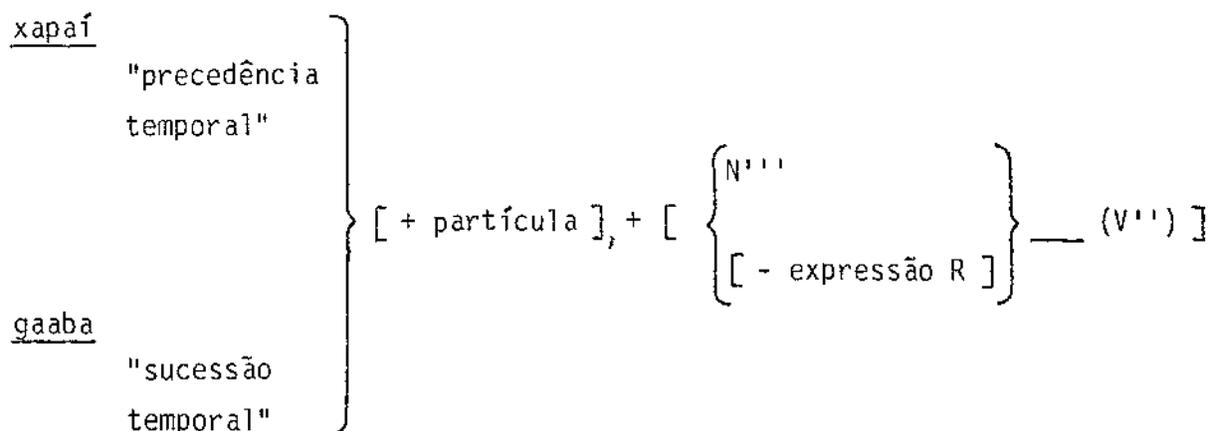
hoagá "contra-expectativo" [+ partícula], + $\left\{ \begin{array}{l} [(S) \text{ --- } S] \\ [\text{ --- } V''] \end{array} \right\}$

Segundo o quadro de subcategorização deste elemento, ele pode ser inserido (i) entre duas sentenças; (ii) antes de uma sentença; ou (iii) dentro de V''' (antes de V''). (Cf. o segundo capítulo da primeira parte para exemplos e discussão das partículas, e seção 3.3., abaixo, para uma discussão detalhada do sintagma verbal.)

píaii "conjunção" [+ partícula], + $\left\{ \begin{array}{l} [SS \text{ --- }] \\ [\text{ --- } V''] \\ [(N'''')N'''' \text{ --- }] \end{array} \right\}$

Para esta e as demais partículas, ver a discussão das partículas do capítulo 2 da primeira parte.

ko "vocativo" [+ partícula], + [____ N''']



1.3.2.5. Modificadores

Esta classe tem algumas divisões internas devido a restrições selecionadas (por exemplo, quais os modificadores que podem acompanhar nomes contáveis, nomes não contáveis etc.). Uma gramática formal completa teria que especificar estas restrições. Além disso, a inserção destes elementos seguirá o quadro:

$$[+ \text{modificador}] + \left\{ \begin{array}{l} [\text{---} V''] \\ [N' \text{---}] \end{array} \right\}$$

1.3.2.6. Verbos (ver seção 18 do primeiro capítulo)

Na subcategorização dos verbos, [N''' ___] indica-se que o verbo é transitivo, [___] intransitivo. Certos verbos, porém, são interessantes na medida em que as traduções mudam radicalmente dependendo da sua transitividade.

Por exemplo,, o verbo xoab - "morrer" é subcategorizado [+V], + [SN ___]. Quando inserido numa estrutura [SN ___], sua tradução seria "matar". Mas quando inserido em [___], a tradução é "morrer".⁶

O verbo kapiigakaga "estudar" parece vir de uma expressão semelhante a "fazer/mexer com papel". Porém, quanto ao seu comportamento sincrônico, ele funciona como intransitivo, subcategorizado como [+V] + [____].

Outros verbos são:

sit - "levantar-se" [+V], + [____]

xísa - "cantar" [+V], + [____]

kap - "atirar" [+V], + [N''' ____]

xig - "levar" [+V], + [N''' ____]

xibíib - "mandar (em)" [+V], + [N''' ____]

Ver apêndice 1 para um glossário do pirahã.

1.3.2.7. Conclusão

Na teoria padrão, a relação entre a subcategorização e as propriedades da estrutura profunda (gerada pelas regras categoriais) era redundante, como já mencionei. Na teoria atual, a teoria X' e outras subteorias determinam quais são as estruturas bem ou mal formadas, eliminando as agramaticais. Neste sentido, a subcategorização é trivialmente deduzível destes princípios para as classes lexicais (como a [+ expressão R] do pirahã) que não manifestam subdivisões internas. Por outro lado, nas classes lexicais em que há divisões internas (como na classe de partículas ou de verbos) a subcategorização não somente não é redundante, mas é crucial para a geração de estruturas bem formadas. Neste sentido, uma gramática formal dentro do quadro atual tem que incluir um tratamento da subcategorização no componente lexical. Naturalmente, como já observei várias vezes, a subcategorização não

é o único elemento necessário para caracterizar o léxico. Restrições seletivas para propriedades também serão parte da informação necessária.

1.3.3. Para uma caracterização formal da morfologia do pirahã

1.3.3.1. Introdução

Nosso objetivo aqui é fazer um levantamento das características (e das possibilidades) do tratamento da morfologia do pirahã dentro do modelo transformacional. Pressupomos as sugestões de Muysken (1981) e o quadro básico de Aronoff (1976).

No modelo transformacional existem pelo menos duas maneiras de analisar e representar a morfologia verbal (nominal etc.).

Poderíamos, por exemplo, propor uma regra do seguinte tipo: (i) $V \longrightarrow \text{Raiz (sufixo)}_{\alpha} \text{ (sufixo)}_{\beta}$ etc. (onde as letras gregas representam classes diferentes de sufixos).

Esta regra representa a composição interna dos verbos como apenas mais uma das estruturas frasais da língua.

Por outro lado, dentro da hipótese lexicalista de Chomsky (1976), existe a possibilidade de caracterizar a composição de palavras por regras morfológicas, o que naturalmente implica na divisão da gramática em sintaxe e morfologia como níveis lógicos e empiricamente distinguíveis.

(ii) $[V X] \longrightarrow [V]_V X [+ \text{sufixo}]$

(ver seção 1.3.3.3., abaixo, e Aronoff, 1976).

A pergunta óbvia a respeito de (i) e (ii) é se eles realmente representam alternativas com conseqüências empíricas, ou se são apenas variantes na notação.

Por outro lado, podemos perguntar se somos obrigados a interpretar (i) e (ii) como uma disjunção exclusiva ou como uma conjunção possivelmente usada. Ou seja, podemos propor um sistema misto, incluindo regras de (i) e

(ii)? Quais seriam as implicações empíricas nesta decisão? Tentamos responder a estas perguntas nesta seção.

1.3.3.2. Morfologia derivacional vs flexional

Nida (1946) distinguiu entre dois sistemas morfológicos: o derivacional e o flexional. Aronoff (1976) também pressupõe uma distinção entre esses dois sistemas. Porém, não é tão óbvio que esta divisão seja sempre válida. Na língua quíchua, por exemplo, Muysken (1981:308ss) mostra exemplos em que a morfologia derivacional não afeta a categoria lexical de uma palavra e outros casos em que uma palavra muda de uma categoria lexical para outra através da morfologia flexional. Estes exemplos contradizem um dos critérios clássicos usados para distinguir entre os dois tipos de processos morfológicos. Ou como diz Nida (1946:99):

"Derivational formations ... may exhibit changes in major distribution class membership ... Inflectional formations ... exhibit no changes in major distribution class membership".

Na discussão que se segue, pressupomos o modelo de Muysken devido a certas semelhanças entre os sistemas verbais do quíchua e do pirahã em relação ao que Muysken chama de posição "independente" (os sufixos que afetam o sentido da frase inteira).

Este modelo tem produzido alguns resultados interessantes usando regras de formação de palavras, originalmente aplicadas apenas aos processos "derivacionais", para analisar o processo "flexional" da afixação verbal. Portanto, pelo menos em relação às línguas como o quíchua (ou pirahã), o tratamento mais econômico da morfologia talvez não precise manter uma distinção rígida entre a morfologia derivacional e a flexional.

1.3.3.3. Sufixação por RFPs

Segundo Muysken, o tipo de processo de formação de palavras que usa regras deste tipo (Regras de Formação de Palavras RFPs) apresentará os seguintes traços:

- (a) RFPs aplicadas individualmente à base verbal;
- (b) regras interpretativas aplicadas ciclicamente;
- (c) filtros/restrições sobre a ordem dos sufixos;
- (d) filtros sobre interpretações possíveis
(de encadeamento dos sufixos).

Por exemplo, a forma do verbo kap-áo-b-á "atirou" do pirahã resultaria nas seguintes regras:

(I) $[_V \text{ kap }] \longrightarrow [_V [_V \text{ kap }] - \text{áo}]$

Interpretação: a ação do verbo "atirar" kap foi realizado pelo próprio verbo e é percebida como um todo sem composição interna.

(II) $[_V [_V \text{ kap }] - \text{áo}] \longrightarrow [_V [_V [_V \text{ kap }] - \text{áo}] - \text{b}]$

Interpretação: a ação realizado pelo verbo é percebida como um todo sem composição interna.

(III) $[_V [_V [_V \text{ kap }] - \text{áo}] -] \longrightarrow [_V [_V [_V [_V \text{ kap }] - \text{áo}] -] - \text{á}]$

Interpretação: a ação completa realizado pelo verbo é percebida como distante ou menos relevante ao momento da enunciação.

Nos casos de I a III, cada regra de interpretação utiliza a informação das regras anteriores e, portanto, estas regras são cíclicas. Porém, os caso de I a III apenas exemplificam uma palavra "bem formada". Como é que as RFPs evitam palavras como *kap-á-b-áo, uma palavra não permitida pela gramática?

No modelo que estamos usando aqui, as RFPs não evitam tais exemplos porque todas as RFPs são facultativas e não ordenadas.

Portanto, as RFPs em si produzirão várias palavras "mal formadas". Para tirar estas palavras da gramática é preciso um conjunto de "filtros".

Segundo Muysken, podemos propor uma série de traços para os sufixos. Por exemplo, na ordem básica das classes posicionais (ver tabela na seção número 18 do primeiro capítulo), cada classe seria marcada por um traço como no exemplo 15, a seguir:

(15) RAIZ - MODAL - DESIDERATIVO - NEGATIVO - etc.

$$[+F_{\alpha}] [+F_{\beta}] [+F_{\gamma}]$$

Pressupondo estes traços podemos propor alguns filtros iniciais, como:

(16) (a) * $[+F_x] [+F_y]$

(b) * $[+F_i] [+F_i]$, onde i vem do conjunto de traços $\{\alpha, \beta, \gamma, \dots, z\}$

O exemplo 16a é apenas um modelo de como seria um filtro. Resta especificar os sufixos que não podem coocorrer (veja a seção 18 do primeiro capítulo e mais adiante nesta seção). O 16b diz que não é possível ter dois membros da mesma classe posicional sufixados simultaneamente.

Quanto aos filtros de interpretação propostos por Muysken, não tenho estudado suficientemente a semântica dos sufixos verbais para entrar numa discussão sobre interpretações não permitidas (ver Muysken, *ibid*:316ss).

1.3.3.4. Sufixação por regras de estruturas de frase

Na discussão acima, todos os sufixos ligados à raiz por RFPs afetam apenas o significado básico desta mesma raiz. Porém, existem vários sufixos no pirahã que afetam não somente o sentido da raiz mas também o da sentença inteira em que ocorrem. Estes sufixos são os como os "condicionais", os "conclusivos", o interrogativo, híx, e o de resultado, tafo.

Na teoria de X' , podemos propor o seguinte modelo:

(i) V: regras morfológicas (RFA)

(ii) $V^n \rightarrow V$ $\left\{ \begin{array}{l} \text{Condicional} \\ \text{Conclusivo} \\ \text{Interrogativo} \\ \text{Resultado} \end{array} \right\}$ $(1 \leq n \leq 3; \text{ não há espaço aqui para investigar o nível exato desta afixação sintática.})$

A formulação do caso (ii) indica que estes sufixos não podem ocorrer simultaneamente, ou seja, semanticamente eles são distintos, embora sintaticamente formem um conjunto de sufixos semelhante ao que Muysken chama de "independentes" (ver seção 18 do primeiro capítulo para uma discussão mais ampla destes sufixos).

Os itens (i) e (ii) prevêem corretamente que o comportamento dos sufixos gerados por (ii) será diferente, mais global, do que os sufixos gerados pelas RFPs.

Há outras implicações relevantes no tratamento da morfologia por RFPs que não podemos discutir ainda, devido ao estágio inicial de nossa análise do sistema verbal.

Enfim, estamos apenas iniciando os estudos morfológicos do pirahã. No entanto, a teoria de RV já fornece um quadro interessante para caracterizar as inter-relações entre as categorias lexicais, a morfologia e a sintaxe.

2. O componente transformacional

Mencionei várias vezes durante esta tese sobre a transformação de Heavy Shift ("Deslocamento do SN Pesado"). Esta regra simplesmente desloca a informação expressa entre o sujeito e o verbo para a direita do verbo. Não entrarei numa discussão desta transformação aqui, já que ela não é relacionada ao tratamento referencial na próxima seção.

Basicamente, não há muitos exemplos claros de transformações na sintaxe, além da de chomsky-adjunction que é investigada na seção 3.3.

Por essas razões não pretendo investigar o componente transformacional da gramática do pirahã além das transformações específicas discutidas na seção 3.3. Veja-se o primeiro capítulo desta parte para um tratamento do componente transformacional em termos da ontologia da teoria gerativa. (Ver também Everett em preparação c.)

3. Subsistemas de princípios

3.1. Visão geral dos subsistemas

Embora esta seção esteja preocupada principalmente com um dos subsistemas de princípios, a teoria de vinculação, a lista que se segue é fornecida para facilitar a compreensão da posição e função relativas à teoria de vinculação dentro da teoria geral. A descrição desta subteoria baseia-se em Chomsky (1982) (ver também a discussão destas subteorias por outra perspectiva no capítulo 2).

3.1.1. A teoria X': Ver seção 1.2.1., acima.

3.1.2. A teoria θ : Esta teoria é basicamente reduzível ao que Chomsky chama de "critério θ ". Segundo este critério θ , cada termo da Forma Lógica é obrigado a ter um papel temático (θ), ou seja, cada argumento do verbo recebe um e apenas um papel θ , e cada papel θ é determinado pelas propriedades lexicais de uma frase e atribuído a um e apenas um dos argumentos do verbo.

3.1.3. A teoria do Caso: A teoria do Caso trata da atribuição de Caso (abstrato) a elementos em posições marcadoras do Caso (tais como os objetos de pré- (ou pós-) posições e de verbos transitivos, sujeitos de sentenças com tempo etc.). Também, a teoria do Caso propõe o "Filtro de Caso" que diz que todo SN com conteúdo fonológico recebe o Caso e que a presença do Caso

torna certos elementos "visíveis" à aplicação de regras gramaticais. (Talvez, como Chomsky menciona, a teoria pode ser reduzida ao critério θ .)

3.1.4. A teoria de vinculação: Este conjunto de princípios se preocupa com as relações entre elementos anafóricos e pronominais com seus antecedentes (ver seção 3.3., abaixo).

3.1.5. A teoria de "fronteiras" 'Bounding': Esta teoria especifica as condições de "localidade", especificamente a "condição de subjacência" (cf. o apêndice) sobre as regras de movimento.

3.1.6. A teoria de controle: A teoria de controle procura especificar formalmente os antecedentes possíveis para PRO.

3.1.7. A teoria de regência: A teoria de regência estabelece várias propriedades das relações entre as categorias lexicais (N, A, V, etc.), a atribuição do Caso e o comportamento e a distribuição das "categorias vazias".

3.2. Implicações dos subsistemas para a Gramática Universal

Estes princípios representam o "coração" da teoria GB. Suas implicações para a GU são muitas e importantes. Por exemplo, várias das configurações estruturais no pirahã (como a ordem básica SOV vs. a ordem "excepcional" dos SNs pós-postos ao verbo) e outras línguas (como o exemplo do basco no segundo capítulo e os demais exemplos propostos pela APG como contra exemplos à teoria gerativa) possuem pouco em comum com o português, o inglês etc. Mas as relações entre os termos dependentes e seus antecedentes (ver abaixo) de fato parecem mostrar um alto grau de correspondência através dos limites lingüísticos.

O fato animador é que, através da teoria RV temos mantido nossos objetivos principais (objetivos mentalistas - ver Chomsky, 1957:49ss) enquanto temos sido liberados da ênfase nas restrições relativamente

supérfluas da gramática transformacional antiga - a linearidade e as estruturas de frase.

3.3. A teoria de vinculação e a anáfora no pirahã

3.3.1. Introdução

Os fenômenos de co-referência, como já temos visto, são especialmente interessantes na teoria sintática de "regência e vinculação" (ou "Government and Binding", GB). De forma mais geral, o problema de caracterizar os vários tipos de anáfora representa uma direção muito desafiadora de pesquisa para a lingüística (e a filosofia) como um todo. Os fenômenos anafóricos são cruciais até na própria definição dos objetivos básicos na disciplina de lingüística. Por exemplo, se aceitamos a pressuposição inicial de Chomsky (1957:11):

"From now on I will consider a language to be a set (finite or infinite) of sentences..."

estamos imediatamente cientes da existência de exemplos aparentemente contraditórios. Por exemplo,

Falante A: "João é um camarada legal."

Falante B: "Discordo totalmente."

Falante A: "Não me importa; ele continua legal na minha opinião."

De onde veio o "ele" da última linha? Não teria sido possível colocar "ela" em vez de "ele" (nem "eu", nem "Chico", mas só "ele"). Como é que este fenômeno existe, já que "ele" se refere a um acontecimento fora da sua cláusula? Isto obviamente representa um fato sistemático da nossa competência lingüística (cf. Everett, a sair). Ademais, isto é um fato que não pode ser analisado dentro do tipo de gramática proposto por Chomsky.

Lakoff enfatiza a importância da anáfora e referência quando diz:

"The problem of pronominalization and of reference in general is at the very heart of syntactic investigation. There is hardly an area of grammar that does not impinge on the problems of reference" (1968:1).

Na discussão subsequente do seu trabalho, Lakoff trata dos problemas relacionados à referência de "mundos possíveis" e caracterizações lógicas de referência. Nesta seção pretendo discutir certos aspectos sintáticos e pragmáticos dela, mas o problema tanto do trabalho de Lakoff quanto do presente estudo é o de determinar o domínio relevante da referência. É puramente sintático? pragmático? apenas um fenômeno do discurso? Podemos fazer alguma distinção inteligível entre uma "gramática de sentenças" e uma "gramática do discurso" em relação à referência?

Bresnan (1978) acredita que a abordagem interpretativa à anáfora proposta por Lasnik (1976) e Reinhart (1976)⁷ pode fornecer uma teoria consistente tanto com estudos do discurso quanto com os da sentença:

"Previous transformational theories have described coreference relations grammatically, assuming that the anaphoric relation between a pronoun and its antecedent should be specified by rules of the grammar, such as a pronominalization. The new interpretive account drops this assumption. Consequently, since coreference relations are not the result of rules of sentence grammar, we are free to treat sentence-internal and intersentential coreference in the same way" (ibid:12).

Infelizmente, o que Bresnan viu como uma maneira de combinar os tratamentos variados da anáfora, de fato não chegou a oferecer nenhuma caracterização interessante nas condições externas (intersentenciais) sobre a anáfora. A falta de um tratamento coerente de fatores intersentenciais que afetam a anáfora é um resultado da falta de formalizações da interação da pragmática e a sintaxe (embora, é claro, existam vários estudos de diversas perspectivas sobre o assunto - ver especialmente Dooley (1982) e Reinhart (1981)).

O problema central é que para entender a referência, temos que entender algo da intencionalidade, já que, quando falamos de 'referência' estamos falando na referência pretendida e não na referência real "actual reference". Na ausência de um tratamento integrado da referência e intencionalidade (cf. Searle, a sair), estamos até um certo ponto na escuridão. Porém, existem algumas idéias que podem ser propostas e que parecem pertinentes ao empreendimento geral de entender a referência.

Tenho dois objetivos nesta seção. Primeiro, quero avaliar duas propostas recentes sobre a indexação e referência (Chomsky, 1980; 1981). Segundo, proponho uma análise da referência no pirahã da teoria de RV, sugerindo certas modificações na teoria para tornar mais explícita a relação entre a pragmática e a sintaxe.

3.3.2. Noções básicas de indexação e vinculação em "OB"

3.3.2.1. Indexação

A primeira proposta sobre fenômenos de referência que pretendo avaliar aqui é de Chomsky (1980), "On Binding" (OB - ver também Lasnik, 1981, e Lasnik e Freiden, 1981). Neste trabalho, um dos problemas centrais é a "referência disjunta", ou seja, como explicar o fato de que, dada uma determinada configuração sintática, apenas certos termos (ou nenhum) dentro dessa configuração podem ser entendidos como co-referenciais enquanto outros são obrigatoriamente não co-referenciais, ou seja, "disjuntos em referência".

Para dar uma idéia daquilo que esta noção pretende captar, consideremos alguns exemplos do português:

- (17) (a) João lhe bateu.
- (18) (a) João se bateu.
- (19) (a) João falou com Sérgio sobre ele.
- (20) (a) João disse que Sérgio tinha lido sobre ele.
- (21) (a) João disse que ele investigaria o caso.

Os fatos relevantes dos exemplos de 17 a 21 são os seguintes:

Nos exemplos 17 e 19, nenhuma das expressões nominais podem ser interpretadas como co-referenciais; no 18, 'João' e o elemento anafórico 'se' são obrigatoriamente co-referenciais; no 20, 'ele' pode ser co-referencial com 'João', mas não com 'Sérgio'; no 21, 'ele' pode ser interpretado como co-referencial ou como disjunto em relação a 'João'.

Chomsky (1980:apêndice) propõe um procedimento algorítmico de indexação para explicar estes fatos. Nos exemplos de referencial disjunta, 17, 19 e 20 ('ele' # 'Sérgio'), a proibição co-referencial seria formulada da seguinte maneira:

Primeiro, dois tipos distintos de "índices" são propostos. Estes são (i) o índice referencial, um número subscrito atribuído a cada expressão nominal; e (ii) o índice anafórico, um conjunto de índices atribuído a cada expressão não anafórica (ver abaixo).

Os índices referenciais são atribuídos seja por regras de movimento (onde o vestígio tem o mesmo índice do SN movido), seja através do seguinte procedimento:⁸

"Proceeding from top to bottom [do ponto mais alto na "árvore" ao mais baixo, D.L.E.] suppose we reach the nonanaphoric NP. If it has already been assigned the index i by a movement rule, take i to be its referential index; otherwise assign it some new referential index i 2." (08:39)

Este procedimento derivaria (19)(b) de (19)(a):

(19)(b) João₂ falou com Sérgio₃ sobre ele₄.

Agora, precisamos colocar os índices anafóricos. Procede assim:

"Take the anaphoric index A of α to be $\{\lambda_1, \dots, \lambda_n\}$, where λ_j is the referential index of some NP c-commanding α (A maximal)."^{9,10} (08:39)

Em outras palavras, cada elemento nominal não anafórico terá um índice da forma (r, A) onde r é o índice referencial e A o índice anafórico.

Dado este procedimento, derivamos (19)(c) de (19)(b):

(19)(c) João₂ falou com Sérgio_(3{2}) sobre ele_(4{2,3})

Segundo a teoria OB, nenhum SN_{α} pode ser interpretado como co-referencial a qualquer outro SN_{β} quando o índice referencial de SN é contido no índice anafórico de SN_{α} (ou seja, SN_{α} e SN_{β} são disjuntos em referência).

Portanto, no exemplo (19)(c) não há co-referencial já que o índice anafórico de cada SN contém o índice referencial de cada SN mais alto e c-comandando na configuração. Outrossim, os exemplos 17 e 10 teriam os seguintes índices:

(17)(b) João₂ bateu nele_(3{2}).

(20)(b) João₂ disse que Sérgio_(3{2}) tinha lido sobre ele_(4{2,3}).

Portanto, temos uma explicação sobre a referência disjunta dos exemplos 17, 19 e 20. Obviamente, há um problema imediato com o 20; isto é, segundo a indexação do mesmo, não somente é proibida a co-referência entre 'Sérgio' e 'ele' (uma previsão correta), mas também não pode haver co-referencial entre 'João' e 'ele' (uma previsão incorreta).

Vamos estudar mais cuidadosamente, no exemplo 22, a estrutura da sentença contida no exemplo 20, mas de forma simplificada para os nossos objetivos aqui:

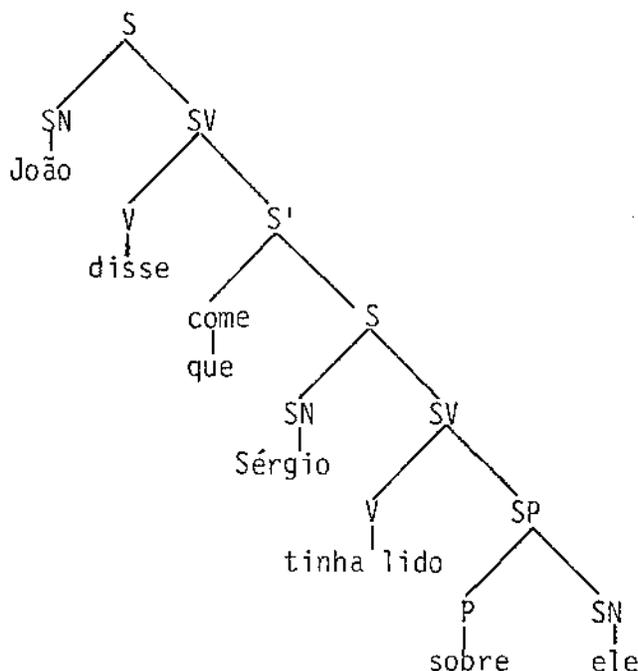
(22) [_S João disse] [_{S'} [que] [_S [_{SN} Sérgio]

COMP

[tinha lido] _{sp} sobre ele]]]]

a estrutura do exemplo 20c seria mais ou menos igual.

Outra maneira de representar a estrutura do exemplo 20, está no 23:



Nos exemplos 22 e 23 vemos que 'João' c-comanda 'Sérgio' e 'ele' e 'Sérgio' c-comanda 'ele'. Logo, 'Sérgio' e 'ele' contêm os índices referenciais dos SNs que os c-comandam (e 22 e 23 nos seus índices anafóricos). Porém, como já mencionamos, 'ele' e 'João' podem ser co-referenciais.

Para explicar este tipo de exemplo, Chomsky introduz os princípios de vinculação (e vários termos novos que explicaremos abaixo e no apêndice 2).

3.3.2.2. Vinculação "Binding" (cf. apêndice 2)

Na versão da teoria de vinculação proposta em OB, as condições de vinculação possuem o efeito de "... deleting certain indices from the anaphoric index of a pronoun, thus in effect blocking certain cases of disjoint reference and permitting reference to be free".

Consideremos o procedimento algorítmico do apagamento de índices das condições de vinculação (Higgenbotham, 1979:683).

- (24) "If B is a pronoun that is free (i) in the minimal X = S' or NP containing B and B is either:
 (a) nominative; or
 (b) in the domain of the subject of X,
 then i deletes from its anaphoric index."

Dado o exemplo 24, reconsideremos os exemplos de co-referência do 20 e 21, acima:¹³

Através do exemplo 23 vemos que na estrutura do exemplo 20 'ele'(4{2,3}) é de fato livre(2) ou, em outras palavras, potencialmente co-referencial ao SN de índice referencial₂, sujeito às condições de vinculação do exemplo 24 (e a intenção do falante; ver discussão na conclusão deste capítulo).

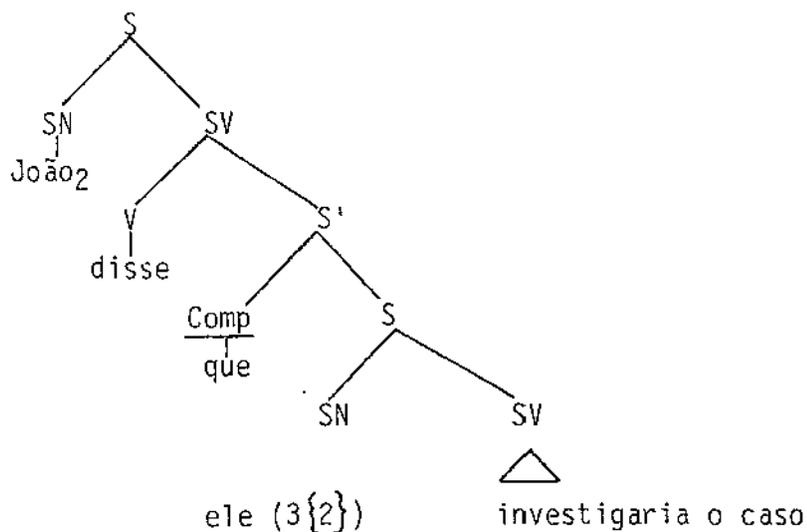
Isso acontece porque:

- (i) 'ele' é livre(2) em X mínimo (a S' mais baixa no exemplo 29)¹⁴ já que nenhuma expressão com o índice referencial₂ ocorre nesta S';
- (ii) 'ele' é c-comandado por 'Sérgio', o sujeito de X (= a S' mais baixa) e é portanto, no "domínio do sujeito de X";
- (iii) logo, o número 2 é apagado no índice anafórico de 'ele'.

Porém, já que 'Sérgio' c-comanda 'ele' em X mínimo, o número 3 continua no índice anafórico de 'ele', proibindo a co-referência entre esses termos.

No exemplo 21, 'ele' é livre(2) na S' mínima e nominativo, como se vê no exemplo 25, a seguir:

(25)



Portanto, o número 2 é apagado do índice anafórico de 'ele', $\{2\} \rightarrow \{\emptyset\}$, permitindo (mas não exigindo) a co-referência.

Até agora, a teoria de OB parece muito prometedora (ver referências citadas acima e outras da bibliografia para exposições mais detalhadas sobre a co-referência em OB, especialmente em relação a estruturas encaixadas e quantificadas). Porém, existem vários exemplos de referência no pirahã que são problemáticas para a teoria que acabamos de ver.

3.3.3. Problemas no pirahã

3.3.3.1. Reflexivos

O primeiro tipo de exemplo problemático para a teoria de OB se vê na expressão da reflexividade no pirahã (cf. seção número 4 do primeiro capítulo) que é realizada através dos pronomes normais, sem formas especiais.¹⁵

(26) $hi_{(i)}$ $hi_{(j)}$ xib -áo -b -á -há
 3 3 bater-télico-perfectivo-remoto-certeza completa

"ele bateu nele"

(27) $hi_{(i)}$ $hi_{(i)}$ xibáobáhá

"ele se bateu"

(28) gí gí xibáobáhá
 2 2

"você se bateu"

(29) ti ti xibáobáhá
 1 1

"eu me bati"

O exemplo 26 não apresenta nenhum problema para a teoria de OB. Dois pronomes não co-referenciais estão numa relação configuracional onde o primeiro c-comanda o segundo. Porém, as mesmas formas pronominais ocorrem no exemplo 27, mas com uma "leitura" co-referencial. Os exemplos 28 e 29 apresentam o mesmo problema: co-referência em estruturas onde deveria haver somente referência disjunta, segundo a teoria. Representemos a estrutura dos exemplos 26 a 29, inicialmente com o 30 (mas veja-se a discussão mais adiante para uma revisão da estrutura simples aqui apresentada):

(31) (a) kohoibiíhai_(i) hi_(i) hi₃{(i)} xib -áo
 nome próprio 3 3 {(j)} bater-télico

-b -á -há
 -perfectivo-remoto-certeza completa

(i) "kohoibiíhai se bateu"
 ou (ii) "kohoibiíhai lhe bateu"

* (b) kohoibiíhai_(i) hi_(j) hi_(i) xibáobáhá

"alguém bateu em kohoibiíhai"

(32) (a) kohoibiíhai_(i) hi_(i) xabagi_(j) xibáobáhá
 nome próprio

"kohoibiíhai bateu em sabagi"

* (b) kohoibiíhai_(i) hi_(j) xabagi_(k) xibáobáhá

* (i) "kohoibiíhai alguém bateu em xabagi" (j ≠ k)

* (ii) "kohoibiíhai xabagi se bateu" (j = k)

Neste exemplo a tradução (i) resulta se hi foi interpretado como co-referencial a xabagi, ou seja, se seus índices, (j) e (k), forem equivalentes em forma lógica). (ii) resulta se hi e xabagi são disjuntos. Em todas as interpretações passíveis de (j) e (k), o exemplo 32 é agramatical quando hi é disjunto.

(33) (a) kohoibiíhai_(i) xabagi_(j) hi_(i) hi_(j) xibáobáhá

"kohoibiíhai bateu em xabagi"

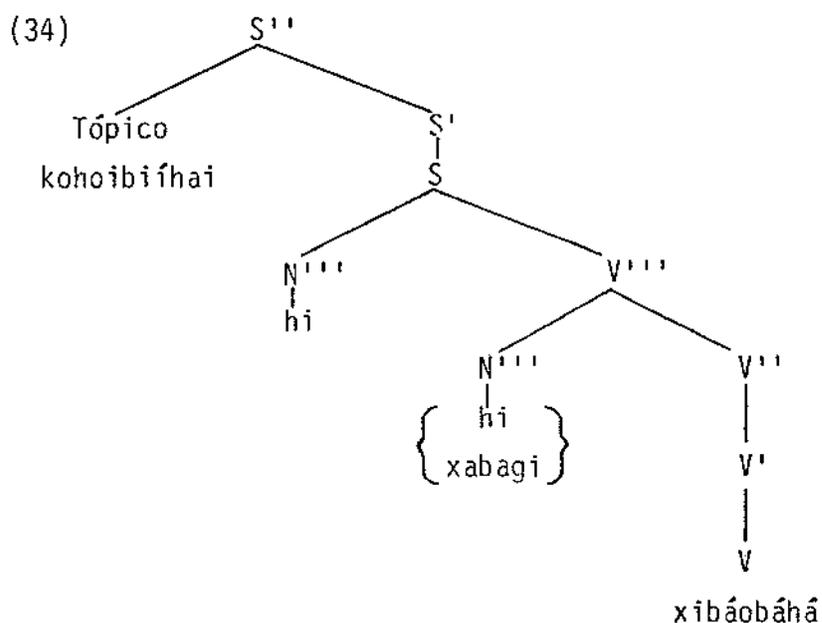
* (b) kohoibifhai_(i) xabagi_(j) hi_(j) hi_(i) xibáobâhá

"xabagi bateu em kohoibifhai"

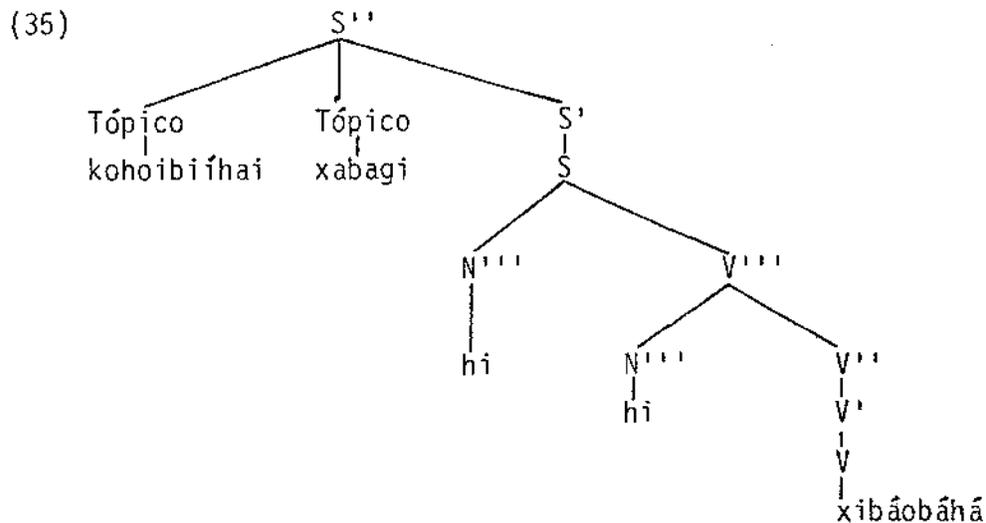
Talvez a hipótese inicial que ocorre em relação aos exemplos de 31 a 33 é que essas estruturas são topicalizadas. Esquecendo pelo momento a rejeição inicial desta análise na discussão acima (cf. regra I da seção 1.2.2.1.), vejamos as conseqüências desta hipótese para a teoria de OB. Veremos depois porque esta análise continua inadequada.

Primeiro, gostaria de fazer algumas observações sobre estes dados. Nos exemplos 31 e 32 o elemento aparentemente topicalizado (o nome próprio mais para a esquerda) é obrigatoriamente co-referencial ao pronome imediatamente à sua direita (o que estaria aparentemente na posição de sujeito). Os exemplos estrelados demonstram as conseqüências de qualquer outra interpretação. O exemplo 31 é semelhante ao 26 a 29 no, sentido de que o segundo elemento pronominal não é obrigatoriamente disjunto em referência ao primeiro, mas pode ser interpretado como disjunto ou como co-referencial.

Uma estrutura possível para os exemplos 31 e 32 seria:



Interpretando os dois nomes próprios do exemplo 33 como tópicos, propomos algo como no exemplo 35 para representar esse tipo de caso:

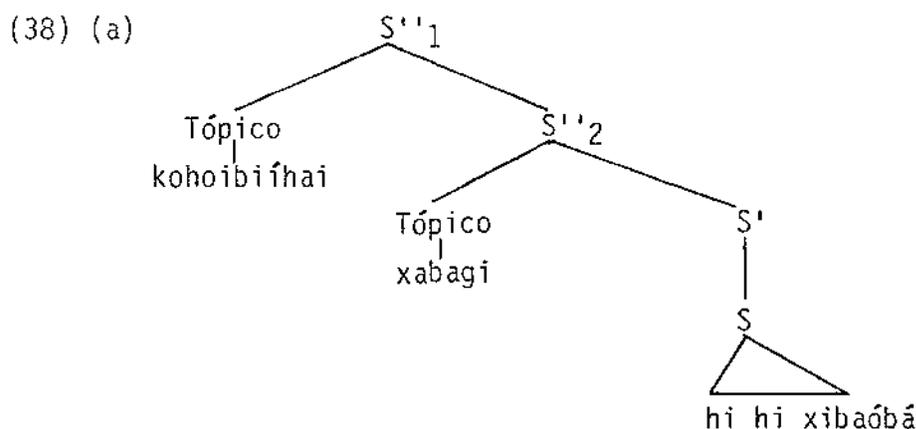


Através dos diagramas contidos nos exemplos 34 e 35¹⁶, é óbvio que os elementos "topicalizados" c-comandam os elementos pronominais. A partir dessa observação, lembremos que, segundo OB, os índices referenciais destes elementos devem aparecer nos índices anafóricos dos pronomes¹⁷. Aplicando os princípios de indexação de OB, a sentença do exemplo 33 deriva do exemplo 36:

(36) kohoibifhai(2) xabagi(3{2}) hi(4{2,3}) hi(5{2,3,4}) xibáobâhá

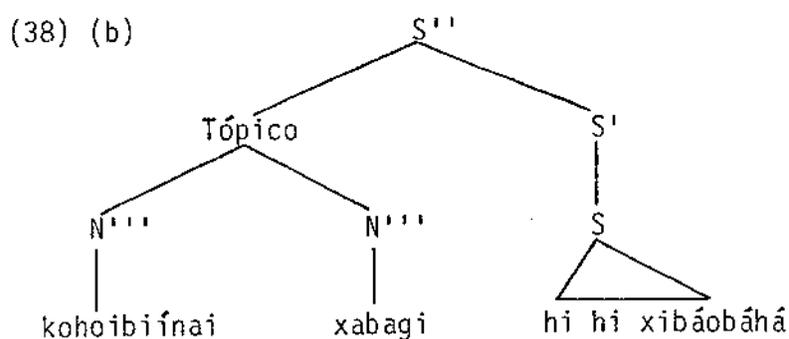
Mas se o exemplo 35 corresponde à estrutura correta da sentença no exemplo 36, embora seja possível apagar os índices referenciais dos nomes próprios dos índices anafóricos dos pronomes em 36, isso apenas facilita uma interpretação livre dos pronomes, segundo OB. Mas sua referência, como já vimos, não é nem disjunta nem livre, mas sim obrigatoriamente co-referencial.

Por isso, a análise de topicalização possui uma vantagem. Essa vantagem é que, segundo Chomsky (1977a), as estruturas topicalizadas são interpretadas por uma regra especial, a qual se chama de "regra de



Nesse caso há duas proposições: (i) a proposição expressa por S' sobre S''₂; (ii) a proposição expressa por S''₂ e S' sobre S''₁. Porém, sabemos que isso não é a interpretação correta.

Por outro lado, o exemplo 38 (b) estaria incorreto porque os elementos topicalizados não c-comandam os pronomes eliminando a possibilidade de co-referência (ou seja, eliminando a única interpretação gramatical):



Portanto, a estrutura contida no exemplo 35 é a única possível para a interpretação correta do exemplo 33.

Diria que se esta sugestão fosse correta, sentenças como a do exemplo 33 teriam que ser interpretadas como uma relação ativa entre os dois tópicos, onde o tópico mais para a esquerda seria o agente e o à direita, o paciente (ou algo semelhante).

Em outras palavras, a interpretação destas sentenças teria que levar em consideração a linearidade dos constituintes como um aspecto crucial da topicalização, o que é uma noção pragmática (*(33)(b) mostra que outras interpretações são impossíveis). Uma crítica possível a isto é que esta proposta implica numa redundância entre a "estrutura pragmática" e a estrutura sintática de uma sentença. Esta crítica, porém, não parece muito séria, dadas as seguintes observações: (i) em muitas línguas do mundo esta redundância é comum, já que o sujeito gramatical frequentemente corresponde ao tópico (cf. Dooley, 1982, e Reinhart, 1981); (ii) é um fato bem estabelecido onde existem estruturas pragmáticas ou funcionais lado a lado às sintáticas (Dooley, *ibid*; Chomsky, 1971; Bresnan, 1982. Este último trabalho argumenta que são as estruturas funcionais e não as sintáticas que são básicas.). Embora a relação entre estas estruturas seja muito além do escopo deste trabalho, gostaria de discutir algumas sugestões de Reinhart (*ibid*:25):

"... we define the topic expression of a sentence S in a context C to be the expression corresponding to α in the pair $\langle \alpha, \emptyset \rangle$ of $PPA(S)$ which is selected in C"¹⁸

Segundo isso, o exemplo 33 é uma proposição sobre os dois tópicos (os nomes próprios, neste caso). Pressupondo isso, poderíamos tentar resolver o problema de co-referência obrigatória através de uma noção como "proeminência pragmática", onde o elemento mais proeminente pragmaticamente (neste caso uma função linear, mais para a esquerda e sendo mais proeminente) seja interpretado como co-referencial ao sujeito gramatical. Assim, sentenças como a do exemplo 33 teriam uma estrutura pragmática como a do 39:

- (39) (i) Dado o par ordenado $\{x, y\}$ onde $\{x, y\}$ são dominados por nódulos de tópicos (e onde x precede y linearmente) então,

- (ii) a S' dominada imediatamente pelo S'' que domina $\{x, y\}$ é uma proposição, \emptyset , sobre a relação ativa entre x e y, como no item (iii):

(iii) $\langle \{x, y\}, \emptyset \rangle$

Dado o exemplo 39, a interpretação do 33 toma x, xohoibíhai, como ligado (ou antecedente) ao sujeito (o hi mais para a esquerda) e y, xabagi, como o antecedente do hi na posição de objeto.

Tenho que confessar que esta análise me atraiu logo. No entanto, a "hipótese pragmática" precisa ser abandonada pela simples razão de que existem provas que demonstram que os nomes próprios do exemplo 33 não são tópicos. Por isso intitulei esta seção de "pseudo-topicalização". Vejamos, agora, as contra-evidências e por que a teoria de OB falha.

O primeiro problema que surge em relação a esta análise decorre dos exemplos de "dupla-topicalização" (repetição do mesmo tópico) discutidos na seção 1.2.2.1., do tipo:

(40) paigí hi ob -áaxái paigí
 nome próprio 3 ver-muito nome próprio

"paigí sabe muito, paigí"

Uma explicação possível para exemplos desse tipo é que a segunda ocorrência de paigí é apenas uma sentença ou sintagma elíptica, ligada parataticamente à sentença matriz. Segundo D. Derbyshire (comunicação pessoal) esta estrutura seria comum nas línguas amazônicas sendo o elemento nominal à direita um tipo de esclarecimento e não o tópico. Embora esta observação não seja crucial para a tese que estamos desenvolvendo aqui, gostaria de lembrar que: (1) a ordem prevista pela teoria X' para o tópico seria S' Tópico e não Tópico S'; (2) a marcação fonológica do elemento nominal que aparece à direita é sempre mais nítida do que a do elemento à esquerda. Pode ser que Derbyshire esteja correto mas a meu ver numa análise

sincrônica a evidência é inconclusiva. Entretanto, há outras evidências contra a análise de topicalização mais forte do que esta duplicação de um determinado sintagma nominal.

Chamo estes exemplos de "co-referência complexa".

{41} (a) kohoibíhai_(i) hi_(i) xabagi_(j) hi_(j) xibaóbâhá

"kohoibíhai bateu em xabagi"

(Devo dizer que continuo usando o mesmo verbo, nomes próprios etc., não porque não hajam outros exemplos, mas sim para facilitar e simplificar a discussão, concentrando-me mais nas relações formais entre os termos.)

(b) kohoibíhai_(i) hi_(j) xabagi_(j) hi_(i) xibaóbâhá

"xabagi bateu em kohoibíhai"

Nestes exemplos co-referenciais, o fato de que os nomes próprios são separados pelos elementos pronominais é extremamente interessante, especialmente porque a interpretação do exemplo 41 é basicamente igual à do 33. Porém, o pronome mais à esquerda continua ligado ao nome mais à esquerda, e o pronome mais à direita, ao nome mais à direita. Estes fatos são, ao meu ver, quando considerados com outros problemas mencionados acima, um problema muito sério para uma análise de topicalização. Estas observações de fato me levaram a rejeitar esta hipótese e procurar outra explicação mais satisfatória dos fatos dentro do quadro gerativo. Como veremos mais adiante, na teoria de RV há uma explicação interessante dos fatos que escapa às objeções na análise de topicalização (ou como proponho, "pseudo-topicalização").

As conseqüências da rejeição nesta análise são relativamente sérias. Ao abandonar a topicalização (isto é, a topicalização de elementos como os do

exemplo 33; ver seção 1.2.2.1, acima, e a 9 da primeira parte para exemplos de "topicalização verdadeira", o que, embora existente, é irrelevante para a presente discussão). Ou seja, sem nenhum recurso de escapar das exigências dos "índices anafóricos" como a regra de predicação associada com a topicalização, a teoria de OB é incapaz de explicar (i) os reflexivos do pirahã; e (ii) os exemplos de "pseudo-topicalização" e "co-referência complexa" acima mencionadas.

Entretanto, antes de passar para a teoria de "regência e vinculação" acredito que devo mencionar outra possibilidade. Esta segunda hipótese analisaria os elementos pronominais dos exemplos acima como clíticos (esta hipótese foi sugerida por Charlotte Galves). De fato, pretendo mostrar, na próxima seção, que esta análise ou uma semelhante é o tratamento correto. O problema, como veremos mais adiante, é que o quadro de OB não é suficientemente desenvolvido para permitir esta análise, a qual depende dos princípios desenvolvidos na teoria de RV.

3.3.4. A teoria de regência e vinculação (RV)

3.3.4.1. Introdução

Nesta seção quero prosseguir com a consideração dos exemplos acima, de reflexivos, pseudo-topicalização e co-referência complexa. Meus objetivos nesta seção são de (i) propor uma análise coerente e satisfatória para estes fenômenos; (ii) introduzir o modelo atual da teoria gerativa; e (iii) investigar as implicações de certos modificadores deste modelo que irei propor mais adiante.

Gostaria de começar com uma introdução breve à teoria de RV e certas diferenças entre esta teoria e a de OB.

Desde OB, a teoria de regência e vinculação tem mudado em várias áreas. Por exemplo, muito mais pesquisa tem sido realizada sobre a natureza e o comportamento das "categorias vazias" - Kayne (1981); Chomsky (1981a - c) etc. Também, os próprios princípios de vinculação têm sofrido várias mudanças. Mais importante, em relação à presente discussão, os índices

anafóricos foram eliminados. Veremos algumas das implicações destas mudanças abaixo.

3.3.4.2. Os princípios de vinculação RV

Antes de discutir a reformulação dos princípios de vinculação em GB, precisamos definir alguns termos (cf. também o apêndice):

(i) elementos anafóricos: expressões nominais sem referência inerente, sempre ligados a um antecedente;

(ii) pronomes: elementos que podem ser interpretados com referência livre (interpretação dêitica) ou com co-referencial obrigatória com um antecedente (interpretação presa);

(iii) expressões - R: expressões que sempre têm referência e interpretação livre;

(iv) regência: α rege β somente se α c-comanda β pouquissimamente;²⁰

(v) categoria de regência: α é a categoria de regência de β , somente se α é a categoria que contém β e um governador de β , onde $\alpha = SN$ ou S' .

Dadas estas definições preliminares, a teoria de vinculação é contida nas três afirmações abaixo:

- (A) um elemento anafórico é vinculado na sua categoria de regência;
- (B) um pronome livre é preso na sua categoria governante;
- (C) uma expressão - R é livre.

Note-se que de (A) podemos derivar o que foi descrito na teoria de OB pela 'NIC' e 'Opacidade' (ver exemplo 30, acima, e a nota número 6; há várias outras implicações destes princípios que não serão examinadas aqui. Vale a pena notar, porém, a grande importância atribuída por (A) - (C) à noção de regência, algo de pouca importância na teoria de OB (pelo menos em relação à referência). Por sua vez, a noção de regência coloca muita importância na subcategorização, já que ela deriva basicamente das propriedades dos itens lexicais (especialmente os verbos e as

pré/pós-posições em relação à atribuição de Caso). Vemos nisso, mais uma vez, a importância do "Princípio de Projeção".

Segundo a teoria de vinculação, (A) - (C), a sentença do exemplo 42, abaixo, seria agramatical com a interpretação X que liga o pronome com a expressão-R, porque nesta interpretação o pronome seria ligado à sua categoria de regência.

(42) [3 [S [SN Maria] [ouviu sobre ela]]]

*(a) ela = Maria

(b) ela ≠ Maria

Por outro lado, no exemplo 43 a única interpretação possível liga 'se' com 'Maria' porque 'se', como elemento anafórico, tem que ser ligado à sua categoria de regência.

(43) [S' [S [SN Maria] [se ouviu]]]

*(a) se ≠ Maria

(b) se = Maria

Na seção 3.3.5.3., abaixo, proponho uma formulação alternativa a estes princípios de vinculação. Mas, antes disso, vejamos como os princípios formulados em (A) - (C), acima, funcionam na teoria.

3.3.4.3. Eliminação dos índices anafóricos

Talvez uma das modificações mais severas na teoria de OB proposta na teoria de GB seja a eliminação dos índices anteriores.

"I have been assuming a very simple indexing theory: there are no anaphoric indices in the sense of OB, but only referential indices, and these are assigned either by movement or freely". (Chomsky, 1981:285).

No mesmo trabalho em que Chomsky faz esta sugestão, ele mesmo levanta o que parece ser uma série de contra exemplos sérios. Porém, ele sugere que estes contra-exemplos podem ser deixados de lado, por enquanto, explorando primeiro as implicações de um sistema mais simples, sem os índices anafóricos.

Uma pergunta óbvia é por que fazer isso? Por que a teoria seria de alguma forma "melhor" sem estes índices? Uma razão notada por Lasnik (1981:50):

"[In GB] Anaphoric indices are eliminated, obviously, a technical simplification, all else equal..."

Porém, embora esta seja uma razão importante para eliminar os índices anafóricos, não é o mais importante. O sistema de índices anafóricos nos obriga a estipular que certas estruturas são exceções à teoria geral já que elas não poderiam ser interpretadas por índices anafóricos. Por exemplo, mesmo na teoria de OB as cláusulas relativas não podiam ser interpretadas da mesma maneira que outras cláusulas. Era necessário tratar cláusulas relativas como elementos anafóricos para eliminar seus índices anafóricos e ligar o pronome relativo ('who', 'quem' etc.) com a expressão-R ou à cláusula relativa que se refere.

Outras estruturas eram também problemáticas:

(44) Quanto a João, não há muito a dizer sobre ele.

ele = João

Ou o exemplo 45, do inglês:

(45) Who did Mary call an idiot as often as Jane called him a cretin?

him = who

Tanto no exemplo 44, quanto no 45, o pronome 'ele', 'him' é obrigatoriamente co-referencial ao antecedente à sua esquerda. Mas na teoria de OB, estas estruturas não podiam ser interpretadas através dos índices anafóricos e era necessário tratá-las de maneira diferente. Vemos na discussão seguinte que (i) a eliminação dos índices anafóricos da teoria em geral nos libera da necessidade de estipular que as estruturas, como nos exemplos 44 e 45, não são interpretáveis pela indexação anafórica; e (ii) esta eliminação facilita a análise das estruturas no pirahã, mencionadas acima.

Em Lasnik (ibid) sérias objeções são levantadas contra a proposta de eliminar os índices anafóricos. Na seção 3.3.5.3. tentamos responder a estas objeções na discussão sobre a noção de "indexação livre" (que foi mencionada na citação de Chomsky, 1981, acima).

3.3.4.4. Regras de interpretação

Em Chomsky (1977a; 1982) e outros trabalhos é sugerido que certas estruturas sejam interpretadas por uma regra diferente das regras de interpretação comuns (as chamadas rules of construal; ver seção 3.3.3., acima, para uma discussão desta regra).

Esta chamada "regra de predicção" entra na interpretação de formas topicalizadas, como já vimos brevemente, cláusulas relativas e exemplos como os de número 44 e 45. Uma regra de predicção toma estas estruturas como sentenças abertas, satisfeitas na forma lógica pela expressão nominal - núcleo.

No exemplo 46, a representação (a) tem a forma lógica (b):

(46) (a) [o homem]_i [que_j João viu v_j]

(b) [o homem]_i [que_j João viu v_j]

Ou seja, a regra de predicção identifica os índices referenciais i e j, considerando a sentença 'que_j João viu v_j' como uma predicção da expressão nominal 'o homem'_i.

Através deste tipo de regra conseguimos, a meu ver, um tratamento unificado para uma grande variedade de estruturas, inclusive os exemplos no pirahã (cf. seção 3.3.5.). Ademais, ao eliminar os índices anafóricos, não parece necessário considerar esta regra de predicção como uma regra especial. Ou seja, esta regra pode ser considerada como o "método" geral de interpretação para todas as sentenças (ver seção 3.3.5.3., abaixo).

Com esta introdução breve à teoria RV, tentemos solucionar os problemas referenciais no pirahã.

3.3.5. Para uma análise da referência no pirahã

3.3.5.1. A natureza peculiar dos pronomes no pirahã

Uma pressuposição crucial para a teoria de vinculação é a divisão taxonômica das expressões nominais em três grupos: (i) expressões - R (João, o cachorro etc.); (ii) pronomes (ele, ela, nós etc.); e (iii) elementos anafóricos (se, me, nos etc.).

Esta divisão deriva de uma tipologia em termos de traços sintáticos proposta em Chomsky (1922:78ss):

- (a) [+ anafórico, - pronominal] 'se', 'me' etc.
- (b) [- anafórico, - pronominal] 'João', 'a mulher' etc.
- (c) [+ anafórico, + pronominal] 'PRO'
- (d) [- anafórico, + pronominal] 'ele', 'ela' etc.

Por exemplo, (c) não nos preocupará. A tese básica que proponho aqui é de que esta tipologia não caracteriza corretamente as expressões nominais do pirahã e, portanto, a teoria de vinculação só se aplica vagamente nesta língua. Co-referência obrigatória em pirahã é explicável através de outros princípios, especificamente as teorias de Caso e regência.

Primeiro, quero tentar justificar a proposta de uma tipologia alternativa de (a) - (d) acima, ou seja:

- (e) [+ expressão-R] nomes próprios, outros substantivos
- (f) [- expressão-R] hi, ti, gi etc.

Kurt Nimuendaju, o famoso sertanista alemão (naturalizado brasileiro) fez algumas observações interessantes sobre os pronomes do pirahã:

(i) o sistema pronominal do pirahã é extremamente simples (como já temos visto);

(ii) este sistema é muito semelhante aos pronomes singulares (1ª, 2ª, 3ª pessoa) do nheengatu, a língua franca do Amazonas até o final do século passado (e até o dia de hoje em certas regiões).

Através destas observações, Nimuendaju (1948) sugeriu que talvez os pronomes do pirahã fossem empréstimos do nheengatu. Essa sugestão recebe algum apoio de exemplos e observações do primeiro capítulo (seção número 9) da preferência para os nomes próprios e outras expressões não pronominais e da falta de formas especiais para reflexivas e recíprocas.

Note-se, também, exemplos como:

(47) hi xobáaxáf ti
 3 saber muito 1

"eu sei muito" ("alguém sabe muito, eu")

Nesse exemplo ti "1" aparece na posição de tópico e é co-referencial a hi "3".

Isto me leva a dizer que hi é relativamente neutro semanticamente. Por outro lado, como espero mostrar mais adiante, a função sintática de hi, especialmente em relação às teorias de Caso e vinculação é extremamente importante.

3.3.5.2. A teoria de vinculação, cadeias funcionais e a referência pronominal em pirahã

Em discussões anteriores foi demonstrado que (i) a análise de referência do pirahã nos exemplos que tenho chamado de co-referência complexa e pseudotopicalização não pode ser em função dos nódulos de tópicos gerados sob S''; e (ii) os elementos pronominais desempenham um papel misto na língua, ora sendo anafóricos, ora dêiticos (ou "livres").

Além do mais, em todos os exemplos onde estes elementos hi, ti e gí aparecem, eles se comportam de maneira semelhante aos clíticos. Nesta seção quero esclarecer a função destes elementos e discutir a relação entre referência, cadeias funcionais e as teorias de Caso e regência.

Já que esta discussão depende crucialmente das estruturas sentencial e verbal no pirahã, começo com uma lista de regras frasais:

(48) (a) S'' \longrightarrow S' Tópico

(b) $S' \rightarrow S \text{ COMP}$ (ainda não definido; veja seção 1.2.2.1., acima)

(c) $S \rightarrow N''' \text{ CON } V''''$

(d) $V'''' \rightarrow \left\{ \begin{array}{l} P''' \\ N''' \\ M \\ \text{Partícula} \end{array} \right\} V''$

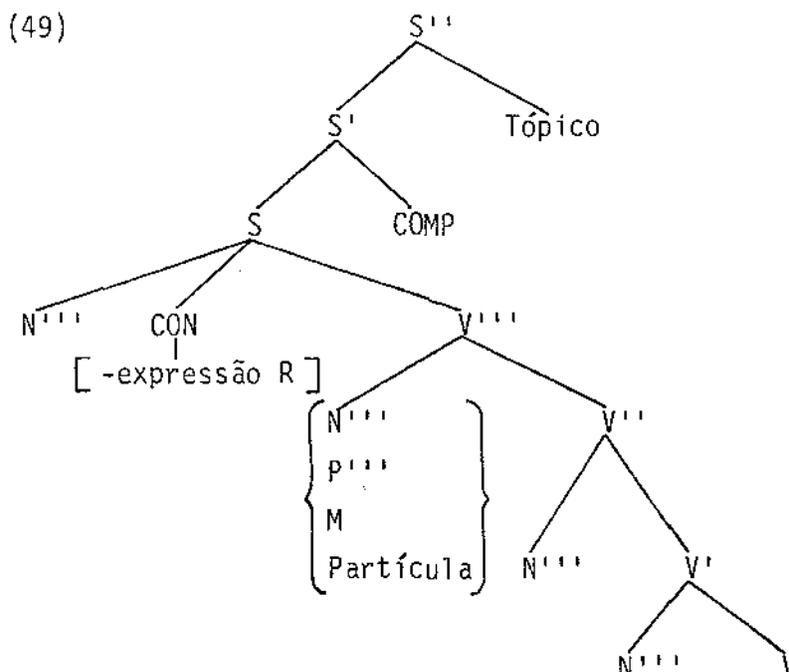
(e) $V'' \rightarrow N''' V'$

(f) $V' \rightarrow N''' V$

(g) $\text{CON} \rightarrow [\text{-expressão R}]$

48g é apresentada aqui para introduzir a noção de CON. De fato, não seria necessário listar uma regra desta natureza uma vez que ela é derivável de outros princípios independentes.

Do exemplo 48 geramos estruturas como a que se segue:



Agora, a respeito do exemplo 49, suponhamos que os elementos hi, ti e gí podem ser inseridos sob CON ou N'''. Também, requeiramos que o CON seja obrigatoriamente preenchido por um elemento

[- expressão R], $\left\{ \begin{array}{l} hi \\ ti \\ hí \end{array} \right\}$ ou PRO.

Finalmente, suponhamos o "filtro de Caso" de Chomsky (1981:334):

"The Chain $C = (\alpha_1, \dots, \alpha_n)$ has the Case K if and only if for some i , α_i occupies a position assigned K by β ...

Every lexical NP is an element of a chain with Case."

Estabelecerei mais abaixo que o N'' dominado por V'' recebe Caso do N'' dominado por V' e que o N'' de S recebe seu Caso do CON. Esta atribuição de Caso através de "cadeias" implica em co-referência entre os membros da mesma cadeia. Logo, uma vez estabelecidas as relações de atribuição de Caso, o problema da co-referência é resolvido.

Quero sugerir então, dadas estas pressuposições, que a interpretação de exemplos como os de número 33 e 41, acima, baseia-se parcialmente na relação

transformacional entre estas sentenças. Especificamente, sugiro que o exemplo 33 é derivado do 41 por uma regra de Chomsky-adjunction (cf. o apêndice 2) que transporta o CON para dentro de V'. Este movimento facultativo corresponderia à regra R de Chomsky (1981b:1):

There is a rule R that assigns INFL to VP..."

Porém, ao contrário de outras línguas como o português, o italiano etc., R seria facultativo e não obrigatório.

Porém, existem pelo menos dois problemas fundamentais com esta regra 'R' que estou propondo para o pirahã, que precisam ser resolvidos. Em primeiro lugar, para onde é que o nóculo CON é transportado dentro de V'?' Em segundo, como é que podemos justificar o fato de que em pirahã, ao contrário da maioria das línguas conhecidas, não há nenhuma regra obrigatória de "fusão" de CON e V (ver trabalho de Safir, 1982). Em outros termos, como é que o CON pode ser realizado fonologicamente independente do verbo, como se vê em exemplos como o 42, acima?

Para responder a esta segunda questão poderíamos começar por pressupor o "filtro de tempo" proposto por Safir (ibid:427):

"The Tense Filter:

Tense Features must be spelled out on a verbal phonological base."

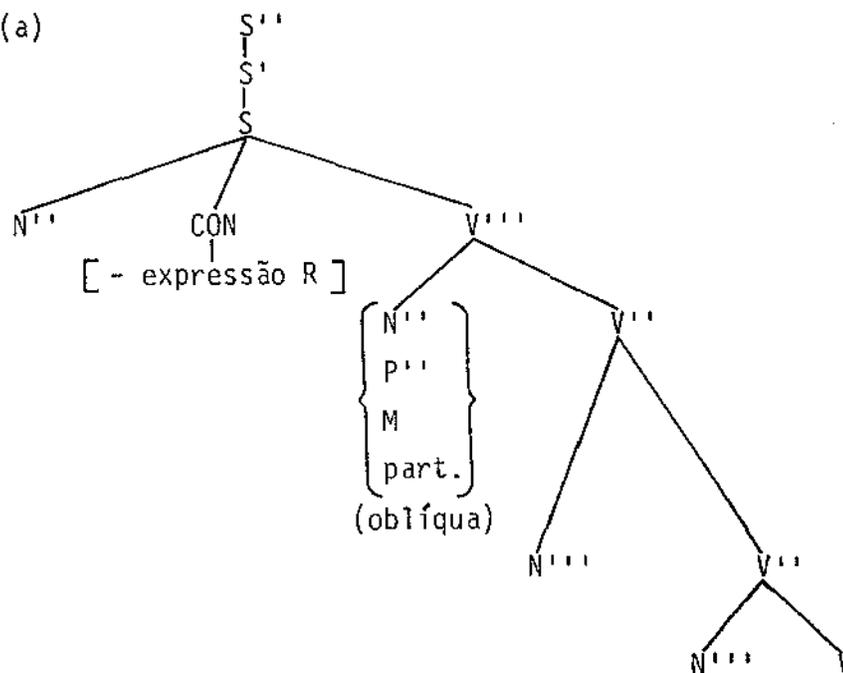
Dado este filtro como a motivação principal para a fusão de CON (ou 'INFL') e V, poderíamos supor que numa língua sem tempo, como o pirahã, esta regra é facultativa ou ausente (o que pressupõe que o componente nominal de 'INFL', o CON, é menos verbal por natureza do que o outro componente de 'INFL', o TEMPO - o INFL é normalmente representado por INFL → [[± Tempo] (CON)], ver apêndice 2).

Quanto à primeira questão, a argumentação proposta terá de dar conta ao fato de que numa língua como o pirahã, que não distingue entre elementos anafóricos vs. elementos pronominais, as "interpretações ligadas" precisam ser explicadas por outros princípios (o que na minha análise serão Caso e regência).

A co-referência entre CON e o N'' imediatamente dominado por S seria estabelecida pelo seguinte:

(i) no exemplo 50 o CON c-comanda e rege o N'' mais alto, atribuindo-lhe o Caso nominativo:

(50) (a)



(Ao meu ver a conceituação de Caso proposta por Safir como algo "possuído" por um determinado nóculo é incorreta. Ao contrário, Caso é uma relação sintagmática obtida entre dois nóculos em determinadas configurações sintáticas - é uma relação e não um traço atribuído paradigmaticamente.)

(ii) CON é facultativamente movido para V' por chomsky-adjunction.

(iii) CON e o N'' mais alto em S são membros da mesma cadeia, pressupondo o seguinte:

(a) definição de cadeia (de Chomsky, 1981:333):

"C = ($\alpha_1, \dots, \alpha_n$) is a chain if and only if:

(i) α_1 is an NP

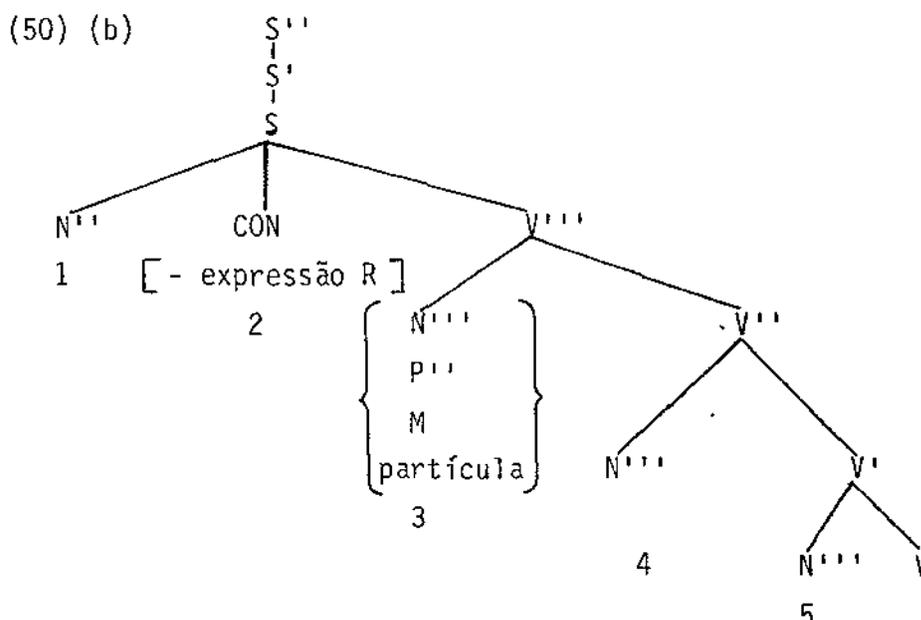
(ii) α_i locally A-binds α_{i+1}

(iii) for $i > 1$, (a) α_i is a non-pronominal category

- or (b) α_i is A-free
 (iv) C is maximal, i.e. is not a proper subsequence of a chain meeting (i - iii)".

No exemplo 50, podemos dizer que N'' em V' é A-free, ou seja, o N'' dominado por V'' que liga esta expressão não está numa posição argumental do verbo V.

Para esclarecer melhor, vejamos o seguinte exemplo:



No exemplo anterior, os nódulos 1, 3 e 5 são posições argumentais, na minha análise. Posições ligadas por estas posições são A - bound (ver apêndice 2) 'Vinculadas - A'. Por outro lado, 2 e 4 são posições não arquiváveis e posições ligadas por estes nódulos são A' - bound 'Vinculados - A'.

Obviamente, a condição (iii) só será aplicável vagamente no pirahã, o que pode permitir a presença dos elementos [- expressão-R] na posição α_i , $i > 1$ (ou seja, nas posições abaixo de α_1 na árvore).

Logo, seja por co-superscripting de índices ou co-subscripting (cf. Chomsky, *ibid*) o N'' mais alto de S e o CON formam uma cadeia onde a

co-referência é obrigatória (ou N'' não recebe Caso, na minha análise. Assim, é Caso e não a teoria de vinculação que determina a co-referência obrigatória. Terei mais a dizer sobre as implicações desta modificação para a teoria de indexação. Ver a conclusão deste capítulo.).

Agora, tentemos explicar: (i) como ligar o N'' dominado por V'' ao N'' dominado por V'; e (ii) como eliminar exemplos como (51):

*(51) kohoibíhai_(i) hi_(j) xabagi_(j) hi_(i) xibáobáhá

"xabagi bateu em kohoibíhai"

Em relação ao (i), poderíamos dizer que, dado o filtro de Caso de Chomsky, acima, (agora incluindo a noção de "cadeia"), o N'' dominado por V'' ou é membro de uma cadeia onde ele é co-referencial a algum α_i , $i > 1$ que recebe Caso, ou a sentença onde este N'' ocorre é *, agramatical.

Este N'' dominado por V'' não pode ser ligado a CON, já que isto violaria o princípio C da teoria de vinculação (e este aspecto da teoria de vinculação continua "em vigor" para o pirahã). Outrossim, o "princípio- θ " que proíbe a atribuição da mesma relação temática a mais de um N lexical seria violada.

A única opção que resta é interpretar este N'' como co-referencial ao N'' de V. É óbvio que devido à teoria de vinculação e à teoria de relações temáticas não seria possível preencher ambos os N'' 's com expressões nominais [+ expressão - R] simultaneamente. Portanto, sabemos, sem ter que estipular que o N'' mais baixo tem que ser [- expressão - R] se o N'' de V'' for preenchido. Por outro lado, é necessário evitar sentenças como:

*(52) (a) kohoibíhai_(i) hi_(i) hi_(j) hi_(j) xibáobáhá

"kohoibíhai bateu nele"

Ou seja, não é possível que dois elementos pronominais co-referenciais tenham a mesma função temática (neste caso de paciente). Este princípio também eliminaria estruturas como:

*(52) (b) $hi(i) hi(i) xabagi(j) hi(j) xibáobá$

"ele bateu em xibagi"

Isso é provavelmente ligado a existência de algum filtro de interpretação na forma lógica. Não entraremos numa discussão desta possibilidade aqui.

Agora, estamos chegando a uma explicação relativamente clara da referência no pirahã. Restam, porém, pelo menos duas questões: (i) para onde é que vai o CON (nossa primeira pergunta acima, antes da discussão de "cadeia"); e (ii) como explicar o N' de V''' no exemplo 50?

A pergunta de (i) é relativamente fácil dadas as conclusões da discussão acima. Isto é, ele só pode ir para V' já que nunca ocorre nenhum elemento co-referencial ao sujeito entre o objeto direto e o verbo. Portanto, o movimento teria que ser para V'. Isto parece correto também, uma vez que é para se esperar que o CON manteria a relação mais íntima com V permitida na língua, o V', neste caso.

Quanto ao N' de V''', ou seja, o objeto oblíquo, evidências foram apresentadas no primeiro capítulo de que quase todos os elementos desta posição são marcados pelo sufixo -o "oblíquo", sejam partículas, modificadores, pós-posições ou locuções nominais. Isto me leva a analisar esta posição como uma posição subcategorizada pela cabeça de V''', ou seja, V, que recebe "Caso inerente" (cf. Chomsky, 1981:170ss).

O leitor terá notado um problema com a definição de cadeia dada acima e o fato de que o N''' de V'', o $_1$ da cadeia com N''' e V' não é numa posição de argumento e, portanto não A - binds (liga - A) o elemento α_1 , $i > 1$ da cadeia, violando (ii) da definição.

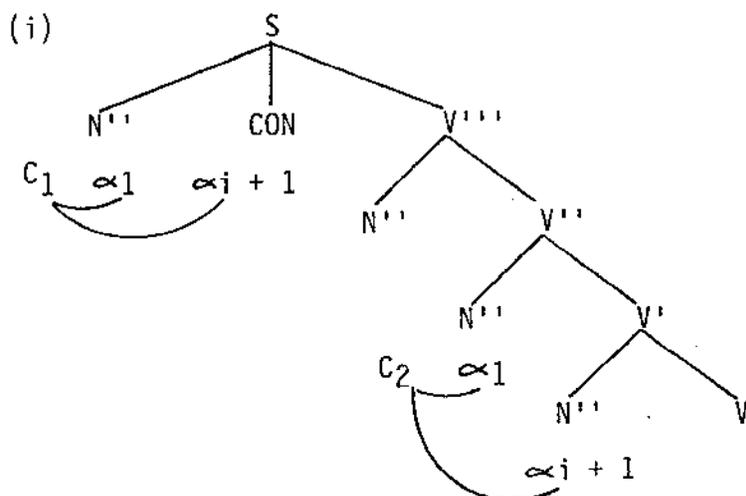
Kayne (a sair) já notou que a definição de cadeia tem que permitir certos "ligantes" (ora de posições argumentais, ou seja "ligantes - A").

Dada a necessidade do N'' de V'' de receber Caso e a falta de aplicação da teoria de vinculação em pirahã (pelo menos os princípios (A) e (B) da teoria) acho plausível e bem motivado propor uma modificação da noção de cadeia no pirahã para algo que seria mais ou menos:

$C = (\alpha_1, \dots, \alpha_n)$ é uma cadeia se e somente se:

- (i) α_1 é um SN;
- (ii) α_i vincula α_{i+1} localmente de (a) uma posição argumentativa ou (b) de uma posição não argumentativa onde α_i é um elemento [+ expressão - R] sem Caso e α_{i+1} é um elemento [- expressão - R] numa posição que atribui ou recebe Caso;
- (iii) para cada $i > 1$, (a) α_i é [- expressão - R] ou (b) α_i é livre - A;
- (iv) C é máximo; i.e. não é uma subsequência própria de uma cadeia que cumpre as condições (i) - (iii).

No caso (i), abaixo, a noção de "cadeia" é ilustrada (usando a estrutura proposta para o pirahã):



C₁ seria uma relação de BINDING (ver apêndice), livre da teoria de vinculação, segundo Chomsky (1981). Porém, já que princípios (A) e (B) desta teoria não são aplicáveis ao pirahã, podemos estabelecer uma cadeia entre CON e N'' dominado por S. α_1 , nesta análise, é uma [+ expressão R] (com algumas exceções irrelevantes para a presente discussão).

Naturalmente, esta modificação da noção de cadeia sendo mais específica para o pirahã, deve ser ampliada futuramente para outras línguas, usando a tipologia de Chomsky (1982:78ss) para expressões nominais. É apenas uma sugestão aqui.

3.3.5.3. Para uma explicação do nóduo CON

Num artigo extremamente interessante, Givón (1976) discute o desenvolvimento de concordância em geral como sendo principal e historicamente uma relação entre o verbo e tópico (e não o sujeito).

Começando com exemplos de um inglês substandard, ele demonstra como a concordância resulta de uma reanálise diacrônica de estruturas topicalizadas (p. 155):

<u>"TS ('marked')</u>	<u>Neutral (Re-Analyzed)</u>
The <u>man</u> , <u>he</u> came	The <u>man</u> <u>he</u> - came
TOP PRO	SUBJ AG "

Nesse exemplo, TS = deslocamento à esquerda. No pirahã, proponho uma reanálise diacrônica como a seguinte (Porém, deixo aberto a possibilidade de que sentenças lexicalmente iguais possam ser sintaticamente distintas. Ou seja, seria possível na minha análise que (a) e (b), além de representarem o desenvolvimento diacrônica de CON, também fossem válidos sincronicamente. Isto é, com pausa entre kohoibíhai e hi (a) é correta; sem pausa (b).

Neste caso, a forma fonética afetaria a forma lógica. Porém estas considerações vão além da discussão presente.):

(a) [[kohoibiíhai]_i [hi]_i [xaópíkoí]]
 S' TOP SN SV

(b) [[kohoibiíhai]_i [hi]_i [xaópíkoí]]
 S' SN CON SV

Lembrando o filtro de tempo mencionado acima, notamos mais uma vez que se isto fosse a motivação para a fusão de FLEXÃO e V, então não haveria nenhuma razão de considerar esta regra obrigatória numa língua sem tempo, como o pirahã. Neste caso, a teoria de RV faz uma previsão interessante (e correta, no pirahã) de que deve ser possível em certas línguas para o nóculo CON ser realizado fonologicamente independente do V.

Portanto, o problema de co-referência obrigatória é resolvida. Estas propriedades serão "lidas" pela regra de predicção na forma lógica, produzindo os resultados corretos.

3.3.6. Conclusão

3.3.6.1. Adeus aos índices anafóricos

Mostramos acima que na hipótese 1 (cf. seções 3.3.5.1. e 3.3.3.2.) os índices anafóricos dificultariam a análise. Mostramos, também, que no mínimo estes índices são irrelevantes para o pirahã, devido à falta de distinções relevantes entre elementos [+ anafórico] e [- anafórico] na língua. Estes índices fazem previsões erradas em vários casos, como nos reflexivos. Nesta estrutura, os índices anafóricos prevêm apenas a referência disjunta ou a co-referência obrigatória. no entanto, mostramos que os elementos [- expressão R] nas estruturas reflexivas são de fato livres em relação à

regra de predicação (ver seção 3.3.6.2., abaixo). Portanto, a língua pirahã oferece evidência a favor da eliminação dos índices anafóricos da teoria da sintaxe.

Todavia, Lasnik (1981) levanta vários problemas resultantes da eliminação dos índices anafóricos em relação ao inglês. Examinamos suas objeções aqui, concluindo que não são sérias e admitem uma resolução/simples, dadas as modificações na teoria de vinculação que proponho na seção 3.3.6.2.

Lasnik (ibid:53) diz que, devido à eliminação dos índices anafóricos,

"The only possibilities are coreference and disjoint reference."

Para apoiar esta conclusão, Lasnik (ibid) oferece os seguintes exemplos:

- (53) (a) We₁ think I₂ will win.
 (b) We₁ think I₁ will win.

- (54) (a) They₁ think he₂ will win.
 (b) They₁ think he₁ will win.

Segundo Lasnik, os exemplos da letra (a) representam referência disjunta e os da letra (b) co-referência. Estas interpretações, segundo Lasnik, são as únicas possíveis na teoria de GB e ambas são falsas, ou seja, os exemplos 53 e 54 se referem à co-referência parcial ('overlapping reference').

Outro problema que Lasnik levanta se vê em exemplos como os de número 55 a 59:

- (55) John told Bill that they should leave.

Segundo Lasnik, a teoria de GB permite apenas as interpretações (e indexação) dos exemplos 56 a 58:

(56) (a) John₁ told Bill₂ that they₃ should leave.

(b) 'they' não inclui nem 'John' nem 'Bill'

(57) (a) John₁ told Bill₂ that they₁ should leave.

(b) 'they' inclui 'John' mas não 'Bill'

(58) (a) John₁ told Bill₂ that they₂ should leave.

(b) 'they' inclui 'Bill' mas não 'John'

Porém, diz ele, outra interpretação correta, até mais natural, é 59. Mas, como derivar o exemplo 59 de apenas os índices referenciais?

(59) 'they' inclui 'John' e 'Bill'

Acredito que o problema que Lasnik levanta provém de um conceito errado da interpretação de expressões nominais e a sua indexação. Este conceito, geral na literatura, supõe que a colocação dos índices referenciais seja livre, isto é, sem restrição alguma. As indexações agramaticais seriam eliminadas pelos princípios de vinculação etc. Esta conceituação da indexação, dada nossa discussão acima e a regra de predicção de Chomsky (1977, a sair) não é necessária.

3.3.6.2. Sobre a noção de "indexação livre"

Como uma alternativa à noção de indexação livre, quero sugerir que há apenas uma instância de indexação a uma determinada sentença. São as interpretações destes índices que são múltiplas ("n-ário" onde $n \geq 1$). Antes de aplicar esta sugestão aos exemplos de Lasnik, vamos ver algumas das implicações dela (i) quanto à natureza da referência: como notamos na seção 3.3.1., a referência tratada pela lingüística não é a referência real, mas a referência pretendida. Por exemplo:

(60) Eu vi João e Sérgio

Nesse caso, a lingüística só diz que não estou pretendendo dizer que João e Sérgio são a mesma pessoa (no uso normal da língua). Se por acaso João fingiu ser Sérgio e me enganou, isso cai fora da lingüística. Em outras palavras, a referência que procuramos entender na lingüística é intimamente ligada com a intencionalidade. É óbvio que não podemos saber exatamente a intenção do falante. Mas podemos saber através da sintaxe, quais são as intenções possíveis dada a função comum da linguagem, princípios de vinculação, etc. Portanto, não acredito que seja uma boa idéia propor um mecanismo matemático para determinar a referência. Na minha estimativa, a sintaxe pode fixar os parâmetros possíveis das referências possíveis numa determinada estrutura, mas seu efeito é mais negativo do que positivo. Ou seja, ela proíbe certas referências. Claramente, este conceito implica em certas mudanças nos princípios de vinculação, que reformula aqui como (A') - (C').

(ii) Quanto aos princípios de vinculação:

(A') Um elemento anafórico tem que ser interpretado como co-referencial a outra expressão nominal na sua categoria de regência;

(B') Um pronome não pode ser interpretado como co-referencial a nenhuma expressão nominal na sua categoria de regência;

(C') Uma expressão-R nunca é obrigatoriamente co-referencial (vinculada).

Em outras palavras, a regra de predicação tem que achar um antecedente para cada elemento anafórico dentro da sua categoria de regência; ela não pode interpretar nenhuma expressão nominal como co-referencial a um pronome na sua categoria de regência e finalmente, expressões-R não tem antecedentes.

(iii) Quanto à inter-relação da pragmática e a sintaxe:

Conforme os itens (i) e (ii), a pragmática é autorizada pela sintaxe a

fazer qualquer interpretação que puder, a não ser que esta interpretação seja proibida pela sintaxe (os princípios de vinculação) etc.

3.3.6.3. Os exemplos de Lasnik

Dados os itens (i) a (iii), acima, vejamos como podemos solucionar o problema colocado por Lasnik. Nos exemplos de referência "overlapping", 53 e 54, e de referência dividida ("split"), 55 a 59, nossa regra nos dirá o seguinte (supondo também que as regras de interpretação somente interpretarão índices como equivalentes (co-referência 'completa') se os termos assim relacionados podem ser extensionalmente equivalentes (cf. fatores de subcategorização, número etc.).

Nos exemplos 53 e 54, a regra diz que os índices de 'we' e 'they' # dos índices de 'I' e 'he' (ou seja, não podem ser extensionalmente equivalentes).

Nos exemplos de 55 a 59, as regras dizem que:

- (i) o índice de 'John' # o índice de 'they'
- (ii) o índice de 'Bill' # o índice de 'they'
- (iii) o índice de 'John' # o índice de 'Bill'

(i) e (ii) nos dizem que $\left\{ \begin{array}{l} \text{'John'} \\ \text{'Bill'} \end{array} \right\}$ e 'they' não são extensionalmente equivalentes (devido à diferença de número). Veremos as implicações do (iii) no parágrafo que se segue ao próximo.

Entendemos que, dadas as pressuposições e modificações acima, na teoria de vinculação, nossa regra de interpretação até agora não nos disse nada a respeito da possibilidade de que 'John' e/ou 'Bill' sejam subconjuntos de 'they' (como 'I' e 'he'), podem ser subconjuntos de 'we' e 'they' nos exemplos 53 e 54. A regra somente diz que estes elementos não são conjuntos extensionalmente equivalentes. Portanto, não é proibido entender os exemplos 53 e 54 como co-referência "parcial" "overlapping", ou os 55 a 59 como co-referência dividida ("split").

Quanto a 'John' e 'Bill', devido ao fato de que não podem ser extensionalmente equivalentes, mas não conjuntos com apenas um membro cada; são obviamente disjuntos em referência. Poderíamos imaginar outras aplicações da teoria dos conjuntos para explicar outros casos.

De qualquer forma, as objeções de Lasnik são respondidas.

N O T A S

CAPÍTULO III

1. Ver Chomsky (1980; 1981 etc.) para uma discussão mais ampla da discussão entre t e PRO. Ver, também, a terceira seção deste capítulo.
2. Ver o apêndice 2 para definições dos termos da teoria de GB.
3. As regras categóricas de 1.2.2.1. são obviamente uma lista parcial das regras frasais do pirahã. São ilustradas nesta seção deste capítulo ou as que ilustram certos pontos da teoria.
4. Porém, se aceitarmos as nominalizações da seção 15.4. do primeiro capítulo, podemos sugerir o seguinte:

(i) regra de nominalização:

$$[v^X] \rightarrow [N [v^X] - sai]$$

Significado: algo que faz a ação especificada por $[v^X]$

(ii) subcategorização de formas nominalizadas:

$$[N [v^X] - sai], \pm [SN \text{ ____}]$$

(iii) exemplificações:

(a) xiohói xiboíti-sai
vento cortar-nominalizador

"cortador de vento (hélice)"

(b) xií kai -sai
coisa fazer-nominalizador

"fabricante de coisas (fábrica)"

(c) gahió pií xabaípi-sai
avião água sentar -nominalizador

"avião, sentador de água (hidroplano) "

Note-se que exemplos como (iii) funcionam como cláusulas relativas (cf. seção 15.3.2. do primeiro capítulo).

5. Ver a última seção deste capítulo para uma discussão mais ampla dos traços sintáticos dos elementos nominais.

6. Porém, se os itens lexicais fossem subcategorizados em função do caso (Fillmore, 1968; Longacre, 1976; etc.), não haveria qualquer problema em explicar verbos como xoab- "matar/morrer". Por exemplo:

(i) káixihí xoabái
paca morrer

"a paca morreu"

(ii) ti káixihí xoabáipi
1

"eu matei a paca"

Se considerarmos káixihí como o paciente e ti como agente, então a caracterização do verbo é:

(iii) (A) P V

O elemento imediatamente à esquerda do verbo é o paciente. Não tenho explorado esta possibilidade, mas parece ser uma alternativa interessante (esta sugestão foi dada por Aryon Rodrigues).

7. Infelizmente, não tenho tido oportunidade de ver estas referências pessoalmente.

8. Elementos anafóricos recebem o índice referencial da expressão nominal que os c-comanda, conforme outras condições a serem discutidas neste capítulo. Eles não recebem índices anafóricos.

9. "A maximal" = a maior SN ou S' que contém 'NP₂'.

10. Um nóculo α c-comanda outro γ somente se nenhum dos dois domina o outro e o primeiro nóculo que divide que domina α domina γ .

11. Higgenbotham (1979:682) define a noção de livre assim: "A pronoun B is free (i in X if it occurs in X and there is nothing in X with referential index i that c-commands B."

12. "B in nominative if governed by tense [mas cf. minhas sugestões na seção 3.3.6.2., D.L.E.] and in the domain of the subject of X if X has a subject Y that c-commands B. If X = S' or NP, X is minimal if it contains X." (Higgenbotham, *ibid*).

13. Ver a nota número 8, acima. As condições (a) e (b) do exemplo 30 são também conhecidas como a 'NIC' (λ) e 'Opacidade' (b).

14. 'Ele' não é livre (3) em X mínimo.

15. Ver a seção 3.3.6.1. para uma discussão da natureza interessante destes pronomes. Também, ver seção 4 do primeiro capítulo.

16. Em todos estes exemplos seria possível para um ou ambos os elementos topicalizados seguirem o verbo. A condição sobre a sua interpretação

continua a mesma: o SN mais para a esquerda é co-referencial ao pronome-sujeito e o mais para a direita, com o pronome na posição do objeto direto.

17. Reinhart define PPA ('Possible Pragmatic Assertion') como: "The member of $PPA(S)$ [conjunto de $PPA(S)$ de S , D.L.E.] are thus, the proposition expressed by S and each possible pair one of whose members is this proposition and the other is an interpretation of an NP in S' " (ibid).

18. Ver Dooley (1982:309ss)

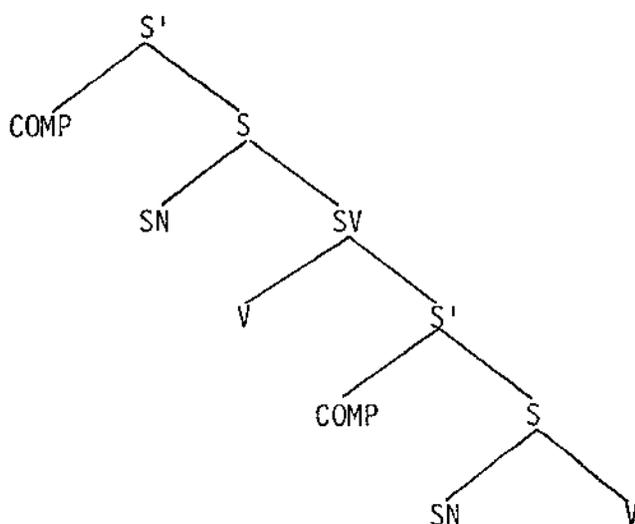
19. α c-comanda β minimamente somente se α c-comanda β e não há nenhum γ tal que α c-comanda γ e γ c-comanda β e não c-comanda α .

E: (i) $\alpha(e\gamma) = [\underline{+N}, \underline{+V}]$

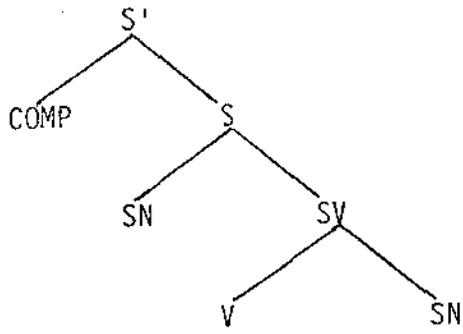
(ii) não há nenhum colchete de S' ou SN entre e .

Portanto, em (iv), mas não em (iii), c-comanda minimamente:

(iii)



(iv)



APÊNDICE I**Pequena Lista de Vocábulo****por Tópicos****do Pirahã**

APÊNDICE I

Uma pequena lista de vocábulos, por tópicos, do pirahã

ANIMAIS

PortuguêsPirahã

anta	kabatií
arara	kaaxai
cachorro	giopaí/giaibaí
capivara	piopísi
cobra	tigaiti
cuati	xaagí
cutia	xaíti
fêmea	xísipoihi
galinha	páxaihi
gato	báohoipaí
jacaré (esp. pequena)	kaxaxái
jacaré (esp. grande)	koxóáhai
lontra	pibaioi
macaco	kóxoí
macho	xísigihí
maracajá	báohoipaí
morcego	hoahói
onça pintada	kagáfhiaí
onça preta	kopaíai
paca	káixihí
pássaro	piibigi
peixe	xítiixisi
peixe boi	pigáagi
porco (esp. pequena)	baaí
porco (esp. grande - catitu)	bahóísi
porco doméstico	bahóigatoi
rato	hixí
sapo	pihóábigí

sucuriçu	paóhoahai
tamanduá	xigohói
tartaruga	giisógi
tatu	kaxáihí
tracajá	xoóhoi
vaca/boi	kabatiógi
veado	baitói

CORESPortuguês

amarelo
azul
branco
claro
escuro
laranja
preto
roxo
verde
vermelho

Pirahã

biísi
xahoasai
kobiai
kobiai
tioái/kopaíai
biísi
kopaíai
tixohói (?)
xahoasai
biísi

DESCRITIVOSPortuguês

adulto
alto (de fala)
amargo
bom
cru
desagradável
doce
duro
firme
forte
fraco
gordo

Pirahã

xígohoi
xapógopigí
xaití
báaxái
xasí
biixói
koaísi
tigií
tigií
xibígaí
xixóihi
xahai

mesmo	xaisigíai
mole	biixi
molhado	xihói
morno	xoóti
novo	xasí
padre	pai
picante	xaaí
quente	hoai
salgado	xapoí
seco	xaii
velho	toio
verde (não maduro)	xahoasai
vertical	xipópi

DIREÇÕES

(Formadas pelas localizações + o sufixo direcional -xió)

<u>Português</u>	<u>Pirahã</u>
para baixo	bigóxió
para baixo (da superfície de)	bíigióxió
para cima	hioóxió
para dentro	koóxió
para fora	kaóxió
para o mato	xoóxió
rio abaixo	pigióxió
rio acima	piboóxió

FORMAS

<u>Português</u>	<u>Pirahã</u>
arredondado	hiooi
quadrado	xapabaasi
reto	kositíisi
torto	xagai/xabahíoi

INSETOSPortuguês

aranha

barata

borboleta

caba

formiga

gafanhoto

lagarta

mosca

mosquito

piolho

Pirahã

xóíí

xooópaíhi

sibfoí

xigábai

poíxi

xisaahai

xóohói

tisoiaó

kaxâí

tihíhi

LOCALIZAÇÕESPortuguês

abertura

aqui/aí/ali/lá

aquilo

beira

costas (parte de trás)

centro

frente

esquerda/direita

isto/isso

lado

parte superior

parte inferior

Pirahã

kaoí

gó

gáihí

xapisi

xigaó

xibóai

xapai

não existe²

gíisai

xahoasáí

xapai

tiapai

OUTROS OBJETOSPortuguês

água

agulha

anzol

arco

areia

Pirahã

pii

pihioisai

báagihí

hóoi

tahoasi

borracha	tioii
pulseira	xaitaoí
buraco	xooí
cabo	xiitoii
cachaça	pitísi
caminho	xagí
campo/horta/roça	xogaí
canoa de brancos	xagaoa
canoa de pirahã (de casca)	kagahóí
carvão	hoaípóí
casa	kaiíi
cesta	kahiaí
céu	bigí
chama	hoaxioí
chapéu	sapioí
chumbo	hoasígikoi
chuva	pii
cinzas	hoatíi
colar	xáihoi
corda	tioiai
dinheiro	gígigohói/kapiiga
faca	kaháíxíoi
flecha de pescar	poogahai
flecha de pássaro	xáapaháí
flecha	kaháí
fogo	hoáí
fonte	pii
forno	pixaoi
iguarapé	xaabóí
janela	kaoi
lago	xaabóí
lama	bigixihói
linha de pescar	tioiai
linha de costurar	soioágahái
lua	kaháíxáii

machado	taísi
mar	piigiotigai
nuvem	hóáxaí
névoa	hóáxaí
pano	baósaí
papel	kapiiga
pedra	xaxáí
penete	xisoí
petróleo	xisiihóai
pilão	xixóhoi
poeira	bihóáxaí
pólvora	hoatíi
porta	kaoi
praia	tahoasi
prato	pagatoi
rede	baósaípisi
remo	piipóí
rio	pii
sal	giotigai
sol	hisí
sombra	bihóigíxi/xopípa
terçado	tagasága
terra	bigí
teto	xabíisi
vento	xiohóí

PARENTESCOPortuguês

avô (avó)

criança

filho

filha

filhos

irmão/irmã

primeira geração

Pirahã

xibígaí

tiobáhai

hoagí

hoísai

hoísai/hoagí

xahaigí

ascendente do ego	baíxi/xogíái
geração do ego	xahaigí
primeira geração	
descendente do ego	tiobáhai

PARTES DO CORPO

Português

asa	<u>Pirahã</u>
barba	xisipóai
boca	xisaitaí
cabeça	kaopai/kaoi
cabelo	xapapai
calcanhar	xapaitaí
cara	xatógó xioí
carne	xaíi
chifre	xigíhií/xisigíhií/(animal)
cintura	xisapaí
costas	kahai
costelas	xigaó
cotovelo	xipáai
coxa	xapixioitoii
dedo	xaahoí/xipóoi
dedo do pé	xopáai
dedo polegar	xahóisi
espinha dorsal	xoaíi
estômago	xohoaíi
fezes	koxopai/koxoi
fígado	tiipai
garganta	xibíoi
gordura	boitópai
joelho	xahíai
junta	xaósi
lágrimas	xoíiígaoí
língua	kosihóixi
mandíbula	xiipópai
	xisai

mão	xoái
nádegas	tiapai
nariz	xitaoí/xitaopai
olho	kosi
orelha	xáooí/xáopai
osso	xaí/xisaí
ovo	sitoí
palma	xoói
pé	xaaí
peito	bohói
pelo	xísitaí
pena	xisitaí
pênis	poobahai
penugem	xisoobái
perna	xaipoí
queixo	xisai
quadril	tiapai
rabo	xígai/xígatoí
rosto	xaíi
sangue	biipai
seio	bógai
testículos	xitósi
tornozelo	xaaxíoi
umbigo	saxaohoi
unha	xopói
urina	kopáisi
virilha	kasiitohoi

PLANTASPortuguês

algodão
 arroz
 árvore
 batata
 café

Pirahã

piisi
 xahóikasí
 xií
 báagahái
 kapíxi

cana	xaóóáísai
capim	páaxáí
casca	xiipí
castanha	tíihí
cipó	hói
cuia	xatai
feijão	gihiókasí
flor	xaóobái
folha	tai
grama	biosi
lenha	hoafi
macaxeira	báasi
manga	xáohoi
mato	xooí
mel	xaáháí
melancia	hoagasiá
milho	tihoahai
palha	xabíisi
palmito	xáabohóísi
paxiúba	xabóipi
pimenta	xigagí
raiz	xaai
ramo	xaoíixaoi
semente	xaoíisi
tabaco	tíhi
taquara	kahaiboí
tronco	xíapai

POSIÇÕESPortuguês

ao lado
atrás
dentro/em
em baixo
em cima

Pirahã

xahoaó
xitió
kaó
bíigió
xapó

em frente	xapaó
entre	koo
fora	kaó
longe	kaó
próximo	xigihíhio
sobre	híóó/híba

QUANTIDADES

<u>Português</u>	<u>Pirahã</u>
cheio	kaábi
dois	hoí
inteiro	xogió
metade	xaibóai
muito (nomes contáveis)	xaibái/báagiso
muito (nomes não contáveis)	xapagí
nada	xi ába
parte/pedaço	xaibóai
pouco	xoíhi
todo	xogió
um	hói
vazio	xasí

TAMANHOS

<u>Português</u>	<u>Pirahã</u>
alto (de altura)	pixi
alto (de água)	xoába
baixo (de altura)	bihíhio
baixo (de água)	xai
comprido	pixi
curto	tioíhi
estreito	xoíhi
fino	xaaíbi
grande	xogif
grosso	xibígai
largo	xogif/pii xigiábi

pequeno

xoíhi

TERMOS TEMPORAISPortuguês

amanhã/ontem/anteontem/etc.

dia

há muito tempo/muito tempo

no futuro

mais tarde

madrugada

noite

tarde

tardinha

Pirahã

xahoa pió

hisó/xahoa

soxógió

higó xaiso

xahoakohoaihio

xahoái

xahoigíó

hibigíbagá xaiso

VERBOSPortuguês

abrir

acordar

afiar

agitar

amarrar

andar

assobiar

baixar

bater

brigar

caçar

cair

cantar

chorar

chover

chutar

cobrir

colocar

comer

Pirahã

kositoai

kokahápi

xaíbaí

kagií

gáigí

bigái

xapógopí

bigóxió/pigióxió

xibái

sabí baí

xoí kahápi (ir para o mato)

kaobí

xisaí

hisibaí

pii boí (água vem)

xópi

bi koahoagá

xihiaí

xohoái

consertar	xihiópi
construir	kaipí
coçar	xaxahói
correr	xaibogi xáhá (ir rápido)
cortar	xibaítai
costurar	xií xígapi (furar pano)
cozinhar	xihiópi
dançar	bigópi
dar	hoái/bagáboí
derrubar	xaihiáopí
descascar	xioi topí
dizer	gai
doer	xiití
dormir	xaití
empurrar	xabópi
enterrar	bigí xihiaípi (colocar na terra)
erguer	híbaxái
estar com febre	xibipai xaoxaagá (ter febre)
estar com fome	xiagái
estar com frio	xagíiti
estar com sede	boaagá
estar com sono	kobapiaagá
estar cansado	bioabá
estar de pé	xipopáo
estar quente	hoái
estar sentado	xábaipiigá
estar zangado	sabí
falar	xahoái
fechar	gáabí
ferver	xihioپی
flechar	xibáboí
jogar	xobí
latir	xísai
lavar	xopíi
levar	xigi

mandar	xibíibi
mastigar/morder	xaabi
matar	xoabái
mostrar	biigí
nadar	pibaí
pagar	xihabai
pedir	kakaopí
penetrar	xigapí
plantar	xihiaípi
pular	hióoi
puxar	xobahoagí
remar	pibaí
roubar	bagiahá
sentar	xábaipi
soprar	sohoagí
suar (estar suado)	xitaigó
tirar	xitopí
ver	xobi
vir	hoagí/xapi
virar	koaboópi
voltar	xabópi
voar	kobabáabopí

APÊNDICE II

Lista Parcial de Termos

da

Sintaxe Transformacional

APÊNDICE II

Uma Lista Parcial de Termos da Sintaxe Transformacional

Neste apêndice pretendo listar os termos por ordem alfabética em inglês. Isto porque dificilmente o leitor os encontrará em português. Proponho uma tradução para cada e dou uma definição breve (mas detalhada para certos conceitos mais difíceis ou importantes). Isto representa apenas uma tentativa inicial, omitindo muitos termos.

A-over-A principle - (princípio de configurações tipo A sobre A): Este princípio foi proposto por Chomsky no início da década de 1960. Era o início de uma longa série de restrições e condições sobre o funcionamento das regras sintáticas. Diz que, numa configuração do tipo:

$$[A_1 [A_2]]$$

onde, A_1 e A_2 são da mesma categoria frasal (SN, SV etc.) nenhuma regra pode mover A_2 para fora de A_1 .

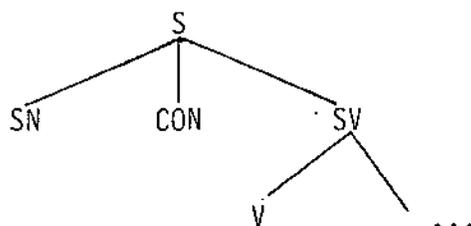
Absorption - (absorção):

- (i) A tendência de certos elementos sintáticos (como os clíticos) de assumir os traços (ou algum traço) de outra categoria sintática (sob certas condições); Caso é freqüentemente "absorvido" por clíticos.
- (ii) Uma regra de forma lógica onde dois ou mais quantificadores são fundidos para produzir um quantificador que ligue n posições (n = número de quantificadores fundidos).

Acceptability - (aceitabilidade): uma noção de "desempenho" onde sentenças inaceitáveis não são necessariamente agramaticais, mas apenas "estranhas" ou difíceis de interpretar para o falante nativo. Lakoff (vários trabalhos) e Everett (a sair, b) têm criticado a tentativa de distinguir entre inaceitabilidade e agramaticalidade, dizendo que agramaticalidade é apenas um tipo de inaceitabilidade.

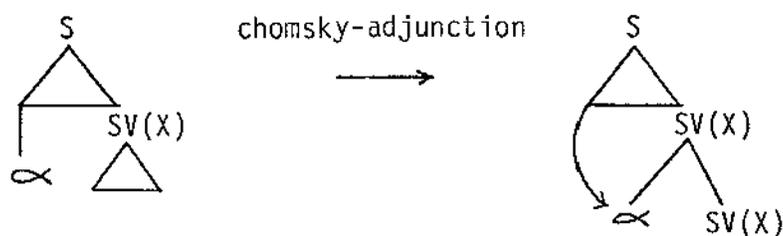
Accessibility - (acessibilidade): em certas sugestões para a noção de "categoria regente" (Chomsky, 1981:211), acessibilidade é definida como: " α é acessível a β se e somente se β está no domínio de c-comanda de α e a atribuição do índice de α a β não violar a teoria de vinculação."

Adjacency - (adjacência): numa estrutura como



CON e SN são adjacentes, SN e SV, não. Este princípio é importante para a atribuição de Caso (cf. a definição de projacência, abaixo).

Adjunction e Chomsky-adjunction - (adjunção): é basicamente o "enxerto" de um nóculo sob outro. Mas, à luz da Structure Preserving Hypothesis de Emonds (cf. abaixo), a noção de adjunção normalmente usada é a de chomsky-adjunction (um termo infeliz, mas comum) que reduplica o nóculo X sob o qual o constituinte é inserido:



AGR(ement) - (CON(cordância)): este elemento é o componente nominal do elemento INFL "FLEXÃO" que, em muitas línguas como o português, é eventualmente transportado para o verbo, resultando na concordância entre o verbo e o sujeito.

Ambiguity - (ambigüidade): na teoria padrão, uma sentença ambígua teria duas "estruturas profundas". Na teoria atual, a ambigüidade é uma propriedade diferente, normalmente resultante de propriedades de certos quantificadores que sofrem regras facultativas como absorção (cf. acima). Não tem a mesma relação na teoria como tinha entre 1965 - 1973, no sentido de que não é explicável em termos de estruturas profundas múltiplas.

Anaphor - (elemento anafórico): um elemento sem referência inerente. Sempre precisa ter um antecedente na mesma cláusula ou resultará numa sentença agramatical. Exemplos do português são "se", "me", etc.

Antecedent -(antecedente): é um elemento nominal que "vincula" outra expressão nominal (pronome; elemento anafórico, ou vestígio).

Argument (A) - (argumento A): um elemento A é uma expressão nominal que ocorre numa posição subcategorizada pelo verbo (da mesma cláusula). Posições tipo - A são: objeto direto, objeto indireto e sujeito. Um elemento A' não argumentativo ocorre numa posição gerada pela base, mas não subcategorizada pelo verbo; sendo COMP o exemplo mais comum.

Autonomy of Competence - (autonomia de competência): este conceito é o sine qua non da teoria transformacional em todas as suas formas. Segundo esta tese, a competência lingüística é um módulo independente de outros módulos como o sociológico, o da percepção, etc. e (obrigatoriamente) estudado separadamente. Se esta tese fosse falsificada, a teoria transformacional não existiria mais.

Autonomy of Syntax - (autonomia da sintaxe): segundo esta, o único componente independente da gramática é a sintaxe. Portanto, os outros componentes (o fonológico e o lógico) são "interpretativos". A sintaxe é o componente gerativo e portanto, providencia toda informação necessária para as realizações fonéticas e lógicas de uma determinada sentença. Este conceito é um "escudo" para a autonomia da competência. Se ele for falsificado, então de onde vem a informação necessária para a interpretação

de uma sentença? Provavelmente por fora da gramática. Isto invalidaria a tese de uma competência autônoma.

AUX - (AUX): atualmente, este termo é substituído, principalmente, por INFL (FLEXÃO). Porém, se refere ainda a verbos auxiliares ao verbo principal.

Avoid Pronoun Principle - (princípio de evitar pronomes): este princípio diz que línguas naturais tendem a evitar o uso de pronomes (por motivos provavelmente ligados ao desempenho) e usam expressões-R. As implicações deste princípio se vêem especialmente na seleção de PRO sobre pronomes com realização fonética (em certas posições, como sujeito do infinitivo).

Base - (componente de base): na teoria padrão, este componente era divisível em dois componentes: o léxico e as regras categóricas. Atualmente, o léxico recebe uma posição mais independente e as regras categóricas, além das provisões da teoria X', são derivadas do léxico. Portanto, as regras categóricas são supérfluas na teoria atual. O "output" deste componente ainda pode ser considerado como o "input" da estrutura (profundo).

Binding - (vinculação): a relação de vinculação é extremamente importante na teoria atual. De forma simples, um elemento α liga um elemento β se e somente se α c-comanda β e α e β são co-indexados. Subtipos de vinculação são: "vinculação-A" - α liga β e α está numa posição argumentativa; "vinculação-A'" - α liga β e α está numa posição não argumentativa; "vinculação local" - α liga β e α é o primeiro antecedente "acessível" a β .

BINDING - (VINCULAÇÃO): este, como se vê, obviamente é um uso especial da noção de vinculação. Esta "VINCULAÇÃO" inclui co-superscripting e co-subscripting. É, por exemplo, a relação entre o sujeito de S e CON.

Bounding - (restrição por limites frasais): esta subteoria da teoria atual é relacionada à noção de subjacência e estabelece as restrições sobre regras de movimento ou interpretação e a "distância" sintática possível entre os dois termos sendo relacionados (cf., também, subjacency).

Case - (Caso): esta noção não deve ser confundida com a noção de "caso" em línguas clássicas (o grego, o latim etc.). É algo mais abstrato, derivado sintaticamente. Segundo certos autores, Caso é uma propriedade inerente a certos "nódulos" atribuído a outros nódulos em determinadas situações (quando o nódulo de Caso "rege" o nódulo a receber o Caso ou um vestígio dele). Na minha perspectiva, porém, Caso é uma propriedade independente atribuída através de relações sintagmáticas entre nódulos. Os Casos mais importantes na teoria atual são: (i) nominativo - atribuído ao SN de S por CON; (ii) objetivo - atribuído ao SN de V' (ou V'') por V; (iii) oblíquo - atribuído ao SN de P" por P (= preposição); (iv) genitivo - este Caso é menos entendido. Em inglês ou português ele é normalmente atribuído às preposições 'of' e 'de', respectivamente. O "filtro de Caso" é extremamente importante na teoria atual e diz que: cada SN lexical (com realização fonética) tem que ser um membro de uma "cadeia" que recebe Caso. Uma cadeia recebe o Caso se um dos membros da cadeia recebe Caso.

CASE - (CASO): um elemento gerado sem conteúdo pela base que é um componente (de cada item nominal) que serve como receptor para o Caso (aquilo em que o Caso se encaixa).

Categorial Component - (componente categórico): na teoria padrão, o componente categórico gerava os marcadores frasais da estrutura profunda. Atualmente, este componente é, pela maior parte, redundante, sendo derivado da teoria X' e do léxico.

C-Command/Constituent Command - (c-comando): este princípio é relevante a vários aspectos da teoria, especialmente às subteorias de vinculação e regência. α c-comanda β se e somente se nenhum dos dois "domina" o outro e o primeiro nódulo ramificante domine α e este domine β .

Co-indexing - (co-indexação): uma relação de co-referencial formalmente estabelecida entre dois termos por índices referenciais. Isto pode ser feito por superscripting (no caso de CON e SN de S), por "mova- α " ou por subscripting (no caso de expressões nominais etc.), ou pela teoria de controle em relação ao sujeito PRO de infinitivos.

Competence - (competência): o conhecimento internalizado de uma língua por um falante nativo desta mesma língua (ver "autonomia de competência").

Complementizer/COMP - (complementizador/COMP): este nóculo de S' é usado para fazer várias previsões sobre o funcionamento de várias regras de movimento. Mais recentemente tem sido sugerido que o COM é o indicador principal se uma sentença é afirmativa ou interrogativa. Sua função básica era de introduzir sentenças subordinadas embora atualmente várias hipóteses existam sobre suas funções (como as mencionadas acima) em cláusulas matrizes.

Conditions - (condições): é uma série de limitações sobre derivações ou/e interpretações (ver a condição "A-sobre-A"). Algumas das condições mais importantes (mas não necessariamente em vigor atualmente, sendo a maioria derivada de outros princípios) são:

(1) NIC/Nominative Island Constraint - (restrição às "ilhas nominativas"): um elemento anafórico com Caso nominativo não pode ser livre em S'. Logo, (i) é agramatical e (ii) é gramatical: (i) Quanto ao João₁, v₁ bateu; (ii) Quem₁ foi que você bateu v₁?

(2) PIC/Propositional Island Constraint (restrição às "ilhas proposicionais"): uma versão anterior da NIC.

(3) RES(NIC) - (resíduo da NIC): variáveis não devem obedecer à NIC se são análogas a expressões-R e não elementos anafóricos (conforme Chomsky, 1981, interalia). Porém, em certos casos estes elementos de fato parecem obedecer à NIC. Segundo Chomsky (ibid:231ss), a semelhança entre a NIC e estes casos é superficial e o que é envolvido é um princípio independente. Inicialmente, isto foi chamado de RES(NIC); atualmente, este princípio é conhecido como ECP (cf. abaixo).

(4) SSC/Specified Subject Constraint - (restrição ao sujeito especificado): atualmente, esta restrição é conhecida como "opacidade" (ver abaixo).

Control - (controle): esta subteoria determina os referenciais possíveis de PRO. Os fatores relevantes incluem propriedades lexicais ao verbo matriz; considerações pragmáticas etc. Por exemplo, em "João persuadiu Sérgio a sair", sabemos, pela natureza do verbo "persuadir", que o sujeito de "sair" (PRO) é co-referencial a "Sérgio" e não a "João". Este tipo de consideração recai sob a subteoria de controle.

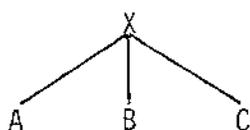
Core Grammar - (gramática nuclear): isto é uma abstração da noção de gramática. Segundo esta idealização, uma "gramática nuclear" é o que o componenete lingüístico da mente desenvolveria se tivesse uma experiência completamente homogênea para "fixar" os parâmetros da "gramática universal". As regras da gramática nuclear são maximamente gerais (incluindo, por exemplo, transformações como "mova- α " vs regras como "apassivação" etc.).

Coreference - (co-referência): a interpretação de duas expressões nominais em que as duas são idênticas quanto ao seu referencial.

Crossover - (cruzamento): este fenômeno se vê em sentenças como: "a mulher₁ que escreveu para ele₂ viu o homem₂ que a₁ ama." Nesta sentença os números subscritos indicam co-referência. O termo 'cruzamento' vem do fato que uma expressão (1) tem que cruzar outra expressão (2) para chegar a seu antecedente. Outros exemplos do mesmo fenômeno são agramaticais: *"a mulher₁ que ele₂ escreveu viu seu₁ marido₂". A agramaticalidade desta sentença vem da tentativa de ligar os termos segundo os índices. Os exemplos aceitáveis (mas questionáveis para certos falantes) são chamados de weak crossover (cruzamento fraco) e os agramaticais de strong crossover (cruzamento forte).

Cyclicity - (ciclicidade): esta hipótese diz que todas as regras gramaticais aplicam-se primeiro aos "nódulos cíclicos" (SN e S) mais baixos numa "árvore" (estrutura sintática) e, depois, aos nódulos sucessivamente mais altos. Nenhuma regra, nesta hipótese, pode tomar conhecimento de uma informação mais alta na árvore.

Daughter Node - (nódulo imediatamente subordinado): numa estrutura como:



A, B e C são "filhos" de X.

Deletion - (apagamento): este conceito tem sofrido várias mudanças no desenvolvimento da teoria. Atualmente, ele se refere ao processo que elimina as empty categories antes das regras do componente fonético. Em certas variantes da teoria, certos casos de apagamento de elementos não vazios em COMP são obrigatórios.

Descriptive Power - (poder descritivo): o poder matemático de uma teoria de atribuir uma caracterização estrutural às sentenças de uma determinada língua. Na teoria de Aspects este poder era irrestrito, dando descrições estruturais não somente às sentenças gramaticais, mas era capaz de gerar qualquer sentença gramatical a partir de qualquer estrutura profunda.

D-Structure - (estrutura-P): é um resultado do desenvolvimento da noção de "estrutura profunda". Sua função básica na teoria atual é o de especificar as relações temáticas nas expressões nominais. A contribuição da estrutura P à interpretação semântica é quase nula exceto por algumas conseqüências semânticas das mudanças nas relações temáticas depois de "mova- α ".

Dislocation - (deslocamento): normalmente, se usa este termo como uma forma mais curta de Left-Dislocation (deslocamento à esquerda). É o tipo de transformação que relaciona sentenças como: "João é o meu amigo" e "Quanto a João, ele é o meu amigo". Num outro uso do termo, ele se refere a qualquer tipo de movimento.

Disjoint Reference - (referência disjunta): quando as regras de interpretação, através da teoria de vinculação, são proibidas de identificar duas expressões nominais como co-referenciais, então elas estão numa relação de "referência disjunta". Outra maneira de conceituar isso é como uma regra

que diz que dois termos são disjuntos devido à configuração sintática em que ocorrem.

Empty Category - (categoria vazia): as expressões nominais não são obrigadas a terem uma realização fonológica na teoria atual. Uma tipologia proposta para estas "categorias vazias" são as expressões nominais sem realização fonológica que distinguem entre variáveis, elementos anafóricos, PRO, e pro. Os traços sintáticos propostos para esta tipologia são:

(i) [+ anafórico, - pronominal] - vestígios produzidos por "mova- ∞ "; variáveis (variáveis são distinguidas dos vestígios por serem ligados por quantificadores ao invés de Sns);

(ii) [+ anafórico, + pronominal] - PRO (segundo a teoria de vinculação, um elemento anafórico tem que ser "ligado" a sua "categoria de regência", enquanto um elemento pronominal tem que ser "livre" na sua categoria de regência. Logo, qualquer elemento [+ ana.] e [+ pro.] é proibido de ter uma realização fonológica e, portanto, só pode ser PRO);

(iii) [- anafórico, - pronominal] - expressões-R (João, o gato, etc.);

(iv) [- anafórico, + pronominal] - pronomes e o elemento "pro" sugerido para a posição do sujeito vazio em línguas como o português que manifestam construções tais como "pro veio".

PRO e pro são inseridos pelas regras de base enquanto que as demais categorias vazias resultam de "mova- ∞ ".

Empty Category Principle - (princípio de categoria vazia): segundo este princípio, as categorias vazias precisam ser "propriamente regidas" (ver 'proper government').

Empty Subject Filter - (filtro de sujeito vazio): todas as sentenças gramaticais ou possuem um sujeito (não necessariamente com realização fonológica), ou são agramaticais.

Exceptional Case Marking - (marcação excepcional de caso): normalmente, o verbo matriz não pode atribuir Caso através da fronteira S'. Portanto, em

sentenças como [S João falou [S' que [S ele podia ir]]] (cf. o inglês, sem o complementizador, [S John said [S' he could go]], nem ele, nem he é marcado por Caso objetivo (mas sim, por Caso nominativo). Isto é, os verbos falar e say não atribuem Caso através de S'. Por outro lado, em certas línguas, como o inglês, existe uma classe de verbos que possui a propriedade de apagar o nóduo S' da sentença subordinada e, portanto, atribuem Caso ao sujeito desta sentença. Veja o exemplo do inglês:

John believes him to be a fool.

Obviamente, him não expressa o conteúdo da crença de John, ou seja, him é o sujeito da S encaixada. Mas him não receberia Caso nesta construção do verbo to be, sendo este verbo uma forma infinitiva. Logo, ou him recebe Caso de believes, ou a sentença é agramatical. Portanto, o verbo apaga o S' e atribui Caso objetivo a him.

Extended Standard Theory - (teoria padrão ampliada): a partir de 1971, devido às propostas do importante artigo de Chomsky "Deep Structure, Surface Structure and Semantic Interpretation" a "teoria padrão" de Aspects of the theory of Syntax (Chomsky, 1965) começaram a aceitar formalmente o papel da estrutura superficial na interpretação semântica. Esta "teoria padrão ampliada" foi também marcada pelas sugestões de Chomsky (1973) "Conditions on Transformations" de que regras de movimento deixavam "vestígios" nas posições das quais os SNs foram deslocados.

Filters - (filtros): há muitos "filtros" propostos na literatura, dos quais mencionamos apenas um exemplo aqui. Primeiro, vamos propor uma definição para a "noção geral de filtro". Foi notado por Ross (1967), interalia, que várias transformações produziam sentenças agramaticais, a não ser que fossem restritas de alguma forma. Ele propôs uma entidade teórica, a "condição" que eliminava os resultados inaceitáveis de várias transformações que seriam aplicadas a certas estruturas se não fosse pelas condições de Ross. Portanto, a tese dele foi recebido muito positivamente, uma vez que ele resolveu uma série de problemas específicos desta natureza. Mais tarde, porém, outros notaram que, mesmo restringindo as transformações através destas condições, certas construções eram produzidas que os falantes nativos rejeitavam. Ou seja, algo estava influenciando estas sentenças depois das

transformações. Portanto, a noção do filtro foi desenvolvida como uma tentativa de explicar estes fenômenos. Por exemplo, por que é que o português não permite construções como *que t: *Quem₁ você falou que t₁ vinha? Este filtro o *[that t] filter de Chomsky e Lasnik (1977) não pode ser interpretado como uma restrição às transformações, mas precisa ser aplicado depois delas. Por outro lado, outros filtros foram propostos para explicar certos fenômenos sem a necessidade de colocar restrições sobre as derivações (e sim sobre resultados, output). Atualmente, a posição dos filtros na teoria é questionável, com vários pesquisadores propondo a derivação dos efeitos dos filtros através das subteorias do Caso, regência, vinculação etc.

Free - (livre): ser "livre" ou não é algo determinado pela teoria de vinculação. Um elemento é livre se numa determinada estrutura ele não é obrigatoriamente co-referencial a algum antecedente. A formalização desta noção é algo como: um elemento nominal B é regente somente se não há nenhum elemento A em X, tal que B é obrigatoriamente co-referencial a A pela teoria de vinculação.

Elementos pronominais podem ser "livre-A" (não ligados a nenhum antecedente numa posição argumental) ou "livre-A'" (não ligados a nenhum antecedente numa posição não argumental).

Function Chain - (cadeia de funções): definimos uma cadeia por dizer que:

$$C = (\alpha_1, \dots, \alpha_n)$$

é uma cadeia se e somente se:

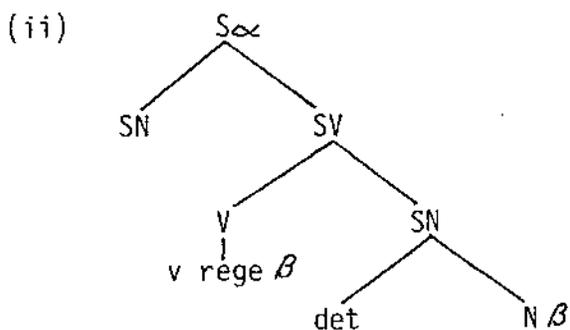
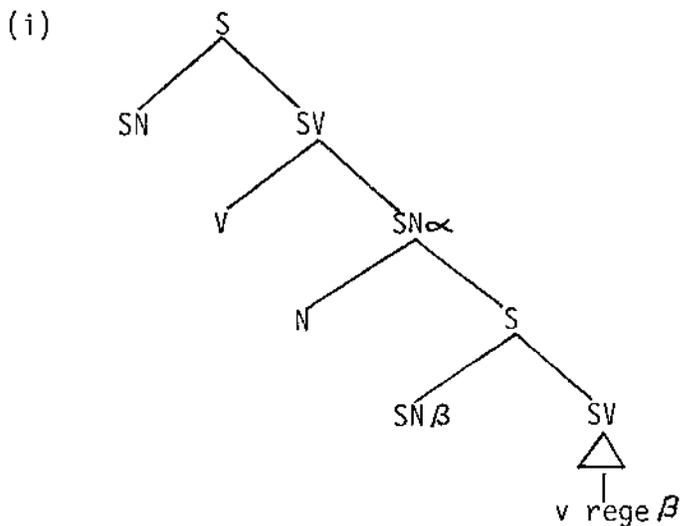
- (a) α_1 é um SN (normalmente numa posição S);
- (b) α_j liga α_{j+1} e ocorre na mesma categoria regente de α_{j+1} ;
- (c) para $i > 1$ (i) α_j é uma categoria vazia não pronominal ou (ii) α_j é livre-A;
- (d) C é máxima (não é nenhuma subsequência própria de uma cadeia).

Generative Power - (poder gerativo): o poder gerativo de uma teoria linguística é divisível em dois subtipos:

(i) Poder gerativo fraco - uma teoria geraria "fracamente" uma língua (produziria todas as sentenças gramaticais desta língua). Este conceito já não tem muita significância na teoria;

(ii) Poder gerativo forte - uma teoria gera fortemente uma análise estrutural para as sentenças de uma determinada língua (ou seja, para cada sentença (S_1, \dots, S_n) da língua L , a teoria gerará uma descrição estrutural para cada S_i . Este conceito continua extremamente importante na teoria.

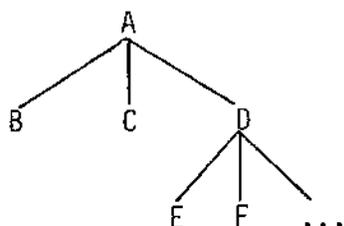
Governing Category - (categoria de regência): α é a categoria de regência de β se e somente se α é a categoria mínima que contém β e o elemento que rege β e $\alpha = SN$ ou S . Por esta definição, α não é a categoria regente de β em (i), mas o é em (ii):



Government - (regência): há várias subteorias da noção básica de regência. Aqui apresentaremos apenas a definição básica: α rege β se e somente se:

- (a) $\alpha = X^0$ (a mínima projeção de X na teoria X');
- (b) α c-comanda β e se algum γ c-comanda β então ou γ c-comanda α ou é c-comandado por β .

Caso é atribuído através de regência. Assim:



B rege C e F rege E, mas F não rege B nem C.

Governor - (regente): um elemento α (N, V, A ou P) (o núcleo de uma locução SN, SV, SA ou SP) é o regente de β se e somente se as condições de regência são obtidas.

Grammatical Function - (função gramatical): funções gramaticais (ou relações gramaticais - sujeito, objeto etc.) não são elementos dados na teoria mas, ao contrário, são derivadas (como em Aspects) das relações configuracionais entre marcadores de frase. Porém, elas são importantes na teoria. Há pelo menos quatro perspectivas através das quais podemos classificar as funções gramaticais:

- (i) A - GFs: funções gramaticais de elementos em posições argumentais (sujeito, objeto etc.);
- (ii) A' - GFs: funções gramaticais de elementos fora de posições argumentais (COMP, INFL etc.);
- (iii) GF - θ s: funções gramaticais de elementos que também recebem relações temáticas (agente, paciente etc.);
- (iv) GF - θ 's: funções gramaticais de elementos que não recebem relações temáticas (sujeito de verbos tipo 'parecer' etc.).

Index - (índice): o índice de uma expressão nominal, N, em certas formas da teoria é um indicador da referência possível a N. Na minha teoria

modificada, a função de um índice é unicamente a de marcar as expressões nominais na interpretação lógica (e semântica). Os índices podem ser atribuídos por co-"superscrição" ou co-"subscrição". O primeiro termo se refere a relações de co-referência em que a teoria de vinculação não se aplica (como a relação entre o SN de S_α e CON de S_α). As demais relações de indexação são estabelecidas por subscrição. O índice é geralmente representado por um número (1, ..., n).

Indexing - (indexação): se refere ao processo pelo qual os índices são atribuídos às expressões nominais. Atualmente, este processo é "livre", isto é, qualquer índice pode ser dado a qualquer expressão nominal (identidade ou diferenças de índices entre duas ou mais expressões nominais implicam em co-referência ou referência disjunta). A teoria de vinculação elimina as indexações agramaticais (ver index, acima).

INFL(ection) - (FLEX(ão)): este módulo, semelhante ao antigo AUX de Aspects, é gerado sob S e contém, normalmente, tempo e/ou concordância. Quando possui tempo, "FLEX" sofre fusão com o verbo principal. O nível gramatical em que esta regra se aplica, segundo Chomsky, distingue entre as línguas como o português, que permite sentenças como "veio João" e o francês que não as permitem. Há várias implicações teóricas na caracterização exata de FLEX e, portanto, esta noção é extremamente importante na teoria atual. A regra categórica de INFL é: $INFL \rightarrow [[+ \text{tempo}], (CON)]$.

Interpretative Components - (componentes interpretativos): dada a teoria da autonomia da sintaxe, toda a informação necessária para a realização fonética ou representação lógica de uma sentença se encontra na estrutura S. Portanto, os componentes fonético e lógico interpretam a sintaxe e são chamados de componentes interpretativos. Esta questão é interessante atualmente, dada a possibilidade de gerar novas estruturas na forma lógica. Porém, é claro que as transformações etc. na forma lógica só são possíveis através da informação de sintaxe.

Islands - ("ilhas"): várias construções como SNs complexos, locuções tipo Wh etc. não permitem a extração de nenhum constituinte delas. Logo, condições

como A-sobre-A, subjacência etc. são obviamente ligadas a estas restrições. Estes constituintes, que funcionam como se fossem ilhas independentes do resto da construção, provavelmente impliquem na existência de restrições perceptivas, etc. ligadas a outros sistemas mentais.

Landing Site - ("campo de pouso"): este termo provém na sua maior parte, do trabalho de Baltin, e representa uma teoria sobre o tipo de constituinte ou construção que funciona como o alvo de uma regra de movimento. Em outras palavras, ele tenta responder à pergunta "para onde podem ser movidos os constituintes que sofrem "mova- α " ? "

Lexicon - (léxico): especifica vários traços de morfemas/formativos (as "entradas" lexicais). Atualmente, a subcategorização do verbo é o ponto crucial da teoria sobre o léxico. Quais são as relações temáticas e os argumentos subcategorizados pelo verbo? O "Princípio de Projeção" faz parte do léxico e requer que cada posição argumental do verbo seja preenchida em todos os níveis sintáticos (por categorias foneticamente realizadas ou vazias). Logo, a teoria de vestígios é, em parte, derivável deste princípio de projeção e do léxico.

Locality Conditions - (condições de distância estrutural): estas condições formam uma teoria sobre possíveis relações (estabelecidas por transformações ou regras de interpretação) entre os constituintes. Estas condições incluem as noções de subjacência, ilhas etc. Ver a discussão de subjacência para um exemplo concreto de uma locality condition.

Logical Form - (forma lógica): este é um dos dois componentes interpretativos da gramática, traduzindo as representações da estrutura-S numa linguagem lógica que serve de base para a interpretação semântica. Transformações (como "absorção", acima) são possíveis na forma lógica e é possível que haja níveis distintos - como uma FL' vs. FL (análogos à noção de estrutura profunda vs. estrutura superficial).

Markedness - (teoria de elementos marcados): a teoria sobre os elementos "marcados" se preocupa principalmente com a natureza da chamada "gramática

universal". Quais são os aspectos desta gramática que são determinados a priori, que vêm antes da experiência? Estes elementos devem ser os mais gerais e comuns através de um espectro amplo de línguas. Esta teoria é intimamente relacionada com noções como a gramática nuclear, "mova-", teoria de sintaxe X', etc. A noção de parâmetros entra aqui também. Certos parâmetros servirão para "fixar" para a criança, através de sua experiência, uma determinada gramática nuclear. Nesta gramática, certos elementos serão marcados (exceções menos gerais, mais difíceis de aprender etc.) ou não marcados. Neste sentido, nem todos os elementos não marcados são apriorísticos.

Misgeneration - ver Overgeneration

Nominative Island Constraint (NIC) - (restrição de ilhas nominativas): esta restrição é observada atualmente por outros princípios. Mas, já que ela representava uma época importante no desenvolvimento da teoria, definimo-la aqui. Basicamente, esta condição proíbe que o sujeito de uma cláusula com tempo (ou seja, um sujeito nominativo) seja ligado. Isto é uma parte da noção de opacidade (ver opacity, abaixo). Por exemplo, segundo a NIC, não é possível interpretar 'ele' de (i) como obrigatoriamente co-referencial a João:

(i) "João disse que ele vinha"

'ele' é "livre" neste exemplo devido à NIC (num estágio anterior da teoria).

Non-Configurational Languages (W*) - (línguas não configuracionais): o exemplo clássico deste conjunto de línguas é o Walbiri da Austrália. Hale (1981) chamou este tipo de língua de W* (vs as línguas que possuem sintaxe do tipo X', como o inglês, o português etc.). Nestas línguas não é necessário que a forma superficial reflita "nenhuma" organização linear dos constituintes, sendo estes interpretados através do caso etc. (atribuído na estrutura-D). Saber se está enfrentando uma língua W* ou não, é um dos parâmetros estabelecidos pela experiência que são permitidos pela gramática universal. Outra língua W* seria, por exemplo, o japonês.

NP-Movement - (movimento-SN): durante muito tempo no desenvolvimento da

teoria atual, uma distinção era proposta entre regras de movimento para as posições argumentais (movimento-SN) e o movimento para posições não argumentais (como o nóculo COMP - o movimento WH). Chomsky (1977; 1981; etc) reduziu todas as regras de movimento a uma só regra - "Mova- ∞ ". Estudos recentes têm questionado esta redução, mas, por enquanto, ela continua aceita pela maioria dos proponentes da teoria. Ver WH MOVEMENT.

Null Category - (categoria nula): esta categoria é distinguida das categorias vazias por não ter nenhum traço sintático ou fonológico. As categorias vazias, por outro lado, possuem traços sintáticos (de gênero, número etc.), sem traços fonéticos. Na estrutura-D somente a categoria nula pode aparecer nas posições não Os (as que não são marcadas para uma relação temática).

Opacity - (opacidade): certas configurações ou posições não permitem que suas expressões nominais sejam ligadas. Os dois ambientes "opáquos" são: (i) o sujeito de uma cláusula com tempo (NIC); e (ii) o domínio de um sujeito (diferente de uma expressão nominal mais alta e que ocorre entre esta expressão nominal e outro elemento, geralmente pronominal) ou SSC (ver specified subject condition). Já que regras de vinculação não são aplicáveis nestes ambientes, eles são chamados de "opacos".

Overgeneration - (geração excessiva): certos componentes da teoria atual geram estruturas agramaticais que são depois eliminadas por outros princípios. É comum chamar este fenômeno de "geração excessiva", embora, uma vez que a teoria completa não permite estruturas agramaticais, não seja correto dizer que a teoria "sobregera". Isso é também conhecido como misgeneration, mas os dois termos são imprecisos pelas razões que acabo de mencionar.

Parameters - (parâmetros): a criança nasce com uma "gramática universal" que permite a existência de vários subtipos de gramáticas determinados por certos parâmetros que são aprendidos (através da experiência lingüística). Por exemplo, uma criança brasileira aprende em certas situações que a presença de um sujeito lexical não é obrigatória ("veio") ou pode mover para

a posição pós-verbal ("veio João"). Este seria o pro-drop parameter (parâmetro de fusão sintática de CON). Uma criança que aprende Walbiri ou japonês terá a sua gramática "limitada" pelo parâmetro W*.

Percolation Projection - (projeção de percolação): esta noção, sugerida por Kayne (1981) é utilizada em certas formulações do ECP e da noção de regência. Para entendê-la é necessário reconhecer a relação especial que existe entre, por exemplo, certos verbos e preposições no inglês (em outras línguas talvez existam relações entre outras categorias). Assim, em sentenças como (i) e (ii) (o famoso caso de verbo + partícula do inglês):

(i) Who₁ did you vote for v₁

(ii) What₁ did you talk to Mary about v₁

dizemos que o verbo e a preposição que rege o vestígio são co-superscritos com o mesmo índice: "...voteⁱ forⁱ ..." j "...talkⁱ aboutⁱ ...". Isto seria uma maneira de especificar a relação mais íntima entre certos Vs e A. Outro exemplo seria:

(iii) Look up there!

"Olhe lá para cima"

(iv) Look up John, when you get there.

"Procure João quando você chegar"

Em (iv) há co-indexação do verbo e a preposição, mas não há em (iii).

Agora podemos definir uma projeção de percolação como:

A é uma projeção de percolação de B se e somente se A é uma projeção de B (na teoria X' - X/X'/X''); ou A é uma projeção de C e C tem o mesmo índice superscrito de B e rege uma projeção de B ou uma projeção de percolação de B.

Phonetic Form (PF) - (forma fonética): é um dos dois componentes interpretativos que lê a estrutura-S para produzir uma frase fonológica. Este componente é "levado em consideração" depois das regras de apagamento (que apagam as categorias vazias etc.).

Pleonastic Elements - (elementos mudos): estes elementos são inseridos em posições subcategorizadas que recebem Caso, mas que não foram preenchidas (por "mova-∞" etc.). Estes elementos não são necessários em línguas que tem

o pro-drop parameter (como o português), mas são obrigatórios nas demais (como o francês il; o inglês it, there).

Pisa Lectures - (palestras de pisa): são uma série de palestras proferidas por Chomsky na Scuola Normale Superiore de Pisa, Itália, em abril de 1979. Nestas palestras Chomsky propôs as revisões que resultariam na "teoria de regência e vinculação" (a teoria atual), ou seja, a REST (cf. abaixo).

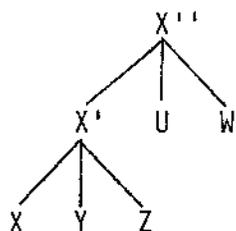
Pragmatics - (pragmática): antigamente, de 1957 a 1970 (?), a teoria gerativa definia o desempenho como o resíduo de fatores assistemáticos que afetam o uso da língua (problemas de memória, impedimentos da fala etc.). Porém, devido ao grande número de estudos desenvolvidos por sociólogos (entre outros) que mostravam vários fenômenos sistemáticos dentro daquilo chamado de desempenho, foi proposto outro sistema de competência, autônoma da competência lingüística - a pragmática. Segundo a teoria atual, a competência pragmática é usada para regular o uso da língua, conforme a situação social, etc.

Preposition Stranding - (isolamento de preposições): certas línguas, como o inglês, permitem o movimento de um SN de dentro de um SP:

"John₁, I think a lot of v₁"

PRO - (PRO): um elemento pronominal sem realização fonética. PRO é [+ anafórico, + pronominal]. Também, PRO não pode ser regido (e, portanto, não poderia ser o sujeito de uma cláusula sem tempo). A referência de PRO é determinada pela teoria de controle.

Projacency - (projacência): uma modificação da noção de "adjacência" proposta por Safir (1982). Projacência diz que: α é adjacente por projeção (= projacente) a β se $\exists A = \alpha^n$ (α^n sendo uma projeção de α na teoria X') tal que A é adjacente a β . Assim, em (i), abaixo, X é projacente a U e Y, mas não a Z ou W:



Esta noção é importante para a teoria de regência porque especifica melhor as relações de regência. Por exemplo, neste diagrama X rege Y e U, mas não Z ou W.

Projection Principle - (princípio de projeção): este princípio é um elemento integral da teoria do léxico. Ele diz que as propriedades de marcação - θ de cada item lexical precisam estar presentes a cada nível sintático. Por exemplo:

(i) Who(m)₁ did you hit v₁

(ii) You hit who(m).

(ii) seria a estrutura-D de (i). Mas segundo o "princípio de projeção" o vestígio (co-indexado com who(m)) de (i) é obrigatório uma vez que hit é transitivo e marca uma posição θ de paciente.

Pronoun - (pronome): são expressões nominais que podem ser "dêiticas" ou "ligadas" em relação à sua referência numa determinada sentença. Pronomes nunca são obrigatoriamente ligados (ao contrário de elementos anafóricos como 'se', 'te' etc.). Pronomes são distinguidos de "expressões-R" (ver R-Expressions) porque "expressões-R" nunca possuem antecedentes enquanto os pronomes podem tê-los.

Proper Government - (regência própria): este conceito foi introduzido para permitir que elementos que não pertencem a N, V, a ou P rejam expressões nominais em certos casos. Agora, o elemento que a rege pode ser um de N, V, A ou P ou apenas co-indexado com a expressão regida. Em línguas pro-drop isto inclui CON, porém, CON não pode reger em línguas não pro-drop. Dado este princípio, dizemos que todas as categorias vazias, menos PRO e talvez FLEX (cf. Safir), precisam ser "propriamente regidas". Este princípio (ECP) elimina uma série de outras condições, como a NIC.

Quantifier - (quantificador): os quantificadores da teoria não são equivalentes aos quantificadores da lógica filosófica, embora sejam semelhantes. O tipo de quantificador que mais entra em discussão na teoria

(May, 1980, por exemplo) é o conjunto de quantificadores -WH ('que', 'quem' etc.). Quantificadores vinculam-A' seus vestígios (que são por sua vez variáveis e não vestígios comuns). As regras que governam o movimento (e outras propriedades) de quantificadores são parte da teoria da forma lógica. É possível que haja movimento de quantificadores na FL mesmo em línguas que não manifestam movimento ao nível sintático (como Huang, 1982).

Raising - (alçamento): na teoria atual o único tipo de alçamento permitido é o de sujeito a sujeito. O tipo comum de sujeito a objeto da teoria padrão não é permitido mais. Portanto, sentenças como (i) apresentam análises não baseadas em alçamento:

(i) "John believes him to be incompetent" (ver Exceptional Case Marking, acima)

Reanalysis - (reanálise): uma regra que resulta no apagamento de limites frasais e a fusão de categorias sintáticas. É especialmente comum em construções de verbo + preposição do inglês:

(i) [[he] [slept [in the bed]]]
 S SN SV SP

(ii) [[The bed] [was slept in y]]
 S SN 1 SV 1

Reference - (referência): há várias noções e "subnoções" relacionadas à referência na teoria:

(i) referência arbitrária - em certas construções a referência de PRO é relativamente difícil de especificar como em "PRO está chovendo". Neste tipo de caso diríamos que a referência de PRO é arbitrária, já que seria difícil aceitar uma pergunta como "O que está chovendo?";

(ii) referência disjunta - dois SNs estão numa relação de referência disjunta quando a sintaxe proíbe que eles sejam co-referenciais (suas referências são completamente distintas);

(iii) referência livre - uma expressão-R é sempre livre, ou seja,

nunca tem um antecedente. Um pronome é livre em certas construções quando não é ligado (não possui nenhum antecedente obrigatório);

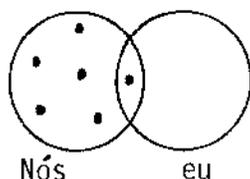
(iv) referência inerente - uma expressão nominal tem referência inerente quando é uma expressão-R ou um pronome dêitico. Um elemento anafórico nunca tem referência inerente e, portanto, sempre precisa ser ligado a um antecedente para ser interpretado;

(v) falta de referência independente - qualquer expressão nominal sem referência inerente (ou ligada);

(vi) overlapping - quando uma expressão nominal é interpretada como um sub-conjunto de outra como no caso abaixo, a referência é overlapping:

(i) Nós₁ dissemos que eu₁ vou.

A co-referência entre 'eu' e 'nós' é possível. Porém, já que 'nós' é um conjunto extensivamente maior do que 'eu', a referência é de overlapping:



(vii) referência potencial - duas expressões nominais que podem (mas não são obrigadas a ter) uma relação de co-referência;

(viii) split - quando três ou mais expressões nominais numa determinada S_j têm co-referência potencial, mas não obrigatória, certas interpretações de S_j resultam em co-referência parcial entre as três, como em:

João e Márcio pensaram que eles devem ir. 'João' e/ou 'Márcio' podem ser subconjuntos de 'eles'.

R-Expression - (expressão-R): uma expressão nominal que possui uma referência inerente e nunca tem um antecedente (nunca pode ser ligada).

Reindexing - (reindexação): uma regra proposta por Higgenbotham (1979) que atribui a um pronome o índice de uma variável à sua esquerda (na FL). Esta regra resolveria problemas da interpretação de sentenças como:

Estrutura-S

(i) Todo o mundo esperava que ele ganhasse.

FL (depois de "reindexação")

(ii) para cada $x_{(i)}$, $x_{(i)}$ esperava que ele_(i) ganhasse.

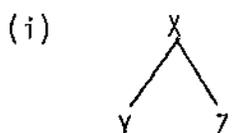
Revised Extended Standard Theory (REST) - (teoria padrão ampliada e revista): este termo se refere à teoria transformacional de Chomsky, 1976, até Chomsky, 1981. Nesta teoria a única fonte de informação para a interpretação semântica é a estrutura superficial (ao contrário da EST em que a estrutura profunda também contribuía à interpretação da teoria padrão em que somente a estrutura profunda desempenhava este papel). Atualmente, a teoria é chamada mais freqüentemente de "teoria de regência e vinculação".

Root Sentence - (sentença raiz): um nóculo S não dominado por nenhum outro nóculo além de S.

Sentence-Bar (S') - (sentença-barra): este nóculo geralmente ocorre à esquerda de uma regra de reescrita como $S' \rightarrow \text{COMP } S$. Ou seja, é o nóculo que imediatamente domina o COMP.

Sentence Double-Bar (S'') - (sentença-duas-barras): O nóculo que imediatamente domina TÓPICO: $S'' \rightarrow \text{TÓPICO } S'$

Sister Node (nóculo irmão): em (i) Y e Z são nóculos-irmãos:



Small Clause - (cláusula pequena): este tipo de cláusula é visto em exemplos como:

Estrutura-D (i) SN parece [João cansado] (cláusula pequena)

Estrutura-S (ii) João₁ parece [v₁ cansado]

Como se vê em (i) uma "cláusula pequena" é basicamente uma predicação monádica (um argumento/uma proposição).

S-Structure - (estrutura-S): este nível sintático é muito diferente da estrutura superficial da teoria padrão. Suas características básicas são:

(i) manifesta toda a informação necessária para a interpretação fonética mais

(ii) as categorias vazias geradas na estrutura-D (PRO) ou produzidas por "Mova- ∞ ";

(iii) o componente fonológico só se aplica à estrutura-S menos às categorias vazias (ou seja, depois do conjunto de regras de apagamento).

Structure Preserving Constraint - (restrição de preservação de estrutura): esta restrição sobre o componente transformacional foi proposta por Emonds (1976) e diz que nenhuma transformação pode criar uma estrutura não gerada pela base a não ser que seja uma transformação que move, copia ou insere um nóculo imediatamente sob uma S-raiz.

Stylistic Inversion - (inversão estilística): esta noção foi proposta em Kayne (1972) para distinguir entre dois processos semelhantes, mas distintos no francês. O termo é freqüentemente usado na literatura e se refere a sentenças como as seguintes:

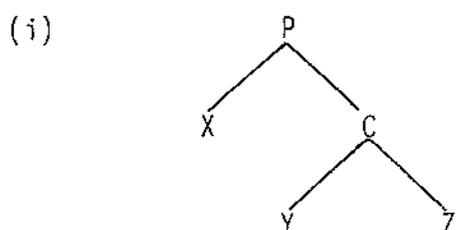
(i) Quand₂ ___₁ est arrivé ___₂ Maximilien?₁ (na cláusula matriz)

(ii) Je ne sais pas quand₂ ___₁ est arrivé ___₂ Maximilien₁. (na cláusula subordinada)

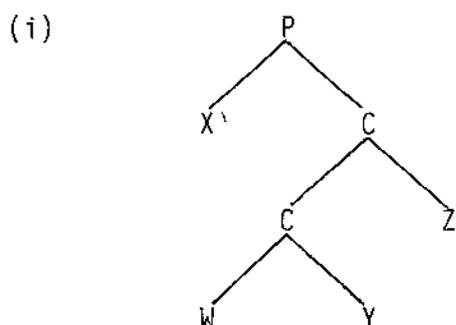
Este tipo de inversão se aplica depois de todas as outras transformações sintáticas, mas, ao contrário de vários outros tipos de inversão, pode acontecer também na cláusula encaixada, com (ii).

Subcategorization - (subcategorização): o conceito de subcategorização era importante na teoria padrão. Na teoria atual sua importância é maior ainda devido a certas mudanças na teoria do léxico e das regras categóricas (ver também "princípio de projeção"). A subcategorização dos verbos, por exemplo, indica suas propriedades de marcação- θ , as quais são obrigatoriamente presentes a todos os níveis sintáticos. Dadas as noções de subcategorização e "projeção" e a teoria X', é possível (Chomsky, 1982) eliminar as regras categóricas da teoria.

Subjacency - (subjacência): esta restrição sobre a aplicação de transformações ou regras de interpretação, embora derivável, na sua maioria, por outros princípios da teoria atual, expressa uma generalização importante sobre (i) a estrutura da gramática universal e (ii) a aquisição da linguagem por uma criança (ver Hornstein e Lightfoot, 1981:12). Um elemento Y é "subjacente" a um elemento X no marcador frasal P se há, no máximo, uma categoria cíclica (SN ou S) C, tal que $C \neq Y$ e C contém Y e C não contém X. Assim, em (i) Y é subjacente a X:



Porém, em (ii), Y não é subjacente a X:



A condição de subjacência diz, então, que: Nenhuma regra pode envolver X, Y X mais alto na árvore ("superior" a) a Y, se Y não for subjacente a X.

Subject - (sujeito): Esta função gramatical possui várias propriedades interessantes na teoria atual. Primeiro, é obrigatório que toda sentença tenha um sujeito; segundo, o sujeito é distinguível do objeto em função do seu papel mais proeminente na sentença através de certas assimetrias. Por exemplo: (i) o sujeito da sentença matriz pode ser associado mais facilmente com o sujeito PRO da cláusula subordinada do que com o objeto matriz em estruturas de "larga distância" (cf. Chomsky, 1981:78ss); (ii) não há nenhuma restrição análoga à NIC para objetos; (iii) alçamento da cláusula subordinada é só para a posição do sujeito matriz e não do objeto matriz;

(iv) somente sujeitos podem ser regidos por fora da sua cláusula (sua "projeção máxima").

SUBJECT - (SUJEITO): é o elemento nominal mais proeminente de uma cláusula (PRO de infinitivos; AGP/CON de S). A aplicação desta noção é relativamente complexa, e não será discutida aqui.

Superscripting - (superscrição): ver subscripting e BINDING.

Superiority Condition - (condição de superioridade): esta condição elimina configurações como (i) da estrutura S: (i) It is unclear what₂ who₁ v₁ saw v₂ em que what₂ é superior (mais alto na árvore) a who₁ (este princípio não se aplica à forma lógica). Esta noção é obviamente semelhante à condição A-sobre-A em "desambiguar" a aplicação de regras. Mais precisamente, esta condição afirma que: nenhuma regra pode envolver X, Y na estrutura

$$\dots X \dots [\alpha \dots Z \dots WYV \dots] \dots$$

se a regra se aplica ambigualmente a Z e Y e Z é superior a Y (superior quer dizer basicamente que X é superior a Y, se cada categoria maior que domina X também domine Y, mas não vice-versa).

Surface Structure - (estrutura superficial): em certas formulações da teoria atual a estrutura superficial é a estrutura-S menos as categorias vazias.

Syntactic Component - (componente sintático): ver autonomia de sintaxe, acima, Autonomy of Syntax.

Tacit Knowledge - (conhecimento não consciente): é o conhecimento que o falante nativo tem da sua língua num nível não consciente (ou seja, não é o conhecimento que qualquer falante pode explicar, mas subjaz o uso da linguagem).

Tensed-S Condition - (condição de sentenças com tempo): esta condição é uma

formalização de noções implícitas na NIC. (Ver Nominative Island Condition). Ela dizia que: nenhuma regra pode envolver X, Y na estrutura

... X ... [α ... Y ...] ...

onde α é uma sentença com tempo.

Tense Filter - (filtro de tempo): este filtro foi proposto por Safir (1982) para explicar a "fusão fonética" de FLEX com o verbo. Suas conseqüências e previsões para línguas sem tempo são intrigantes (cf. tratamento de CON para o pirahã). Este filtro diz que traços de tempo são realizados obrigatoriamente numa base verbal na fonologia.

*[that -t] Filter - (filtro de *[que - v(estígio)]): este filtro foi proposto em Chomsky e Lasnik (1977) para eliminar estruturas como:

- * (i) who₁ do you think that v₁ saw Bill?
- cf. (ii) who₁ do you think v₁ saw Bill?

Este filtro, como muitos outros é derivado da teoria atual de outros princípios (neste caso pelas teorias de regência, Caso e ECP).

(Thematic) θ -Relations - (relações- θ | temáticas |): estas relações (como 'agente', 'paciente' etc.) são derivadas de propriedades lexicais dos verbos. Na teoria atual, vários princípios estão relacionados com a noção das relações- θ :

(i) o critério- θ : cada termo da FL que requer um papel- θ (cada argumento) recebe este papel- θ (e apenas este único papel- θ), e cada papel- θ determinado pelas propriedades de um núcleo (V) é atribuído a um e apenas um argumento (Chomsky, 1982:6);

(ii) traços- θ : estes traços são relevantes (e "visíveis") na FL para a interpretação semântica;

(iii) posição- θ : é uma posição na FL à qual um papel- θ é atribuído;

(iv) marcação- θ : um verbo marca uma posição (seus argumentos) para um papel- θ , conforme suas propriedades lexicais. Por outro lado, enquanto a

subcategorização só marca posições (Chomsky, 1981:37ss), a marcação- θ também marca categorias (vestígios, SNs etc.). Assim, uma categoria pode receber um papel- θ sem estar numa posição- θ através de seu(s) vestígio(s) (ver definição de "cadeia", acima);

(v) posição- θ : uma posição que não recebe um papel- θ (como o sujeito de verbos como 'parecer').

There Insertion - (inserção de There): esta inserção do elemento mudo do inglês, there, foi proposta originalmente em Chomsky (1955). Em Chomsky (1981:85ss) esta regra é oferecida como evidência de que certas noções da teoria atual sobre as várias categorias eram implícitas às formulações anteriores. Por exemplo, como explicamos a relação entre (i) e (ii) (Chomsky, *ibid*):

- (i) (a) Three men are arriving from England.
- (b) There are three men arriving from England.
- (ii) (a) A man is arriving from England.
- (b) There is a man arriving from England.

Em (i), pressupondo a regra de concordância entre o verbo e o sujeito do inglês, o sujeito é obviamente interpretado como plural em (i) (a) e (b). Por outro lado, em (ii) (a) e (b) o sujeito é singular. A explicação é que there, um elemento mudo, é inserido numa posição que já possui traços de números etc. (there certamente não possui tais traços). Este reconhecimento de traços em posições vazias pela teoria anterior é evidência, segundo Chomsky, de que a teoria atual é uma continuação lógica das sugestões iniciais e não um "rompimento com o passado".

To-Contraction - (contração To): este fenômeno é também conhecido como "Wanna" Contraction. É importante porque foi uma das evidências iniciais oferecidas a favor da teoria de vestígios (ver Empty Categories). Ademais, uma série de artigos sobre as perspectivas opostas foi produzida em torno do debate sobre a significância desta evidência. Basicamente, as duas perspectivas são:

(a) a teoria atual - segundo esta teoria as diferenças entre os exemplos abaixo resultam da impossibilidade da contração-to através de vestígios com Caso (os de movimento -WH);

(b) Pullum, Postal, et al - a explicação acima não poderia ser a correta já que esta contração existe em vários dialetos "liberais". Os dados básicos são:

- (i) (a) Who do you want to kiss?
 (b) Who₁ do you want v₁ to kiss you?
- (ii) (a) Who₁ do you wanna kiss v₁?
 (b) Who₁ do you wan(v₁)na kiss?

Este debate entre as perspectivas (a) e (b) toma muito espaço na literatura, mas até agora a objeção básica de Pullum, et al (de que a explicação dada pela teoria atual não poderia ser uma propriedade da gramática universal) não tem sido respondida satisfatoriamente.

Topicalization - (topicalização): esta regra foi discutida em pormenores por Ross (1967). Na análise dele a topicalização teve a forma de:

OPCIONAL

$X - SN - Y \implies 2 \# [1 \ 0 \ 3]$

Atualmente, a topicalização é uma regra de base e não uma transformação (cf. próxima definição abaixo)

TOP-Node - (nódulo-TOP): na teoria atual o nódulo-TOP (o tópico) é gerado na base sob o nódulo S':

$S' \longrightarrow TOP \ S'$

Em outras palavras, a "topicalização" não é um processo transformacional (ver Chomsky, 1977a, para uma justificativa).

Trace Theory - (teoria de vestígios): este termo é usado freqüentemente na literatura para a teoria atual de Chomsky (que teve sua primeira formalização explícita em Chomsky, 1973). Basicamente, este rótulo se refere a um aspecto da teoria atual, ou seja, o fato de que as regras de movimento (ora "mova- ∞ ") deixam "vestígios" das categorias movidas (as quais

manifestam traços sintáticos, mas não fonológicos). Segundo Chomsky (1981:85ss) (cf. There Insertions, acima), a teoria de vestígios é apenas uma continuação lógica, até previsível da "teoria padrão".

Para uma discussão mais ampla das várias "teorias" chomskianas, ver o segundo capítulo desta tese.

Transformation - (transformação): atualmente, através das subteorias de vinculação, regência etc., e condições como a Structure-Preserving Constraint, o componente transformacional tem sido reduzido a uma operação extremamente geral e relativamente irrestrita (em si mesma) - "mova- α ". Isto é, qualquer constituinte pode ser deslocado para qualquer posição. As (numerosas) estruturas agramaticais produzidas por "mova- α " serão eliminadas por outros princípios independentes da teoria.

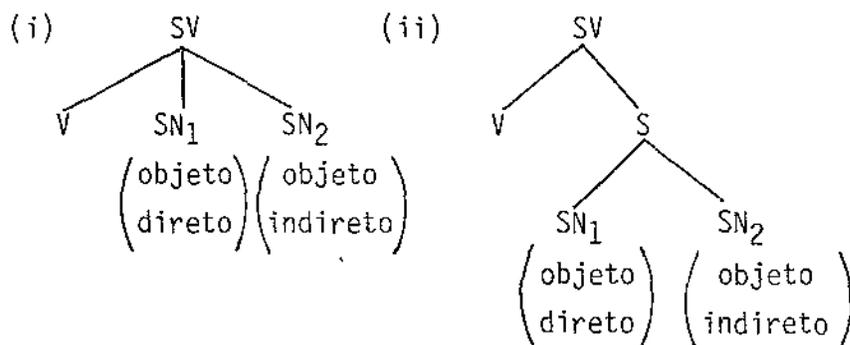
Na teoria atual, a regra "mova- α " pode ser aplicada na sintaxe, na fonologia ou na forma lógica. Ver a discussão da passivação no segundo capítulo.

Transparency - (transparência): este termo é usado para referir-se aos ambientes não opacos. Ver a discussão acima sobre Opacity.

Unambiguous Paths - (caminhos não ambíguos): este conceito foi proposto por Kayne (1981a) como uma alternativa à noção de "c-comando". Segundo ele, c-comanda não chega a explicar as propriedades de vinculação etc., mas apenas "estipula" quando são aplicáveis.

A noção básica dos "caminhos não ambíguos" é de que existe um "caminho" (na estrutura de uma árvore) entre um termo dependente e seu antecedente. Ele propôs uma formulação que modifica as árvores de tal maneira que estes caminhos ou são formalmente claros (não ambíguos), ou a vinculação não se aplica. As conseqüências destas novas estruturas são vistas em vários aspectos da teoria. Kayne usa as nominalizações como um exemplo claro a favor desta noção.

Por exemplo, (i) representa a estrutura comum de c-comando entre um verbo e seus objetos (para a atribuição de Caso através de "regência" que, por sua vez depende de c-comando (ou caminhos não ambíguos); (ii) representa a modificação sugerida por Kayne:



Em (i), se começarmos pelo SN₂ o caminho para V é ambíguo no sentido de que há dois nódulos ao mesmo nível (SN₁ e V) de SN₂. Como atribuir o Caso do objeto indireto (obíquo ?) a SN₂ e não SN₁? Segundo Kayne (com certas outras especificações) em (ii) SN₂ é ligado a V por um caminho não ambíguo e, portanto, a atribuição de Caso é clara. Ver Kayne (1981) para uma argumentação mais detalhada.

Uniformity Principle - (princípio de consistência): este princípio morfológico foi proposto por Chomsky (1981:126) como uma explicação possível para o fato de que verbos na forma passiva não atribuem um papel-θ aos seus sujeitos quando não há movimento. O princípio diz que:

Cada processo morfológico ou

- (i) atribui um papel-θ consistentemente (uniformly);
- (ii) proíbe consistentemente a atribuição de um papel-θ;
- (iii) atribui um novo papel-θ consistentemente.

Estas condições são satisfeitas dentro de determinadas categorias (SV, S etc.) e um processo morfológico pode satisfazer uma condição numa categoria (como SV) e outra condição em outra categoria (como S).

Universal Grammar - (gramática universal): uma criança nasce com a capacidade de aprender qualquer língua do mundo. Certos elementos "aprendidos" não são acessíveis aos dados lingüísticos encontrados pela criança (como, por exemplo, a condição de subjacência, a NIC etc.). Assim mesmo, a criança segue estas condições. Portanto, o ser humano (segundo este ponto de vista) nasce com certos princípios inatos sobre a linguagem.

Por outro lado, estes princípios são gerais. Ou seja, a criança

brasileira não nasce falando o português, mas precisa de uma certa experiência para aprendê-lo. No meio dos dois extremos possíveis:

(a) a mente da criança é uma tábula rasa;

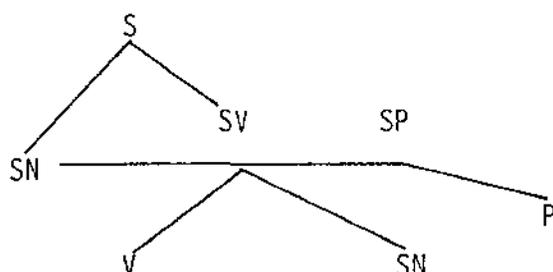
(b) a mente da criança é programada para uma determinada língua X, há uma posição que mantém que certos princípios são inatos e que, através da experiência, os "parâmetros" da gramática da criança são fixados.

Esta hipótese "do meio" é a hipótese da gramática universal das teorias influenciadas por Chomsky.

Wanna Contraction: ver To-Contraction

Well-Formedness Condition - (condição de estruturas bem formadas): este conceito diz basicamente que para qualquer operação gramatical, será possível caracterizar formalmente os resultados de tais operações. Por exemplo, na fonologia (autosegmental), uma condição deste tipo é que nenhuma linha de associação entre tons e vogais pode cruzar (ver Goldsmith, 1976). Na teoria sintática uma condição sobre árvores bem formadas elimina estruturas como (i):

(i)



Isto é, linhas que representam domínio etc. não podem se cruzar.

Word Formation Rules - (regras de formação de palavras): na teoria morfológica proposta por Aronoff estas regras são propostas para caracterizar o processo de formação de palavras. Nesta teoria as regras (WFRs) são distintas das regras categóricas de base - em função, resultados semânticos, produtividade e outros pontos.

Em Muysken (1981) esta teoria é ampliada para incluir "filtros" (elementos formais para caracterizar as restrições de coocorrência entre

classes de afixos) e a interação entre afixação morfológica vs. afixação sintática.

A forma básica de uma regra deste tipo é:

(i) $[_N \text{ cartas}] \longrightarrow [_N [_N \text{ carta}] + \text{ciro}]$

Semântica: alguém que (faz algo com) cartas entrega

(ii) $[_V \text{ conceituar}] \longrightarrow [_N [_V \text{ conceituar}] + \text{ação}]$

Semântica: o processo de conceituar

Esta teoria do léxico é importante na teoria uma vez que reconhece formalmente a distinção entre a sintaxe e a morfologia, algo relativamente ambíguo na teoria padrão.

Word-Star (W*) Languages - (línguas W-estrela): ver Non Configurational Languages.

WH - Islands - (ilhas - WH): as cláusulas relativas e outras construções introduzidas por complementadores do tipo 'que', 'quem' etc., são conhecidos como "ilhas-WH", porque normalmente a extração de um elemento é impossível devido às condições normalmente associadas com a noção de ilha como "subjacência", NIC etc. Ver também a definição de "ilhas".

WH - Movement - (movimento - WH): este tipo de movimento estudado detalhadamente em Chomsky (1977a) era distinguido do movimento-SN devido a possibilidade de "escapar" da condição de "subjacência" através do nóduo COMP. Assim, (i) é gramatical; (ii) não é.

(i) (a) Who₁ do you want Bill to hit v₁?

* (ii) (a) John₁ do you want Bill to hit v₁?

Estas sentenças teriam as análises estruturais (i) (b) e (ii) (b):

BIBLIOGRAFIA

- Akmajian, A. & Heny, F.W. 1975. An Introduction to the Principles of Transformational Syntax. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- Aronoff, M. 1976. Word Formation in Generative Grammar. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- Baker, C.L. 1978. Introduction to Generative-Transformational Syntax. Englewood Cliffs: Prentice-Hall.
- Bok-Bennema, R. 1981. "Clitics and Binding in Spanish". In: Robert May & Jan Koster (eds). Levels of Syntactic Representation. Dordrecht: Foris.
- Botha, R.P. 1981. The Conduct of Linguistic Inquiry. The Hague: Mouton.
- Bresnan, J. 1970. "On Complementizers: Toward a Syntactic Theory of Complement Types". In: Foundations of Language 6, 297-321.
- _____. 1978. "A Realistic Transformational Grammar". In: Morris Halle, Joan Bresnan & George A. Miller (eds.). Linguistic Theory and Psychological Reality. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- _____. 1982. "Control and Complementation". In: Linguistic Inquiry, 13, 343-392.
- Chomsky, N. 1955. The Logical Structure of Linguistics Theory. publicado em 1975 por Plenum Press, New York.
- _____. 1957. Syntactic Structures. The Hague: Mouton.
- _____. 1965. Aspects of the Theory of Syntax. Cambridge, Mass.: MIT Press.

- _____. 1970. "Remarks on Nominalization". In: R. Jacobs & P. Rosenbaum (eds.). Readings in English Transformational Grammar. Waltham, Mass.: Ginn and Co.
- _____. 1971. "Deep Structure, Surface Structure, and Semantic Interpretation". In: Danny D. Steinberg & Leon A. Jakobovits. Semantics. Cambridge, Mass: Cambridge University Press.
- _____. 1973. "Conditions on Transformations" In: Noam Chomsky. 1977. Essays on Form and Interpretation. New York: North-Holland.
- _____. 1975. Reflections on Language. New York: Pantheon.
- _____. 1976. "Conditions on Rules of Grammar". In: Noam Chomsky. 1977. Essays on Form and Interpretation. New York: North-Holland.
- _____. 1977a. "On WH-Movement". In: P. Culicover, T. Wasow & A. Akmajian (eds.). 1977. Formal Syntax. New York: Academic Press.
- _____. 1977b. Essays on Form and Interpretation. New York: North-Holland.
- _____. 1980a. Rules and Representations. New York: Columbia University Press.
- _____. 1980b. "On Binding". In: Linguistic Inquiry 11, 1-46.
- _____. 1981a. "Markedness and Core Grammar". In: A. Belletti, et. al. (eds.). Theory of Markedness in Core Grammar. Proceedings of the 1979 GLOW Conference, Scuola Normale Superiore, Pisa.
- _____. 1981b. Lectures on Government and Binding. Dordrecht: Foris.
- _____. 1982a. The Generative Enterprise. Dordrecht: Foris.

- _____. 1982b. Some Concepts and Consequences of the Theory of Government and Binding. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- _____ & Lasnik, H. 1977. "Filters and Control". In: Linguistic Inquiry 8, 425-504.
- Cinque, G. 1981 "On the Theory of Relative Clauses and Markedness". Linguistic Review 1, 247-294.
- Cole, P. & Sadock, J.M. (eds.). 1977. Grammatical Relations. New York: Academic Press.
- Culicover, P.W., Wasow, T. & Akmajian, A. (eds.) 1977. Formal Syntax. New York: Academic Press.
- Derbyshire, D. 1979. Hixkaryana. Amsterdam: North-Holland.
- Descartes, R. 1637 (tradução em 1960). Discourse on Method and Meditations. New York: Bobbs-Merrill.
- Dooley, R. 1982. "Options in the Pragmatic Structuring of Guarani Sentences". In: Language 58, 307-331.
- Emonds, J. 1976. A Transformational Approach to English Syntax. New York: Academic Press.
- Everett, K. 1979. "Phonological Prerequisites in Pirahã". inédito.
- _____. 1981. "The Semantics of Pirahã Verbal Affixes". inédito.
- _____, D. 1979. Aspectos da Fonologia do Pirahã. Dissertação de mestrado, UNICAMP, inédito.
- _____. 1981a. "Tom, Acento e Silabação". In: Anais V do G.E.L.

- _____. 1981b. "Alguns Comentários sobre Pares Mínicos". In: Anais VI do G.E.L.
- _____. 1982. "Phonetic Rarities in Pirahã". In: Journal of the International Phonetics Association. Dezembro.
- _____. A sair. "Algumas Implicações Epistemológicas do Desenvolvimento da Teoria da Sintaxe". In: Anais do VI Encontro Nacional de Linguística. Rio de Janeiro: PUC.
- _____. A sair. "Referência no Pirahã e a Teoria de 'Binding' ". In: Anais do VII Encontro Nacional de Linguística. Rio de Janeiro: PUC.
- _____. A sair. "Dialogue and the Selection of Data for a Grammar". In: Marcelo Dascał (ed.). Dialogue: An Interdisciplinary Approach. Amsterdam, John Benjamins.
- _____. A sair. "Pirahã Grammar". In: Desmond Derbyshire & Geoffrey Pullum. Handbook of Amazon Languages.
- _____. Em preparação a. "Stress and Tone in Pirahã".
- _____. Em preparação b. "Reference Chains, Binding Theory, and Sentence Structure in Pirahã".
- _____. Em preparação c. "WH - Questions, Relatives, and COMP in Pirahã."
- Feyerabend, P. 1975. Against Method. London: Verso.
- Fiengo, R. 1980. Surface Structure. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.
- Frantz, D. 1981. Grammatical Relations in Universal Grammar. Bloomington, Ind.: Indiana University Linguistics Club.

- Givón, T. 1976. "Topic, Pronoun and Grammatical Agreement". In: Charles Li (ed.). Subject and Topic. New York: Academic Press.
- Hale, K. 1981. "On the Position of Walbiri in a Typology of the Base". Bloomington: IULC.
- Heinrichs, A. 1964. "Os Fonemas de Mura-Pirahã". In: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Vol. 21.
- Heny, F. (ed). 1981. Binding and Filtering. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- Higgenbotham, J. 1980. "Pronouns and Bound Variables". In: Linguistic Inquiry 11, 679-708.
- Hornstein, N. & D. Lightfoot (eds.). 1981. Explanation in Linguistics. London: Longmans.
- Hudson, R. 1976. Arguments for a Non-Transformational Grammar. Chicago: University of Chicago Press.
- Jackendoff, R. 1972. Semantic Interpretation in Generative Grammar. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- _____. 1977. X Syntax. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- Johnson, D. 1976. "On Relational Constraints on Grammars". In: P. Cole & J. Saddock (eds.). Grammatical Relations. New York: Academic Press.
- _____ & Postal, P. 1980. Arc-Pair Grammar. Princeton: Princeton University Press.
- Kayne, R. 1981a. "Unambiguous Paths". In: Robert May & Jan Koster. 1981. Levels of Syntactic Representation. Dordrecht: Foris.

- _____. 1981b. "ECP Extensions". In: Linguistic Inquiry 12, 93-133.
- _____. 1982(?). "Complex Inversion Chains in French". Mimeografado.
- Kimball, J. 1973. The Formal Theory of Grammar. Englewood Cliffs: Prentice-Hall.
- Kuhn, T. 1962. The Structure of Scientific Revolutions. Chicago: University of Chicago Press.
- Kuno, S. 1978. "Japanese: A Characteristic OV Language". In: W. Lehmann (ed.). Syntactic Typology. Austin: University of Texas Press.
- Lakatos, I. 1970 (tradução em 1979). "O Falseamento e a Metodologia dos Programas de Pesquisa". In: I. Lakatos & A. Musgrave (eds.). A Crítica e o Desenvolvimento do Conhecimento. São Paulo: Cultrix.
- Lakoff, G. 1968. "The Problem of Reference in Transformational Grammar". Bloomington: IULC.
- _____. 1971. "On Generative Semantics". In: Danny Steinberg & Leon Takabovits (eds.). Semantics. Cambridge, Mass.: Cambridge University Press.
- _____. 1980(?). "Linguistic Gestalts". Mimeografado.
- _____ & Johnson, M. 1981. Metaphors We Live By. Chicago: University of Chicago Press.
- Langacker, R.W. 1982. "Space Grammar, Analysability, and the English Passive". In: Language 58, 22-80.
- Lasnik, H. 1980 "On Two Recent Treatments of Disjoint Reference". In: Linguistic Research 1, 48-58.

- _____ & Freiden, R. 1981. "Disjoint Reference and WH-Trace". In: Linguistic Inquiry 12, 39-54.
- Lehmann, W. (ed.). 1978. Syntactic Typology. Austin: University of Texas Press.
- Li, C. (ed.). 1976. Subject and Topic. New York: Academic Press.
- May, R. 1981a. "Movement and Binding". In: Linguistic Inquiry 12, 215-243.
- _____. 1981b. The Grammar of Quantification. Bloomington: IUCL.
- _____ & Koster, J. 1981. Levels of Syntactic Representation. Dordrecht: Foris.
- McCawley, J. 1976. Adverbs, Vowels and Other Objects of Wonder. Chicago: University of Chicago Press.
- _____. A sair. Thirty Million Theories of Linguistics.
- Muysken, P. 1981. "Quechua Word Structure". In: Frank Heny (ed.). Binding and Filtering. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- Nida, E. 1949. Morphology. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- Nimuendaju, K. 1948. "The Mura and Pirahā". Bulletin 143, Handbook of South American Indians Vol. 3. Washington: USA Government Printing Office, 255-269.
- Percival, W. 1976 "On the Applicability of Kuhn's Paradigm to Linguistics". In: Language 52, 285-294.
- Perlmutter, D. & Postal, P. 1977. "Toward a Universal Characterization of Passivization". BLS 3, 394-417.

- _____ & Soames, S. 1979. Syntactic Argumentation and the Structure of English. Los Angeles: University of California Press.
- Pike, K.L. 1976. Class notes. University of Oklahoma, Norman.
- _____ & Pike, E. 1976. Grammatical Analysis. Arlington, TX: UTA and SIL.
- Postal, P. 1964. Constituent Structure. Bloomington: Indiana University Press.
- Pullum, G. & Postal P. 1979. "On an Inadequate Defense of 'Trace Theory' ". In: Linguistic Inquiry 10, 689-706.
- Radford, A. 1981. Transformational Syntax. Cambridge, Mass.: Cambridge University Press.
- Reinhart, T. 1981a. "Definite NP Anaphora and C-Command Domains". In: Linguistic Inquiry 12, 605-635.
- _____. 1981b. "Pragmatics and Linguistics: An Analysis of Sentence Topics". Bloomington: ULC.
- Rodrigues, I. & Oliveira, A. 1977. "Alguns Aspectos da Ergologia Mura-Pirahã". In: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, no. 65.
- Safir, K. 1982. "Inflection-Government and Inversion". In: Linguistic Review 1, 417-467.
- Searle, J. A sair. Intentionality.
- Sheldon, L. 1977. "Pedagogical Grammar of Pirahã". inédito.
- _____, S. 1974a. "Pirahã Relationals, a Beginning Attempt". inédito.

_____. 1974b. "Some Morphophonemic and Tone Perturbation Rules in Pirahã". In: IJAL 40, 279-282.

_____. 1977. "Mura-Pirahã Verbal Suffixes". inédito.

Smith, N. & Wilson, D. 1979. Modern Linguistics: The Results of Chomsky's Revolution. Middlesex: Penguin.